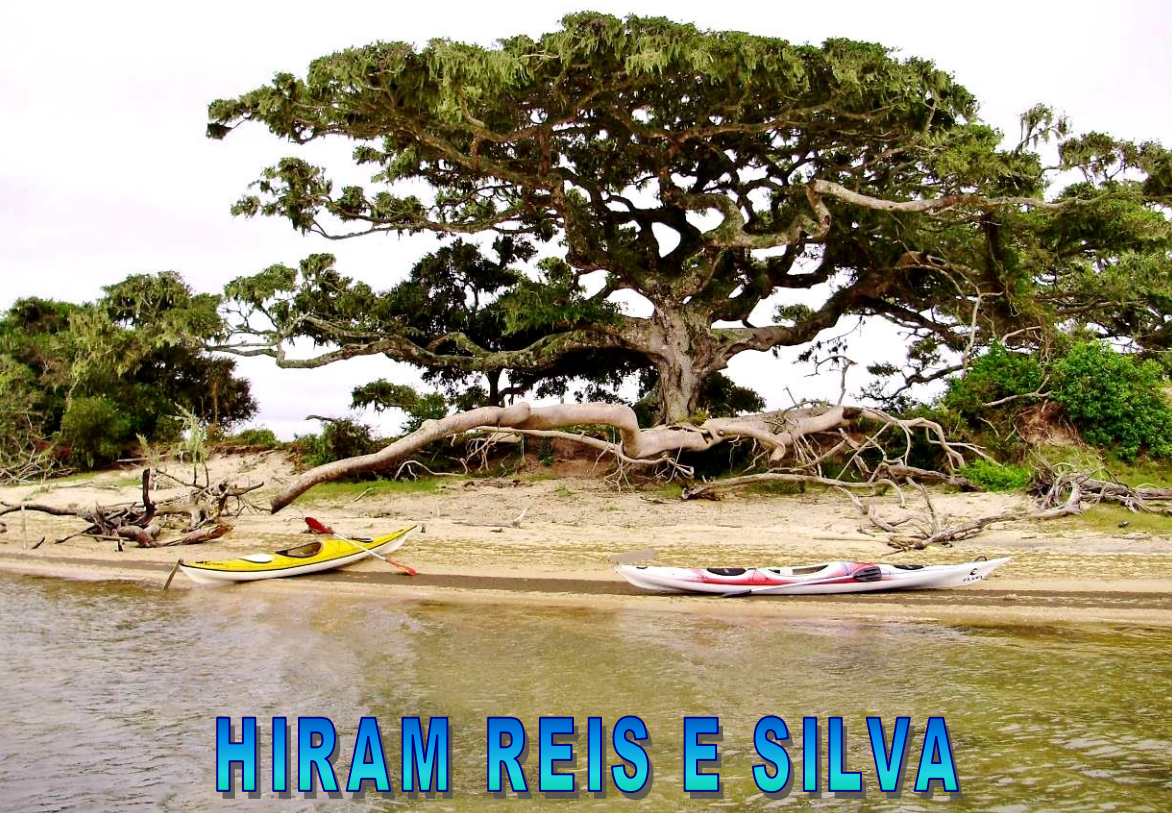
DESAFIANDO OS MARES DE DENTRO

Laguna dos Patos

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra apresenta um pequeno histórico a respeito da polêmica origem do nome da Laguna dos Patos, das questões fronteiriças das Lagoas Mirim e Mangueira além de um diário de bordo relatando algumas Travessias realizadas pelos "*Mares de Dentro*" como parte do meu treinamento para realização das diversas etapas do "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar*".

Estas inesquecíveis e mágicas jornadas foram realizadas com o inexcedível caiaque oceânico – modelo Cabo Horn, da Opium FiberGlass.

Baseamos nosso planejamento inicial nas obras do Comandante Geraldo Knippling, autor dos livros "*Descobrindo o Guaíba*" e "*O Guaíba e a Lagoa dos Patos*" e na experiência de nosso grande amigo Coronel PM Sérgio Pastl a quem tive o privilégio de conhecer por intermédio de seus diletos filhos Guilherme e Emanuel que foram meus alunos no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA).

Prefácio

Por Cristian Mairesse Cavalheiro (∗)

Existem pessoas que apenas passam pelo mundo, outras... passarinho. Parafraseando nosso célebre poeta Mário de Miranda Quintana, digo que o Coronel Hiram Reis e Silva é uma destas pessoas que foram designadas pelo Grande Arquiteto do Universo para fazer a diferença, para arriscar coisas grandiosas.

Tive a honra de conhecê-lo, em 1990, e conviver com ele durante sete anos, como Tenente do Exército do Centro de Informática Nr 3, e, sob seu comando, posso dizer que aprendi muito da arte da liderança, da determinação, disciplina e camaradagem. Nossa amizade persiste desde então.

Vários anos depois, quando recebi seu e-mail, em 2007, informando que estaria planejando a primeira descida, pelo Rio Solimões, na Amazônia, de pronto respondi, como bom soldado, que estaria a postos para apoiá-lo, e na troca seguinte de e-mails, fomos às lágrimas juntos.

Desvendar os "*Mares de Dentro*", em busca da Terceira Margem entre o céu e a terra, é mais um dos seus tantos feitos.

No seu Blog, "*desafiandooriomar.blogspot.com*", observa-se a grandeza do desafio físico e emocional de navegar com seu caiaque "Cabo Horn" por mais de 11,3 mil quilômetros pelos principais afluentes do Rio-mar.

Sua força física e mental foi forjada em profícuos anos de caserna, abrindo estradas, construindo pontes, cursando o Curso de Operações na Selva, no

CIGS, em Manaus, nas provas de canoagem, no Mato Grosso do Sul, onde se sagrou campeão em 1989 e nas corridas diárias. Com um colesterol inferior a 200 mg/dL e triglicerídeos abaixo de 150 mg/dL, este veterano faz inveja a um atleta profissional, esbanjando energia e saúde aos 65 anos de idade.

Este novo desafio de Circunavegar a Laguna dos Patos, que outrora chamava apenas de um treinamento, é mais outro feito onde durante 14 dias navegou por 567 km, uma média de uma maratona por dia, no seu caiaque.

A leitura é muito agradável, pois mistura literatura, poesia, história, tece curiosos comentários sobre a fauna, a flora, o clima e a geografia, que fazem um chamamento à responsabilidade social e ambiental, enaltece nossos heróis e nossa terra além de reportar suas experiências náuticas em forma de um diário de bordo. Tudo isto em um contexto muito simples, na trilogia do Homem, Caiaque e Laguna.

Duas características sobressaem no Coronel Hiram: "*resiliência*", e "*planejamento*", elevando sempre o sarrafo ao máximo em tudo que faz. Segundo o dicionário, "*resiliência*" é um conceito oriundo da física, que se refere à propriedade de que são dotados alguns materiais, de acumular energia, quando exigidos ou submetidos a estresse sem ocorrer ruptura. Aliado ao "*planejamento*", que é processo onde se escolhe e organiza ações, antecipando os resultados esperados em busca de alcançar objetivos pré-definidos.

Mesmo para um navegador experiente, estudar os mapas e as cartas náuticas, levantar os pontos de paradas ideais no terreno imaginário – marcando criteriosamente as coordenadas e coordenar as ações

dos grupos de apoio, não garante, por si só, o sucesso na empreitada. Conta-se com o fator sorte e, sobretudo, com a hospitalidade dos habitantes locais e dos irmãos navegadores, sempre muito fácil para uma pessoa de alma e hábitos simples como os do Coronel Hiram.

Intercalando calmarias com ondas, ventos, ciclones, bancos de areia, situações de sustos e perigos, comendo massa crua, peixes e banquetes oferecidos pelos novos amigos ribeirinhos, dormindo em barracas, casebres com água fria ou em pousadas com água quente, sozinho ou com sua companheira Rosângela Maria de Vargas Schardosim e amigos fiéis, comemorando aniversário, viradas de ano e natais navegando, nada disso o impediu de manter firme o seu foco – Cumprir a Missão.

Observando as fotos e paisagens documentadas, sinto um misto de uma nostalgia nunca vivida, encontrando a paz no alvorecer e o sabor e cheiros da natureza e com tudo que o Coronel Hiram passou nestes anos todos navegando, posso me orgulhar de ter ajudado um pouco a encorajá-lo respondendo àquele primeiro e-mail.

(*) **Cristian Mairesse Cavalheiro**: 47 anos, gaúcho, graduado em Análise de Sistemas pela PUCRS, Pós-Graduado pela UFRGS e Mestre em Gestão em Negócios pela Unisinos, possui 27 anos de experiência em Tecnologia, tendo passagens como 1° Tenente Analista de Sistemas do Exército no 1° Centro de Telemática (CTA), sócio da Harppia Informática e hoje Chief Information Officer (CIO) e co-founder da Getnet S.A.

O Uraguai – Lagos de Sangue
(José Basílio da Gama)

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos e impuros
Em que ondeiam cadáveres despidos,
Pasto de corvos. Dura inda nos vales
O rouco som da irada artilharia.

Musa, honremos o Herói que o povo rude
Subjugou do Uraguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.

Ai tanto custas, ambição de Império!
E Vós, por quem o Maranhão pendura
Rotas cadeias e grilhões pesados,
Herói e irmão de heróis, saudosa e triste
Se ao longe a vossa América vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa entanto
Acostumar ao voo as novas asas
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Águia, que depois foge à humilde terra
E vai ver de mais perto no ar vazio
O espaço azul, onde não chega o raio.

Já dos olhos o véu tinha rasgado
A enganada Madri, e ao Novo Mundo
Da vontade do Rei núncio severo
Aportava Catâneo: e ao grande Andrade
Avisa que tem prontos os socorros
E que em breve saía ao campo armado.

Não podia marchar por um deserto
O nosso General, sem que chegassem
As conduções, que há muito tempo espera. [...]

Agradecimentos

Ao caro amigo e irmão Cristian Mairesse Cavalheiro nosso primeiro e mais fiel investidor e esteio fundamental na edição desta obra.

A Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e, consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram.

Ao Exército Brasileiro, na pessoa do Exm° Gen Ex Edson Leal Pujol, Comandante do Comando Militar do Sul (CMS).

Aos Professores *Sérgio* Pedrinho Minúscoli e Major R/1 *Eneida* Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro. À minha querida parceira *Rosângela* Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar.blogspot.com*", que incansavelmente contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto–aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais, além de assessorar no planejamento e coordenação da captação de recursos.

Aos caros amigos Sérgio Pastl, Hélio Riche Bandeira, Pedro Auso Cardoso da Rosa, Vera Regina Sant'Anna Py, Norberto Weiberg, Coronel PM Luís Kruger, Roberto Borges Couto, Leandro Fraga (Raí), Antônio Buzzo, Reynaldo di Benedetti, Romeu Henrique Chala, Jorge Luz Gomes de Campos, Juliano Ambrosini, Fernando Rossa, Gerson Silva, Deise Campos, Luciano

Schoeler, Pedro Sérgio Londero Pastl, Brian Pastl Wechenfelder, Marcelo Souza, Gilson Cesar dos Santos da Silva, Delmar Prithsc, Paulo Renato Fabra e Rosane Fonseca que, numa ou noutra oportunidade, participaram ou apoiaram nossas jornadas pelos magníficos Mares de Dentro.

À nossa briosa e sempre pronta Brigada Militar; em Arambaré ao meu caro amigo 1° Sargento PM Juliano Gajo e os Soldados PM Paulo, Lima e Guastuci. Em Pelotas ao Sr. Capitão PM Pablo Laco Madruga e ao nosso caro amigo 1° Sargento PM Vagner Antonio Weber Gonzáles.

Ao grupo Jet de Santa Vitória do Palmar e, em especial, aos amigos empresários Gustavo Rodrigues Gonzalez, Carlos Moreira Cabreira, Mário Souza e Lima.

Aos gestores do Clube Veleiros do Sul, Veleiros Saldanha da Gama, Clube Náutico de Arambaré e Clube Náutico Tapeense.

Ao proprietário da Fazenda São Pedro, em Bojuru, Sr. Paulo Santana, ao seu Gerente Sr. Ranir Cézar Goulart Barcellos e ao seu Chefe do Escritório Sr. Natanael Porto Santos. Ao proprietário da Fazenda Flor da Praia, em Camaquã, Sr. Adão Cláudio Silveira e ao seu funcionário Mário Roberto.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

As Barrancas
(Maria José Hosanah)

Na barra de tua saia,
As barrancas
Bordadas na barra
De barro e madeira,
De gentes em bando.

A mulher que se quisera bela
Vestira-se de branco,
De cimento e pedra,
De adorno em brinco,
Mas mulher descalça.

Na barra de tua saia rendada,
Do barro que pisavas,
Dos bilros de estacas,
Dos berros das gentes
– as barrancas.

A mulher que se quisera bela
Ornara-se de rendas,
De salões cristal,
De painéis de lendas,
Mas de pés descalços.

Na margem de tua saia,
Madeiras moldadas,
Marginais de lama,
Barradas imagens,
Entre o Rio e fama
– as barrancas.

A mulher que se quisera bela
Fizera-se ilha,
Em verde e em rio,
Em raízes-pilhas,
Em rádios e palhas,
Dúplice ao meio
D'argamassa barro. [...]

Laguna dos Patos

Mapa 1: Carta Náutica da Laguna dos Patos

Homenagem

A Foz do Camaquã e São Lourenço, as águas, ora doces ora salgadas, os enormes bancos de areia, as margens da Laguna dos Patos e seu entorno estão impregnadas indelevelmente com as heroicas e arrojadas passagens de Giuseppe Garibaldi, e, por isso mesmo, dedicamos nossa jornada pela Laguna dos Patos ao "*Herói de dois Mundos*".

No dia 01.09.1838, Garibaldi foi nomeado Capitão-Tenente – Comandante da Marinha Farroupilha. Sem dispor de embarcações o Comandante precisava fabricá-las e construiu um pequeno estaleiro na Foz do Camaquã, alvo fácil para os imperiais.

O ataque promovido, no dia 17.04.1839, pelo Coronel Francisco Pedro de Abreu, o célebre Moringue frustrou-se após o mesmo ter sido ferido no braço e enfrentar a brava resistência dos revolucionários. Três meses mais tarde, Moringue retornou e destruiu o estaleiro abandonado.

Os bancos de areia da Laguna eram usados astutamente pelo Comandante italiano para fugir do ataque dos pesados navios de guerra inimigos. Ao se aproximar dos bancos, Garibaldi ordenava aos seus marinheiros:

– *Avante, meus patos, saltemos à água!*

> E os meus patos caíam n'água e à força dos braços erguiam o lanchão, transportando-o para o outro lado do banco de areia. (GARIBALDI)

Garibaldi, como outrora tinha feito Imperador romano Marco Antônio, realizou ainda a formidável epopeia de transportar por água e por terra os lanchões Rio Pardo e Seival desde a Foz do Rio Capivari, na Laguna dos Patos, até a Barra do Rio Tramandaí.

Nome da Laguna dos "Patos"

Os Lusíadas Canto II – 20
(Luís Vaz de Camões)

Já na água erguendo vão, com grande pressa,
Com as argênteas caudas, branca escuma;
Cloto ([1]) com o peito corta e atravessa
Com mais furor o Mar do que costuma.

Salta Nise ([2]), Nerine ([3]) se arremessa,
Por cima da água crespa, em força suma.
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas ([4]) apressadas.

A origem do nome da Laguna dos Patos é, por demais, contraditória. A literatura do século XVI vincula o seu nome às aves palmípedes e, a partir do século XVII, faz alusão aos índios Patos, como eram chamados os Carijós que povoavam a zona litorânea.

Nas diversas Travessias pela Laguna dos Patos, tenho encontrado capororocas (cisne-coscoroba), patos do mato (pato-crioulo, pato-bravo, pato-selvagem ou cairina), biguás (corvo-marinho, pata-d'água, biguá-úna, imbiuá e mergulhão), biguatingas (carará, calmaria, maria-preta, peru-d'água, mergulhão-serpente, biguá-bicolor, anhinga, arará) e outros tantos palmípedes que povoam nossas Lagunas litorâneas e que podem ter sido os responsáveis pelo batismo da Laguna dos Patos.

1 Cloto: uma das três irmãs da mitologia grega que determinavam o destino.
2 Nise: Nerine ou Nereida.
3 Nerine: Nise ou Nereida.
4 Nise, Nerine ou Nereida: ninfas do Mar que encantavam os viajantes.

Capororoca: possui plumagem branca com a ponta das asas negras, o bico e os pés são vermelhos. O capororoca é na realidade um ganso, mas alguns biólogos, erroneamente, o classificam como cisne tendo em vista seu tamanho.

Pato-do-mato: vive em pequenos grupos, de até uma dúzia. Pousa sobre árvores desfolhadas para vigiar, descansar ou dormir. Faz seus ninhos nos ocos das árvores e em palmeiras mortas próximas à água. Raramente avistado nas proximidades da Laguna dos Patos.

Biguá: mergulha para pescar e para facilitar a imersão elimina o ar que fica normalmente entre as penas. É visto em grandes bandos voando rente à água, na formação em "V", e como essas revoadas são semelhantes à dos patos, são confundidos como tais por elementos não especializados. Possui uma glândula uropigial que produz uma secreção que usa para impermeabilizar as penas, permitindo-lhe mergulhar mais rápido (14 km/h), tornando-o um predador altamente eficaz na captura de peixes.

Biguatinga: trata-se de uma ave relativamente rara. Na língua tupi, "*biguatinga*" significa "*biguá branco*". A Biguatinga possui um pescoço fino e longo e, por isso mesmo, é chamado de "*snake bird*" na América do Norte. O seu bico longo, pontiagudo e serrilhado é uma arma ideal para fisgar os peixes. Como não possui glândula uropigial, suas penas armazenam água que, embora dificultem a flutuação da ave, permitem-lhe um mergulho muito mais eficiente sob a água. A fêmea apresenta coloração creme no pescoço, peito e dorso.

Não creio que tenha sido uma determinada espécie o que mais chamou a atenção dos cronistas pretéritos, pouco afeitos à ornitologia, para nominar os acidentes geográficos, mas a abundância destas aves.

Francisco López de Gómara, na obra "*La Historia General de las Indias y Nuevo Mundo, con mas la Conquista del Perú y de México*", menciona: "*patos negros sin pluma, y con el pico curvo*", o que nos leva a considerar o *biguá* que possui o bico encurvado e que depois de mergulhar parece mesmo não possuir penas, além disso, até hoje os numerosos bandos impressionam a quem os avista. A Laguna naqueles tempos pretéritos, quase despovoada, era muito mais piscosa do que nos dias atuais e, em consequência, abrigava um número igualmente considerável de Biguás (Phalacrocorax brasilianus).

Outros pesquisadores, no entanto, defendem a tese de que o nome da Laguna teria sua origem nos tais *índios Patos*, o que acho menos plausível.

O biógrafo, historiador, ensaísta, lexicógrafo, romancista e professor brasileiro Afonso d'Escragnolle Taunay, filho de Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), nascido em Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis), SC, em 11.07.1876, narra, na sua "*História Geral Bandeiras Paulistas*", editada em 1928, pela Tipografia Ideal, que:

> Um grupo de índios Carijós que vivia na região da Laguna, em SC, conhecidos no Brasil como *Patos*. (TAUNAY)

A monumental obra de Afonso d'Escragnolle Taunay foi baseada em volumosa documentação encontrada nos arquivos brasileiros, portugueses e espanhóis. São onze volumes, publicados no período de 1924 a 1950, onde o autor incorporou contribuições tanto de cronistas coloniais como dos pesquisadores de sua época. O estudo de Taunay, além de fundamentar-se nos arquivos brasileiros, contemplou também os arquivos ultramarinos, em particular os espanhóis.

O historiador brasileiro Capitão-Tenente Lucas Alexandre Boiteux, nascido em Nova Trento, SC, no dia 23.10.1881, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Catarinense de Letras, faz um relato esclarecedor nas suas "*Notas para a História Catarinense*", editado em 1912, pela Livraria Moderna, que:

> A grande tribo dos "*Carijós*" limitava-se ao Nordeste com os "*Tupinikins*", ao Norte com os "*Guayanás*", a Noroeste com os "*Caiacangs*", a Oeste com os "*Guandos*", e finalmente ao Sul com os "*Tapes*". Querem alguns historiadores que a nossa costa tivesse sido também habitada por uma tribo chamada – *Patos*.
>
> Os nossos cronistas antigos não se referem a ela. A confusão provém de terem sido denominados – *dos Patos* – a Bahia e Porto de Santa Catarina, que lá habitavam, diziam – os *índios dos Patos*, e daí os *índios Patos*, os *Patos*, etc. O Padre Simão de Vasconcellos nos explica que esta tribo era a mesma dos "*Carijós*" e que assim a denominavam porque habitavam a costa. (BOITEUX)

Sabe-se, através de sítios arqueológicos e sambaquis, que os índios Carijós, do grupo Tupi-guarani, habitavam o litoral Sul do país há aproximadamente 4.000 anos, e que alguns de seus membros domesticavam o *Pato-do-mato*, o que poderia ter levado os europeus a denominá-los de *índios dos Patos*.

Com tempo, a denominação foi abreviada para *índios Patos* o que finalmente teria servido para nominar a enorme Laguna litorânea. O fato de alguns pesquisadores, menos informados, vincularem ao nome de *Patos* pelo fato de estes, supostamente, possuírem pés grandes tem uma explicação lógica, tendo em vista a confusão entre *Patos* e *Patagones* (Patagões).

Vamos rememorar...

Fernão de Magalhães, servindo ao Rei de Espanha, ao realizar a primeira viagem de circunavegação pela Terra, foi o primeiro europeu a atravessar a, então "*Cola do Dragão*" (Draco Cola), que, em sua homenagem, teve o nome alterado para "*Estreito de Magalhães*".

Como podemos verificar na obra do cronista e administrador colonial português António Galvão que relatando as principais explorações realizadas pelos lusos e castelhanos (até o ano de 1550) comenta:

> No ano de 1428 diz que foi o Infante Dom Pedro à Inglaterra, França, Alemanha, à Casa Santa, e a outras daquela banda, tornou por Itália, esteve em Roma e Veneza, trouxe de lá um Mapamundo que tinha todo o âmbito da terra e o Estreito de Magalhães se chamava "*Cola do Dragão*" [...] (GALVÃO)

Ao desembarcar no Extremo Sul da América Latina, Magalhães encontrou a região povoada pelos "*Tehuelches*".

Os Tehuelches eram caçadores nômades que utilizavam couros de guanaco ([5]) para protegerem-se do frio e cobriam os pés com as mesmas peles aparentando ter grandes pés. Como a palavra "*pata*", significa "*perna*" ou mesmo "*pé*", no espanhol coloquial, esses nativos de grandes "*patas*" foram denominados, então, de *Patagões* e sua região de *Patagônia*.

---

[5] Guanaco (Lama guanicoe): mamífero ruminante semelhante às lhamas (Lama glama). Alcança cerca de 1 a 1,25 m de altura nas espáduas. O pelo é longo e macio, castanho-avermelhado no dorso e branco no ventre. Os guanacos vivem em grupos nas montanhas e planícies e, outrora vagavam em grandes bandos. O lhama e a alpaca (Vicugna pacos) da América do Sul são descendentes do guanaco.

O marinheiro, geógrafo e escritor italiano Antônio Pigafetta, nascido em Vicenza, Itália, em 1491, pagou expressiva quantia para acompanhar Fernão de Magalhães em sua viagem. Pigafetta foi o cronista da viagem, e um dos dezoito homens que logrou retornar à Espanha, com vida, em 1522, depois de completar a circunavegação, sob o comando de Juan Sebastián Elcano, após a morte de Magalhães. Pigafetta assim mencionou seu encontro com os nativos da patagônia:

> **19.05.1520 – Porto de San Julián** – Distanciando-se destas Ilhas para continuar nossa rota, chegamos aos 49°30’ de Latitude Meridional, onde encontramos um bom Porto. E como o inverno se aproximava, julgamos ser aconselhável passar ali aquela má estação.
>
> **Um gigante** – Transcorreram dois meses sem que víssemos nenhum habitante do país. Um dia, quando menos esperávamos, um homem de figura gigantesca se apresentou ante nós. Estava sobre a areia, quase nu, e cantava e dançava ao mesmo tempo, jogando “*poeira*” sobre a cabeça ([6]).
>
> O Capitão enviou à terra um de nossos marinheiros, com ordem de fazer os mesmos gestos em sinal de paz e amizade, o que foi muito bem compreendido pelo gigante, que se deixou conduzir a uma pequena Ilha, onde o Capitão havia descido. Eu me encontrava ali com muitos outros. Deu mostras de grande estranheza ao ver-nos e levantando o dedo queria dizer que acreditava que nós havíamos descido do céu.
>
> **Sua Figura** – Este homem era tão grande que nossas cabeças chegavam apenas até a sua cintura. De porte formoso, seu rosto era largo e pintado de vermelho, exceto os olhos, que eram rodeados por um círculo amarelo e dois traços em forma de coração nas bochechas. Seus cabelos, escassos, pareciam branqueados por algum pó.

---

[6] Jogando poeira sobre a cabeça: segundo James Cook, habitantes das Ilhas do Mar do Sul derramavam “*água*” na cabeça em sinal de paz.

Seu Traje – Seu vestido, ou melhor dito, seu manto, era feito de peles muito bem costuradas, de um animal que abunda no país como veremos a seguir.

Animal Estranho – Este animal ([7]) tem cabeça e orelhas de mula, corpo de camelo, patas de cervo, cauda de cavalo e relincha como este. Calçava uma espécie de sapato feita com a mesma pele ([8]).

Armas – Tinha na mão esquerda um arco curto e maciço, cuja corda era feita do intestino de tartaruga. Na outra mão, empunhava várias flechas pequenas, feitas de bambu, tendo num extremo plumas, como as nossas e, na outra, em lugar de ferro, uma ponteira de um material vitrificado branco e preto. Deste mesmo material fazem instrumentos para cortar lenha.

Presentes – O Capitão-General mandou dar-lhe de comer e beber e, entre outras bugigangas, presenteou-o com um espelho grande de aço. O gigante, que não tinha a menor ideia deste utensílio e que, sem dúvida, via pela primeira vez a sua figura, retrocedeu tão assustado que derrubou quatro de nossos homens que o rodeavam. Depois de receber mais alguns presentes, como pente e contas de vidro, retornou a terra, acompanhado por quatro homens bem armados.

Cerimônias – Um companheiro seu que havia se recusado a subir a bordo, vendo-o voltar, correu a avisar e chamar os outros, os quais, ao perceberem que nossos homens armados se aproximavam, se colocaram em fila, sem armas e desnudos. Em seguida, começaram sua dança e seu cântico, levantando o dedo indicador para o céu, para dar-nos a entender que nos consideravam como seres desconhecidos do alto. Não tendo outra coisa que dar-nos a comer, ofereceram uma espécie de pó branco em panelas de argila. Os nossos convidaram-nos, por senhas, a que passassem aos navios e ofereceram para ajudar a transportar o que quisessem levar consigo.

---

[7] Animal: guanaco.

[8] Sapatos de Peles: estes sapatos tornavam as pegadas dos gigantes ainda maiores, levando Magalhães a denominá-los "*patagões*".

Vieram, com efeito, mas conduzindo apenas arcos e flechas, o restante da carga haviam deixado sobre os ombros das mulheres, como se estas fossem mulas de carga. [...]

Outro Gigante – Seis dias depois, estando nossa gente atarefada em fazer lenha para provisão da esquadra, viram outro gigante vestido como os que acabávamos de deixar e armado igualmente de arco e flecha. Ao aproximar-se, tocou a cabeça e o Corpo, elevando em seguida as mãos ao céu, gestos que os nossos imitaram.

O Capitão-General enviou um bote à terra para conduzir o gigante até uma ilhota próxima do Porto e na qual se havia construído uma casa para abrigar uma forja e um armazém para algumas mercadorias.

Amigos dos Espanhóis – Este homem era maior e mais bem formado que os outros. Tinha também os modos mais suaves, mas dançava e saltava tão alto e com tanta força, que seus pés se distanciavam várias polegadas da areia. Passou alguns dias conosco e lhe ensinamos a pronunciar o nome de Jesus, a rezar o Pai Nosso, etc. Chegou a recitar esta oração tão bem quanto nós, porém na sua fortíssima voz. Por fim, batizamo-lo, colocando-lhe o nome de João. (PIGAFETTA)

Em 1766, a tripulação do HMS Dolphin, capitaneada por "*Commodore*" John Byron, quando retornou à Grã-Bretanha, deixou vazar o boato de que tinham visto uma tribo de nativos da Patagônia com 9 pés de altura (2,74 m), quando passaram por lá em sua circunavegação do globo.

No entanto, quando uma edição desta viagem foi publicada, em 1773, os patagônios foram registrados como tendo 6 pés e 6 polegadas de altura (1,98 m); enquanto a estatura média de um europeu na época era de 1,68 m. O escritor Sinval Medina, no seu romance "*Tratado da Altura das Estrelas*", descreve, à sua maneira, este encontro:

[...] o piloto João Carvalho, o escravo Hanriques ([9]), o fidalgo Pedro Eanes, o escriba Antônio Pigafetta e o menino Carvalhinho, eis que deparam com gigantesca figura de gentio que os observa com mui absorto olhar, e andam já dois arcabuzeiros a alumiar as mechas para abatê-lo sem mercê quando se põe a triste espécie de abantesma ([10]) a cantar e dançar em visíveis sinais de paz e amizade.

De imediato começa o Carvalhinho arremedando-o, e nisso ensaia a troca de algumas palavras, que o gigante, com grande dificuldade, parece compreender e tomar a bem. E lá, com ditos e sinais, para espanto de todos, vão se entendendo.

Apresenta o tal gentio tão avantajada estatura que a cabeça dos cristãos mal lhe ultrapassa a cintura. Traz sobre o Corpo apenas um saiote de pele de veado ([11]), pese a frieza dos ares, e a face pintada de um branco terroso; e por armas, arco e flechas de cana com ponta de pederneira. Encurtando explicações, será o gigante recebido a bordo da Trinidad com grandes festas, a que retribui com sorrisos e abraços, pese temerem-lhe alguns o formidando ([12]) amplexo ([13]).

Afinal, leva-o o Carvalhinho à presença do Capitão-General que, apesar do mal de tripas, mostra-se maravilhado e satisfeito com o porte do aborígene. Tal é sua estatura que se ajoelha ao adentrar a câmara e assim permanece durante toda a entrevista, o que o Almirante toma como sinal de respeito.

Quando vão os dois gentios a retirar-se, vira-se Magalhães para Carvalhinho e comenta, "*carago* ([14]*), mira que pata mais tamanha tem esse animal*", dito que enseja a algum espirituoso pôr no gigante a alcunha de *Patagão*.

---

[9] Hanriques: Henrique de Malaca.
[10] Abantesma: fantasma, espectro.
[11] Veado: guanaco.
[12] Formidando: temível.
[13] Amplexo: abraço.
[14] Carago: caramba.

> De tudo quanto vê a bordo, a admiração maior do disforme será para sua própria imagem refletida num espelho que lhe regala o Comandante. Oferecem-lhe de comer e beber, e ele, sem cerimônia, engole em três bocadas um saco de bolachas, dois ratos não esfolados – sobram apenas rabo e patas – e um corote ([15]): de água fresca.
>
> Em seguida, voltando-se para o Carvalhinho, declara que precisa retornar aos seus, e sem mais aquela, despe-se das peles que o vestem, embrulha-as em forma de trouxa e pula na água, vencendo em meia dúzia de braçadas a distância que o separa da Praia. A súbita partida do gigante deixa mestre Pigafetta contrafeito, sempre diligente em anotar minudências ([16]) sobre as humanidades ([17]) que vai encontrando na viagem. Não se agaste, Dom Antônio. Tranquiliza-o Carvalhinho informando que o Patagão prometeu retornar no dia seguinte para continuar a prosa. (MEDINA)

O médico e historiador brasileiro Alexandre José de Mello Moraes, nascido em Maceió, AL, no dia 23.07.1816, relatou na sua "*Corographia Histórica, Chronographica, Genealógica, Nobiliária, e Política do Império do Brazil*" – Tomo I, editada pela Typographia Americana, em 1858, que:

> [...] Magalhães dera o nome de Patagões aos habitantes das terras do Sul da América conhecidos pelos outros gentios pelo nome de Morsas, por terem os pés como patos, e estarem envolvidos em pele de um animal, que parecia ter cabeça e orelhas grandes, como mula, com corpo de camelo e cauda de cavalo; e acrescenta mais, que os Patagões, que estiveram a bordo eram gigantes, e que um homem de estatura ordinária chegava-lhe com a cabeça à cintura. Tudo isto é completamente falso, ou exagerado.

---

[15] Corote: pequeno barril, próprio para o transporte de água ou vinho.
[16] Minudências: minúcias, observações escrupulosas.
[17] Humanidades: criaturas.

[...] a pele de animal com que se cobria o Patagônio era de Lhamas do Peru ou do Chile, e das Cordilheiras do Estreito de Magalhães; e os tais gigantes, nunca tiveram a estatura notada por Pigafetta, mas, todavia, são homens mui altos, chegando a seis pés e três polegadas inglesas o mais robusto e corpulento que se tem encontrado nestes últimos tempos e, é provável, que, desde o ano de 1518 ou 1519, até agora, esta raça de homens da natureza não tenha degenerado. (MORAES)

COROGRAPHIA

HISTORICA, CHRONOGRAPHICA, GENEALOGICA, NOBILIARIA, E POLITICA

DO

IMPERIO DO BRASIL

CONTENDO

NOÇÕES HISTORICAS E POLITICAS, A COMEÇAR DO DESCOBRIMENTO DA AMERICA
E PARTICULARMENTE DO BRASIL, O TEMPO EM QUE FORÃO POVOADAS AS SUAS DIFFERENTES CIDADES,
VILLAS E LUGARES; SEUS GOVERNADORES, E A ORIGEM DAS DIVERSAS FAMILIAS BRASILEIRAS E
SEUS APPELLIDOS, EXTRAHIDA DE ANTIGOS MANUSCRIPTOS HISTORICOS E GENEALOGICOS,
QUE EM ÉRAS DIFFERENTES SE PODERÃO OBTER :
OS TRATADOS, AS BULLAS, CARTAS REGIAS &c. &c.
A HISTORIA DOS MINISTERIOS, SUA POLITICA, E CORES COM QUE APPARECERÃO;
A HISTORIA DAS ASSEMBLEAS TEMPORARIA E VITALICIA,
E TAMBEM UMA EXPOSIÇÃO DA HISTORIA DA INDEPENDENCIA,
ESCRIPTA E COMPROVADA COM DOCUMENTOS INEDITOS E POR TESTEMUNHAS
OCULARES QUE AINDA RESTÃO, E DOS OUTROS MOVIMENTOS POLITICOS :
DESCRIPÇÃO GEOGRAPHICA, VIAGENS, A HISTORIA DAS MINAS E QUINTO DO OURO &c. &c.
AFIM DE QUE SE TENHA UM CONHECIMENTO EXACTO NÃO SÓ DA GEOGRAPHIA DO BRASIL,
COMO DA SUA HISTORIA CIVIL E POLITICA;

PELO

Dr. Mello Moraes (A. J. de)

(NATURAL DA CIDADE DAS ALAGOAS)

AUTOR DE MUITAS OBRAS LITTERARIAS E SCIENTIFICAS

TOMO I.

Eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente.
(FERREIRA P. L.)

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO,
Rua da Alfandega n. 197.

1858.

O Novo Argonauta – Sem Medo à Morte

(José Agostinho de Macedo)

[...] De Américo e Colombo o nome e os feitos.
Impávido mortal, sem medo à morte,
Ousou, que assombro! Do profundo Oceano,
Onde em mor extensão seu Reino ostenta,
Cortar as vagas túmidas e bravas.
Não conduzindo em Lenhos alterosos,
Onde a raiva mortal das éneas bocas ([18])
Com medonho trovão vomita a morte;
Mas em débil Caíque ([19]) a quem do vento
Pudera um sopro sepultar no abismo.
Onde apenas sulcando ao longo da Costa,
Nem Zarco ([20]) indagador se engolfaria
Tanto no vasto mar, que a doce terra
Perder de vista espavorida ousara.
Quem, magnânimo Herói, até agora ignoto,
Quem te anima e conduz? Acaso a sede,
A infausta sede do metal luzente,
Fonte antiga de crimes e desgraças,
Que outrora fez sair da praia Hespéria ([21])
O façanhoso Almagro ([22]), que profana
Primeiro o vasto mar, depois a terra,
Para arrancar-lhe do profundo seio
Desgraçada riqueza? Acaso voas
Por cima dessa líquida campina,
Que a vista crê que ao Céu se apega sempre,
Novas terras buscar, ou novo Império, [...]

---

[18] Éneas bocas: bocas de bronze, isto é, canhões.

[19] Caíque: numa pequena embarcação como esta aventurou-se o piloto Manuel de Oliveira Nobre, desde o Algarve até Lisboa.

[20] Zarco: João Gonçalves Zarco descobriu a ilha da Madeira navegando numa caravela.

[21] Referência à ocidental praia lusitana (segundo verso de "*Os Lusíadas*"). Na antiguidade grega, a Hespéria simbolizava o ocidente.

[22] Diogo de Almagro foi um dos mais ferozes e extraordinários espanhóis que passaram à América no tempo dos descobrimentos e conquistas.

Índios Patos e a Lagoa dos Patos

REVISTA

DO

MUSEU PAULISTA

PUBLICADA POR

RODOLPHO von IHERING

Director Interino do Museu Paulista

VOLUME VII

S. PAULO
Typ. CARDOZO, FILHO & C.ia
1907

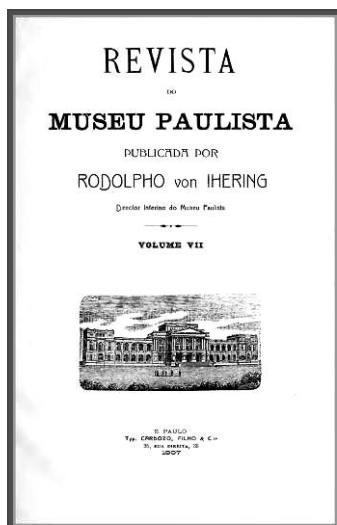



Imagem 01 – Revista do Museu Paulista, Volume VII, 1907

O Dr. Hermann Von Ihering fez uma abordagem interessante, em 1907, no Volume VII da Revista do Museu Paulista. Von Ihering conclui sua explanação afirmando existirem, em outros estados brasileiros, diversas localidades com a denominação de "*Patos*" e que "*não podemos atribuir estes nomes também naqueles Estados a uma tribo desconhecida dos Patos, sendo ao contrário evidente que a explicação, que deriva de uma origem comum a todas estas denominações, é a mais aceitável*".

> Tendo vivido por muitos anos à margem da Lagoa dos Patos e publicado sobre ela dois estudos, liguei interesse especial ao nome desta Lagoa e por fim adotei a opinião de que este nome não lhe provinha das aves aquáticas denominadas "*Patos*", mas de uma tribo de índios, aliás, pouco conhecida, dos Patos. Esta opinião foi combatida por Alfredo F. Rodrigues no seu artigo "*O nome de Lagoa dos Patos*", declarando ele imaginária a dita tribo dos Patos.

Pretendendo em seguida tratar por extenso do assunto, reproduzo aqui a maior parte do referido artigo do Sr. Alfredo F. Rodrigues. Com referência à ideia de que a Lagoa dos Patos tomou o nome de uma tribo de índios, que habitara em suas margens, ele diz o seguinte:

> O erro data de Manuel Ayres de Casal, ou pelo menos foi ele que o vulgarizou, pela notoriedade que alcançou a sua "*Chorographia Brazileira*". Diz ele que: a Lagoa dos Patos tomou o nome de uma nação hoje desconhecida.

Referindo-se ao Canal entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, diz também:

> Rio dos Patos lhe chamavam os primeiros descobridores, porque servia de limite entre os índios deste nome que se estendiam até S. Pedro e os Carijós para o Norte até Cananéia.

Contra esta afirmativa foi o primeiro a protestar José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de S. Leopoldo, nos "*Annaes da Província de São Pedro*", citando a opinião do Padre Simão de Vasconcellos:

> A origem deste apelido esquadrinhou, e nos transmitiu o Padre Simão de Vasconcellos, que precedeu de uma Armada espanhola, que em viagem para o Rio da Prata, em 1554 ([23]), obrigada por temporais, arribara à deserta Ilha, denominada ao depois de Santa Catarina, e deixara ali alguns patos, que procriando maravilhosamente, se foram espalhando em "*copiosíssimos*" bandos por todo aquele litoral e foi a causa de onde as Alagoas, e toda aquela terra se chamaram dos Patos, e até hoje lhes dura este nome.
>
> Eram estes Carijós dos Patos fáceis no trato, pacíficos, se não irritados, e com alguma indústria; de sorte que, depois de 1554, entretinham os moradores do Porto de Santos comércio com eles, levando-lhes nas embarcações

---

[23] Alguns navios espanhóis, que em 1554 demandavam o Prata, tiveram de entrar no Rio Grande acossados pelo temporal: ali deixaram uns poucos de patos, que se multiplicarão a ponto de com a sua multidão cobrirem as águas que se ficarão chamando Lagoa dos Patos. (SOUTHEY)

> resgates de ferramentas, anzóis, facas, e outros gêneros, que permutavam por algodão, o qual plantavam e colhiam, redes, e índios que ou cativavam na guerra ou por castigo degradavam, etc. De tal maneira acessíveis, animaram os Missionários para empresas sagradas, e os Portugueses zelosos para fundação de povoações, com que dilataram nossos domínios.

Em nota acrescenta ainda:

> Nestes pontos de pura tradição, inclino-me a seguir antes o Padre Vasconcellos que, provincial e cronista da Companhia de Jesus no Brasil, escrevendo na Bahia, pelos anos de 1663, viveu mais próximo aos fatos e teve mais proporções de averiguá-los do que o Padre Casal na "*Chorographia Brasileira*" que, aliás, merecendo grande conceito no que escreveu das Províncias do Norte, que examinou "*ocularmente*", não passando do Rio de Janeiro para o Sul, escreveu por meras informações; por isso não é muito que claudicasse a ponto de adicionar Províncias ao Império do Brasil que não lhe pertenciam, e entre outras cousas mais, dando existência a uma Nação dos Patos de que não se encontram os mínimos vestígios.
>
> Vide a enumeração que faz das Nações Índias o mesmo Padre Vasconcellos nas Notícias antecedentes das coisas do Brasil, n° 151 e 152.

A mesma versão se encontra no Santuário Mariano, Crônica escrita pelos Jesuítas, cujo primeiro volume se publicou em 1707, aparecendo o último em 1723:

> Ilha de Santa Catarina – Patos – Cobrem estas aves as praias e terras da beira-Mar, por distância de 50 léguas e mais. São os mesmos da Europa. Ali os soltaram uns espanhóis que faziam viagem para o Rio da Prata em 1554.

Enganaram-se na data, porém, tanto o Visconde de S. Leopoldo como os dois cronistas Jesuítas, pois que aí já existiam patos muitos anos antes, sendo conhecidos por este nome diversos lugares na costa desde S. Catarina até o Rio da Prata. De fato, João Dias de Solis, chegando, em princípios de 1516, à Ilha de S. Catarina, deu-lhe o nome de Ilha dos Patos; e na Embocadura do Rio da Prata, denominou Rio dos Patos a um Arroio entre 35° e 34°20'.

Não existe o roteiro da viagem de Solis, por isso não se pode precisar o motivo por que ele escolheu o nome "*Patos*" para esses dois lugares.

Pode-se, porém, afirmar que não o tirou de uma tribo de índios, pois que nenhum dos historiadores do século XVI, que se referem à sua viagem [Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés – 1535, Antonio de Guevara – 1552 e Antonio de Herrera y Tordesillas – 1601] faz menção de tais índios, citando pelo contrário os Charruas e outros. Devia, portanto, provir o nome da grande quantidade de "*patos*" aí encontrados.

Isto não é uma simples conjectura sem base, porém um fato confirmado por documentos que datam de poucos anos depois. No Roteiro da Viagem de Diogo Garcia, realizada em 1526 e 1527, lê-se o seguinte:

> E andando en el camino allegamos a un Río que se llama el Río de los Patos questá a 27 grados, que ay una buena geracíon que hacen muy buena obra a los cristianos, e llaman-se los Carrioces, que allí nos deram muchas vituallas que se llama millo e harina de mandioca, e muchas calabazas e muchos patos e otros muchos bastimentos porque eran buenos indios.

Na Carta em que Luiz Ramirez descreve a viagem de Sebastião Gaboto, realizada ao mesmo tempo que a de Garcia, tendo-se os dois exploradores encontrado em Santa Catarina, lê-se também:

> Dijeron que cuatro meses poco más o menos antes allegásemos a este puerto de los Patos, que así se llamaba de elles estaban [...] En esta isla había muchas palmas en este puerto nos traían los indios infinito bastimento así de faisanes, de gallinas, babas, patos, perdices, venados, que de esto todo y de otras muchas maneras de caza había en abundancia y mucha miel.

Em nenhum destes dois documentos, que assinalam a existência de patos em Santa Catarina, se fala em índios com tal nome, apesar de virem relacionadas as tribos encontradas pela costa. Diogo Garcia dá mesmo o nome dos índios de Santa Catarina, "*os Carrioces*".

Outro testemunho confirma ainda estes dois. O Adelantado ([24]) D. Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, tendo arribado a Santa Catarina, em 29 de março de 1541, cruzou dali em direção ao Paraguai, pelo sertão, onde encontrou, dias depois, uma tribo de índios, que o receberam com mostras de amizade.

Nos Comentários da expedição, lê-se:

> Esta nação chama-se Guarani, são lavradores que, duas vezes por ano, semeiam milho. Cultivam também mandioca [caçabi], criam galinhas e patos à maneira de Espanha e em suas habitações têm muitos papagaios.

Há ainda uma objeção a refutar e esta oposta pelo Dr. Hermann von Ihering que, encarando a questão sob um ponto de vista diferente, negou a existência na Lagoa e em Santa Catarina do Pato Comum [Pato do mato – Cairina moschata], concluindo daí que não podia ter ele dado origem ao nome que, no seu entender, provem dos índios Patos. O argumento do ilustre naturalista que, à primeira vista, parece resolver a questão, não resiste a exame. Os primeiros exploradores da costa, não sendo entendidos em História Natural, podiam tomar pelo Pato Europeu qualquer outro palmípede, que se lhe assemelhasse um pouco.

Do exposto, podem-se tirar três conclusões:

1° Em toda a costa de Santa Catarina ao Rio da Prata, havia grande abundância de patos, que foram vistos por Solis, Diogo Garcia, Sebastião Gaboto e Cabeça de Vaca;

2° Nenhum dos cronistas e roteiros do século XVI faz menção de índios Patos, apesar de relacionarem as tribos da Costa;

3° Simão de Vasconcellos explicou bem a origem dos nomes Lagoa dos Patos, Rio dos Patos, Laguna dos Patos; porém enganou-se, afirmando que os patos começaram a procriar aí em 1554.

---

[24] Adelantado (adiantado): funcionário do Reino de Castela que tinha a máxima autoridade judicial e governativa sobre um Distrito.

Deve ficar, portanto, como certo, que o nome da Lagoa dos Patos provém das aves desse nome e não de uma tribo de índios assim chamada.

A questão tem, como se vê, duas faces, uma ornitológica e outra etnográfica que, em seguida, trataremos separadamente.

O Ponto de Vista Ornitológico

As opiniões dos autores divergem muito sobre esta questão, opinando uns por aves domésticas importadas, outros por diversas aves indígenas, entre as quais é preciso mencionar particularmente: o Pato do Brasil, o Biguá e o Pinguim. O nome "*Pato*" cabe em geral às espécies maiores dos Palmípedes comestíveis da família Anatidæ, cujas espécies menores são denominadas Marrecas.

Esta palavra de "*Pato*" acha-se, em sua aplicação no Brasil, restrita à Cairina moschata (Linn.), denominada "*Pato real*" pelos espanhóis. Esta espécie pertence em geral mais às regiões centrais do Brasil, sendo rara, ou faltando mesmo, na maior parte do nosso litoral. No Rio Grande do Sul, é encontrada particularmente ao longo dos grandes Rios, marginados por mato alto; mas não é ave da Lagoa dos Patos. Há nesta um cisne, Cygnus melanocoryphus ([25]), denominado "*Pato arminho*". Embora seja certo que o número das aves aquáticas nas margens da "*Lagoa dos Patos*" diminuiu bastante nos últimos cinquenta anos, assim mesmo perto da cidade do Rio Grande obtive nada menos de 14 espécies de Anatidæs; não estava incluído, entretanto, neste número, a Cairina moschata. Como as minhas observações estão de acordo com as de Wied, Azara e outros observadores, é certo que o nome da Lagoa dos Patos não pode ser derivada de patos silvestres do gênero Cairina, posto que se tome por base as atuais condições faunísticas.

[25] Cygnus melanocoryphus: cisne-de-pescoço-preto.

Este fato, contudo, não exclui a hipótese de este nome provir de patos domesticados. Infelizmente é muito insuficiente o nosso conhecimento das aves criadas pelos indígenas antigos do Brasil. Uma das informações mais valiosas neste sentido devemos a Álvaro Nunes Cabeça de Vaca que, em sua expedição pelo interior do Estado de Santa Catarina, em 1541, notou que os indígenas "*criam galinhas e gansos à maneira dos Espanhóis*". Esta indicação evidentemente se refere a Jacus e Patos e observo que eu mesmo tive, no terreiro da minha propriedade na Barra do Camaquã, Jacus e também uma Cairina moschata silvestre, em estado mais ou menos domesticado.

Penso que entre todas nossas aves, o pato é o que com mais facilidade pode ser domesticado e cruzado com as marrecas e patos criados. Os Jacus também são amansados com relativa facilidade, mas de noite não são capazes de entrar no galinheiro, empoleirando-se, pelo contrário, na cumeeira da casa.

Von Martius diz que, na região amazônica, se criam espécies de Psophía e Crax e no Brasil Oriental o Mutum ([26]). Markgrav descreve bem o pato, mas não diz que seja criado pelos indígenas, acontecendo o mesmo com Azara, Wien e tantos outros autores, que consultei.

O Padre Nóbrega diz que, no Estado de S. Paulo, houve muita caça de mato e patos, que os índios criam; bois, vacas, ovelhas, cabras e galinhas se dão também na terra e há delas grande quantidade. Outra informação valiosa referente ao Estado da Bahia devemos a Gabriel Soares que diz:

> criam-se mais ao longo destes Rios e nas Lagoas muitas aves, a que o gentio chama "*peca*", que são da feição das da Espanha, mas muito maiores, as quais dormem em árvores altas, e criam no chão perto da água. Comem peixe, e da mandioca que está a curtir nas ribeiras, tomam os índios estas aves, quando são novas, e criam-nas em casa, onde se fazem muito domésticas.

---

[26] Mutum: Crax carunculata Temm.

É certo que o Pato europeu não é mais senão um descendente da Cairina moschata da América Meridional. Han diz que já em tempos remotos se criavam patos na América. Na sua segunda viagem, Colombo viu destas aves em S. Domingos e entre elas também brancas. Southey conta que os indígenas no Paraguai criavam nas suas casas patos almiscarados, o que se refere à Cairina moschata. Presume-se que o pato, que era a única ave criada pelos antigos Peruanos chamado "*nuñuma*", veio do Peru à Europa, passando pela África.

A primeira descrição desta ave deu, na Europa, Conrad Gesner, em 1555 e, no mesmo ano, em Paris já se ofereciam patos como fina iguaria. Na América Meridional, os patos eram criados, segundo estes dados, no Peru, Paraguai e no Brasil.

Parece, entretanto, pouco provável que já então houvesse patos domesticados na costa, como se depreende também do trecho indicado de Álvaro Nunes Cabeça de Vaca.

Por esta razão não podemos admitir que a Ilha de Santa Catarina e diversos Rios, portos e a Lagoa dos Patos tivessem recebido seus nomes de patos domesticados do gênero Cairina. F. F. Outes dá sobre o nome da Ilha de S. Catarina a seguinte informação:

> Santa Cruz en su "*Islario*" da a entender claramente que tanto a la isla de Santa Catarina como al territorio continental adyacente se conocía en la primera época del descubrimiento bajo el nombre de los Patos "*por los muchos de ellos que allí se vieron la primera vez que fue descubierto*". Esta afirmación del ilustre cosmógrafo se halla confirmada en muchos documentos de la época. Me bastará citar las declaraciones de Antonio de Montoya y El "*maestre*" Juan en respuesta a la 20ª pregunta del interrogatorio en el pleito del Capitán Francisco de Rojas con Sebastián Caboto:
>
> > Entre los autores modernos todos han aceptado La denominación antedicha... La causa del mencionado nombre parece estar en la gran cantidad de "*patos negros sin pluma, y con el pico curvo*", conforme a expresa de Francisco López de Gómara [Historia General de las Indias, in Historiadores primitivos de Indias]. Estas aves, continua Outes, algunos autores suponen que es pingüinos.

Estas informações antes dificultam do que facilitam a explicação. Não podemos admitir que estes patos tivessem sido Pinguins – Spheniscus magellanicus [pinguim-de-magalhães] porque estes, embora aparecendo às vezes nas costas do Brasil Meridional, nunca entram na água doce, não podendo, por conseguinte, dar o seu nome a Rios e Lagoas. Além disto, a cor é diferente e também o bico é direito sem ponta recurvada.

O caráter indicado do bico nos faz pensar no Biguá [Carbo vigua Vieill.] que também é de cor uniforme preta, mas a expressão "*sem penas*" não pode ser aplicada nem a esta, nem com relação a qualquer outra espécie. Além disto, o Biguá, muito semelhante a espécie congênere da Europa, conhecido como "*Corvo marinho*", não pode ser confundido com patos e marrecas ([27]) e ocorre nas costas da América Meridional desde a Patagônia até a Guiana.

Observo ainda que não é fácil explicar o nome de "*Biguassu*" ou Biguá grande, dado a um Rio de Santa Catarina, visto que há uma só espécie de Biguá. Há outra ave, bastante diferente em cor e bico, que é denominada Biguatinga ([28]), porém é mais ou menos do mesmo tamanho e não ocorre na costa, mas nos grandes Rios no interior do Brasil.

Deste modo entende-se que os patos a que se referem os historiadores não podem ter sido nem pinguins nem biguás [?], sendo possível que se tratasse da Cairina moschata, provavelmente então muito mais comum na zona litoral do Brasil Meridional do que hoje.

Ponto de Vista Etimológico

Numerosos escritores dos séculos XVIII e XIX referem-se a uma tribo de índios Patos. Sobre o domicílio dela diz o Coronel José J. Machado de Oliveira:

---

[27] Observando os biguás pousados nos troncos secos ou nas margens, secando-se ao Sol, após seus longos mergulhos em busca das presas, os antigos cronistas podem ter sido levados a acharem que estes palmípedes não possuíam penas.

[28] Biguatinga: Anhinga anhinga.

> O Rio dos Patos é hoje conhecido com o nome de Biguassu, que desemboca no canal que separa do continente a Ilha de Santa Catarina; servia ele de confins ([29]) às tribos dos Carijós e dos Patos, que habitavam a primeira, o litoral entre a Conceição e o Biguassu, e a segunda o que decorre deste para o Sul.

Na sua história da Capitania de S. Vicente, publicada em 1772, diz Pedro Taques de Almeida Paes Leme:

> É certo que da Vila de S. Vicente saíram, em 24 de agosto de 1554, os Padres Jesuítas Pedro Corrêa e João de Souza para a missão dos gentios Tupis e Carijós dos Patos e ambos foram mortos pela barbaridade destes índios, como escreve o Padre Simão de Vasconcellos na "*Chronica do Brazil*", onde mostra que Pedro Corrêa era sujeito de nobreza conhecida, e se fizera opulento na Vila de S. Vicente, para onde tinha vindo com o fidalgo Martim Alfonso de Souza, porém que, deixando a vida secular, tomara a roupeta ([30]) no Colégio de S. Vicente, e, ordenado, de presbítero, empregara o seu talento e ciência da língua dos gentios em convertê-los à fé católica, até que encontrara com a coroa do martírio pelos bárbaros índios Carijós do Sertão dos Patos.

Outras informações sobre a região ocupada pelos Patos encontram-se no artigo de Felix F. Outes, "*El puerto de los patos*", que reproduz vários Mapas antigos do Brasil e do Paraguai que, além dos dados geográficos, contêm indicações sobre as diversas tribos indígenas. Estes Mapas dão para a região do Rio Grande do Sul (RS) e parte contígua de Santa Catarina o nome dos índios Patos. O mais antigo destes Mapas com tal indicação é o da Est. VIII, "*construído por los Jesuitas [1646 – 1649]*". Todos os outros Mapas seguintes indicam na mesma região os índios Patos. Os Mapas mais antigos, publicados por Outes, não dão os nomes das tribos indígenas. Não parece existir nenhuma informação exata sobre estes Patos. Tomando em consideração que o território do RS, nos tempos antigos, não foi explorado e só bem tarde foi colonizado, não é de admirar que sejam escassos e insuficientes os dados referentes aos primitivos habitantes do RS.

---

[29] Confins: limite.
[30] Roupeta: hábito talar ou batina dos sacerdotes.

É singular, entretanto, que o livro do Padre Gay, tratando minuciosamente dos indígenas do Brasil Meridional e do Paraguai, nem sequer nos transmita o nome de uma nação dos Patos. É bastante notável neste sentido o manuscrito do ano de 1612 que Gay reproduz com referência aos indígenas do Rio Grande do Sul, mencionando Guaranis, Arachanes, Charruas e Goianás. Nem o manuscrito anônimo de 1584, nem Gabriel Soares mencionam os Patos, tratando, aliás, apenas dos indígenas desde o Pará até Santa Catarina.

Com referência ao livro de Ayres Casal, diz Alfredo F. Rodrigues, ter ele sido o primeiro a mencionar os índios Patos, ao passo, que segundo F. Outes, ele se teria referido não a índios, mas à ave Pato. Neste sentido, trata-se de um engano do último dos dois autores, visto que o livro de Ayres Casal se refere exclusivamente a índios. Em geral podemos verificar que os escritores do século XVI não mencionam índios Patos, referindo-se apenas às aves palmípedes e que nas publicações do século XVII se acha registrada uma tribo de Patos, sem que, entretanto, fossem dadas informações exatas.

Conclusões

Resulta da exposição precedente que, para a explicação dos nomes da Lagoa dos Patos, do Rio dos Patos, etc. na literatura antiga há duas versões: Uma que se refere às aves palmípedes de que trata a literatura do século XVI e outra referente aos índios Patos segundo a literatura do século XVII e seguintes. Contra esta segunda opinião pode-se objetar a falta de informações, referentes a estes indígenas na literatura mais antiga e isto no próprio manuscrito anônimo de 1612, publicado por Gay. É preciso, entretanto, considerar que algum dos outros nomes de tribos rio-grandenses, indicados naquele manuscrito, pode ser sinônimo do dos Patos e, mais, que argumentos de caráter negativo nada provam, particularmente, sendo, como é, a literatura antiga deficiente em informações etnográficas aproveitáveis. Por sua vez, a literatura do século XVI contém várias informações sobre a origem ornitológica destas denominações, mas as mesmas são contraditórias entre si.

As aves a que se referem os antigos escritores, é lícito supor-se, não devem ter sido nem pinguins ou biguás nem marrecas ou patos domesticados. Já João Dias de Solis, em 1515, deu à Ilha de S. Catarina o nome de Ilha dos Patos, sendo impossível supor que isto dissesse respeito a aves domesticadas, importadas da Europa.

Se as diversas denominações dos "*Patos*" fazem referência a aves aquáticas, pode-se tratar apenas do "*Pato Real*" [Cairina moschata], devendo-se supor que esta ave tenha existido naquela época em muito maior número que hoje, nas costas do Brasil Meridional. Se assim for, não seria para admirar que os exploradores tivessem dado a várias localidades a denominação dos "*Patos*", visto representar esta ave, sem dúvida, a caça mais valiosa entre as aves aquáticas daquela região. Em favor desta hipótese posso acrescentar o resultado de um estudo geológico por mim publicado, que prova uma modificação profunda no caráter da vegetação no litoral do Rio Grande do Sul.

Perto da costa observei, na vizinhança da cidade de Rio Grande do Sul, Colinas, coroadas de uma vegetação de arbustos espinhosos, que mostravam, pouco em baixo da superfície uma camada argilosa, humosa, com conchas terrestres e fluviais, que sugerem uma modificação profunda da flora e da fauna. De experiências desta ordem devem lembrar-se os engenheiros que pretenderam melhorar as condições da Barra; recomenda-se, como auxílio indispensável, a defesa das terras por meio de vegetação, não só nas margens do canal, mas também numa faixa de 1 a 2 léguas de largura.

É preciso confessar que os dados aqui expostos não conduziram a um resultado seguro. Admitindo que os autores que falam de índios Patos tivessem cometido um erro, a mesma suposição é aplicável aos autores do século XVI, cujas informações a respeito das aves "*patos*" são contraditórias, mas também em parte incompreensíveis e evidentemente falsas.

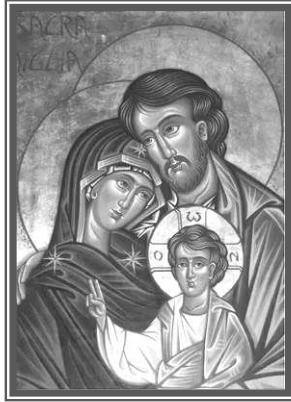
A explicação, entretanto, que nas atuais circunstâncias mais se recomenda, é a do Sr. Alfredo F. Rodrigues, que precisa ser modificada só no que diz respeito às aves que causaram a dita denominação.

O caso seria então o de ter sido, antigamente, o Pato Real muito mais frequente no Brasil Meridional do que atualmente, tendo causado a denominação de várias localidades porque, como excelente caça que é, tornou-se digno de toda atenção por parte dos descobridores.

O que neste sentido nos confirma mais nesta opinião é o fato de existirem também, em outros Estados do Brasil, localidades com a denominação de "*Patos*", como nos estados de Minas Gerais e Paraíba. Não podemos atribuir estes nomes também naqueles Estados a uma tribo desconhecida dos Patos, sendo ao contrário evidente que a explicação, que deriva de uma origem comum a todas estas denominações, é a mais aceitável.

São Paulo, 08 de agosto de 1903. (IHERING)

Imagem 02 – Dr. Hermann Von Ihering

Lagoa I
(Apparicio Silva Rillo)

As estrelas pediram,
Pediram um espelho
Pra Nosso Senhor.

O Senhor, surpreendido,
Estranhando o pedido
Chamou por Maria.

As estrelas pediram
Pediram um espelho
Pra Virgem Maria.

Maria, tão boa!
Cortou do infinito um pedaço de céu,
De um pedaço de céu
Ela fez a Lagoa.

Ficou um buraco no forro do céu.
Chamando Maria, lhe disse o Senhor:
– Remenda o meu céu, que a ideia foi tua.
Maria, sorrindo, rasgou o seu manto
E pregou no infinito o remendo da Lua.

Lagoa!
Sesmaria de águas claras
Deitada nos pedregulhos.
Espelho grande onde as estrelas tolas
Vêm ajeitar o véu de lantejoulas.
Durante a longa procissão noturna. [...]

Fracasso Anunciado nas Desertas

Há mais pessoas que desistem
do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Às 02h30 de 25.11.2009, iniciei, na Praia da Pedreira – Parque Itapuã, a tão esperada "*Travessia da Margem Oriental Laguna dos Patos*", com destino a Rio Grande. Como a enseada se mostrasse tranquila e sem ondas, decidi rumar direto para o Farol de Itapuã.

Tão logo me afastei da praia, fui surpreendido pela força dos ventos do quadrante Norte até então barrados pelo Morro da Fortaleza. Alterei a rota de modo a contornar cada uma das enseadas.

Sob o manto da escuridão me espreitavam as pedras submersas e, por mais de uma vez, o casco chocou-se contra os rochedos. Era difícil distinguir entre as areias das praias e os calhaus.

As ondas vinham de todos os lados e, com a visão dificultada pela escuridão, resolvi aportar na Praia do Araçá que fica a uns seiscentos metros a Este do Farol de Itapuã. Passei pela praia, oculta pela escuridão, sem avistá-la, cheguei próximo ao Farol, retornei novamente e nada.

Praia do Araçá

Em 1845, com a chegada dos Imperialistas à região, os Farrapos afundaram seus brigues "*Bento Gonçalves*" e "*20 de setembro*" entre a Praia do Sítio e o local onde se encontra hoje o Farol de Itapuã. Aportei no Farol de Itapuã às 03h15. Aguardei quase três horas o Sol sair e os ventos diminuírem para transpor os umbrais da Laguna dos Patos.

Ponta da "Espia" – Pedra da Argola

Parti ao raiar do dia, antes das 06h00. Logo depois de transpor o Farol, avistei a Pedra da Argola. A enorme argola, de uns trinta centímetros de diâmetro, "*fixada às rochas com chumbo derretido*" (chumbada), fazia parte de um sistema que dá nome à Ponta da Espia, que visava facilitar a entrada das embarcações no Rio Guaíba quando soprava o vento Norte.

As embarcações faziam uso das argolas para, tracionadas através de cabos, vencer a "*Ponta da Espia*" onde se localiza, hoje, o Farol de Itapuã. Aqueles que contestam essa teoria talvez nunca tenham lido o relato de Henry Walter Bates, em 1849, subindo o Rio Amazonas:

> Quando começava a soprar o vento Leste, o chamado "*vento geral*" do Amazonas, os veleiros avançavam rapidamente Rio acima, mas, quando não havia vento, eles eram obrigados a ficar ancorados perto da praia durante vários dias, às vezes; havia, porém, a alternativa de subir laboriosamente a corrente, com a ajuda da espia.
>
> Essa forma de navegação processava-se da seguinte maneira: uma montaria ([31]) era mandada à frente, com dois ou mais homens, os quais iam puxando um cabo de cerca de vinte ou trinta braças ([32]); uma das extremidades do cabo ficava amarrada no mastro do veleiro e a outra era passada à volta de um galho ou do tronco de uma árvore. Os homens puxavam então o veleiro até o ponto onde se achava a árvore, depois embarcavam de novo na canoa e levavam o cabo mais adiante, repetindo a operação. (BATES)

---

[31] Montaria: pequena embarcação.
[32] Vinte ou trinta braças: 44 ou 66 metros.

Praia do Tigre e Praia de Fora

Contornei a Ponta de Itapuã e, ao alterar o rumo pra Este, novamente o vento forte se fez presente desta vez diretamente de proa. Passei pela bela enseada da Praia do Tigre e logo, em seguida, naveguei pela longa Praia de Fora. Os dezesseis quilômetros que me separavam até a Ponta das Desertas não me permitiam visualizá-la. Não havia avistado viva alma desde que partira da Pedreira, apenas um grande cargueiro entrando no Guaíba, próximo ao Farol, dava o sinal da presença humana até ali. A solidão me encantava.

O grande número de cágados, tomando banho de Sol, impressionava pela quantidade. O número, certamente, era justificado pela ausência de seu maior predador natural o "*Teiú*", que barbaramente violenta os ninhos desses quelônios comendo seus ovos.

A ausência dos Teiús é justificada pelo fato de a Praia de Fora não possuir rochas que, aquecidas pela radiação solar, favoreçam o aquecimento dos corpos desses animais pecilotérmicos (de sangue frio).

Os cágados devem ter uma boa visão, pois, quando me aproximava dos bandos a uns trezentos metros de distância, eles mergulhavam afoitamente nas águas da Laguna.

Os cardumes de tainhas davam um espetáculo à parte. A área protegida, do Parque, lhes servia de abrigo e parece que elas tinham consciência disso. A água, às vezes, parecia ferver, tal a quantidade destes mugilídeos. Uma ou outra saltava na vertical, coisa que eu ainda não tinha observado, projetando seu belo e esguio corpo prateado sobre a linha do horizonte.

Remei três horas e meia até o último renque de árvores localizado na extremidade Este da Ponta das Desertas. Descansei meia hora, me hidratei e alimentei, telefonei para os familiares e a Equipe de Coordenação formada pelo Coronel PM Sérgio Pastl (Diretor de Ensino da Brigada Militar e experiente velejador), o Coronel Leonardo Roberto Carvalho de Araújo (Chefe da Seção de Comunicação Social do Colégio Militar de Porto Alegre – CMPA), a professora Silvana Schuller Pineda (Clube de História do CMPA) e a minha parceira Rosângela Maria de Vargas Schardosim.

"*Cabo Horn*" e a Travessia das Desertas

Os ventos continuavam muito fortes vindos do quadrante Este, meu destino. Resolvi tentar a travessia e parti às 10h00. A margem Oriental, há mais de vinte quilômetros de distância, não podia ser avistada e tive de me guiar pelo GPS. Havia marcado um ponto diretamente a Leste para diminuir a rota. Em condições normais, levaria em torno de três horas para percorrer tal percurso.

As ondas de três metros e meio e o vento de proa de quase 60 km/h freavam meu deslocamento, mas, mais uma vez, o meu caiaque modelo "*Cabo Horn*" da Opium FiberGlass se portava galhardamente. Carregado ele se tornara ainda mais estável e eu jogava o corpo para trás para evitar que enterrasse a proa nas grandes ondas. Tinha de manter a concentração total na navegação, pois uma enterrada de remo, um movimento inadequado poderia resultar em um lamentável acidente. Como não avistava a margem oposta, vez por outra tinha de me guiar pelo GPS e constatava que ia, inadvertidamente, ziguezagueando, aumentando ainda mais o percurso.

Às 11h30, depois de navegar por 90 min, confirmei, pelo GPS, que havia navegado apenas 4,5 km. Cheguei à conclusão de que não teria condições físicas de manter aquele ritmo e a concentração por mais cinco horas e, se o conseguisse, estaria me sujeitando a enfrentar uma possível e indesejada mudança do tempo no meio da travessia e distante da segurança das margens. Resolvi abortar, temporariamente, a missão e retornar à minha última parada nas Desertas.

Montando Acampamento nas Desertas

Aproveitei, na volta, o vento de popa e as ondas, surfando. Foi um deslocamento bem mais rápido. Escolhi um lugar entre as árvores, resguardado por pequenos montes de areia, protegido do vento e iniciei a limpeza da área e a montagem da barraca.

Lavei a roupa e a estendi em um varal improvisado, reparei o casco do caiaque das avarias que sofrera com Silvertape. Estava cansado, frustrado. Era a segunda vez que enfrentara condições adversas extremas em meus deslocamentos, a primeira fora no Rio Guaíba, e a única que tivera que abortar uma travessia.

Tinha decidido descansar e, no dia seguinte, no momento em que o vento diminuísse, tentar novamente a travessia. Saí para observar o local, inúmeros biguás e cágados infestavam as praias que o vento continuava castigando impiedosamente. Tomei um bom banho nas águas da Lagoa e retornei à barraca, montei o colchão de ar e, depois de me hidratar e comer massa crua, descansei um pouco. Recebi informação da Equipe de Coordenação de que a previsão para o dia seguinte era de trovoadas e ventos mais fortes ainda e fui orientado a abortar a Missão.

O Coronel PM Sérgio Pastl providenciou uma equipe de resgate formada pelo 1° Sgt QPM1 – João Batista Prates Pedroso, do Departamento de Ensino da Brigada Militar, e do Sd QPM2 – Evertom Haupenthal, da Escola de Bombeiros. Desmontei o acampamento e remei mais de onze quilômetros até o local onde se encontrava a viatura da equipe de resgate.

Fracasso Anunciado nas Desertas

A Travessia, no seu planejamento original, contava com a presença e apoio, diretamente de bordo, de nosso caro amigo o Coronel PM Sérgio Pastl e seu veleiro Ana Claci. Eu desfrutaria do conforto de sua embarcação nos locais de parada sem a necessidade de montar barraca. Em decorrência de problemas de saúde de sua esposa, ele não pôde me acompanhar, mas continuou se preocupando em fazer contato com todos os elementos que, de uma forma ou de outra, poderiam me apoiar ao longo da rota.

O sinal tinha sido claro. A missão deveria ser executada em outra ocasião. O enfrentamento recente com vento de cento e dez quilômetros por hora no Guaíba tinha sido outro sinal. A época era de ventos fortes na Laguna. Por teimosia, talvez, e condicionantes escolares, alheias à minha vontade, eu tinha de arriscar a qualquer custo. No ano que vem vamos tentar novamente e continuar tentando até atingir nosso objetivo.

E-mail do Velejador Coronel PM Sérgio Pastl

> [...] desde 1992 tenho usufruído de vivências na Laguna dos Patos, e muitas vezes ela me vence. Já fui náufrago nela, veranista, feliz barqueiro a diesel, feliz velejador, passei a noite de 30 de dezembro de

2006 encalhado no Banco do Vitoriano, com a Aninha e os guris. Terrível. Sofri um rebojo em 2006 [...].

Ainda noutra quebrou o mastro, sorte que a dois quilômetros de São Lourenço do Sul. Noutra ocasião, quebrei o motor [...] encalhei no Capão Comprido, e quase perdi um cunhado, o Valdir, afogado, que desceu no banco de areia para empurrar. Noutra, quase encalhei no Banco do Bojuru. Confesso que rezei, e cantei salmos, de tão medroso que fiquei. [...]

Ainda noutra, passei dois dias encalhado [...] no Cristóvão Pereira. Noutra, 31 de dezembro de 2008, ficamos sem vento no Pontal Santo Antônio, e sem o motor [...].

Depois veio um rebojo e entramos "*voando*" em Tapes. Levamos uma hora somente para amarrar o barco no trapiche. [...]

Eu sonho com a Laguna, penso nela todos os dias, por vezes tenho medo, mas é uma cachaça. Para hoje (25 de novembro), a Marinha expedira "*Aviso de Mau Tempo*" na Lagoa e área Alfa, vento **Força 7** da "***Escala Beaufort***". És um bravo. Enfrentaste a Laguna. Não vamos desistir. Vamos nos fortalecer e voltar. [...]

Vamos planejar o combate. Vamos voltar e aproveitar a Laguna em melhores momentos. Ela é linda. SELVA! (PASTL)

Escala Beaufort

O Almirante britânico Sir Francis Beaufort (1774 - 1857) criou uma escala, de 0 a 12, observando as modificações que ocorriam no aspecto do Mar, em consequência da ação dos ventos. Algum tempo depois esta tabela foi adaptada para a terra.

Escala Beaufort

Força	Denominação	Velocidade (km/h)	Aspecto do Mar	Influência em Terra
6	VENTO MUITO FRESCO	**36 a 44**	Grandes vagas de até 3,6 m. muitas cristas brancas. Probabilidade de borrifos.	Assobios na fiação aérea. Movem-se os maiores galhos das árvores. Guarda-chuva usado com dificuldade.
7	VENTO FORTE	**45 a 54**	Mar grosso. Vagas de até 4,8 m de altura. Espuma branca de arrebentação; o vento arranca laivos de espuma.	Movem-se as grandes árvores. É difícil andar contra o vento.
8	VENTO MUITO FORTE	**55 a 65**	Vagalhões regulares de 6 a 7,5 m de altura, com faixas de espuma branca e franca arrebentação.	Quebram-se os galhos das árvores. É difícil andar contra o vento.

Travessia da Laguna dos Patos

Bela Lagoa dos Patos
(Daniela da Cunha)

Quando o Sol desce por entre as nuvens
Posso ver o anoitecer chegando.
Lagoa te quero sempre assim, linda
Nos meus sonhos sempre me alegrando.

Depois da longa noite
Quando pensei que não vinhas
Ouvi teu doce balançar no cais
Das tristes lembranças minhas. [...]

Mais uma vez me proponho a desvendar os arcanos e enfrentar os desafios da Laguna dos Patos, o maior manancial de água doce brasileiro com 265 quilômetros de comprimento e uma superfície de 10.144 quilômetros quadrados, conhecida também como "*Mar de dentro*". Na tentativa anterior (em 2009), os ventos e ondas superiores a três metros e meio determinaram que eu abortasse a missão, um fracasso temporário, jamais definitivo. A jornada pela margem Oriental me fascina tendo em vista a mesma proporcionar maiores dificuldades e não abrigar nenhum núcleo populacional importante em sua costa. O Coronel PM Sérgio Pastl se prontificou em nos apoiar com seu veleiro "*Ana Claci*" acompanhado do Professor Mestre de Educação Física Hélio Riche Bandeira, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA).

Largada da Praia da Varzinha (10.04.2011)

(30°19'17,52" S / 50°54'21,85" O)

Às quatro horas em ponto, do dia 10 de abril do corrente (2011), o Soldado PM Jorge Luz Gomes de Campos, motorista do Coronel Pastl, chegou à minha

residência para transportar a mim, o Professor Romeu Henrique Chala e os caiaques até a Praia da Varzinha, local da largada. No caminho (Vila Itapuã), encontramo-nos com alguns canoístas do Clube de Regatas Almirante Barroso que nos acompanhariam na largada.

Já na margem da Laguna, aguardamos alguns retardatários e partimos, acompanhados de dois caiaques duplos oceânicos e dois da classe turismo, às 06h35 rumo à Ponta do Abreu, lá chegando por volta das 08h15 depois de remar dez quilômetros. As ondas, de través, chegavam a oitenta centímetros e o Romeu estava tendo sérias dificuldades em navegar no meu caiaque modelo Anaico da KTM, retardando considera-velmente a progressão.

Fizemos um alto horário nas proximidades da Ponta do Abreu onde Romeu resolveu trocar o Anaico por um modelo turismo da equipe do Almirante Barroso. Despedimo-nos dos companheiros canoístas e rumamos direto para a Costa da Salvação, enfrentando ondas mais brandas, de meio metro de altura.

O Romeu ainda progredia lentamente e me confessou, durante o percurso, que estava preocupado com o ombro contundido, recentemente e, por isso, diminuí a velocidade de 4 (7,2 km/h) para 3,5 nós (6,3 km/h). Aportamos a 800 metros ao Sul da Ponta do Anastácio, depois de navegar nove quilômetros.

Tentei comunicar-me com o Coronel Pastl, mas, infelizmente, a operadora "*Claro*", outra vez, me deixou na mão. Descansamos um pouco, nos reidratamos e prosseguimos, lentamente, nosso curso. Paramos, no-vamente, por mais de uma hora na Boca do Sangra-

douro da Lagoa dos Gateados (30°30’52,5” S / 50°41’06,7” O), onde tentei, em vão, contatar via telefone ou vislumbrar no horizonte algum sinal do veleiro “*Ana Claci*”. Partimos com a intenção de não só tentar achar nossos amigos, mas também de procurar um abrigo para o pernoite, no caso de um desencontro já que todo o material necessário, sacos de dormir, roupas secas e mantimentos estavam embarcados no veleiro.

Pernoite na Costa da Salvação

(30°34’18,1” S / 50°40’51,2” O)

O Rio

(Manuel Bandeira)

Ser como o Rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas no céu, refleti-las
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o Rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.

Aportamos por volta das 17h15, depois de remar apenas 42 km, próximo a um canal de irrigação onde havia um bolante ([33]) e, depois de verificar que estava aberto, em condições de nos abrigar, tentei, em vão, encontrar alguém que nos autorizasse a utilizá-lo. Não encontrando ninguém, resolvi acantonar assim mesmo. No abrigo, arrastei umas telhas de amianto para um canto, improvisei uma vassoura de capim e varri o aposento. Usei meu neoprene como colchão e deixei à mão um saco aluminizado que havia levado para alguma emergência, a madrugada fria me forçou a usá-lo.

---

[33] Bolante: pequena casa de madeira removível, que serve de dormitório ou guarda de material durante a execução de um serviço.

Partida para Mostardas (11.04.2011)

Acordamos às 05h30, arrumamos, ainda no escuro, nossas tralhas e partimos às 06h10. A ausência dos ventos proporcionou um momento mágico; no horizonte, as nuvens fundiam-se nas águas tranquilas da Laguna dos Patos amalgamando céu e Terra permitindo-me vislumbrar, por um átimo, o diáfano Portal da "*Terceira Margem*". Tive a nítida sensação de mergulhar o remo nas nuvens e deslizar silente rumo ao infinito.

Os prognósticos pareciam ser alvissareiros, partimos com a determinação de encontrar a equipe de apoio e cumprir a jornada mais longa de todo o trajeto. Depois de remar, aproximadamente, vinte quilômetros, encontramos o "*Ana Claci*", cumprimentamos eufóricos seus tripulantes e embarcamos para uma pequena refeição.

Novamente n'água, rumamos para a Ponta de São Simão. Por volta das 14h00, o Coronel Pastl nos convidou para o almoço, o Romeu subiu a bordo e eu declinei do convite, pois não faço nenhuma refeição pesada durante o deslocamento.

Remei devagar e aguardei o Romeu na Ponta de São Simão. O Romeu chegou e arrastamos os caiaques sobre o enorme banco de areia que se estende por uns 25 km de extensão e cuja profundidade variava de 30 a 60 cm. O veleiro sumiu no horizonte contornando o enorme banco de areia já que a sua quilha de 1,5 metros não é retrátil. Aproei diretamente para a direção indicada pelo GPS como sendo o Porto do Barquinho e mantive a velocidade constante de quatro nós (7,2 km/h).

Susto no Barquinho

Chegamos ao Porto do Barquinho às 18h10, uma jornada de doze horas, sendo 10h30 de remo e um percurso de 73 km. Na chegada piquei a voga para não perder a oportunidade de fotografar o pôr do Sol que se avizinhava. Atracamos nos molhes do Porto e ficamos admirando os magníficos matizes que graciosamente se alternavam nas diáfanas nuvens. Aguardamos o veleiro até o anoitecer e, como nossos amigos não aparecessem, resolvemos aportar para esticar as pernas.

Por volta das 22h30, o Ana Claci, finalmente, entrou no Porto e eu sinalizei nossa posição com flashes de minha máquina fotográfica. Os motores do veleiro roncaram ruidosamente até que abruptamente pararam. Resolvemos embarcar nos caiaques e verificar o que acontecera.

A embarcação encalhara e o Professor Hélio e eu saltamos, imediatamente, n'água para tentar empurrá-la para águas mais profundas. Depois de algum tempo de um hercúleo esforço, conseguimos liberá-la e o veleiro se afastou buscando águas mais profundas. O Hélio e eu resolvemos nadar até o barco, mas, no caminho, as forças nos abandonaram e solicitamos apoio de nossos camaradas. O Coronel Pastl jogou um salva-vidas para o Hélio, e eu aguardei calmamente, boiando, até que o Romeu se aproximasse com o caiaque. Felizmente, foi apenas um susto fruto de um corpo exaurido por esforços prolongados e submetido ainda à prova de desencalhar um veleiro do lodo do Porto do Barquinho. O assoreamento do Porto e a ausência de qualquer tipo de estrutura de apoio são uma mostra do descaso das autoridades responsáveis.

Porto do Barquinho

(31°2’53,11” S / 51°0’25,10” O)

O Porto próximo à sede do Município de Mostardas abriga navegadores que fogem dos perigosos rebojos da Laguna ou que simplesmente vem apreciar as belezas do local. Relata-nos Knippling:

> O Porto do Barquinho é uma impressionante obra na Costa Leste da Laguna dos Patos. [...] Foi construído em lugar ermo e isolado, a uns 12 quilômetros de Mostardas, mas sem qualquer via de acesso. A intenção era, ou seria, dar escoamento às safras de arroz e cebola da região. Foram construídos molhes com grandes pedras, trazidas de muito longe, já que não existem na região. O molhe Leste tem 837 metros de extensão e o do lado Oeste tem 762 metros perfazendo, pois, um total de mais de um quilômetro e meio. A distância entre os molhes é de 350 metros. Um razoável tamanho em termos de Lagoa dos Patos e em função da finalidade a que se destinaria. O projeto inicial foi feito em 1924, prevendo apenas um abrigo e atracadouro na Foz do Arroio do Barquinho. Em 1949, o Projeto foi refeito e foi iniciada a construção do primeiro molhe. As pedras foram então trazidas da Serraria, no Rio Guaíba, por duas chatas: a “*Doca I*” e a “*Doca II*”, rebocadas pelo rebocador “*Júlio de Castilhos*”. Foram feitas 57 viagens no total, sem que se conseguisse levar pedras suficientes para o primeiro molhe. Muitas destas viagens eram verdadeiras aventuras, quando o vento soprava forte. As chatas, carregadas ao máximo, eram varridas pelas ondas, e faziam muita água, ficando na iminência de afundar. Depois de três anos, em 1952, os trabalhos foram interrompidos. Em 1977, o Projeto foi reformulado, com verbas mais generosas. As pedras passaram então a ser transportadas via rodoviária da região de Vasconcelos, do outro lado da Laguna, até Tapes. Em Tapes, foi construído um belíssimo Porto, também com molhes de pedra, onde hoje se encontra nosso querido Clube Náutico Tapense. Do Porto de Tapes, as enormes pedras foram transportadas pela barca “*Walda III*”, adquirida para essa finalidade e que originalmente fazia a travessia entre o Rio de Janeiro e Niterói. [...]

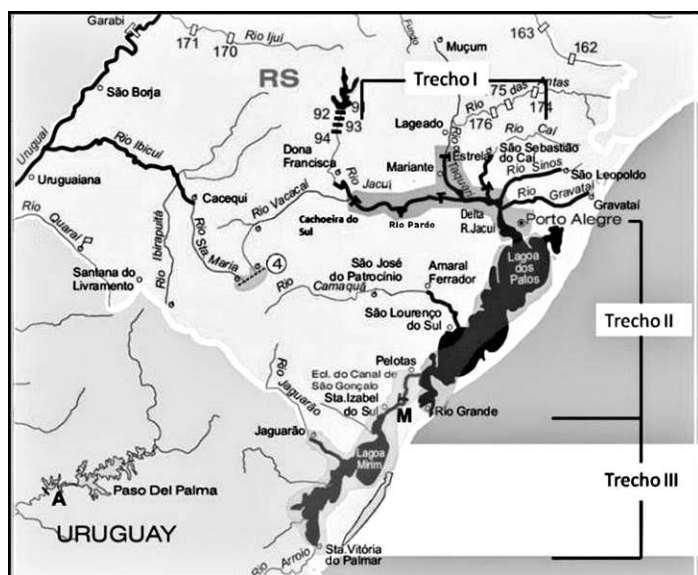



Imagem 02 – Visão Geral da Hidrovia do Mercosul

Desta vez foram feitas 165 viagens. No Barquinho havia uma potente draga para movimentação de areia, bem com escavadeiras, guindastes, caçambas e muito mais: um canteiro de obras completo. Foi uma tarefa difícil, grandiosa e onerosa. Sob ponto de vista técnico, não se poderiam fazer críticas; houve execução competente do que então estava idealizado. Ficou quase concluída em 1979. (KNIPPLING)

O Município de Mostardas sonha com a possibilidade de o Porto do Barquinho ser reativado e modernizado com a concretização da alvissareira Hidrovia do Mercosul. O Complexo Hidroviário prevê obras de dragagem, drenagem, derrocamento, modernização dos terminais de cargas.

A Hidrovia de mais de 650 quilômetros de extensão ligará a Lagoa Mirim e a Laguna dos Patos aos Rios Jacuí e Taquari, contribuindo para o aumento do transporte de cargas nos portos de Pelotas, Porto Alegre, Cachoeira do Sul e Estrela.

Muitas promessas para um sonho cada vez mais difícil de concretizar-se. O Correio do Povo, de 30 de março de 2010, publicou:

PAC II incluiu Hidrovia do Mercosul

Enfim, as hidrovias foram contempladas no PAC II. O Corredor do Mercosul, que parte de Santa Vitória do Palmar e chega a Cachoeira do Sul, através das Lagoas Mirim e Patos e Rios Jacuí e Taquari, é um dos 48 empreendimentos que receberão R$ 2,7 bilhões entre 2011 e 2014. (Denise Nunes)

Partida para o Farol Capão da Marca (12.04.2011)

Acordamos às 05h30 e partimos às 06h10 para o Farol Capão da Marca. Aproei para o Farol Cristóvão Pereira, a 15 km de distância e navegamos nas águas calmas durante aproximadamente duas horas. Aportamos nas proximidades do magnífico Farol, de 30 metros de altura, para descansar.

Farol Cristóvão Pereira

(31°03’42” S / 51°10’12” O)

Construído, em alvenaria, a cerca de vinte e cinco quilômetros a Oeste de Mostardas, ao Norte da Lagoa do Sumidouro, no formato de uma torre de planta quadrada caiada de branco. O Farol tem um lampejo de coloração branca, com uma frequência de dez segundos, plano focal de 30 metros e alcance de treze milhas náuticas (24 km).

A construção teve início em 1858, e foi assim registrada, segundo a Wikipédia, na Correspondência do Intendente do estado para o Vice-Rei no Rio de Janeiro, no seu relatório de atividades de 09.03.1859:

> […] escavou-se o terreno a uma profundidade a encontrar bastante água, estacou-se com 84 moirões de madeira de lei toda a superfície, sobre os quais se engradou com vigas de lei na distância de 3 palmos de uma a outra, e depois de encavilhadas ([34]) encheu-se os intervalos de pedra seca bem calcada: sobre este engradamento levantou-se a sapata de pedra e cal até 10 palmos, e sobre esta levantaram-se as paredes da torre e as das meias-águas seguindo sempre com a planta em vista. Acha-se presente esta obra com os arcos fechados do segundo pavimento e a receber o respectivo madeiramento, e a 45 palmos de altura acima do terreno […].

O Farol, concluído em 1886, começou a funcionar um ano depois, permanecendo ativo até hoje. Em 1992, a Marinha do Brasil demoliu as antigas instalações destinadas ao faroleiro, e selou as portas e janelas da construção com tijolos. O dique que circunda o Farol e lhe serve de proteção, reformado em 2004, se encontra em péssimo estado de conservação, permitindo que as águas revoltas atinjam diretamente a base do Farol comprometendo sua estrutura.

Um tal Cristóvão Pereira de Abreu

(Fonte: Luís Carlos Barbosa Lessa – Rodeio dos Ventos)

> O rico fidalgo português Cristóvão Pereira de Abreu, descendente do condestável Nuno Álvares Pereira, nasceu em Ponte de Lima ([35]), em 1680. Aos 24 anos de idade, veio para o Rio de Janeiro, onde casou com D. Clara de Amorim; mas não teve filhos. Aos 42 anos arrematou, em leilão promovido pelo Rei, o monopólio de couros do Sul do Brasil, mediante o compromisso de pagar à Fazenda Real 70.000 cruzados por ano. Por seu dinamismo de empresário, a Colônia do Sacramento se tornou o maior empório mundial de comércio e contrabando de couros no primeiro quartel do século XVIII, chegando a exportar 500.000 peças por ano.

---

[34] Encavilhadas: unidas com cavilha, peça metálica, que une as vigas.

[35] Ponte de Lima: Vila portuguesa do Distrito de Viana do Castelo.

Entenda-se: quinhentos mil bois, caçados pelos índios "*Minuano*" ou comprados às estâncias jesuíticas, para aproveitamento do couro, ficando a carne a apodrecer no chão das vacarias. Cristóvão Pereira era um apaixonado do Rio Grande – nessa época sem nenhuma Povoação fixa –, e foi um dos primeiros a estabelecer estância, na verde pastagem entre o canal de Rio Grande e a planície de Quintão. Em Carta para o matemático Padre Diogo Soares, que se aprestava para viajar para o Sul a fim de proceder ao primeiro mapeamento do litoral, escreveu:

> Compõe-se esta região de um clima muito ameno, saudável e criador de riquíssimas e férteis terras em que se produzem, com vantagem mui crescida, todos os frutos da Europa: trigo, vinho, linho, toda a casta de frutas, podendo causar inveja aos de qualquer parte do mundo. Sei que Vossa Reverendíssima em breve aqui estará. Por enquanto, para não parecer encarecido e para não cair na censura de ignorante, não direi que o Rio Grande é uma das mais vistosas coisas que a Natureza criou; mas expondo apenas sua grandeza, deixarei o louvor à ponderação de Vossa Reverendíssima.

Por essa época, a ligação entre o Sul e o Centro era feita exclusivamente por navios, que saíam da Colônia do Sacramento [diante de Buenos Aires], tocavam em Laguna e seguiam até São Vicente e Santos. Por terra, ninguém imaginava cruzar, pois entre a planície e o planalto surgiam escarpas praticamente intransponíveis. Mas o Cristóvão Pereira sonhou integrar o Continente do Rio Grande ao restante do Brasil. Com admirável senso mercadológico, percebeu que as áridas montanhas de Minas Gerais produziam ouro, mas não dispunham de pastagens para criar cavalos e mulas, com isto encarecendo o transporte feito ao lombo dos escravos negros. No despovoado triângulo entre Laguna, Colônia e Missões, havia fartura desses animais. Os lagunenses, colonistas, missioneiros e, principalmente, os índios Charrua e Minuano, poderiam fornecer o produto por baixíssimo preço. Mas perdurava um sério problema: a inexistência de um caminho por terra. Então associou-se ao lagunense Francisco de Souza Faria que, com filhos e agregados, levou dois anos até abrir um pobre roteiro serra acima entre o Morro dos Conventos, à beira do Atlântico, e os Campos de Curitiba, no planalto.

Por aí subiu Cristóvão Pereira com uma primeira leva de 800 cavalos e mulas, viabilizando a ligação entre o Sul e a longínqua Vila de Sorocaba. Assegurando-se do apoio do Capitão-General da Capitania de São Paulo, Conde de Sarzedas – que via um bom negócio na cobrança dos quintos ou 20% ([36]) devidos à Coroa – e obtendo capital com prestamistas da Vila de Santos – que viam um bom negócio na cobrança de juros – Cristóvão Pereira tornou a voltar ao Sul. Sua segunda viagem – agora com 130 tropeiros levando 3.000 animais – durou um ano e dois meses até Sorocaba, e nesse percurso foi alargando e melhorando o caminho, inclusive com a construção de quase 300 pontilhões. Valeu a pena: somente os quintos para a Fazenda Real significaram o montante de 10.000 cruzados!

O negócio prometia ser ainda mais rentável que o comércio e exportação de couros, e o Conde de Sarzedas pediu aos agiotas que não molestassem Cristóvão Pereira até que ele voltasse, com ainda maior número de mulas. E assim se iniciou o fabuloso ciclo dos tropeiros, interligando o Rio Grande a Sorocaba – centro de comercialização – para fornecimento de cavalgaduras às Minas Gerais e ao Porto do Rio de Janeiro. Encurtando caminho, sem ir até o Morro dos Conventos, Cristóvão Pereira abriu um novo roteiro, diretamente entre os campos de Viamão e os Campos de Lajes, e por aí foram surgindo os primeiros esboços de povoações: Santo Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula e Capela de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria. Tal movimentação despertou, obviamente, a reação de Espanha: a leste da Colônia do Sacramento é fundada, atrevidamente, a cidadela de Montevidéu.

Em 1735, Cristóvão Pereira encontrava-se nas Minas Gerais, firmando novos contratos para o fornecimento de mulas, quando é convocado para uma reunião urgente no Rio de Janeiro. Ali o recebem o Capitão-General daquela Capitania, Brigadeiro José da Silva Pais, o Capitão-General de São Paulo, Conde de Sarzedas, e o respeitável General Gomes Freire de Andrade, chegado de Lisboa como representante pessoal do Rei D. João V.

---

[36] Quintos ou 20%: 1/5 ou 20/100.

O próprio General Gomes Freire foi quem lhe expôs o problema: os espanhóis de Buenos Aires e da nascente Povoação de Montevidéu, com apoio dos espanhóis das Missões Jesuíticas, estavam decididos a invadir o Continente até a Ilha de Santa Catarina. Se não houvesse uma pronta operação de defesa, aquele território seria irremediavelmente perdido. Então D. João V, reconhecendo não haver entre as tropas regulares um oficial com experiência bastante para exercer comando naquela despovoada região, pedia que Cristóvão Pereira assumisse a chefia das operações de terra, em conexão com o Brigadeiro José da Silva Pais, que desceria com navios até algum ponto de encontro no Sul. Aceitando a temerária incumbência, Cristóvão Pereira recebeu um bando ([37]), assinado pelo Conde de Sarzedas e assim lido à sua passagem rumo ao Sul:

> Toda a pessoa que quiser ir em defesa da campanha do Rio Grande fará seus os saques do que em guerra tão justa tomar ao inimigo, tanto de cavalgaduras e boiadas como de ouro e prata. Além disso, será premiada com todas as honras que merecer o avultado da ação que cada um obrar. E, outrossim, toda pessoa que quiser com sua família ou por si povoar aquela mesma campanha, desta parte lhe serão dadas as sesmarias que pedir.

Apesar de tão atraentes promessas, apenas 160 heróis se apresentaram, voluntariamente, ao Coronel Cristóvão Pereira de Abreu. E com esse punhado de homens, ele susteve, à entrada do canal de Rio Grande, eventual ataque inimigo, enquanto o prometido apoio por Mar não lhe chegava. Passaram-se um mês, dois meses, três meses, quatro, cinco, até que apontaram no horizonte as esperadas naus. O valoroso Coronel preparou o local que lhe parecia mais adequado ao estabelecimento de uma povoação fortificada. E a 19.02.1737, o Brigadeiro Silva Pais descia a terra, com um contingente de 254 arcabuzeiros e dragões, dando nascimento ao quartel e Vila de Rio Grande – núcleo inicial da Capitania Real de São Pedro do Rio Grande do Sul. Cristóvão Pereira faleceu a 22.11.1755, naquela própria Vila de que fora o fundador. (LESSA)

---

[37] Bando: anúncio público.

Rumo ao Farol Capão da Marca

Contornamos o Cristóvão Pereira e seguimos para o Sul rumo ao Farol Capão da Marca. Antes da segunda parada, encontramos diversos Capororocas e um solitário Cisne-de-pescoço-preto ([38]).

Na segunda parada, encontramos um bando de cágados ([39]) que se aqueciam indolentemente ao Sol e um solitário pescador acampado no deserto de pinheiros. Os pinus infestam as margens da Laguna, afugentando a fauna, sufocando a flora nativa, uniformizando monotonamente a paisagem e provocando uma nova dinâmica eólica que, por sua vez, resulta no aterramento de banhados e descaracterização do sistema dunário.

Na terceira parada, tentamos aportar junto a uma curiosa placa de trânsito interrompido, em plena Praia, que apontava para os Jipeiros a rota a ser seguida. Saímos às pressas, perseguidos por um enxame de marimbondos que estavam construindo uma colmeia na dita placa. Paramos a uns 50 metros adiante e travamos contato com o simpático senhor "*NE*", morador de Tavares.

---

[38] Cisne-de-pescoço-preto (Cygnus melancoryphus): asas brancas, cabeça e pescoço negros, base do bico e pés vermelhos. Considerado pela maioria dos biólogos como o único cisne sul-americano.

[39] Phrynops hilarii: cágado de água doce da família Chelidae, também conhecido como cágado-de-barbelas ou cágado-cinza. Possui carapaça oval e achatada, atingindo até 40 centímetros de comprimento e chegando a pesar 5 quilos e viver até 40 anos. A cabeça é achatada, o focinho pontudo e possui dois barbelos na parte inferior da cabeça. A espécie é onívora e habita Rios, Lagos e Brejos onde haja vegetação aquática abundante. A época da postura ocorre, normalmente, nos períodos de fevereiro a maio e de setembro a dezembro. A fêmea bota de 9 a 14 ovos, podendo, eventualmente, pôr até 30 ovos, com um período de incubação estimado de cinco meses.

Depois do descanso, remamos diretamente para o Farol e, no caminho, cruzamos por um bando de mais de trinta Capororocas. Aportamos no Capão da Marca e fizemos, imediatamente, um reconhecimento do belo Farol, conversamos com pescadores de Cidreira que ali tinham se instalado temporariamente. Tomei um bom banho e aguardamos a equipe de apoio por 3 horas antes de embarcar no veleiro para o pernoite.

Farol Capão da Marca
(31°18′55,7″S / 51°09′50,2″O)

O Governo da Província de São Pedro do Sul havia encaminhado, em 1827, sem sucesso, ao Imperador D. Pedro I, um pedido de instalação de faróis na região.

O Governo da Província resolveu, então, dar andamento ao projeto com recursos próprios. Pouco mais de duas décadas se passaram antes de entrar em operação os primeiros faróis da Laguna, entre eles Capão da Marca, inaugurado em 05.09.1849, situado aproximadamente a onze quilômetros a SO de Tavares.

O precário farol era composto de uma torre de madeira com pouco mais de 7 m de altura, equipada com um lampião cujo alcance era de 5 milhas.

Em 25.03.1881, foi aceso o novo farol, uma torre octogonal de ferro, de 19 m de altura, fabricado pela empresa francesa BBT (Barbier, Benard e Turénne), criada, em 1862, com o nome de Barbier & Fenèstre, e que se tornou líder mundial em instalações e equipamentos para faróis até o início do século XX. O lampião foi substituído por um aparelho de luz fixa de 4ª ordem, aumentando o alcance para 11 milhas. A montagem foi dirigida pelo próprio Diretor de Faróis, Capitão-de-Fragata Pedro Benjamin de Cerqueira Lima.

O modelo, único do país, foi pintado de roxo-terra por volta do início do século XX e assim permaneceu até sua automatização, com equipamentos a gás acetileno, em 1960. Atualmente o farol totalmente pintado de branco, está equipado com sistema de balizamento estroboscópico automático, alimentado por energia solar, emitindo sinais de luz vermelha com alcance geográfico ([40]) de 13 milhas náuticas (24 km).

Partida para Bojuru (13.04.2011)

Antes de partir, fui até a Praia, acompanhado pelo professor Hélio, fotografar o Farol. Depois partimos, o Romeu e eu, rumo a Bojuru. Aportamos, para descansar, em um banco de areia e avistamos, ao longe, o veleiro parado. O Romeu resolveu remar rapidamente na sua direção, achando que a intenção dos tripulantes era orientar nossa progressão e servir de apoio no meio da Laguna para descanso. Ledo engano!

A nave penetrou na densa e distante bruma que se formava e sumiu no horizonte. Eu tinha alinhado a proa diretamente para a Ponta do Bojuru para diminuir a distância da remada, mas o Romeu preferiu aportar a meio caminho para esticar as pernas. Alterei a rota e aportamos em uma Praia igualmente tomada pelos nefastos pinheiros.

---

[40] Alcance Geográfico: é a maior distância da qual um sinal náutico qualquer pode ser visto, levando-se em conta sua altitude local, a altura dos olhos do observador em relação ao nível do mar, a curvatura da Terra e a refração atmosférica. A linha de visada do observador a um objeto distante é, no máximo, o comprimento tangente à superfície esférica do mar. [...] De acordo com as normas da Associação Internacional de Sinalização Maritíma, o alcance geográfico de um sinal indicado nos documentos náuticos deve ser aquele calculado para um observador cujos olhos encontram-se elevados 5 metros acima do nível do mar. (DHN)

Voltamos para a água e, como o Romeu não estivesse em condições de remar diretamente para a Ponta do Bojuru, alinhei a proa para um enorme barranco ao longe. A imagem era conhecida, o Comandante Geraldo Knippling havia imortalizado a falésia e suas centenárias figueiras (figueira-branca – Ficus organensis) no seu livro: "*O Guaíba e a Lagoa dos Patos*". Aportamos aos pés do magnífico monumento natural, uma área de preservação permanente, onde a natureza era soberana.

A bela e diversificada mata nativa me encantava e resolvi escalar a falésia para registrar as belas imagens das cercanias. Do alto de uma centenária figueira, consegui contatar precariamente o Coronel Pastl e informá-lo de nossa posição. As três belas figueiras de Knippling estavam sendo ameaçadas por praticantes de Rallye. As duas trilhas tangenciavam suas colossais raízes, arrancando a vegetação rasteira e acelerando a erosão, expondo, dramaticamente as raízes dos formidáveis e seculares colossos naturais.

Curiosamente os praticantes deste esporte se intitulam "*amantes da natureza*". Depois do descanso, partimos para mais um "*tiro*" de doze quilômetros até as ruínas do Farol de Bojuru onde nos aguardava a equipe de apoio.

Farol de Bojuru (ou Bujuru)

Fonte: Carlos Altmayer Gonçalves – Manotaço

O antigo Farol de Bujuru foi construído junto com os faróis de Itapuã, Cristóvão Pereira e Ponta Alegre (este último na Lagoa Mirim). Estas obras iniciaram no ano de 1858. O projeto era o mesmo, com exceção ao de Itapuã, com a diferença que Cristóvão tem 30 metros de altura e os outros 2 apenas 20 metros. Bujuru já caiu. Quando eu o conheci há cerca de 33 anos, tinha ainda a casa do

faroleiro, o pátio e as figueiras; coisas que hoje não existem mais, foram comidas pelas águas. Quem passa pela ponta de Bujuru avista uma ilhota, afastada cerca de 100 metros da ponta de areia. Aquilo é a ruína do farol. Note-se que ele foi construído a cerca de 100 metros da ponta de areia, terra adentro é claro. Logo a ponta recuou perto de 200 metros ao longo destes 150 anos. (MANOTAÇO)

Farol de Bojuru

(31°29’09,3” S / 51°25’15,3” O)

Aportei na Ilha onde antes existira o belo Farol para tirar algumas fotos das ruínas. As pequenas figueiras resistiam estoicamente agarrando-se nos escombros. Depois das fotos, partimos rumo ao “*Ana Claci*” para encontrar a equipe de apoio. Combinamos que, nas proximidades da Barra Falsa do Bojuru, eu iria de precursor do veleiro fazendo a sondagem, com o remo, verificando uma rota que permitisse ao “*Ana Claci*” chegar em segurança ao Porto. Durante o deslocamento, eu admirava, extasiado, a bela vegetação do Capão de Mato da Barra Falsa do Bojuru ([41]).

Depois de um percurso exaustivo em que eu usara o remo para sondar e remar ao mesmo tempo, ancoramos no Porto do engenho de arroz do Sr. Paulo Santana (31°34’19,9”S / 51°27’38,4”O) que nos recebeu gentilmente e determinou ao seu capataz que nos desse toda a atenção necessária. Como se tivéssemos combinado o horário chegou o último membro da expedição, o Tenente-Coronel PM Luís Kruger, uma lenda viva do Corpo de bombeiros do Rio Grande do Sul – um recordista de salvamentos.

---

[41] Barra Falsa do Bojuru: o nome de “*Barra Falsa*” foi dado em virtude de alguns incautos navegadores de outrora, por vezes, confundirem-na com a Barra de Rio Grande. (Sérgio Pastl)

O Ten-Cel Kruger mal chegou e já foi fazendo uma fogueira para assar uns frangos que comprara, na cidade de Bojuru, a mando do Coronel Pastl. Depois do jantar, fomos nos instalar em uma casa do engenho que tinha como ponto alto um chuveiro com água quente.

No dia 14 de abril permanecemos em Bojuru, tendo em vista a previsão de condições meteorológicas adversas. O Ten-Cel Kruger aproveitou para pescar alguns lambaris para o almoço e depois, atendendo a um convite do Romeu, correram 8 km.

Eu e o Hélio fomos de caiaque até o Capão de Mato que nos encantara no trajeto, na Ponta do Bojuru. Desembarcamos na ponta Sul do Capão e saímos a pé para apreciar e fotografar a vegetação nativa.

Os troncos das enormes figueiras eram verdadeiros jardins suspensos, tomados por bromélias, orquídeas, fungos e líquens. O passeio, pela diversificada vegetação emoldurada pelas dunas majestosas, era uma verdadeira ode ao espírito e aos sentidos humanos, descobrimos um espécime de orquídea em plena floração extemporânea, encantamo-nos com as longas barbas de bode ondulando ao vento, produzindo um maravilhoso efeito de animação nos gigantescos e estáticos troncos dos formidáveis monumentos arbóreos ao mesmo tempo em que impunham um ar fantasmagórico a um solitário ninho de João de Barro, experimentamos a textura dos exóticos fungos e liquens e fomos envolvidos pelo inebriante aroma das flores do funcho silvestre.

Ao retornar ao Porto, um espetáculo à parte, um belo cisne-de-pescoço-preto nadava despreocupadamente a pouco mais de 50 m de nossos caiaques.

Partida para a Ponta dos Lençóis (15.04.2011)

Às nove horas, fomos informados que a previsão de mau tempo falhara e resolvemos partir imediatamente. Novamente atuei como precursor do veleiro, executando a exaustiva e morosa sondagem.

Liberado da sondagem, partimos diretamente para a margem a Oeste de nosso deslocamento. A pedido do Romeu, fizemos a primeira parada.

Meu companheiro, que em vez de tentar recompor as energias, no dia anterior, preferira correr oito quilômetros com o Coronel Kruger apresentava nitidamente sinais de cansaço. O Romeu continuava remando lentamente, embora as ondas de través não ultrapassassem os trinta centímetros. Fizemos mais uma parada para que o Romeu me alcançasse.

Fui até o veleiro e comentei com o Coronel Pastl a respeito de minha dúvida em relação à distância em que se encontrava a tal Ponta dos Lençóis.

Fiz mais uma parada aproando diretamente para um enorme bando de flamingos ([42]) que mariscavam desatentos. Cheguei a uns 40 metros deles e os belos animais me olharam sem esboçar qualquer tipo de reação. Aportei e dirigi-me lentamente até o bando que, finalmente, levantou voo exibindo sua magnífica plumagem rosada. Infelizmente eu havia deixado a máquina fotográfica no veleiro de apoio.

---

[42] Flamingos (Phoenicopterus chilensis): animais de hábitos migratórios podem voar até 500 quilômetros por dia em busca de alimento e locais para nidificação. Botam apenas um ovo que eclode depois de 29 dias de incubação. Sua dieta compõe-se principalmente de vegetação e invertebrados aquáticos. Esses invertebrados ricos em caroteno conferem-lhes a coloração rosada.

Hidratados, embarcamos nos caiaques e nos deslocamos rumo ao Canal dos Gordos (31°45'56,2" S / 51°39'27,3" O) um estreito Canal de 90 cm de profundidade, localizado a SO da Lagoa Doce. Lá chegando, fui até o veleiro perguntar ao Coronel Pastl aonde atracaríamos. Nosso caro amigo informou que havia se enganado e que nosso destino (Ponta dos Lençóis) ficava a 11 milhas náuticas (19,8 km) adiante.

Informei que devido ao adiantado da hora não conseguiríamos chegar até a Ponta, mas que iríamos tentar nos aproximar o mais perto possível dela e que, antes disso precisávamos fazer uma pequena pausa para descanso. Depois da breve parada, partimos e observei preocupado que o veleiro continuava parado, mais tarde soube que eles não haviam notado nossa partida.

Entramos em uma área de pesca de camarão, os milhares de calões que suportam as redes lembravam o mastro de nosso veleiro dificultando sua identificação. A progressão, facilitada pelo vento de popa, permitia-me surfar rapidamente enquanto o Romeu lutava para dominar seu caiaque. Comecei a me preocupar, não enxergava o veleiro, de repente avistei uma luz no horizonte, achei que se tratava do mastro do "*Ana Claci*", apontei a proa naquela direção e, logo em seguida, outras luzes começaram a pipocar em todos os calões.

Desisti de tentar identificar nosso barco de apoio. O Sol estava próximo do horizonte e voltei minha atenção para a margem em busca de abrigo. Identifiquei uma pequena Colônia de Pescadores e, mais além, apenas dunas de areia, decidi buscar guarida junto a eles.

Comunidade de Pescadores do Estreito

(31°47'20,7" S / 51°45'19" O)

Contatei, em terra, a senhora Sabrina e perguntei se ela teria um lugar que pudéssemos pernoitar. Ela apontou para um barraco próximo e disse que, logo que o marido voltasse da pescaria, ele nos entregaria a chave do mesmo. Arrastei o meu caiaque para perto do barraco.

De repente, apareceu o Sr. José Luís Jardim da Silva (Zé do Dedé) que ajudou o Romeu a carregar o seu caiaque e disse que pernoitaríamos no seu barraco. Ofereceu-nos café e roupa seca já que nosso material estava todo no veleiro. Sua nora Tatielly Silva de Farias arrumou uma cama e cobertas para dormirmos em um barraco ao lado do deles.

Mais tarde, fomos presenteados com um saboroso prato de enormes camarões pelos amigos pescadores. Durante o jantar, o Zé apontou para umas luzes a SO, dizendo que deveriam ser nossos amigos atracados. As luzes se afastaram um pouco (soubemos, no dia seguinte, que o "*Ana Claci*" perdera uma das âncoras) e retornaram mais tarde.

Não estávamos em condições de arriscar uma navegação noturna até um alvo não confirmado. Depois do saboroso prato de camarão servido no jantar, fomos dormir.

No dia seguinte (16 de abril), estávamos tomando café quando o Zé avistou o veleiro passando em frente à Comunidade, o Romeu embarcou no Barco do Josué Amaral da Silva (filho do Zé) e eu montei na garupa da moto do José Luís e fomos à frente para sinalizar que estávamos por ali.

O veleiro ancorou e o Coronel Pastl subiu no barco do Josué e veio me encontrar em terra. O Coronel Pastl confirmou que eles haviam ancorado a Sudoeste da Comunidade onde tinham sofrido avarias no casco da embarcação que os forçara a passar a noite retirando água do veleiro. Precisavam retornar a Tapes para consertar o barco e nós teríamos de prosseguir sozinhos para Rio Grande.

Fomos a bordo pegar algumas roupas quentes, sacos de dormir e uma pequena barraca. Decidimos partir, no dia seguinte, diretamente para Rio Grande. De tardezinha, acompanhamos nossos amigos pescadores na sua faina diária de preparar as redes e colocar as luzes nos calões para atrair os camarões.

Partida para a Ponta Rasa (17.04.2011)

Acordamos cedo arrumamos o barraco e resolvemos não incomodar nossos anfitriões que ainda dormiam e partimos por volta da seis horas. Os ventos do quadrante Oeste formavam ondas de um metro que atingiam perigosamente o barco de través, forçando-me a bordejar (ziguezaguear). O esforço de remar contra as ondas era compensado com a possibilidade de surfá-las no retorno. Eu inclinava o Corpo contra as ondas e, eventualmente, apoiava o remo a bombordo para evitar o tombamento.

Naufrágios na Ponta dos Lençóis

O Romeu foi derrubado por duas vezes e ajudei-o a esvaziar o caiaque cheio d'água. Resolvi navegar em uma área protegida por um banco de areia enquanto o Romeu insistia em arriscar a navegação em área aberta. Meu companheiro, colhido pelas águas, teve seu caiaque virado novamente e parei para ajudá-lo.

O Romeu estava visivelmente abatido, fui a pé mais à frente reconhecer nosso trajeto e procurar uma alternativa mais segura. A uns quatrocentos metros à frente, poderíamos nos deslocar protegidos pelo banco de areia até o extremo Sul da Ponta dos Lençóis.

Arrastei o caiaque pelas águas rasas até onde poderíamos reiniciar a navegação e fui ajudar o Romeu com o seu. Isto feito, reiniciamos nossa jornada até a Ponta dos Lençóis onde passamos por um grupo de pescadores e enormes bandos de biguás.

Ponta dos Lençóis
(31°48’09,6” S / 51°50’29,2” O)

Paramos perto da Ponta dos Lençóis e mostrei ao Romeu nosso destino, a Ponta Rasa, a uns dezessete quilômetros a Oeste. A pouca profundidade garantia uma travessia segura, mas meu companheiro não estava em condições psicológicas de enfrentar uma travessia de mais de duas horas sem a possibilidade de uma parada intermediária.

Concordei em margear, o que aumentaria o percurso em mais de 10 km. Ultrapassada a Ponta, o vento mudou, vindo de NE, facilitando a navegação.

Depois de remar 40 minutos, parei e comuniquei ao Romeu que estávamos progredindo muito lentamente (3 km/h) e que precisávamos atalhar, aproveitando o vento, para a margem oposta.

Feito isso, eu conseguia progredir com muito pouco esforço, surfando e usando o corpo e as pás do remo como uma vela para impulsionar o caiaque enquanto meu companheiro, ressabiado, procurou o abrigo seguro das margens, retardando a progressão.

Aguardei o Romeu em um acampamento de pescadores e, depois de declinar do churrasco e café que gentilmente nos ofereceram, continuamos a viagem.

O anunciado ciclone se desviara para o Oceano aumentando, porém, a intensidade dos ventos para rajadas de até 40 km/h, facilitando bastante o deslocamento, naveguei a 7,2 km/h sem remar, simplesmente surfando, usando o leme para manter o caiaque no alinhamento das ondas e segurando o remo, na horizontal, como uma vela.

Volta e meia eu olhava para trás para ver se o Romeu estava me acompanhando e verifiquei que ele havia atracado em um Capão de Mato à retaguarda, resolvi parar também, mais adiante, próximo a outro acampamento de pescadores (31°51’47,54” S / 51°50’40,98” O).

Acampamento do Irailson

O Romeu apareceu algum tempo depois, sem o caiaque, dizendo que não estava em condições de me acompanhar e sugeriu que eu continuasse sozinho. Recomendei que ele buscasse o caiaque e que aguardássemos o tempo melhorar para depois tomarmos uma decisão. Ele chegou arrastando o caiaque e, depois de tomar um café quente oferecido pelo amigo Gilmar Santana Costa, decidimos, de comum acordo, partir na madrugada seguinte para Rio Grande.

No acampamento, conhecemos o inquieto, alegre e inteligente Thainan Vaz Costa e seu pai Delvair Silveira Costa (Neneco). Como o meu telefone, mais uma vez, não funcionasse, o Thainan se prontificou a

avisar os familiares e amigos que estávamos bem apesar do "*ciclone extratropical, três naufrágios e quase dois afogamentos*". Declinei da oferta e, brincando, qualifiquei-o de "*terrorista*", tendo em vista que seu aviso provocaria muito mais preocupação do que tranquilidade. Depois da tempestade, as águas se aquietaram, a chuva se foi e o Sol apareceu radiante.

O Gilmar nos brindou com um saboroso almoço, o Romeu aproveitou para deitar e descansar um pouco e eu fui com o Neneco, na sua moto, até um orelhão, na BR-101, que, infelizmente, estava inoperante por falta de energia provocada pelo temporal. Ao retornar, ele encontrou um amigo que solicitamente permitiu que eu usasse seu celular (VIVO) para notificar à equipe de apoio terrestre nosso paradeiro e programação futura.

Regressamos ao acampamento e encontramos o Irailson que voltara para auxiliar o Gilmar a colocar as luzes nos calões e lançar uma rede de uns 400 m para as tainhas. Resolvemos acompanhá-los e fomos brindados com um pôr do Sol e uma lua cheia magníficos.

Hospitalidade Gaúcha

Retornando ao acampamento, o Irailson fez questão que dormíssemos em dois bolantes de sua propriedade. As casinhas de madeira eram muito confortáveis e impecavelmente limpas, com fogão, cama e luz elétrica, foi um excelente pernoite.

A perspectiva de concluir a missão no dia seguinte nos animava, estávamos bem alimentados e tínhamos dormido em camas secas e quentes. Mais uma vez a hospitalidade gaúcha se fazia presente e em nós crescia a esperança e a fé na humanidade de nossa gente.

Amizade de Gaudério
(Maurício Tomazini)

[...] Vem, te aprochega gaudério ([43])
Não tenhas medo de conversar
Não estás sozinho nesta jornada
Diga peão, que aqui te espero
Como um soltar de invernada
Sem muito jeito, porém sincero.

[...] Num gesto de amizade existe
Um coração a pulsar calado
Cruzo campos sem cansar
Nesta vida sem ser matreiro ([44])
Sempre uma mão amiga a pairar
Num rancho pobre de algum campeiro.

Partida para Rio Grande (18.04.2011)

O Gilmar preparou um café antes de sairmos e foi com o Neneco assistir a nossa partida. Às 05h00, deixamos para trás os queridos e hospitaleiros amigos que esperamos, se o Patrão Velho de Todas as Querências permitir, reencontrar futuramente. A calmaria das margens foi substituída por ondas de proa de quarenta centímetros quando nos afastamos da costa. Insisti, por diversas vezes, com o Romeu que aproasse com a Lua, mas o camarada socialista parece ter uma tendência direitista arraigada no cerne de sua alma que o levava a se afastar acompanhando a direção das ondas vindas de Boreste.

Fizemos uma parada, às 06h50, e, depois, prosseguimos navegando afastados da costa em virtude da pouca profundidade no entorno da Ponta Rasa. Fizemos mais uma parada antes de contornar a Ponta

---

[43] Gaudério: indivíduo sem paradeiro, andarilho.
[44] Matreiro: manhoso.

Rasa e avistar Rio Grande. Paramos numa Ilhota situada na extremidade Este da Ponta Rasa (31°50’24,3” S / 52°05’55,2” O) e decidi atravessar direto para a outra margem (Ilha da Torotama), levando em conta a leve brisa e os calões, ao longe, que acusavam a pouca profundidade do local. Aproei para uma caixa d’água que se avistava ao longe e informei ao Romeu da rota (SSO) a ser seguida. Meu companheiro, mais uma vez se afastava do alvo, adotando uma rota para Oeste. No meio do canal, gritei para ele alertando que, se continuasse assim, ele acabaria aportando na Praia do Laranjal, em Pelotas e ele corrigiu, finalmente, a rota. Aportamos nas praias de um casario mais ao Sul da Ilha da Torotama (31°55’05,5” S / 52°08’25,2” O), e, logicamente, mais próximo da Ilha dos Marinheiros por volta das 12h30.

Foco na Missão

Pela segunda vez, em todo o trajeto, minha sofrível operadora de celular (CLARO) deu sinal de vida. Eram os Bombeiros Militares, acionados pelo Coronel Pastl, avisando que estavam em condições de nos acompanhar. Avisei que às 15h00 estaríamos aportando na Marina do Rio Grande Yacht Club. Tomei um pouco de água e a última cápsula de guaraná me preparando para partir.

Exortei o Romeu a prosseguir, já que nosso destino estava muito próximo (15 km), mas meu amigo insistiu em fazer uma refeição e descansar um pouco. Disse que precisávamos partir, já que os bombeiros nos aguardavam. Engoli um sanduíche que ele havia feito e segui meu destino sozinho. Tinha certeza de que meu parceiro não enfrentaria nenhum perigo no deslocamento já que todo o trajeto era extremamente raso.

Chegada em Rio Grande

Imprimi um ritmo forte (7,5 km/h) e, a meio caminho entre a Ilha da Torotama e a Ilha dos Marinheiros, avistei os amigos bombeiros que manobravam para escapar dos baixios ao Norte da Ilha dos Marinheiros.

Pedi que acompanhassem meu companheiro que vinha logo atrás e segui direto para a Marina do Rio Grande Yacht Club. Quando me aproximava de meu objetivo final, avistei minha cara companheira Rosângela Schardosim me aguardando no cais.

Aportei, descarreguei o caiaque e fui tomar um banho antes de partir para Bagé, onde um churrasco de cordeiro me aguardava na casa da mãe dela. Aguardei o Romeu, que tinha parentes em Rio Grande, chegar e parti para a Rainha da Fronteira. No trajeto, os belos campos cobertos de mata nativa e magníficos rochedos me reportavam aos tempos de infância, quando visitava com meus pais as fazendas de amigos.

Em Bagé, as antigas construções emprestam à cidade uma beleza ímpar que, infelizmente, as autoridades e alguns proprietários ignorantes teimam em destruir. Como seria bom que o poder público incentivasse os proprietários dessas relíquias arquitetônicas com tarifas mais baixas nos seus IPTUs desde que as mantivessem intactas e bem conservadas.

Conjunto Canoísta/Caiaque

Quero deixar registrado meu profundo agradecimento aos amigos pescadores que tão gentilmente nos acolheram nessa difícil jornada. Afirmo, como ensinamento, mais uma vez, que o conjunto canoísta/caiaque é por demais importante.

O canoísta precisa aprender a enfrentar condições adversas e manter o equilíbrio físico e mental, deve levar em conta que um caiaque inadequado pode comprometer a missão e os prazos planejados como foi o caso do caiaque do Professor Romeu.

Mais uma vez tenho de louvar a performance de minha nau "*Argo*" – um caiaque Oceânico Individual modelo Cabo Horn, da Opium FiberGlass. O amigo Fábio Paiva está de parabéns! Sob as mais adversas condições, seu caiaque deu demonstração de ser único no gênero. Tenho constantemente colocado em cheque sua estabilidade, conforto e capacidade de carga e, em nenhuma delas, ele me desapontou.

El Río y Tú
(Mercedes Sosa)

Aquel atardecer
Sentí el rumor del Río y tú.
La canción del agua
Aprendió tu voz
Y el corazón de la lluvia
La trajo a mi corazón.

Diré tu nombre azul,
Tu esbelto andar bajo la luz
Para que hasta el viento
Sepa dónde estás
Con tu sonrisa pequeña
Soñando con mí cantar.

La canción del Río y tú
Que la lluvia aprendió del Mar.

Gusmão e o Tratado de Madrid

CADERNOS DA «SEARA NOVA»
SECÇÃO DE ESTUDOS HISTÓRICOS

ALEXANDRE DE GUSMÃO
E O TRATADO DE MADRID

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO RIO DE JANEIRO
NO PALÁCIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (ITAMARATI)
EM SETEMBRO DE 1949

POR
JAIME CORTESÃO

LISBOA
«SEARA NOVA»
1950

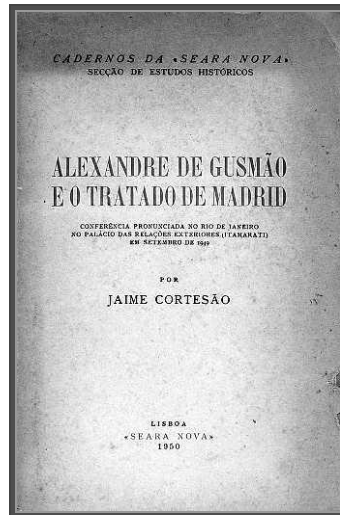



Imagem 04 – Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid

Pampeano
(Adair de Freitas)

Pampeano monta o flete da esperança
Pra percorrer os campos do porvir
Esquece das espadas e das lanças
Que a luz de um novo mundo vai surgir. [...]

Nas asas do condor quero voar
Nos rumos do minuano quero ir
Levando um canto novo pra cantar
Buscando um novo canto para ouvir
E nesta vastidão de campo e céu
Tornar reais meus sonhos de guri
Ao ver a pampa unida ser feliz
Na América do Sul onde nasci. [...]

O Farol e a Ponta Cristóvão Pereira, situados à margem Oriental da Laguna dos Patos, receberam este nome em homenagem ao mais importante tropeiro de todos os tempos – o fidalgo Cristóvão Pereira de Abreu.

No dia 13.07.1678, Cristóvão Pereira nasceu em Portugal, na freguesia de Fontão, em Ponte de Lima. Aos 24 anos, Cristóvão Pereira veio para o Brasil e aos 42, arrematou o monopólio de couros do Sul do Brasil, assumindo o compromisso de pagar, anualmente, 70 mil cruzados à Fazenda Real. Surgiu, então, um tipo regional fruto deste comércio e de um gênero de vida perfeitamente adaptado à geografia sulista – o gaúcho, que os historiadores platinos descreviam como "*homens rústicos e descalços, envoltos no poncho, "hipocentauros", aos quais não falta a viola, o cavalo, as bolas ([45]), o laço e a faca para apanhar uma rês e assar a carne de que se alimentam, trabalhando apenas para adquirir o tabaco que fumam ou o mate que bebem sem açúcar, durante todo o dia*". Para entendermos melhor o contexto histórico em que viveu Cristóvão vamos reproduzir um capítulo da obra "*Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*", da lavra do médico, escritor e historiador português Jaime Z. Cortesão.

O Território da Colônia, Berço do Uruguai e do RS

> Para compreendermos o conflito armado do Prata, desencadeado entre 1735 e 1737, nas circunstâncias que o condicionaram e determinaram, devemos ainda ocupar-nos das origens da formação da atual República do Uruguai e do Estado do Rio Grande do Sul. O fato que, segundo cremos, vamos pela primeira vez enunciar com a devida clareza é este: desde os fins do século XVII e, mais que tudo, depois da terceira fundação da Colônia do Santíssimo Sacramento, em 1716, os portugueses haviam criado no Território da Colônia, vaga expressão que abrangia as regiões que hoje se dividem entre o Uruguai e o Rio Grande do Sul, uma economia nova e um gênero de vida próprio, dos quais pela colaboração com os espanhóis de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes veio a sair um tipo social específico, – o do gaúcho, que se tornou comum aos dois Estados uruguaio e rio-grandense.

[45] Bolas: boleadeiras.

Quando, em 1735, estalou ([46]) o conflito diplomático de Madri, mero pretexto para desencadear as hostilidades contra a Colônia, essa formação econômica havia chegado ao auge e urgia um esclarecimento decisivo sobre o problema da soberania naquelas vastas regiões. As bases de duas novas entidades políticas estavam lançadas, nas suas semelhanças e diversidades, pela colaboração e o conflito igualmente inevitáveis entre espanhóis e portugueses na banda Setentrional do Prata. Datam de então verdadeiramente as origens do Uruguai e os motivos por que a vaga expressão geográfica do Território da Colônia veio a objetivar-se em dois Estados. Fundam-se as nossas afirmações num grande número de novos documentos. Embora historiadores uruguaios e brasileiros, à porfia ([47]), tenham devassado com benemérito zelo, os arquivos e publicado ou citado uma grande massa de textos dessa época cremos trazer para esses problemas uma contribuição inédita. Como é sabido, a grande fonte de riqueza da região de que nos estamos ocupando era constituída pelas chamadas vacarias do Uruguai ou do Mar, que se estendiam desde o Rio Uruguai até à costa Atlântica, desde a margem Setentrional do estuário platino até às vacarias dos Pinhais, cerca dos limites entre os atuais Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Terra de ninguém, foi disputada durante quase dois séculos pelos Padres da Província do Paraguai e, mais particularmente dos chamados Sete Povos, pelos portugueses da Colônia, da Laguna e do Rio Grande de São Pedro, e pelos espanhóis de Buenos Aires, Montevidéu, Santa Fé e Corrientes. Não se entendem ainda hoje os historiadores sobre as verdadeiras origens dessas vacarias. Aurélio Porto aceita como boa e decisiva a afirmação dos jesuítas espanhóis de que haveriam sido eles, ao abandonar, em 1637, sob a pressão dos bandeirantes paulistas, as reduções dos Tape, que ali deixaram algumas centenas de vacas e que estas se tornaram a semente das grandes vacarias que se alastraram naquele território [PORTO, Aurélio. Missões Orientais do Uruguai – Brasil – Rio de Janeiro – Imprensa Nacional, 1943].

---

[46] Estalou: eclodiu.
[47] À porfia: persistentemente.

O historiador uruguaio Pablo Blanco Acevedo tem por certo que as primeiras vacas, que vieram a multiplicar-se por forma tão extraordinária, foram lançadas pelos primeiros colonizadores espanhóis nos terrenos próximos a Soriano e à Colônia, quando menos, em 1624 [ACEVEDO, Pedro Blanco. El Gobierno Colonial en el Uruguay y los Orígenes de la nacionalidad – Uruguay – Montevideo, 1936]. Não nos demoraremos a tratar da distribuição geográfica dessas vacarias, ligadas em grande parte, desde os fins do século XVII, às estâncias dos Sete Povos. Esse estudo foi feito entre outros historiadores por aqueles que citamos. Desejamos, sim, porque esse é o fato novo deste capítulo, documentar as origens da formação duma nova economia assente na riqueza em gado vacum daquelas terras.

As origens portuguesa da indústria da ganadaria ([48]) no Território da Colônia e do comércio de exportação, em grande escala, dos produtos respectivos durante os fins do século de Seiscentos e princípios do seguinte, foram precisamente estudados, com fins de reivindicação de soberania política, por Alexandre de Gusmão, em 1736, no auge do conflito platino.

Valendo-se de uma grande massa de documentos originais, então existentes nos arquivos de Lisboa, e hoje, pelo menos em parte, desaparecidos, ele conseguiu provar que antes da celebração do Tratado de Utrecht, não só os portugueses percorriam as campanhas da Colônia até as paragens mais distantes, mas que essas atividades possessórias foram consentidas, durante certo período, pelo governo de Buenos Aires.

Dos documentos citados na "*Dissertation*" [Dissertation qui determine tant geografiquement que par les Traités faits entre la courone de Portugal et celle d'Espagne quels sont les limites de leurs dominations en Amerique c'est à dire du coté de la Rivière de la Plata – Dissertação redigida em francês por Alexandre de Gusmão, em setembro de 1736, sobre o problema da soberania portuguesa na margem Setentrional do estuário platino], e

---

[48] Indústria da ganadaria: pecuária.

em especial dos textos oficiais de origem espanhola, se conclui que a indústria da ganadaria, na margem Setentrional do Prata, e o comércio dos seus produtos, – carnes salgadas, couros, sebo e gordura, com exportação em grande escala para o Brasil e Europa, se deve aos portugueses; e, por outros documentos, que essas atividades se prolongaram e progrediram durante quase um século, com a colaboração dos espanhóis, mau grado as hostilidades, quer dos Governadores de Buenos Aires, quer, e principalmente, dos índios das Missões, ou, com mais objetividade, dos Padres jesuítas que dirigiam os Sete Povos Orientais do Uruguai.

O primeiro documento citado por Alexandre de Gusmão é uma carta do Governador de Buenos Aires, D. José de Herrera, escrita a 07.08.1690 ao Governador da Colônia, protestando contra o uso que os portugueses estavam fazendo das campanhas do Rio de Santa Luzia para vaquear ([49]) e trazer dali carnes e couros, que transportavam em barcos Rio abaixo. Nessa carta afirma o Governador de Buenos Aires que, não obstante o direito concedido aos espanhóis pelo Tratado Provisório de 1681 de usar das campanhas, gados, madeiras e pescas da margem Setentrional do Prata:

> contudo, como da nossa parte se reconheceram os inconvenientes que podiam seguir-se do encontro de pessoas das duas nações, não se tem aproveitado das faculdades desse privilégio; mas, do vosso lado, ainda que nada disso vos fosse concedido, tendes aproveitado e quase destruído a Ilha de Martim Garcia, que está situada 10 léguas a Leste da vossa Colônia, ao que não tínheis o menor direito, e o vosso excesso foi tamanho que alargastes essa intrusão pelas campanhas e pelas margens do Rio de Santa Luzia.

Das mesmas palavras do Governador Herrera se conclui que os começos da indústria da ganadaria com base nas vacarias se deve aos portugueses. E é lícito pôr em dúvida que a abstenção dos moradores de Buenos Aires, tão louvada pelo seu Governador, se deva a motivos de moderação política.

---

[49] Vaquear: vaquejar – buscar bovinos.

Já veremos que, poucos anos volvidos ([50]), eles manifestavam atitude da mais violenta hostilidade à Colônia do Sacramento. Nos anos seguintes continuam os protestos dos Governadores de Buenos Aires, contra as progressivas incursões dos portugueses nas campanhas da Colônia. E Alexandre de Gusmão conclui:

> Ao que nos parece, não se poderiam aduzir provas melhores que os protestos e cartas dos Governadores de Buenos Aires, para afirmar que os portugueses gozavam então da posse e uso daquelas campanhas.

Mas a seguir transcreve Alexandre de Gusmão documento dum interesse maior. Trata-se de uma carta do Governador de Buenos Aires, D. Agostinho de Robles, dirigida a 18.02.1695, ao Padre Lauro Nunes, Provincial da Companhia de Jesus, remetendo cópia duma carta do Governador da Colônia, denunciando o assalto dalguns índios das Missões, que no Rio do Rosário tiraram a vida a três portugueses e a dois índios Tupi. Pedia o Governador que os índios criminosos fossem remetidos a Buenos Aires para serem devidamente castigados, ou, nas próprias palavras:

> para que se possa, em consequência, dar a satisfação que exige um tal excesso, não apenas pelo que diz respeito à queixa e protesto do dito Governador da Colônia, mas também pelo que requere ([51]) a vingança pública.

E o Governador terminava com esta advertência:

> E no caso que se recuse este expediente, seremos obrigados a dar conta a Sua Majestade, para que ela prescreva o remédio conveniente a uma matéria, cujas consequências podem ser muito sérias, se acaso se pretende omitir e impedir uma demonstração tão conveniente ao serviço de Sua Majestade.

Com razão comenta Alexandre de Gusmão, fundando-se nesta carta:

> o uso que os portugueses tinham a esse tempo da campanha e das suas produções era do próprio e confessado consentimento do Governador espanhol.

---

[50] Volvidos: passados.
[51] Requere: exige.

No ano seguinte, o mesmo Governador de Buenos Aires, sendo informado das correrias que os índios dos jesuítas faziam nas mesmas campanhas e vendo que era muito difícil evitar maiores conflitos e desordens com os portugueses que ali iam vaquear e buscar lenha, envia ao comandante da guarda espanhola do Rio de São João, a Oeste da Colônia, uma ordem, pela qual, depois de manifestar a sua inquietação pelas incursões dos índios até às proximidades da Colônia, o encarrega de entregar ao Padre que dirige esses índios uma carta, pedindo-lhe se retire imediatamente com eles.

Ao próprio Tenente da guarda justifica essa ordem, dizendo que aos índios das Missões não faltam campanhas para se abastecer de gado, sem contender com os portugueses, que vão procurar fora da Praça aquilo de que necessitam para a sua subsistência. Manda-lhe, em consequência, que faça entregar a carta por um homem de confiança e trazer do Padre destinatário o competente recibo. No caso de que esta ordem não fosse convenientemente cumprida, ameaçava de castigo o mensageiro. Depois de aprovar o procedimento do Tenente da guarda, que mandara buscar os índios, implicados no primeiro insulto, ordenava-lhe ainda:

> Todas as vezes que se ofereça ocasião e que o Sr. D. Francisco (Naper de Lancastre – Governador da Colônia), vos der aviso, acorrei prontamente a satisfazer os seus desejos. Encarregai o homem que enviardes na presente ocasião de dizer aos índios que leva ordens para que se retirem, sob pena de os fazer castigar; e no caso que esteja com eles algum Padre, o exorte a não se aproximar a 20 léguas da Colônia, pelo risco de que os seus índios se encontrem com os portugueses.

Destas cartas se conclui: que os portugueses iniciaram a indústria da ganadaria nas campanhas do Uruguai; que durante algum tempo não só os espanhóis lhes não disputaram o uso dessas campanhas, mas um Governador de Buenos Aires reconheceu esse direito; e que, ao contrário, os índios das Missões, seguramente inspirados pelos Padres seus superiores, procuraram impedir, pelos meios mais violentos, a expansão e as fainas dos portugueses fora do âmbito da Praça.

Mais concludente, Alexandre de Gusmão afirmava:

> Os jesuítas entretanto sofriam de má vontade a companhia dos portugueses no uso desse território; e como estes Padres são tão poderosos naquele país, que obrigam os Governadores a agir a seu grado, induziram D. Manuel do Prado, sucessor do Governador Robles, a contestar aos portugueses por novos protestos, o direito a usar das campanhas, sendo certo que as suas próprias cartas, que se conservam no original, são a melhor prova de que os portugueses continuaram com maior amplitude que antes a utilizar-se delas.

Conforme aos objetivos da sua "*Dissertation*", Alexandre de Gusmão buscou basear a sua tese em textos espanhóis. Mas a documentação portuguesa dessa mesma época, explorada pelo General Rego Monteiro, vem provar que o Governador da Colônia, aludido na correspondência anteriormente citada, D. Francisco Naper de Lancastre, promoveu a criação daquela indústria e ao mesmo tempo o comércio de exportação dos produtos das campanhas próximas e, em particular, das carnes salgadas e dos couros.

Numa notável carta sua dirigida ao Rei, a 10.01.1694, ele descortinava com grande visão política as possibilidades econômicas da Colônia, os benefícios que podia trazer ao reino e os obstáculos que haviam de opor-se-lhe.

Noticiava ele que mandara embarcar para o Rio de Janeiro 6.000 couros que à Real Fazenda tinham rendido 2.600 cruzados, mas que, dispondo-se de cavalos e carros, se poderiam fazer todos os anos e em breve até 25.000 couros. Já então ele afirmava que a Colônia podia exportar muitas farinhas para todo o Brasil e, em particular, de trigo; e previa as vantagens que se poderiam tirar do comércio com os vizinhos, pelo volume da prata adquirida nas trocas.

> Com o comércio dos castelhanos, escrevia ele, poderá por este porto entrar no nosso reino muita prata, como já sucedeu; e, se agora está suspenso com os apertos [as proibições] desse Governador, amanhã poderá vir outro que mesmo o solicite, porque sempre são mais os que atendem à sua conveniência que ao serviço dos seus Reis.

Veio o tempo a mostrar quanto era segura esta previsão. A mais de meio século de distância, Naper de Lancastre lançava também sobre os jesuítas acusações e juízos, que mais tarde foram alcunhados de insidiosos e provenientes da paixão de momento.

Dizia ele que os maiores inimigos dos portugueses na Colônia eram os Padres da Companhia, ameaçados nas suas riquezas, distribuídas em vinte e duas aldeias:

> as quais governam com despótico poder, sendo eles mesmos os que os exercitam [aos índios] no manejo das armas, capitaneando-os como qualquer Soldado por estas campanhas, onde, com insigne soberba, se dão a respeitar com grande majestade, chegando a intitular-se reis e senhores delas.

Menciona o Governador as indústrias a que se entregavam os Padres da Companhia: o tabaco, o açúcar, e a erva-mate, que introduziam nas índias espanholas, com grandes interesses, mas nem uma palavra diz, nem de qualquer documento pode inferir-se que os jesuítas se dessem também à indústria da ganadaria e à exportação dos seus produtos.

Terminava D. Francisco Naper de Lencastre insinuando que seria necessário, para manter e fazer progredir a Colônia, completarem-se as quatro companhias de infantaria e cavalaria ali existentes; aumentar, em particular o número de cavalos; e mandar vir cinquenta lavradores do reino ou das Ilhas, casados para se lhes distribuírem terras e gado, com que as pudessem cultivar.

É a primeira vez em que se fala na conveniência de povoar a Colônia e o seu território com os casais de reinóis ou ilhéus. E avisava com profético juízo que, se o Rei algum dia quisesse largar de todo aquela terra:

> pelo que tenho entendido dos castelhanos e principalmente dos seus Padres da Companhia, só por nos verem daqui fora, não só darão tudo o que se tem gastado nela, desde a sua primeira fundação, mas farão outras grandes conveniências [carta transcrita quase na íntegra, por Jonatas da Costa Rego Monteiro].

Se o governo da Metrópole não atendeu, com a necessária rapidez, aos pedidos do Governador, não obstante o Conselho Ultramarino tomou, ainda durante o Governo de Naper de Lencastre, uma medida que veio promover em grande escala a indústria da ganadaria.

Dispôs-se que do produto das vendas dos couros, ficasse o quinto para a fazenda real, 20 % para o Governador, a fim de manter a sua posição, pois lhe não era permitido negociar com os castelhanos, e o resto para ser distribuído pelos soldados que se entregassem àquelas fainas.

Todas as previsões do Governador da Colônia, expressas naquelas cartas, foram realizadas, quando não largamente excedidas. Em 1699, era substituído pelo Brigadeiro Sebastião da Veiga Cabral, que ali permaneceu até 1705, ano em que a Colônia foi de novo tomada pelos castelhanos.

Mas no próprio ano da sua posse e como resultado da administração, de tão largas vistas de seu antecessor, a cidade de Buenos Aires suplicava ao Rei de Espanha, por carta de 19.12.1699, se lhe concedesse licença para expulsar os portugueses, a ferro e fogo, da Colônia, pois se iam apropriando progressivamente das campanhas e intensificando o negócio dos couros.

Coincidindo com a saída de Naper de Lencastre e a chegada do novo Governador Sebastião da Veiga Cabral, também pouco depois D. Agostinho Robles era substituído por D. Manuel Prado Maldonado, no Governo de Buenos Aires. Dum lado para o outro do Prata recomeçou a disputa.

As atividades dos moradores da Colônia, em vez de cessar, alargaram-se mais pelas campanhas; e os índios das Missões da margem esquerda do Uruguai continuaram as suas violentas atividades contra os portugueses. Se dermos crédito a uma carta de Sebastião da Veiga Cabral, que, aliás, fora educado no colégio dos jesuítas em Bragança e tinha grande respeito pela Companhia, os Padres dos Sete Povos fizeram introduzir na Colônia alguns índios para roubar cavalos, objetivo que lograram plenamente.

Em sua “*Dissertation*”, Alexandre de Gusmão não deixa de explorar a correspondência do Governador Prado Maldonado, em defesa da sua tese. Como já dissemos, ele propunha-se demonstrar que da mesma correspondência dos Governadores de Buenos Aires se evidenciava que os portugueses continuavam a usar das campanhas e a aproveitar-se das vacarias.

Assim é que, a 16.07.1701, o novo Governador acusava os portugueses:

> de se utilizarem abertamente dessas campanhas, até aos lugares mais recuados, praticando contínuas matanças de gado para tirar a grande quantidade de couros com que carregam os navios que chegam à Colônia para esse efeito.

Noutra carta de 23 de agosto do mesmo ano queixava-se ainda do:

> grande número de navios que se carregam de couros, na Colônia, de três anos para cá e desde o tempo do meu antecessor, o que é dum prejuízo considerável e duma injustiça notória para os moradores desta Província.

Fato não menos interessante, e que supomos inédito nas suas consequências, menciona Alexandre de Gusmão, referindo-se a uma carta de D. Manuel do Prado, dirigida a 15.07.1700 a Sebastião da Veiga Cabral. Nessa data informava ele ao Governador da Colônia que recebera a notícia e lha transmitia para sua defesa, de que os dinamarqueses pretendiam invadir o Rio da Prata.

Sebastião da Veiga Cabral mandou imediatamente guarnecer o lugar de Montevidéu. Por carta de 18 desse mesmo mês e ano, participava essa medida ao Governador de Buenos Aires, sem que este opusesse contradição ou protesto. Entretanto e, sob a proteção real, desenvolvia-se a indústria e comércio de couros.

Pela provisão régia de 09.11.1701 concedia-se a Sebastião da Veiga Cabral o livre comércio dos couros e mais mercadorias da Colônia para os portos do Brasil e do reino.

Tamanho foi o desenvolvimento tomado por esse negócio que, em 1702, a Fazenda real resolveu arrematar, pela quantia, enorme para a época, de 70.000 cruzados anuais, "*a caça dos couros*" nas campanhas da Colônia. É então que pela primeira vez aparece no cenário do território da Colônia, donde volvidos alguns anos ia destacar-se a Província de São Pedro, o grande desbravador dessas regiões, o português Cristóvão Pereira de Abreu, que arrematou esse contrato.

Esta resolução da Metrópole vinha ferir grandemente os interesses do Governador da Colônia, o qual, como era de esperar, protestou violentamente. Como atrás dissemos, das caçadas dos couros ou melhor dos seus direitos cabiam 20 % ao Governador da Praça. Mas uma carta régia de 06.02.1705, ordenava:

> que se guardassem ao contratador dos couros Cristóvão Pereira de Abreu, as condições do seu contrato, com a declaração de que os tributos só eram devidos nas alfândegas depois que fossem despachadas as fazendas e as partes as quisessem retirar.

Em fins de 1705, por virtude do volte-face ([52]) de D. Pedro II na sua política sobre a Guerra da Sucessão ao trono de Espanha, a Colônia foi de novo tomada pelos espanhóis, após cinco meses de valorosa defesa.

Durante esse largo período de onze anos até que a Colônia regressou aos portugueses, Governo de Madri, Governadores e moradores de Buenos Aires descuidaram continuadamente o problema da posse e da defesa da margem Setentrional do Prata. Um que outro espírito mais esclarecido previu os perigos e alertou a metrópole. Mas em vão.

Cerca de 1710, um informador anônimo, sacerdote e provavelmente jesuíta, chamava a atenção dos responsáveis para a falta de defesa, em que estavam as costas do Rio da Prata, e mais que tudo as Setentrionais,

---

[52] Volte-face: substantivo italiano "*voltafaccia*" que deu origem ao termo francês "*volte-face*" que significa mudança repentina de opinião.

onde se encontravam portos muito cômodos em risco de serem ocupados pelos inimigos: o sítio, onde estivera a Colônia; dali a 12 léguas costa a baixo o Rio de Santa Luzia; 36 léguas mais a Leste Montevidéu; e, mais além, o porto das Ilhas de Maldonado, capaz de navios de todo o porte. E o informador apontava o exemplo dos portugueses. O terreno era muito próprio para o cultivo de cereais e frutas, como se experimentara na Colônia do Sacramento, não falando da grande comodidade das vacarias. Urgia ocupar os portos a explorar os riquíssimos recursos naturais daquelas terras, pois tudo corria o risco de cair em mãos dos inimigos de Espanha. Mas o brado não foi ouvido.

Em fins de 1616, e como consequência da celebração do Tratado de Utrecht, o velho baluarte tornava às mãos dos portugueses. Breve, indústria ganadeira e comércio de couros se reatam e intensificam com rapidez e êxito prodigiosos. Desta vez, e durante cerca de vinte anos, até ao sítio da Colônia posto pelos espanhóis em fins de 1735, aquelas atividades puderam desenvolver-se num vivo crescendo, mau grado todos os embargos opostos pelos Governadores de Buenos Aires, e com mais assiduidade e eficácia, como sempre, pelos Padres da Companhia e os índios de seu comando.

Intervêm ([53]) então fatos novos. A colaboração entre os portugueses da Colônia e os moradores de Buenos Aires e de Santa Fé vem provocar a formação de um novo gênero de vida e tipo social nas vastas campanhas, que se estendiam desde as margens Setentrionais do estuário platino até ao Rio de São Pedro e aos Sete Povos Orientais do Uruguai.

Já Alexandre de Gusmão, na sua "*Dissertation*", se referia a uma troca de cartas entre os Governadores de Buenos Aires e da Colônia, em fins de 1701, das quais se averiguava que, para bastar ao seu comércio de exportação de couros, os portugueses utilizavam os espanhóis, que achavam suficientemente lucrativo entrarem às campanhas naquele serviço auxiliar.

---

[53] Intervêm: acontecem.

Donde fossem esses espanhóis iniciados pelos portugueses nesse tráfico, ignoramos. Não o menciona a carta de Prado Maldonado, transcrita por Alexandre de Gusmão. Mas um auto ou protesto dos Jesuítas do Paraguai naquele mesmo ano de 1716 lavrado, faz-nos crer que se tratava de santafecinos ([54]). Nesse documento os Padres da Companhia reivindicam os plenos direitos dos índios do Uruguai às Vacarias do Mar, precisamente contra os moradores de Santa Fé.

Desse ano por diante, multiplicam-se os exortos ([55]), os protestos, os interrogatórios jurídicos assistidos de numerosas testemunhas, com que os Padres pretendem o direito único dos índios das Missões a vaquear nas vacarias mencionadas; e, ao mesmo tempo, denunciam a colaboração dos espanhóis de Santa Fé, Buenos Aires e Corrientes, que se introduzem, sem escrúpulos e com desmedida exorbitância, segundo afirmam, a vaquear nas vacarias dos índios, para exportar carnes e couros para as províncias do Peru e, mais que tudo, entreter o comércio proibido com os portugueses em estâncias que uns e outros vão estendendo nas campanhas.

Por volta de 1720 aumentou o choque dos interesses entre os Padres da Companhia, dum lado, e os espanhóis e portugueses, que se entregavam, quer uns, quer outros, ao comércio clandestino, com base nas vacarias.

Em 1722, dirigiam os Padres um exorto ([51]) ao Governador de Buenos Aires, D. Bruno Maurício de Zavala, denunciando as atividades clandestinas dos vaqueiros espanhóis que se introduziam furtivamente nas Vacarias do Mar; clamavam contra o destroço a que estavam sujeitando o gado; e impugnavam ([56]) as ordens daquela autoridade que cerceava aos índios das reduções o direito a abastecerem-se nas vacarias do Uruguai. Dizia o Padre José de Aguirre, quem subscrevia o exorto, que as vacarias estavam inteiramente assoladas pelas desordens dos espanhóis que ali "*permanecem anos inteiros*",

[54] Santafecinos: naturais da Província de Santa Fé.
[55] Exortos, exorto: apelos, apelo.
[56] Impugnavam: questionavam.

retirando vacas e fabricando sebo, gorduras, couros, etc. Certo Capitão, D. João de San Martin, continuava o Padre, reconhecera, há três anos apenas, quatro milhões de vacas, num espaço de 100 léguas. Agora, que ali voltara, só encontrara, quando muito, trinta mil!

Insurge-se o Padre Aguirre contra a pretensão dos moradores de Buenos Aires a usurpar aos índios Guarani e Tape das missões o direito de pacífica posse, em que estão, desde tempos imemoriais, das vacarias, chegando o escândalo a aprovarem, em reunião do Cabildo de 20 de fevereiro desse ano ([57]), um acordo a que deram por título: "*Expedição à outra banda para expulsão das tropas dos índios tapes*". Reclamam, ao mesmo tempo, contra o uso que os moradores da Colônia fazem da campanha, recolhendo vacas, e trabalhando em sebo e couros, mas com mais razão, observa, se deveria proibir expressamente que os espanhóis de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes, passassem a vaquear à outra banda, pois era público e notório que daí nascia o comércio que aqueles moradores faziam com os portugueses, vendendo-lhes cavalos e os vários produtos de ganadaria, a troco dos seus gêneros proibidos.

Atraídos pelos lucros desse comércio clandestino, tão fácil e a coberto de riscos, os moradores de Buenos Aires, agora que experimentavam a vantagem da vizinhança dos portugueses, faziam um jogo dúplice: protestavam "*pro forma*" ([58]) contra as atividades dos portugueses nas campanhas da outra banda, mas acorriam a comprar-lhes os tecidos e outros gêneros pelos produtos das caçadas de vacas e cavalos. E com razão estranhava o Padre Aguirre que noutros tempos as Câmaras daquelas cidades aprovassem, como remédio eficaz, que os índios Guarani e Tape defendessem aquele território, das usurpações dos portugueses, e agora se opusessem a que os mesmos índios recolhessem ali alguma vaca para seu sustento.

Em que época e por que motivos começaram a entrar os espanhóis, por forma notória, nas campanhas do Uruguai?

---

[57] Desse ano: 1722.
[58] Pro forma: por pura formalidade.

Vimos que, em 1722, atingia o auge o alarma dos Padres por aqueles fatos. Ora nesse mesmo ano, a 16 de agosto, o Padre Benites, Superior das reduções dos Guarani e Tape do Paraná e Uruguai, abria uma informação jurídica, por meio de questionário, sobre o direito que tinham aqueles índios às Vacarias do Uruguai ou do Mar. Ouviram-se várias testemunhas, mais ou menos concordes nas respostas, ainda que na sua grande maioria religiosos da mesma Companhia.

Uma das perguntas do questionário indagava: se os espanhóis de Buenos Aires e de Santa Fé nunca tinham entrado a vaquear naquelas vacarias, senão desde há cinco anos atrás, e isto mesmo por condescendência dos índios e do Padre Procurador das Missões, o qual, para evitar maiores males, estabelecera um convênio com aqueles moradores para que tirassem cada ano apenas uma quantidade certa de vacas. A esta pergunta todas as testemunhas respondem afirmativamente: só há quatro ou cinco anos os espanhóis tinham começado a vaquear naquelas vacarias. Afirmavam ainda também em resposta ao questionário que só nos últimos dois ou três anos os moradores de Buenos Aires e de Santa Fé declararam as suas pretensões de usurpar aos índios aquele velho patrimônio. Foi, por consequência, entre os anos de 1717 e 1718, que os espanhóis daquelas cidades começaram a entrar em maior número nas Vacarias do Mar e, a acreditar no depoimento dos Padres, a destroçá-las, pela forma imoderada com que se entregavam à caçada das vacas e dos touros; e, entre 1719 e 1720, que afirmaram publicamente junto do Governador de Buenos Aires a sua vontade de excluírem os índios da partilha das grandes manadas da Vacaria do Mar.

Ao responder àquele mesmo questionário todas as testemunhas foram unânimes em denunciar que o objetivo principal dos espanhóis era ficarem sós em campo para entreterem o comércio clandestino com os portugueses. Se refletirmos agora em que a Colônia foi de novo entregue aos portugueses em 1716 e que nos dois anos seguintes chegaram os casais de transmontanos ([59]),

[59] Transmontanos: natural da região portuguesa de Trás-os-Montes.

gente vigorosa e sóbria, que em breve deram fecundíssimo impulso às atividades daquela povoação, podemos concluir que os espanhóis acorreram a auxiliar os portugueses no seu comércio de exportação, a troco dos tecidos, e outras mercadorias muito cobiçadas em Buenos Aires e demais povoações platinas.

É certo que os depoimentos destas informações jurídicas nem sempre merecem todo o crédito. Exemplifiquemos.

Um dos Padres da Companhia João de Yegros, respondendo a uma das perguntas do questionário referido, afirmava que a causa principal e única da situação desastrosa a que tinham chegado as Vacarias, era a permanência dos espanhóis durante anos inteiros vaqueando nas campanhas, não para socorrer a cidade de Buenos Aires e de Santa Fé, como afirmavam, mas para vender fora da Província e em particular aos portugueses da Colônia do Sacramento, o produto das suas fainas. Com estes, continuava ele, faziam publicamente os moradores daquela cidade, comércio nas estâncias que fundaram naquelas vacarias.

E, como prova, referia-se o Padre ao que sucedera com o irmão Marcos de Villodas, o qual indo com quatrocentos índios percorrer aquelas terras, por ordem do Governador de Buenos Aires, ao encontrar-se com duas Companhias de portugueses e quando os cumprimentava com muita cortesia, explicando-lhes as razões daquela vinda às terras da Coroa de Castela, os lusitanos lhe responderam com golpes de espadim na cabeça e uma bala na perna, cujas feridas ele viu, pois ia por Capelão; e, se aquele irmão não fora defendido por um religioso que vinha com os portugueses, estes o teriam matado.

Encontramos as próprias declarações do Irmão Marcos Villodas sobre os encontros que tivera com vaqueiros espanhóis e ranchos portugueses, naquele mesmo ano, entre os quais aquele a que se refere o Padre Yegros. Vale a pena cotejar os dois testemunhos, já que a comparação nos elucida sobre a violenta inimizade dos jesuítas espanhóis aos portugueses, e a maneira como, chegada a ocasião, coloriam a seu modo o relato dos fatos.

Em fins de dezembro de 1718, o Padre João de Yegros e o Irmão Marcos Villodas da Companhia de Jesus conduziam, a pedido do Governador de Buenos Aires, D. Bruno Maurício de Zavala, quatrocentos índios das reduções, em companhia de alguns soldados espanhóis, comandados pelo Tenente Francisco Gutierrez, através do território das Vacarias do Mar. Essa tropa conjunta, depois de alguns conflitos com vaqueiros espanhóis, divisou alguns ranchos de portugueses, que estavam fazendo couros às margens do Rio Rosário, e a Leste da Colônia.

Eis o que a esse respeito narra o Irmão Villodas: um espia, que fora enviado a explorar a terra, voltou com a notícia de que a três ou quatro léguas, sobre as margens do Rio Rosário, descobrira portugueses, que ali tinham vários ranchos, cavalhadas, dois currais e algumas carretas. Dizia igualmente que avistara quatro homens matando uma vaca. Com esta notícia, a tropa preparou-se, com alvoroço, para atacar e colher os portugueses de surpresa. Tendo largado pela manhã, chegaram cerca de meio-dia à paragem indicada pelo índio. Mas, aí chegados, o Tenente Gutierrez recusou-se sob pretextos vãos a tomar qualquer iniciativa, antes de dar notícia do caso ao Governador de Buenos Aires. Advirta-se que os Soldados espanhóis e os próprios oficiais eram muitas vezes cúmplices, por interessados, no contrabando com os portugueses. Essas as razões prováveis que inibiam aquele oficial.

Instaram os dois jesuítas repetidamente com ele para que atacasse os portugueses ou, quando menos, deixasse espias nas paragens, até conhecer a resolução do Governador. Convencidos enfim de que o Tenente não desejava entrar em ação, foi o Irmão Villodas com três índios reconhecer o lugar assinalado. A esse tempo já os portugueses, avisados por um dos índios das reduções e pelas suas sentinelas e espias, haviam abandonado com precipitação o campo. Assim se explica que o jesuíta deparasse ali, além de dois touros esfolados, os referidos ranchos, todas as carretas, algumas vacas atadas e duas pilhas com cerca de 200 couros. O Irmão Villodas apressou-se a lançar fogo aos couros e aos ranchos, após o que se retirou.

Passava-se isto em 31.12.1718. Um mês depois, segundo informe do próprio Villodas, os índios da sua partida encontraram de novo e atacaram os ranchos duma estância dos portugueses da Colônia, a várias horas de distância da Praça. Os portugueses, apercebendo-se da chegada cios índios, retiraram-se apressadamente. Saqueados os ranchos e levada a notícia à Praça, acorreram em desforço alguns Soldados portugueses. Não diz o Irmão Villodas se ordenou ou não o saque e destruição dos ranchos. Mas os precedentes autorizam-nos a afirmar que ele, quando menos, os inspirou. No calor da refrega e da vendeta ([60]) os portugueses que presumivelmente sabiam já do outro assalto, feriram o jesuíta e levaram-no preso para a Colônia. Aqui, relata ele, foi tratado com as maiores atenções e carinho pelos Padres da Companhia e pelo próprio Governador que o mandou soltar e pôr na guarda do Rio de São João.

O Padre Yegros, que foi testemunha dos dois assaltos aos ranchos portugueses, ao responder, três anos mais tarde, ao questionário que atrás referimos, contava, não obstante, estes fatos, como se o cortês e sofrido Irmão Villodas houvera sido a vítima inocente da violência cega dos portugueses.

Acabamos de assistir a um dos episódios típicos da oposição que os jesuítas do Uruguai e os Governadores de Buenos Aires faziam à expansão dos portugueses e às suas fainas ganadeiras nas Vacarias do Mar. Típicos, pois nos deixam ver e presumir, por este exemplo, como se comportavam, por via de regra, as duas forças associadas em relação aos portugueses. Da parte dos jesuítas um ódio implacável e a utilização dos índios para satisfazê-lo; do outro, as ordens, nem sempre sinceras dos Governadores de Buenos Aires, com frequência mal cumpridas ou iludidas pelos seus subordinados. Para lá de um que outro Governador, mais honrado e isento, Oficiais, Soldados, vaqueiros e mercadores espanhóis entendiam-se facilmente com os portugueses; e solidarizavam-se todos contra o inimigo comum, – os Padres da Companhia.

---

[60] Vendeta: vingança.

Não obstante, os documentos guardam memória de algumas ordens do Governador da Colônia, nesta época, D. Bruno Maurício Zavala, que foram religiosamente cumpridas. Pelo menos desde 1722, já Cristóvão Pereira de Abreu se encontrava de novo na Colônia do Sacramento, auxiliando com o seu costumado ardor a transformá-la num vasto empório de exportação dos couros. Nesse ano um Alferes e dez soldados espanhóis, que rondavam as campanhas, conseguiram tomar sete carretas e quatorze escravos, que pertenciam a Cristóvão Pereira. Este, ao saber daquele assalto por um dos negros, que conseguira escapar a cavalo, reuniu oito amigos e com eles correu sobre a pequena força espanhola, que, atacada de improviso, largou a presa para salvar as vidas. O Alferes, na precipitação da fuga deixou a capa e a espada, e, no justo receio do castigo pela sua fraqueza, mandou pedir que uma e outra lhe fossem devolvidas, ao que o chefe português generosamente acedeu.

Sob o impulso de Cristóvão Pereira, o comércio dos couros tomou incremento enorme. Desde 1726 até 1734, a exportação anual variou entre 400 e 500 mil couros, soma enorme, que só pode explicar-se por uma colaboração muito assídua dos espanhóis. Em 1726, um comboio de dez embarcações que chegara carregado de mercadorias, partiu da Praça para o Rio de Janeiro, transportando 400.592 couros secos e uma soma avultadíssima de prata, proveniente da venda das mercadorias.

Aliás, desde 1722 que a prata amoedada do Peru começava a afluir de Buenos Aires e a escapar-se clandestinamente pela Colônia para o Brasil e Portugal. Regressava-se, por modo diverso, mas não menos eficaz, à situação do século anterior, durante o período filipino, quando o comércio marítimo dos navios portugueses em Buenos Aires supria com a prata a escassez de numerário no Brasil. Se agora o ouro das minas substituíra, em importância, a prata, esta passara a servir em vez do cobre, de moeda miúda, para trocos. Fugaz era no entanto o proveito da troca das mercadorias pela prata de Buenos Aires. Transportada da Colônia para o Brasil e do Brasil para Portugal, escoava-se dali, e pelas mesmas razões

que o ouro, para os reinos estrangeiros. Ainda que em data, um pouco posterior, uma série de documentos sobre este problema deixam-nos perceber a importância da prata espanhola para o comércio português e o mecanismo da sua difusão, por intermédio de Lisboa, nos restantes países da Europa.

A 17.12.1742, o Provedor da Casa da Moeda, José Ramos da Silva, pai da romancista Teresa Margarida da Silva e Orta e do escritor filosofante Matias Aires, ambos paulistas, dirigia-se ao Rei informando-o:

> Nesta ocasião da frota do Rio de Janeiro há notícia de que vêm várias partidas de prata de pessoas particulares para seus negócios, e está a Casa da Moeda tão exausta de trocos, que seria grande previdência comprar-se a dita prata para se fazer em dinheiro miúdo...

e acrescentava:

> Ainda que o Conselho da Fazenda deu a providência necessária para se fazer dinheiro de cobre e se tem feito algumas partidas dele, contudo é tão pouco, pela necessidade em que os povos se acham, que atualmente é um labirinto a pedirem o dito cobre para se remediarem de trocos; e os contratadores que se obrigaram no Conselho da Fazenda a mandar vir o cobre em chapa para se cunhar na Casa da Moeda, tem representado o quanto lhes é dificultoso importá-lo dos reinos estrangeiros com a brevidade necessária, assim pela razão das guerras que há entre eles, como pelas distâncias.
>
> E nestes termos o dito cobre não só é preciso para as ligas desta Casa da Moeda, como também para as casas da moeda do Brasil que delas se pede com muita recomendação.

E o velho Provedor propunha que se desse ordem ao Tesoureiro da Casa da Moeda de Lisboa para comprar por conta da Fazenda Real toda a prata:

> que fosse preciso, para se fazer em dinheiro miúdo.

E concluía:

> ainda que seja por maior preço do que o antigo regimento dispõe, porque tem levantado a dita prata nos reinos vizinhos".

Ouvido, o Procurador da Fazenda deu parecer favorável. O Fiel da Casa da Moeda, Antonio Martins de Almeida, a quem se enviou também a consulta, em princípios de janeiro deste ano de 1743, aprovava não só o parecer, mas defendia o alvitre de se comprar a prata por um preço maior ao que mandava o regimento.

Reconhecia, como toda a gente, a urgência de fabricar moeda fracionada, mas ponderava que a dificuldade consistia em estabelecer a proporção entre o valor intrínseco do metal e o extrínseco da moeda, inclinando-se para a regra de que essa proporção deveria ser conforme às comodidades do comércio.

Argumentava ele com a prática dos demais reinos da Europa onde se atribuía mais valor à prata todas às vezes que os seus vizinhos lhe aumentavam o preço:

> fundados em que este precioso metal, ao modo das outras mercadorias, sairá naturalmente para aonde mais valor tiver. É rigorosa coisa, Senhor, que entre os vassalos de Vossa Majestade corra uma estimação na prata, que com o passar da raia de um reino para o outro receba tão grande aumento como o que tem nos mais reinos da Europa.

Lembrava que a experiência ensinara que era incrível a quantidade de prata que por essa razão saia de Portugal. E que os últimos miúdos deste metal que se haviam fabricado na Casa da Moeda tinham desaparecido com grande brevidade.

Terminava, pois, por aconselhar a que se comprasse a prata, chegada na frota do Rio de Janeiro, por sete mil e cem réis, sendo de lei de onze dinheiros, e a esta proporção a que for de mais ou menos lei; e que se fizesse em moeda miúda de seis vinténs para baixo elevando-se o preço do marco para sete mil e quinhentos réis.

A este parecer se opôs o Conselheiro da Fazenda, Diogo de Mendonça Corte Real, o Moço, insinuando ao Rei o grave escrúpulo de alterar o valor da moeda, pois representava má fé para os estrangeiros e grande ruína para os nacionais.

Ilustrada com estes pareceres, voltou a consulta ao Provedor da Casa da Moeda, mas deu-se o caso que José Ramos da Silva por motivo de doença de que em breve havia de falecer, fora substituído por Matias Aires, seu filho. Este, favorável também à compra imediata da prata, punha grandes limitações ao parecer do Fiel da Casa da Moeda. Parecia-lhe temerário levantar o valor da prata, depois de reduzida a dinheiro, e comentava:

> Também se diz na mesma resposta que o levantar o valor ao dinheiro de prata é o meio de evitar a extração dele. A verdade do caso é que ou se levante o valor do dinheiro, ou se deixe ficar no estado em que está, sempre haverá extração dele. A razão é porque todas às vezes que em um país não há gêneros e manufaturas correspondentes aos que vêm de fora, entre os quais possa haver uma espécie de troca ou permutação, precisamente se hão de extrair os metais, pois em tal caso eles entram no comércio como gêneros e suprem a falta deles, vindo a ser transportados para aquelas partes donde vêm os gêneros, que não podemos compensar com outros. Daqui procede não só a extração da prata, mas também do ouro, ainda que neste é menos visível o dano pela abundância com que a América se desentranha.

Matias Aires, que mantinha seguramente estreitas relações com Alexandre de Gusmão, defendia aqui as mesmas ideias que mais tarde, em começos de 1749 o grande santista expunha ao Rei no Apontamento discursivo sobre a extração da Moeda para os reinos estrangeiros. Influência de qualquer deles sobre o outro? Não: apenas a partilha dum patrimônio de cultura francesa, comum aos dois.

Quer o Fiel da Casa da Moeda, quer o seu Provedor interino [mas que em breve, por morte de seu pai, ia tornar-se efetivo] estavam na razão. Sem dúvida, a desproporção do câmbio da prata implicava o seu êxodo para o estrangeiro. Remediar esse mal, em relação ao ouro, fora uma das preocupações de Alexandre de Gusmão, ao conceber o sistema da capitação. Mas não era menos certo que, fosse ou não aumentado o valor relativo da moeda, manter-se-ia a sua extração para os países estrangeiros, enquanto durasse a grave carência das indústrias nacionais que tornavam Portugal tributário dos países estrangeiros e, principalmente, dos tecidos da Grã-Bretanha.

Se a prata espanhola, vinda de Buenos Aires, por intermédio da Colônia do Sacramento, se limitava a sustentar o esplendor fugaz duma riqueza, relativamente fácil, no Brasil e Portugal, o mesmo se não dava com a indústria da ganadaria, a qual, lançada pelos portugueses nas margens Setentrionais do estuário platino, era pouco depois partilhada pelos espanhóis. A ganadaria veio, assim, a criar um novo gênero de vida e um novo tipo social: o do vaqueiro, sem domicílio e sem lei, centauro livre, que rodava a cavalo pelas campanhas, nômade como os índios, cuja cultura assimilara e fundira com a da grei ibérica ([61]) de onde provinha, roubando estâncias, raptando índias, e vendendo cavalos, mulas ou vacas aos portugueses, desde a Colônia até à Laguna (Santa Catarina). Ao novo tipo social moldado por este gênero de vida chamou-se o gaudério e depois o gaúcho.

Estamos neste caso em condições de fixar as raízes ibéricas e híbridas daquele gênero de vida e do tipo social a que deu origem. O que vale dizer as origens, e a razão específica de ser duma nação, o Uruguai.

Estará o leitor recordado que as muitas testemunhas da informação jurídica, aberta pelos Padres jesuítas da missão do Uruguai coincidiram todas em declarar que os moradores de Buenos Aires, Santa Fé e Corrientes só por volta de 1717 ou 1718, começaram a entrar nas Vacarias do Mar, para se entregar às fainas da ganadaria. Todas declararam igualmente que desde essa data aqueles moradores se habituaram a permanecer anos seguidos, caçando sem medida as vacas para vendê-las ou os respectivos produtos, aos portugueses da Colônia.

Entrada e permanência de santafecinos e buenairenses ([62]) nas campanhas do Uruguai coincidiram exatamente com a terceira fundação da Colônia pelos portugueses, a chegada em número relativamente grande dos casais transmontanos àquela Praça e o reaparecimento de um português, homem de grandes iniciativas comerciais e industriais, Cristóvão Pereira de Abreu.

---

[61] Da grei ibérica: do povo ibérico.
[62] Buenairenses: natural ou habitante de Buenos Aires.

Reconstruída a Colônia, recomeçou também a deserção dos portugueses, que em grande número buscavam a vida mais larga e fácil que lhes ofereciam as povoações platinas. Governava a Colônia desde 1722, o célebre Antônio Pedro de Vasconcelos, grande chefe militar que obrigava todos os moradores da Praça, e, em particular, os soldados a uma disciplina severa. As deserções eram frequentes. E em todas as classes. Não só os Soldados, más alguns oficiais e até funcionários superiores se aproveitavam de qualquer ensejo para se evadirem.

Mais que ninguém, os soldados-vaqueiros eram favorecidos nesse desígnio, pelas circunstâncias. Os portugueses caçavam as vacas a cavalo e a tiro. Armados de espingarda, e cinturão abastecido, os que saíam da Praça a vaquear, e se afastavam nas suas correrias atrás das distantes manadas que vagueavam longe da Colônia, eram irresistivelmente solicitados a abandonar a tropa a que pertenciam, para se incorporarem aos vaqueiros espanhóis que vagabundeavam nas campanhas e partilhar da sua vida solta.

Quando teriam começado os desertores portugueses a associar-se aos foragidos espanhóis que erravam nas campanhas?

Já aqui citamos uma carta do Governador do Rio de Janeiro, Luís Vahia Monteiro, na qual, em agosto de 1728, se referia ao fato de que nas campanhas entre a Colônia e o Rio Grande "*andavam já coisa de trinta portugueses e sessenta castelhanos*" e destes últimos dizia que eram gente criminosa em Buenos Aires e bandoleiros. Lembremo-nos que para a Colônia se enviavam degredados e que estes não seriam, por via da regra, os últimos a desertar, atraídos pela vida daqueles bandoleiros.

Mais tarde o Padre Diogo Soares, que estava na Colônia havia um ano, escrevendo ao Rei em junho de 1731, referia-se também e por mais que uma vez aos desertores que abandonavam aquela Praça.

Depois de afirmar a necessidade de fortificar o Rio Grande, comentava:

> Verdade é que não serão poucos os desertores, não obstante ter-me mostrado a experiência que estes buscam antes a guarda do [Rio] de São João que o Rio Grande...

A opção equivalia neste caso à da vida sedentária e mais ou menos tranquila das povoações espanholas, que lhes permitia a incorporação à sociedade das Províncias Platinas, representada pela guarda do Rio São João, em vez da vida nômade e insegura das campanhas do Rio Grande, pois ai não havia por então qualquer estabelecimento fixo. Mas que alguns desertores se escapavam nessa direção e para correr os riscos daquela vida aventurosa, se conclui da sequência da carta do Padre Diogo Soares:

> Também não nego que pode haver alguns furtos nas cavalhadas e gados desta Colônia, mas creio que perto de 20.000 reses que faltaram nas de V. Majestade pouco antes que eu aqui chegasse, não foram os desertores do Rio Grande os que se aproveitaram delas.

Quer dizer, a construção da fortaleza e a fundação do presídio do Rio Grande provocariam imediatamente as deserções entre os soldados da sua guarnição: e os desertores haviam de entregar-se pela fatalidade do meio geográfico e social que os recebia às práticas ilícitas dos gaudérios, aumentando assim os furtos dos cavalos e gados da Colônia.

Avaliava o Governador do Rio de Janeiro, Luis Vahia Monteiro, no ano de 1728, por informações diretas ali colhidas, em sessenta espanhóis e trinta portugueses, os "*bandoleiros*", que vagueavam nas campanhas do Rio Grande, "*até ao cerro de São Miguel e Rio de Martim Afonso*". Em que proporção teria crescido nos anos seguintes esta população? Nem os documentos o registram, nem seria fácil calculá-los. Também os documentos espanhóis, por nós consultados, não esclarecem esta dúvida.

Um dado possuímos, todavia, para avaliarmos quanto era grande o número dos desertores da Colônia. Em carta de 12.09.1695, o Procurador das Províncias do Prata, Gabriel de Aldonate y Rada, em petição dirigida ao Rei, informava, com alarma, que desde 1682 até àquela data haviam

passado às Províncias e cidades platinas e peruanas, mais de 300 portugueses evadidos daquela Praça. O Procurador, após denunciar os perigos desta afluência de portugueses, pedia ao Rei que tomasse as devidas providências para que fossem todos recolhidos à cidade do Esteco.

Se entre 1682 e 1695, durante um período de treze anos e quando a Colônia iniciava, com escassos recursos e povoadores a sua carreira, foram tão numerosos os desertores, pode calcular-se como teriam aumentado, desde 1716, quando a população crescera rapidamente e mais que tudo aumentara a guarnição com tropas estranhas ao núcleo e ao meio dos casais transmontanos.

Seria de estranhar até que, em 1728, fossem apenas trinta os portugueses que andavam nas campanhas: mas é certo que o Governador Vahia Monteiro se refere exclusivamente aos que vadeavam na campanha do Rio Grande, por oposição à da Colônia, e que já então podiam, de parceria com os espanhóis, suprir um comércio razoável de couros, que as embarcações do Rio vinham buscar àquele porto. E é de presumir que nas campanhas do Sul fosse maior aquele número. Estas relações dos gaudérios ou gaúchos com os portugueses, a quem vendiam gado vacum, cavalar ou muar, mantém-se, segundo o testemunho de viajantes e escritores espanhóis, durante todo o século XVIII. Mas relações mais íntimas podiam travar-se entre portugueses fora da lei e os que viviam dentro dela.

Quando, em 1735, rebentou o conflito do Prata e os espanhóis se preparavam para sitiar a Colônia, o seu Governador, Antônio Pedro de Vasconcelos, cuidou imediatamente de mandar aviso por terra a São Paulo e ao Rio; de arrebanhar gados para a Colônia nas campanhas, mais distantes; e, sendo possível, ocupar o passo de Rio Grande. A 29.10.1735, o Brigadeiro José da Silva Pais, que então governava interinamente a Capitania do Rio de Janeiro, escrevia ao Conde de Sarzedas, Governador de São Paulo, e, referindo-se àquele fato, comunicava que a Antônio Pedro de Vasconcelos se oferecera um Domingos Fernandes de Oliveira:

> não só para trazer os avisos por terra, senão também convocar alguns desertores que se pudessem juntar, passarem à pampa e rebanharem todos os gados para a nossa parte.

Domingos Fernandes de Oliveira, depois de atravessar as campanhas do Uruguai, chegou a situar-se com a sua pequena força a 10 léguas da Barra do Rio Grande. Atacado por um corpo de tropa espanhola, muito mais numerosa, sob o comando de Estêvão del Castillo, caiu em poder do inimigo com mais vinte e cinco homens. Apenas alguns dos seus subordinados conseguiram escapar-se.

Pela carta de Silva Pais, ficamos sabendo que não só continuavam os desertores portugueses a vaguear na pampa, mas que dentro da Colônia havia quem antecipadamente contasse com o seu auxilio, o que supõe relações anteriores entre os dois grupos. De quantos homens se comporia o pequeno Corpo de Domingos de Oliveira e qual, dentro dele, a proporção daqueles desertores?

Como o Governador da Colônia não podia distrair, em véspera de ataque à Praça pelos espanhóis e os índios Tape, um número apreciável de defensores, supomos que a maior parte dos homens arregimentados por Domingos de Oliveira, seriam desertores, dos que erravam pelas campanhas do Uruguai e do Rio Grande.

Mas a posição do Passo do Rio Grande já então importava demasiadamente à economia do Brasil, e muito mais em ocasião de guerra para ser abandonada. Antônio Pedro de Vasconcelos escreveu, pois, ao Conde de Sarzedas, indicando-lhe o nome de Cristóvão Pereira de Abreu, que então se encontrava no Rio de Janeiro ou nas Minas, como a única pessoa capaz de substituir com vantagem Domingos de Oliveira na sua missão.

Já em marcha, Cristóvão Pereira escrevia a Gomes Freire de Andrade, de Santos, comunicando-lhe que se dirigia por terra ao seu destino, com o propósito de incorporar alguns voluntários pelo caminho "*e os que mais houver nas vizinhanças do Rio Grande*".

Já do Rio Grande de São Pedro, a 29.09.1736, comunicava de novo a Gomes Freire de Andrade o resultado das suas diligências e como encontrara no Rio Grande "*sessenta pessoas postas da outra parte, e esperando por mim*". É de calcular que a maior parte dessas pessoas, "*postas da outra parte*", isto é, do Sul do Canal, e a que não chama soldados, note-se bem, fossem os antigos desertores, reunidos pelo seu antecessor. Não nos faltam razões para supô-lo. Não só, à sua chegada, ele soube que esses homens acabavam de atacar uma estância das reduções dos Padres e algumas toldarias dos Minuano, desordens muito próprias de gaudérios e que podiam embaraçar a ação do seu novo Comandante, mas não tardava que, em carta de fins de janeiro de 1737, Cristóvão Pereira se queixasse a Gomes Freire de Andrade de que alguns desses homens haviam desertado e dos seus desmandos.

As deserções continuavam, pois, a alimentar esse fundo de pré-gaúchos indisciplinados e depredadores, que vagueavam, quer nas campanhas do Uruguai, quer do Rio Grande do Sul. E pela primeira vez, ao que supomos, os responsáveis e representantes do Governo, procuram arregimentá-los de novo, chamando-os à disciplina militar, para defesa do Estado. Volvidos trinta anos sobre estas informações de Vahia Monteiro, o navegante francês Bougainville ([63]) escrevia:

> Formou-se desde alguns anos ao Norte do Rio da Prata uma tribo de gente inculta que poderá converter-se cada vez mais em núcleo perigoso para os espanhóis, se não se tomarem medidas prontas para a sua destruição. Alguns malfeitores escapados à justiça tinham-se retirado para o Norte de Maldonado. Agregaram-se-lhes muitos desertores. E insensivelmente cresceu o número deles. Com as mulheres tomadas aos índios começou uma raça que vive apenas de pilhagem. Assegura-se que passam já de 600.

Os historiadores platinos citam esse texto como sendo o primeiro que se refere a esta nova agrupação social. E só mais tarde viajantes e demarcadores espanhóis, como Aguirre, Oyarvide e Azara, em suas descrições caracterizam os gaúchos ou gaudérios como homens

[63] Bougainville: Louis Antoine de Bougainville.

rústicos e descalços, envoltos no poncho, "*hipocentauros*" ([64]) ou "*sátiros*" ([65]), aos quais não falta a viola e o cavalo, as bolas, o laço e a faca para apanhar uma rês e assar a carne de que se alimentam, trabalhando apenas para adquirir o tabaco que fumam ou o mate que bebem sem açúcar, durante todo o dia.
Apesar disso, como vimos, as origens do gaúcho podem rastear-se desde muito mais cedo e seguir-se a formação do tipo, através dos documentos durante o meio século anterior ao texto de Bougainville.

Muito antes dessas referências, o Governador de Buenos Aires D. Miguel de Salcedo, tendo-lhe constado, em agosto de 1735, que muitos espanhóis vagueavam, entregando-se à pilhagem, nas campanhas setentrionais do Rio da Prata e se refugiavam sob vários pretextos, nas estâncias das reduções dos índios da Companhia de Jesus, onde praticavam extorsões e roubos, mandava aos Alcaides dos Sete Povos que não dessem abrigo a nenhum espanhol sem licença especial para transitar por eles. E ao Padre Superior daquelas reduções rogava que mandasse distribuir por todas elas a cópia dessa Ordem.

Mas, na verdade, Padres e corregedores pouca autoridade poderiam exercer sobre os índios que viviam nas estâncias onde guardavam o gado cavalar ([66]) e vacum ([67]) e que se estendiam por larguíssimas distâncias. Para se avaliar das possibilidades da inobediência ([68]) dos índios aos Padres, seus diretores, tomemos um caso dos mais típicos.

Como é sabido, alguns milhares de índios, sob o comando dos Padres Jesuítas, auxiliaram os espanhóis a sitiar a Colônia durante os anos de 1735 a 1737. Ora, a 28.02.1738, o Governador de Buenos Aires, D. Miguel de Salcedo ordenava, com aspereza, ao Padre Lourenço Daffe que se retirasse imediatamente com seus índios para as reduções.

---

[64] Hipocentauros: centauro – ser mitológico, misto de homem e cavalo.
[65] Sátiros: ser mitológico, misto de homem e bode.
[66] Cavalar: equinos.
[67] Vacum: bovinos.
[68] Inobediência: desobediência.

Acusava-os nada menos do que haverem introduzido carnes dentro da mesma Praça que estavam sitiando; de entrarem a saírem dela, aos grupos de trinta, em público e dia claro. Não obstante os reiterados pedidos àquele Padre para dar remédio a semelhante escândalo foi necessário que as tropas espanholas se opusessem pelas armas à traição desses índios. Tinham eles levado a ousadia até sair de noite, em grande número, para atacar as guardas espanholas. Por isso o Governador ordenava ao Padre que, no prazo máximo de três dias, se retirasse com os seus índios para as reduções, e que não permitisse a nenhum ficar nas campanhas. Não eram apenas desertores de tropas de guarnição os portugueses que se juntavam a estes bandos de espanhóis. Outra ordem do Governador de Buenos Aires, D. Miguel de Salcedo, dos princípios do ano de 1740, deixa-nos entrever que outra espécie de portugueses e por outros motivos se juntasse à turma dos gaudérios.

Ao Governador Salcedo constara que nas campanhas imediatas à redução do Santo Ângelo, um dos Sete Povos Orientais do Uruguai, se encontravam vários portugueses que haviam desertado da Província de São Paulo com seus bens e escravos. Resolveu o Governador fazer conduzi-los a Buenos Aires com toda a segurança e sigilo. Deu, por consequência, ordens a D. Nicolau Melordui, segundo ajudante daquela cidade, para que passasse com vinte soldados à redução do Japeiu e daí a S. Ângelo, para se fazer cargo das ([69]) pessoas e bens daqueles portugueses e conduzir tudo à capital portenha.

E porque o bom êxito da missão dependia de auxílio que lhes dessem as reduções da Companhia, levava ordens para os Padres, corregedores e caciques respectivos, ministrarem as balsas, carruagens e mantimentos que fossem necessários àquele oficial. Não se conhecem os resultados da missão ordenada por D. Miguel de Salcedo. Em vão procuramos documento que os esclarecessem. Mas não é crível que portugueses de S. Paulo, isto é, paulistas com a prática do bandeirismo, se deixassem colher com a facilidade sonhada pelo Governador de Buenos Aires.

---

[69] Se fazer cargo das: apresar.

Inclinamo-nos, sim, a crer que pelos seus contatos com os índios ou os gaudérios da região, eles fossem avisados a tempo de ludibriar a diligência do ajudante Melordui. E se eles, como se depreende dos dizeres daquele Governador, eram foragidos à justiça, tão pouco poderiam acolher-se aos núcleos já então organizados e sob direção militar do Rio de São Pedro. Julgamos com os documentos aqui citados haver trazido novas luzes ao problema da formação do tipo social do gaúcho.

Os historiadores platinos não andam longe das conclusões a que chegamos. É assim que se referindo a este problema Pablo Blanco Acevedo escreve:

> Mezcla heterogenia de aborígenes, de españoles desertores de tropas regulares, de criollos nacidos en el propio suelo, de brasileños y portugueses, las condiciones de su vida errante en la inmensidad del campo, sin más sujeción que la autoridad da un jefe o de un caudillo, dieranle al gaucho, producto típico de un ambiente así integrado, los caracteres precisos e indelebles con los cuales ha pasado a la posteridad. El gaucho Río-platense, el montonero artiguista Oriental o del litoral argentino, fue en su origen una expresión única y genuina de la campana uruguaya. Surgió en el período anterior a la guerra guaranítica y constituyó una entidad definida, cuando España y Portugal se disputaban el tesoro de los ganados que pastaban libremente en las praderas del país.

Embora tão cheias de substância, estas palavras não atingem, ao que nos parece, o fundo do problema. Voltemos ao princípio, isto é, ao título deste capítulo. O berço do Uruguai, como do Rio Grande do Sul, foi, o "*Território da Colônia*", ou sejam as terras compreendidas entre a margem Setentrional do estuário platino e a povoação da Laguna, sobre as quais Portugal reivindicava contra Espanha a soberania política. É deste choque de soberanias, naquela vastíssima Terra de Ninguém, que vai nascer o gaúcho, "*expressão única e genuína*" não só, como diz Blanco Acevedo, da campanha Uruguai, mas também, como nós mostramos, da campanha do Rio Grande de São Pedro. Os gaudérios ou gaúchos nascem conjuntamente dum gênero de vida novo, cujas sementes foram lançadas pelos portugueses, em oposição essencial aos jesuítas, e dum hibridismo de cultura ibero-ameríndio.

Há nesta gênese do gaúcho qualquer coisa de semelhante à dos bandeirantes paulistas. Embora se filie na indústria da ganadaria, criada pelos portugueses à margem do estuário platino e sofrida, por muito tempo, sem hostilidade declarada pelos Governadores de Buenos Aires, esse gênero de vida cedo revestiu o caráter duma atividade ilícita e proibida. A nova sociedade dos gaudérios nasce da ilegalidade do contrabando. Germina à margem da lei, mas alimentando-se do que havia de inumano e de absurdo nessa lei. Colocado fora da sociedade organizada, o gaudério regride ao primitivismo dos índios e à indisciplina, amoralidade e violência daqueles que a sociedade com obstinação repele.

Quando mais tarde o Estado, e os seus representantes, mercê de circunstâncias novas, procuram valer-se dos seus serviços e enquadrá-los em organismos próprios, eles reentram pouco a pouco na disciplina comum a esse novo grupo, embora guardando sempre a frugalidade silvestre, a bravura inata e o amor do perigo, da aventura e da independência, que constituem o travo especifico do seu caráter e tipo social.

Limitar, como faz Blanco Acevedo e outros historiadores uruguaios, o habitat e a formação desse tipo à campanha uruguaia, é apoucar também os fundamentos sociais e históricos da República do Uruguai. Os desertores portugueses ou "*bandoleiros*" espanhóis, igualmente inadaptados à disciplina da sociedade a que fugiam, que se tornavam vaqueiros e contrabandistas, e, por hibridismo final de sangue e de cultura, sazonaram no tipo do gaúcho, fossem evadidos de Buenos Aires, de Santa Fé, da Colônia, da Laguna ou de São Paulo, terminaram por amalgamar-se no mesmo grupo laxo que se estendia desde as margens do Prata à Laguna, desde as estâncias dos Sete Povos até ao mar ou às lagoas Mirim ou dos Patos. É certo que em dois documentos portugueses, as cartas de Vahia Monteiro e a do Padre Diogo Soares, que se referem aos desertores portugueses e à sua promiscuidade com os espanhóis, se alude a dois grupos: o da campanha da Colônia e o da campanha do Rio Grande. Ao que supomos esta diferenciação é de ordem geográfica e não social.

Desde os começos do século XVIII, pelo menos, se praticavam as comunicações diretas por terra, entre a Colônia do Sacramento e a Laguna. Em 1703, um certo Domingos da Filgueira escrevia o "*Roteiro por onde se deve governar quem sair por terra da Colônia do Sacramento para o Rio de Janeiro ou Vila de Santos*".

Segundo o roteirista, saindo da povoação da Colônia, marchava-se, durante vinte e três dias, até à serra de Maldonado e à costa de Castilhos. Daí tomava-se e seguia-se constantemente a praia até dar em povoado, o qual naquele tempo se deparava apenas na Laguna. De Castilhos até ao Rio Grande tardavam quinze dias. Aí chegados, era necessário construir uma jangada para atravessar a barra.

Dali até a Laguna gastavam-se ainda trinta dias. Mas as chuvas e outros contratempos alongavam a viagem por mais tempo. Por esta espécie de cordão umbilical, que era o trajeto costeiro entre a praia de Castilhos e a Laguna, se unia o Rio Grande às campanhas da Colônia.

Até as lagoas Mirim e dos Patos, com pouca diferença, se alargavam as estâncias de Sete Povos, onde vagavam as tropas de índios, a cavalo, comandadas por jesuítas ou pelos seus "*comissários*". Muito mais tarde, o geógrafo francês João Batista Bourguignon D'Anville, havia de referir-se em memória, de que adiante nos ocuparemos, àquelas incursões da "*cavalaria dos Padres*" até ao mar.

Desta sorte, os viajantes que em pequenos grupos faziam a travessia da Colônia até as povoações portuguesas mais próximas, seguindo pela beira-mar, buscavam duas vantagens: a de uma estrada fácil e onde lhes era permitido caçar, a um lado, e pescar a outro; e, ao mesmo tempo, evitar os encontros inoportunos e perigosos com os Tape das reduções jesuíticas. As campanhas da Colônia haviam sido, é certo, a matriz, onde sob a fecunda ação dos industriosos colonistas e de Governadores e homens de poderosa iniciativa, como Naper de Lancastre, Veiga Cabral, Cristóvão Pereira de Abreu e Antônio Pedro de Vasconcelos, se formara uma indústria riquíssima e um gênero de vida adaptado à geografia e riqueza econômica, regionais.

Desses primeiros anos do século XVIII datam, como vimos, os primeiros passos, ainda frouxos e logo paralisados, da colaboração entre portugueses e espanhóis nas mesmas fainas. Retomada a Colônia pelos espanhóis, só em 1717 renasce, mas desta vez com redobrado vigor e para não mais se extinguir a indústria da ganadaria, em cujas atividades comungam igualmente os portugueses da Colônia e os moradores de Buenos Aires, Santa fé e Corrientes.

Apenas cinco anos volvidos, já de novo temos notícia da comunicação por terra entre as campanhas da Colônia e a gente da Laguna. Mas desta vez o fato reveste-se duma importância bem maior. Em carta escrita da Laguna por Francisco de Brito Peixoto, em 17.08.1722, ao Governador de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, informava aquele grande pioneiro:

> Recolhendo-se a minha gente do Rio Grande trouxeram sete castelhanos, e estes vieram da Terra Nova (Colônia do Sacramento); e, como me pareceu acerto, remeto a Vossa Excelência um deles, por nome Roque Zoria, para informar a Vossa Excelência do que se passa pelas campanhas e na terra nova.
>
> Ao meu parecer é muito esperto e experiente, por assistir sempre na habitação daquelas campanhas.

Datam de então as relações comerciais entre esses homens, que assistiam "*sempre na habitação daquelas campanhas*" e os habitantes da Laguna, e por meio deles, os moradores das Minas. O mesmo Francisco de Brito em nova carta escrita da Laguna, a 18.01.1723, noticiava ao mesmo Governador que haviam chegado outros castelhanos à vila:

> ficando quatorze no Rio Grande da parte de lá, [do Sul da Barra] com oitocentas reses esperando licença para se recolherem com o gado nesta povoação a vender, e como os primeiros que vieram tiveram bom passaporte, o mesmo terão estes outros, porque tenho presente a recomendação de Vossa Excelência de fazer amizade com os castelhanos...

e continuava:

> Outro espanhol que, foi para a cidade de Santa Fé, me noticiou este seu companheiro manifestara aos mercadores da dita cidade a maior facilidade que poderão ter no negócio com os portugueses nesta povoação pela muita inconveniência e perdas que tem os ditos mercadores na Terra Nova [Colônia do Sacramento], porque atualmente lhes estão tomando as fazendas por perdidas os guardas, que são os soldados castelhanos do Rio de São João, por ordem do Governador de Buenos Aires...

Observe-se que os outros espanhóis tinham ficado no Rio Grande, na margem Sul da Barra, isto é, que haviam seguido o mesmo caminho do roteiro de Domingos da Filgueira. Terminava a carta dizendo:

> Também me noticiou o dito castelhano traziam muitas mulas e machos para venderem...

Começaram assim as grandes remessas de recuas cavalares e muares das campanhas do Sul, pelo caminho da beira-mar para a Laguna, e logo a construção da estrada, chamada dos Conventos, que ligava aquela povoação a Curitiba e a São Paulo.

Além do transporte e venda dos gados, que transformaram desde aquela data o Rio Grande do Sul num complemento econômico do Brasil mineiro, o Capitão-mor da Laguna encarregou também os espanhóis do Sul, de aliciar os índios Minuano a favor dos portugueses e contra os Tape e seus diretores espirituais e comandantes militares, os Padres da Companhia. A "*cavalaria dos Padres*", que chegava até as margens da Lagoa dos Patos, procurava arrebanhar o gado e fixá-lo junto das reduções do Uruguai.

Francisco de Brito Peixoto, com o auxílio dos Minuano, propunha-se desviá-lo, ao contrário, para as campanhas do Norte, mais chegadas ao Mar. Não se limitou a isto o previdente pioneiro. Buscou também que aqueles índios ocupassem o Cerro de São Miguel, situado a Noroeste da costa de Castilhos, e à beira do caminho que comunicava a Colônia com o Rio Grande. Tratava-se de um ato de posse contra os espanhóis, mas do qual eram instrumentos Roque Zoria e os seus companheiros.

Para cimentar essa aliança com os Minuano, o Capitão-mor da Laguna enviava-lhes de presente os mimos que mais cobiçavam: a erva de congonha [erva-mate] e a aguardente de cana. Mas a verdadeira aliança, consolidada pelos laços de interesse comercial, mais resistentes que os ódios de nação, estabelecia-se por essa forma entre portugueses e espanhóis. O mesmo fenômeno, que se observava na Colônia, repetia-se na Laguna. O comércio do gado vacum, cavalar e muar, indispensável às Minas atraiu da mesma forma os espanhóis, para o Norte, como a indústria dos couros e o seu comércio de exportação os levara irresistivelmente a colaborar com os colonistas. E aqui como lá, fundava-se, mercê dessas atividades proibidas, uma comunidade marcada pela clandestinidade.

A seguir, os habitantes da Laguna baixaram até à barra do Rio Grande que ocuparam. Os espanhóis e os portugueses, que habitavam promiscuamente as campanhas próximas, começaram a alimentar também o comércio de exportação de couros, por aquele porto e por Castilhos. Quanto mais os Governadores de Buenos Aires dificultavam o tráfico proibido entre os colonistas e os espanhóis do Prata, mais cresciam as comunicações e o comércio de exportação pela barra de Rio Grande e o transporte das boiadas e das cavalhadas, para a Laguna e daí para as Minas. Com a fundação do presídio ([70]) do Rio Grande e do Forte de São Miguel, em 1737, aumentaram essas relações e com elas o complicado jogo de interesses que opunham os Minuano ou os Charrua aos índios Tape, portugueses a espanhóis, espanhóis a espanhóis, e leigos portugueses ou castelhanos aos Padres da Companhia. As mesmas condições geográficas e econômicas, que provocaram a formação do gaúcho nas campanhas do Uruguai, repetiam-se no Rio Grande. Mais do que isso, as circunstâncias políticas de oposição ou aliança contribuíram para fundir os dois grupos numa mesma entidade social, "*sui generis*" ([71]). Numa e noutra campanha, era o mesmo o modo de vida, – a indústria do vaqueiro cujos produtos trocavam de preferência com os

[70] Presídio: Praça de Guerra,
[71] Sui generis: singular.

portugueses, pelo mate, o tabaco e a aguardente; a mesma alimentação na base de carne de vaca; a mesma predominância do couro na indumentária, nos utensílios e instrumentos de trabalho; e o mesmo nomadismo dos índios, alheio ao direito de propriedade.

Esse tipo, cujo viver anárquico escondia uma vontade de realizar-se com plenitude e independência, tinha de evoluir até as manifestações da emancipação política, mas obedecendo então a um conjunto de circunstâncias, em que não teve pequena parte a geografia. Não nos esqueçamos de que as regiões, onde se desenvolveu o tipo do gaúcho, eram eminentemente propícias à evolução e diferenciação de grupos sociais. Seja-nos permitido, neste ponto, citarmo-nos a nós próprios:

> Em boa verdade, dissemos nós, quando relanceamos um olhar à parte da Bacia do Prata que forma a vasta zona fronteiriça entre o Brasil, de um lado, e o Paraguai, a Argentina e o Uruguai do outro, logo reconhecemos que se trata de uma daquelas regiões, em que se encontram e combinam as formações geográficas e os gêneros de vida diferentes, e que, em geografia política, se designam por zonas políticas ativas, ou zonas de eclosão dos Estados.
>
> Ali se defrontam e conjugam o clima dos trópicos e o da zona temperada; ali, o planalto Meridional com as planícies platinas; ali a floresta tropical e os campos cerrados com os pantanais do Paraguai, os matos do Chaco e as pradarias rio-grandenses, uruguaias e dos pampas; ali a zona do mate com a do quebracho; ali, a exploração florestal e as culturas tropicais com a pecuária e a cultura dos cereais e da vinha; a colonização pastoril com a agrícola, a fazenda com a estância e o "*saladero*", e o gaúcho ou o índio das selvas com o sertanejo crioulo e o colono branco de estirpe ibérica. Quer dizer, todas e as mais complexas condições de clima, de relevo, de vegetação, de raças, de cultura e gênero de vida estimulavam a fermentação política de novos Estados.

Mas em parte alguma desse vasto território, tão marcado pela diversidade dos caracteres geográficos, econômicos e sociais, o conflito de soberanias entre as duas nações ibéricas, assentes dum lado e de outro em razões precárias ou falíveis, veio acrescentar a todas aquelas causas mais um poderoso estímulo político.

Aí, nas campanhas uruguaias e rio-grandenses, à margem do conflito político, gerou-se uma comunidade ibero-americana, selada pelos interesses econômicos. Foi a primeira fase. Assim como na Península Ibérica, Portugal e Espanha foram duas nações complementares, colaborando nos grandes desenvolvimentos da civilização, a que deram origem, também América portuguesa e espanhola, duplicando aquele fato, formaram duas partes do mesmo todo, que teve por laço geográfico o Atlântico e a que chamamos já a Pan-Ibéria clandestina. Clandestina desde as origens. Desde os reinados dos Reis Católicos.

Os monarcas espanhóis, temerosos da capacidade de expansão dos portugueses, por infiltração náutica e comercial, zelosos da sua plena soberania, opuseram-se continuamente e por ordens muito repetidas à entrada dos seus vizinhos nas índias de Castela e nos navios que ali se dirigiam. E a mesma frequência das ordens, ao longo dos séculos, está denunciando a sua inanidade, por via duma fatalidade econômica e social, contra a qual esbarraram sempre os desígnios da política de Estado.

Nações complementares de um e de outro lado do Atlântico, essa repetição do fenômeno assenta, quer na Ibéria, quer na América, na mesma base geográfica. Brasil e Portugal, considerados como frações de um todo, são as duas vertentes principais de dois grandes planaltos: lá a meseta ibérica: aqui, o altiplano andino. A meseta, onde se formara o pastoreio transumante ([72]) e a mineração e sobre essa base o tipo senhorial de vida, repetiu-se na América andina, onde abriu, em maior proporção, as largas pistas ao conquistador dos planaltos auríferos ([73]) e argentíferos ([74]). O gênero de vida do habitante da vertente Ocidental da Ibéria, que fora o comércio marítimo a distância com base na agricultura e nas indústrias extrativas, prolongou-se no Brasil, com uma indústria de base agrícola, – o cultivo da cana e o fabrico do açúcar.

---

[72] Transumante: migração periódica do rebanho em busca de melhores pastagens.

[73] Auríferos: que contem ouro.

[74] Argentíferos: que contem prata.

Quer na Ibéria, quer na América, o espanhol pendeu para um gênero de vida opulento e ostentoso; e o tipo social para o hidalgo ([75]). Ao invés, o português propendeu para as atividades e o estilo social da burguesia. Nunca em Portugal nada que se parecesse, como classe, aos grandes de Espanha. A arte náutica e o comércio marítimo, até ao século XVII e, durante o seguinte, a engenharia militar, com todas as suas consequências culturais, foram, na sua continuidade colonizadora, uma tendência geral da nação, incluindo a fidalguia, em Portugal.

Esta divergência no gênero de vida e nos tipos sociais das duas grandes nações ibéricas, que marcam uma tendência geral, mas não uma regra de verificação constante, teve as suas consequências naturais na América. Lá onde o espanhol se furtava às atividades que manchavam seu lustre de senhor e hidalgo, aparecia o luso com a sua maleabilidade e aptidões múltiplas de burguês. Era e tornava-se o associado indispensável de pequenas empresas comerciais e industriais. Deslocava-se no espaço e na profissão com rapidez pasmosa.

Muitos desses portugueses tornaram-se, pelo conhecimento geográfico e a compreensão da economia e da política, verdadeiros cidadãos da América. Refletiram problemas sociais de todo o continente. E foi essa superioridade de conhecimento e consciência, que muito cedo emprestou impulso continental à expansão e à formação territorial do Brasil.

Aliás, por toda a parte, na América espanhola, a colaboração do português foi aceita a contragosto, como uma espécie de mal necessário, mas sempre olhada com suspeita, quando não combatida com violência pelos representantes mais zelosos e isentos do Governo de Madri. Por trás das atividades portuguesas, o espanhol, por via de regra, vislumbrava a ameaça encoberta ou declarada à soberania nacional; e considerava com ciúme a prosperidade dos seus vizinhos de Portugal ou do Brasil em atividades, para as quais ele não tinha propensão.

---

[75] Hidalgo: que em espanhol que significa fidalgo.

Se no Peru os portugueses auxiliaram poderosamente a exploração das minas de prata e ouro, principalmente das últimas que se praticava, a grandes altitudes, no leito das correntes de montanha, não foi aí que as suas atividades mais se distinguiram, mas sim criando indústrias extrativas, como a do mate, no Paraguai; ou fomentando as de base agrícola, como a do fumo na Venezuela; ou estabelecendo uma rede de tráfico terrestre, através das grandes cidades andinas, ou um sistema de navegação comercial entre os grandes portos do Pacífico, até ao Chile, para cuja formação demográfica concorreram notavelmente.

Mas nenhum exemplo mais típico que o da Colônia do Sacramento e do seu Território. Buenos Aires foi, como é sabido, no seu primeiro século, uma cidade luso-espanhola. Talvez sem o fermento do espírito burguês que os portugueses lhe emprestaram, a grande cidade do Prata não houvesse tão cedo evoluído até à formação da base econômica própria e da nação argentina.

Di-lo um ilustre historiador argentino:

> "*No es aventurado afirmar que a eses lejanos colaboradores [portugueses] debemos el rápido incremento de nuestra capital e hasta la base de nuestra grandeza comercial actual...*" Segundo o autor argentino, foram os portugueses os primeiros a aproveitar e valorizar o comércio do couro, ensinando aos seus habitantes "*donde estaba la fuente de la riqueza nacional*" e acrescenta: "*Durante toda la primera mitad del siglo XVII la influencia portuguesa no hizo sino afianzarse y preponderar, y a fuer de justos debemos reconocer que se tradujo en beneficio para la región rioplatense, cuyos pobladores no hubieron podido subsistir, se ella no hubiera roto el molde impuesto a las otras regiones de la América, cuya situación y elementos de vida eran por completo diferentes*".

O historiador argentino refere-se a seguir, como causa principal destas transformações, à fundação da Colônia do Sacramento. E se esta, diremos nós, obedeceu na sua origem a razões de geopolítica, veio a tornar-se com o tempo, uma criação do gênio burguês dos portugueses.

Tanto como limite geográfico, era, na mente dos portugueses, uma fronteira econômica, onde se defrontavam dois gêneros e dois estilos de vida diferentes, permitindo um desenvolvimento recíproco de riqueza. A Espanha oficial considerou esse fato, e não sem razão, como uma grave ameaça à sua já tão precária soberania política no Prata. Mas Lafuente Machain referindo-se à Colônia dirá ainda:

> Su vecindad, tan perjudicial para los derechos territoriales de la corona de Castilla, fue muy beneficiosa para la naciente Buenos Aires, pues le enseño a apreciar los productos de su campana y a desarrollar las bases de lo que hoy hace su riqueza... Para los vecinos de Buenos Aires, bajo el punto de vista económico, fue el principal acontecimiento de la vida colonial; ellos necesitaban vivir del producto de sus tierras, única fuente de sus entradas, y ante la imposibilidad de aprovecharlas por la vía designada por el Rey, se vieran en la necesidad de comerciar con los portugueses, 'por falta de providencias', como lo dice el Cabildo en carta a S. M., fechada el II de diciembre de 1699, y para ello nada mejor y más al alcance de sus manos que la Colonia, con sus vastos almacenes, donde recogían los frutos de nuestras campanas y entregaban los artículos europeos y los negros de Angola.

Se é possível formular este conceito em relação a Buenos Aires, com maioria de razão se poderá dizer que a Colônia do Sacramento suscitou a formação dum novo Estado às margens do Prata, criando o gênero de vida específico, que se tornou a sua base econômica fundamental, e um tipo social que virá a ter um papel predominante nos movimentos da sua independência.

Não há dúvida que, nos seus começos, o gaúcho foi contrabandista, desertor ou foragido da justiça. Mas essa amoralidade filiava-se quase sempre nos absurdos do monopólio da monarquia espanhola, que privava os seus súditos na América de produtos abundantes e mais baratos; nos rigores excessivos da disciplina militar, que confinava os moradores ou soldados portugueses, durante anos seguidos, às muralhas duma Praça; e, quantas vezes, nos desmandos duma justiça, mais violenta e cruel no castigo, que o delinquente no crime.

Depois, pouco a pouco, o que era ilegal legalizou-se: o que fora antissocial tornou-se em fundamento de uma nova sociedade; e o que fora anárquico, em sólido instrumento da formação de um novo Estado. Mas no seu impulso original essa sociedade foi de inspiração portuguesa.

Os portugueses criaram uma indústria, estranha ao molde econômico da América hispânica, e deram foros de atividades legítima ao que o Estado espanhol considerava violação de soberania e contrabando intolerável: o comércio entre lusos e castelhanos na base dos produtos da ganadaria.

Assim dessa Pan-Ibéria clandestina, que se estendeu à Ibéria e à América, atando e desatando os frouxos laços, que a soberania política não apertava, só nas campanhas que se estendiam desde o estuário platino à Laguna, veio a formar-se um tipo social ibérico, ou melhor, ibero-americano: o gaúcho.

Porque acabou então por dissociar-se essa comunidade em duas formações políticas, o Uruguai e o Estado do Rio Grande do Sul? Longo e complexo foi esse processo. Mas os tratados e os conflitos armados que se sucedem desde 1750, até ao equilíbrio final, obedecem à mesma causa: a luta entre dois coeficientes de densidade social e política e duas forças de gravidade, ambas de sentido diferente.

Onde dominava o elemento espanhol e este era mais ou menos solidário, pelas relações de língua e cultura, com os centros urbanos hispano-americanos mais próximos, o gaúcho tendeu para a formação dum Estado independente, obedecendo à lei duma diferenciação muito própria, e à do fracionamento político, esta comum a toda a América espanhola.

Onde, pelo contrário, dominava o elemento português, o gaúcho, apesar de ficar distante dos centros urbanos brasileiros, mas sabiamente nacionalizado pelo afluxo dos casais açorianos, tendeu pela lei da diferenciação própria e a da unificação política, esta comum à América portuguesa, a incorporar-se ao Brasil.

Mas tanto a República do Uruguai como o Estado do Rio Grande do Sul permanecem as duas formações sociais e políticas, dentro de toda a América, as mais complexamente ibéricas, as mais representativas das virtudes comuns aos povos da velha Hispânia ([76]): a hombridade e a fidalguia, temperadas aqui pelo humanismo americano. Uruguai e Rio Grande do Sul são até hoje as duas grandes criações da Pan-Ibéria. Esse é o principal fundamento, o mais original e específico da independência da nação uruguaia entre os povos da América.

Seja como for, quando, em 1735, ia estalar ([77]) o conflito do Prata, cada uma das nações ibéricas se preparava, em silêncio, mas com afinco, para partilhar o mais possível essa vasta Terra e Sociedade de Ninguém. A Espanha urgia assimilar a sua parte, sob pena de comprometer gravemente o problema da soberania espanhola em todo o Prata. Tal foi a causa fundamental, ainda que inconfessada, do conflito.

Vamos Devagar e Sempre
(Adair de Freitas)

[...] Eu sou gaúcho de fato
Sou índio gaudério
Do Sul do país
Tenho orgulho em ser gaúcho
Sou pobre e sem luxo
Mas sou bem feliz.

Eu não ando me queixando
Vivo trabalhando
E a honra conservo
E há gente que até me apedreja
Porque sente inveja
Da vida que eu levo. [...]

---

[76] Hispânia : nome dado pelos romanos à região formada atualmente por Portugal, Espanha, Andorra, Gibraltar e Sul da França.

[77] Estalar: eclodir.

Colônia do Santíssimo Sacramento

Como vimos nos dois capítulos anteriores, Barbosa Lessa e Jaime Cortesão, ressaltam a importância econômica da Colônia do Sacramento de onde partiam os navios, carregados com couro e outros produtos, com destino às cidades de São Vicente e Santos.

Os portugueses tinham manipulado o Mapa das Cortes arrastando as fronteiras meridionais brasileiras para Leste aumentando consideravelmente o domínio português sobre áreas reconhecidamente espanholas pelo Tratado de Tordesilhas apossando-se ilegalmente da Colônia.

A Colônia do Sacramento, cidade mais antiga do Uruguai, além de guardar um importante acervo arquitetônico do século XVII, já reconhecido como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, é, sem sombra de dúvida, o mais importante destino turístico cultural uruguaio. A Capital do Departamento de Colônia, edificada na margem esquerda do Rio da Prata, fica a 177 km de Montevidéu e a apenas 45 km de Buenos Aires, localizada na margem oposta do mesmo Rio.

Os educados irmãos uruguaios cultuam as suas tradições, sua história, respeitam seus heróis, recebem os estrangeiros com muita atenção e carinho e, acima de tudo, amam com devoção extrema seu País.

Por mais de uma vez, "*los hermanos*", vendo-me fotografar seus casarões centenários, monumentos ou prédios históricos, acercavam-se de mim procurando orgulhosamente informar-me a respeito dos mesmos.

Breve Histórico

João Capistrano Honório de Abreu, às páginas 57 a 87, na obra "*Ensaios e Estudos (Crítica e História)*" – 3ª Série, editado na Livraria Briguiet, em 1938, pela Sociedade Capistrano de Abreu, dedica-lhe um capítulo especial denominado "*Sobre a Colônia do Sacramento*". Capistrano de Abreu faz um retrospectiva histórica desde Colombo para contextualizar o tema.

Sobre a Colônia do Sacramento

> Quando Cristóvão Colombo, em 09.03.1493, anunciou a El-Rei de Portugal o descobrimento de novas terras Ocidentais, respondeu-lhe D. João II que todas pertenciam à sua coroa. Na opinião do tempo era idêntico o Mar que banhava a Europa e a África por Oeste ao que banhava a Ásia a Este: a Ásia Oriental e Meridional com seus milhares de ilhas, toda a África Oriental desde a Abissínia até o Cabo da Boa Esperança, julgavam-se Índia; as terras situadas a meio caminho da Índia, a própria Índia, foram doadas à Coroa de Portugal por diversos Pontífices a partir de Nicolau II; os Reis de Espanha reconheceram os direitos portugueses em Tratados solenes. Como podiam os novos descobertos demorar ([78]) fora de limites serem definidos com tanta precisão? No mês de abril, terminadas as festividades da Páscoa, D. João chamou a Conselho seus Ministros e resolveu mandar uma Armada às regiões novamente achadas por Colombo. Por intermédio do Duque de Medina Sidonia souberam os Reis de Espanha da grave resolução tomada: a 23 de abril expediram de Barcelona Lopes de Haro, pedindo a D. João II fizesse apregoar por seus reinos que ninguém fosse às ilhas descobertas e nomeasse embaixadores conhecedores do caso para discuti-lo calmamente e levá-lo a decisão honrosa. O pregão ([79]) foi desde logo lançado e obedecido mais ou menos: em todo o caso, as aparências salvaram-se.

[78] Demorar: situados.
[79] O pregão: a proclamação, o bando.

Os embaixadores nomeados, Doutor Pero Dias e Ruy de Pina, seguiram por Mar até Barcelona, onde estava a Corte, e lá chegaram a 15 de agosto. A embaixada deu resultado nulo nas aparências por ignorarem os embaixadores o assunto de que se tratava. Entretanto, os reis de Espanha não se absorviam inteiramente nestas conferências. Seus representantes em Roma trabalhavam ativamente e obtinham de Alexandre VI, o Papa, as maiores concessões. Por duas Bulas de 3 de maio eram doadas àquele reino todas as terras descobertas e por descobrir sob a bandeira de Espanha; por outra de 4 de maio fixavam-se os limites entre possessões espanholas e portuguesas a cem léguas de qualquer das ilhas dos Açores e do Cabo Verde; por outra de 25 de setembro atribuíam-se à Espanha todas e quaisquer ilhas e terras firmes achadas e por achar, descobertas e por descobrir e as que, navegando ou caminhando para o Ocidente ou Meio-dia ([80]), são ou forem aparecendo, ou estejam nas partes Ocidentais ou Meridionais e Orientais e da Índia.

Assim, nem os reis de Espanha nem a Cúria romana estavam pelas consequências que a Coroa Portuguesa tirava de Bulas e Tratados antigos: urgia, pois, achar nova base de negociações. Foi mandado, de Barcelona para a Corte Portuguesa, Garcia de Herrera a dar notícia da próxima partida de outra embaixada incumbida de tratar a questão, para a qual se pedia benigno acolhimento. Composta de Garcia Lopez do Carbajal e D. Pedro d'Ayala, partiu de fato a 2 de novembro e foi recebida friamente: "*não tem pé nem cabeça*", disse desdenhoso D. João II, aludindo a um que era coxo e outro de fraco espírito. Por sua vez, a 08.03.1494, El-Rei mandou Ruy de Sousa, senhor de Usagres e Berengel, João de Sousa, seu filho, almotacé-mor ([81]), e Árias de Almadana, corregedor dos feitos cíveis na Corte de Lisboa e do desembargo do Paço, os quais conferiram e negociaram em Medina do Campo e levaram a negociação a bom resultado, assinando com Henrique Henriques, mordomo-mor, Gutierres de Cardenas, comissário-mor de Leon e contador-mor, e Doutor Rodrigo Maldonado de Talaveras, todos do

[80] Meio-dia: Sul.
[81] Almotacé-mor: provedor da casa real.

Conselho Real, a 7 de junho, o Tratado de Tordesilhas, primeiro capítulo da história diplomática da América.

Pelo Tratado fixavam-se os limites entre as altas potências contratantes não mais a 100 léguas, mas a 370; não mais a Oeste de qualquer das ilhas dos Açores e do Cabo-Verde, como na Bula de 4 de maio do ano anterior, mas a Oeste do arquipélago do Cabo Verde.

De que ilha não se especificou, o que, aliás, não significava muito, pois a distância entre a mais Oriental e a mais Ocidental é apenas de 2°45′ ([82]). Mais sério foi não especificar-se como se devia entender a légua ([83]), pois nas teorias contemporâneas havia-as de $14^{1/6}$, de 15, de $16^{2/3}$, de $17^{1/2}$ e até de $21^{7/8}$ em um grau do Equador ([84]). Mais sério foi, enfim, esquecer-se de que os astrônomos não possuíam ainda nem instrumentos nem saber bastante para achar longitudes no Mar, se acaso o alcançasse o linde ([85]).

Estes inconvenientes não apareceram quando, no ano de 1500, o Brasil foi ao mesmo tempo descoberto pelos espanhóis Vicente Yáñez Pinzón e Diego de Lepe, pelo português Pedro Álvares Cabral. El-Rei de Espanha fez em 05.09.1500 Pinzón "*capitán é gobernador de las dichas tierras de sus o nombradas desde la dicha punta de Santa María de la Consolación siguiendo la costa hasta Rostro Hermoso, é de allí toda la costa que se corre al Noroeste hasta el dicho Río que vos posistes nombre Santa María de la Mar Dulce*"; mas o antigo companheiro de Colombo não se aproveitou da concessão, ou logo desenganou-se dela com o aspecto "*safio do lito*", o canibalismo dos indígenas e a força de ventos e correntes.

Neste trecho não se encontram depois mais vestígios de Espanhóis pelo correr do século XVI. D. Manuel, sucessor de D. João II, mandou desde logo tomar conta do país encontrado por Cabral e melhor explorá-lo.

---

[82] 2°45′: 305,58 km.
[83] Légua: outrora 6.349,2 m, hoje 5.556,0 m.
[84] Um grau do Equador: hoje 20 léguas ou 111,12 km.
[85] Linde: limite.

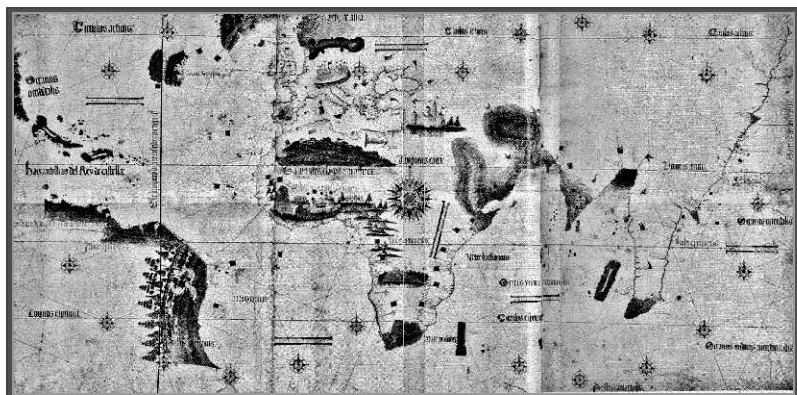



Imagem 04 – Planisfério de Cantino, 1502

Uma expedição de três navios saiu de Lisboa em maio de 1501, surgiu a 16 de agosto no Cabo de S. Roque, e acompanhando a costa foi reconhecendo-a dando nome aos pontos mais notáveis. No mapa de Alberto Cantino, preparado em 1502, apenas voltou a Armada, o ponto mais Meridional que aparece é o Cabo de Santa Marta, no atual Estado de Santa Catarina. Em 1503, veio nova expedição particular, composta de seis navios pertencentes a alguns cristãos novos, que desde logo arrendaram a terra, para explorar o pau-brasil e fazer escravos.

Na ilha de Fernão de Noronha, que também achamos nomeada São Lourenço, por ter sido avistada no dia 10 de agosto, perdeu-se a Capitania; dois navios separaram-se da Armada, reduzindo-a assim à metade. Os restantes não é verossímil que se metessem a descobrir; provavelmente tornaram para o reino, apenas completaram a carga.

Passam alguns anos, durante os quais habitualmente os portugueses se contentaram em navegar pelas proximidades do Cabo de Santo Agostinho, onde facilmente achavam os poucos gêneros de seu escambo: pau-brasil, papagaios, macacos, cascavéis, algodão, escravos, resgatados por anzóis, espelhos, ferramentas, avelórios. Em 1513, uma esquadrilha de dois navios, armados por Cristovam de Haro, D. Nuno Manuel e outros, obteve licença para continuar o descobrimento e adiantou-se a lugares até então desconhecidos.

Seus resultados, segundo se pôde concluir, de uma carta ou gazeta escrita da Madeira em 12.10.1514, quando chegou um dos navios, obrigado a voltar por falta de mantimentos, são formulados por Konrad Haebler:

> Se João de Lisboa foi o famoso Piloto de que fala a gazeta, é muito incerto, embora não impossível. Os navios passaram os limites do até então explorado, que não devia demorar muito ao Sul do Cabo de Laguna ou Santa Catarina. Nesta viagem descobriram o Cabo de Santa Maria, que deles recebeu certamente o nome, internaram-se num espaço considerável pelo Golfão do Prata, até reconhecê-lo a pequena distância de ambas as margens; provavelmente viram também claro que se tratava da embocadura de um Rio. Em consequência disto e acossados por tempos desfavoráveis, voltaram para o alto Mar e seguiram a costa até altas latitudes Meridionais, onde encontraram indígenas vestidos de pele e ouviram falar em montes nevados. De nem um modo descobriram o Estreito de Magalhães; foram, porém, os primeiros europeus que alcançaram a profunda chanfradura da Baía do Prata, que a Coroa Portuguesa, de fato, mais tarde, reclamou como sua. (ABREU)

Abrimos aqui um parêntese para apresentar um parecer do engenheiro militar, historiador e homem de letras Francisco Maria Esteves Pereira (Portugal, Miranda do Douro, 1854 – Portugal, Lisboa, 1924) a respeito do polêmico artigo publicado na "*Nova Gazeta da Terra do Brasil*". Capistrano de Abreu fixou, inicialmente, a data da expedição no período de 1505 a 1506, retificando-a mais tarde para 1514, considerando-a, portanto, como a viagem executada por D. Nuno Manuel. Cita Francisco Maria Esteves Pereira:

Copia der Newen Zeytung auß Presillg Landt.

Item wist das auff den zwelfften tag des Monadts Octobers Ein Schiff auß Presillg landt hye an ist kummen umb gepruch der Victualia/ So dan Nono un Cristoffel de Haro und andere gearmirt oder gerüst haben. Der Schiff sein zway/ durch des konigs von Portugal erlaubnuß umb das presilg landt zubeschreiben oder zu erfaren Und haben das Lanndt in Sechs oder Syben hundert meyll weyt deschriebtert/ dann man das vor wissen hat gehabt. Unnd da sie kommen sein ad Capo de bona speranza/ das ist ein spitz oder ort so in das meer get/ gleich der Nort Affrica/ und noch ein grad höher oder weyter. Un do sie in solche Clima oder gegent kommen sein Nemlich in Viertzig grad hoch/ haben sie das Presill mit ainem Capo/ das ist die spitz oder ein ort/ so in das mer get/ funden. Un haben den selbigen Capo umbseylet oder umbfaren/ un gefunde/ das der selb Calfo gleich ist gangen wie Europa leyt mit dem Syt ponente levante/ das ist gelegenheyt zwischen dem auffgangk oder Ost/ und nyderganngk oder West/ Dann sie haben auff der anndern seyten auch die landt gesehen/ Als sie bey Sechtzig meyllen umb den Capo komme sein/ zu geleicher weyß als wen ainer in Levanten fert/ und die stritta de gibilterra passiert/ das ist/ furfert/ oder hyndurch einfarn/ und das landt von Barbaria sicht. Und als sie umb den Capo kummen sein/ wie gemelt ist/ und gegen uns Nordwestwertz geseylet oder gefaren haben. Do ist ungewitter so groß worden/ auch winde gewesen/ das sie nicht weyter haben kunnen saylen/ oder faren. Do haben sie durch Tramozana/ das ist Nort/ oder mitternacht/ wider her umb auff die annder seyten und Costa/ das ist landt/ von Presill müssen faren. Der Piloto/ das ist der schiffuerer/ oder Schiflayter/ So mit dysem Schiff gefaren ist/ ist mein fast güt frewndt. Ist auch der berümbtest so in der konig von Portugal hat. Ist auch etlich Rayß in India gewesen/ der sagt mir und vermayndt/ das von sollichem Cabo dye Presill/ das ist ein anfangk des Presill landt/ uber Sechshundert meyl gen Malaqua nit sey. Vermayndt auch in kurtzer zeyt durch so

A ij

Imagem 05 – Fac-símile da Nova Gazeta da Terra do Brasil

A NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL

Atrás fica dito que não se conhece nenhum documento escrito em português, em que se refira o descobrimento do Rio da Prata, além da alusão de Álvaro Mendes de Vasconcelos, Embaixador de Portugal em Castela, na carta dirigida a D. João III, datada de Medina del Campo [Castela e Leão, Espanha], a 14.12.1531; e uma frase da carta de João da Silveira, Embaixador de Portugal em França, a D. João III, datada de Paris, a 24.12.1527, e que João de Barros, Fernão de Castanheda e Gaspar Correia também não aludem a esse feito, certamente por se ocuparem somente dos sucessos da Índia. Um documento escrito em alemão parece, todavia, ter conservado alguma notícia da Armada que fez o referido descobrimento. É a "*Copia der Newen Zeytung auss Pressillg Landt*".

Deste documento são conhecidas três edições impressas e uma cópia manuscrita.

A primeira edição do impresso é um folheto de 4 folhas não numeradas, do formato de 4° pequeno, sem lugar da impressão nem data. Na página "*recto*" ([86]) da folha 1 está no alto da página em duas linhas o título: "*Copia der Newen Zeytung auss Pressillg Landt*"; por baixo, ocupando quase toda a página, uma gravura de madeira em que são representados um porto de mar, ilhas, rochedos e navios. A página verso da folha 1 está em branco. O texto do documento ocupa as páginas "*recto*" e verso das folhas 2 e 3. Os caracteres são góticos; a página inteira tem 35 linhas, e cada linha 50 letras em média. O folheto é anônimo; e parece ter sido impresso no primeiro quartel do século XVI ([87]). Este paleótipo ([88]) é extremamente raro; foi reproduzido em fac-símile pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com tradução de Rodolpho R. Schüller. A cópia manuscrita existe no Arquivo dos Príncipes e Condes de Fugger, em Ausburgo, onde o encontrou Konrad Haebler, e o fez conhecido, em 1895. O manuscrito é do formato de fólio ([89]), compreende quatro folhas não numeradas; a primeira com o título: 1515 – "*Newen Zeytung auss Pressillg Landt"* a última em branco, servindo estas duas de capa ao texto, que é escrito nas duas folhas interiores. O texto do manuscrito é precedido do título e do sumário, que falta no impresso. Pelo sumário sabe-se que o texto original foi escrito em 1515, na ilha da Madeira. Parece que o seu autor, alemão de nação, era agente comercial, feitor, de uma empresa comercial, na ilha da Madeira, e que a dirigiu ao chefe da casa em Antuérpia. O texto do mesmo foi impresso por Clemente Brandenburger, e traduzido em português com um glossário.

[86] Recto: direita ou ímpar.
[87] Primeiro quartel do século XVI: 1500 a 1525.
[88] Paleótipo: documento cuja antiguidade é comprovada pela grafia.
[89] Fólio: cada folha de impressão é dobrada em duas.

A linguagem da "*Newen zeytung auss Pressillg Landt"* é o alemão [alto alemão [90]] da época em que foi escrita; mas contêm um número considerável de palavras portuguesas ou castelhanas, e italianas. Muitos são os escritores que se têm ocupado da "*Newen Zeytung auss Pressillg Landt"*; citaremos apenas Humboldt, Varnhagen, d'Avezac, Capistrano de Abreu, Konrad Haebler, Rodolfo R. Schüller e Clemente Brandenburger, o último dos quais recapitulou os resultados a que a crítica tem chegado. Clemente Brandenburger resume do seguinte modo as opiniões dos escritores anteriores acerca da viagem da Armada a que se refere a "*Nova Gazeta da Terra do Brasil*", e acerca da época em que a mesma foi escrita:

> Humboldt conjeturou que na "*Newen Zeytung*" se tratava de uma expedição ao Estreito de Magalhães, posterior à primeira circunavegação; e que o folheto devia ter sido publicado entre os anos de 1525 e 1540; mas ele mesmo desfez esta conjectura porque Cristóbal de Haro já tinha deixado o serviço do Rei de Portugal em 1517, e, portanto, não podia armar navios para viajarem com licença desse Rei.
>
> Varnhagen emitiu a opinião que a "*Newen Zeytung*" devia ter sido escrita pouco depois de 1508; e que a expedição de que a mesma trata era a de João de Solis e de Vicente Pinzón daquele ano.
>
> D'Avezac observou que a expedição de João de Solis e de Vicente Pinzón foi mandada pelo Rei de Castela, e que a "*Newen Zeytung*" se refere a uma expedição portuguesa. Conjetura que o folheto se refere à segunda viagem de Américo Vespúcio (1503), quando diz ter partido de Lisboa em procura de Malaca.

---

[90] Alto alemão: dialetos germânicos das terras altas da região Sul da Alemanha – Suíça e Áustria.

Varnhagen, em resposta às observações de d'Avezac, formulou duas conjeturas; a primeira, que a "*Newen Zeytung*" se refere à expedição portuguesa de 1506, dirigida por Vasco Galego e João de Lisboa; e que fora divulgada [em cópia manuscrita ou folheto impresso] antes de 1515, porque nesse ano foi publicada em Nuremberg a Cosmografia de J. Schöner, em que se lhe faz referência por extratos manifestos.

A segunda conjetura é que a "*Newen Zeytung*" se refere aos navios de Gonçalo Coelho, que em 1503 foram para o Brasil. Varnhagen é ainda de parecer que poderia ser a tradução alemã de um original escrito em italiano.

Sofus Ruge crê que se trata de um documento apócrifo, fundado apenas em noções correntes na época, e não em uma determinada expedição, e fixa a data da impressão do folheto entre o ano de 1511, em que se supõe ter aparecido pela primeira vez o nome de Brasil, aplicado à Terra de Santa Cruz, e o de 1515, em que foi publicada a "*Cosmografia de Schöner*".

Capistrano de Abreu fixou a data da expedição da Armada, a que se refere a "*Newen Zeytung*", primeiro nos anos de 1505 e 1506, depois em 1514; e ligou definitivamente a "*Newen Zeytung*" ao nome de D. Nuno Manuel. Franz Wieser conjeturou que a expedição não foi além da baía de S. Matias, e se realizou antes do ano de 1508.

Konrad Haebler, que, como se disse, encontrou a cópia manuscrita da "*Newen Zeytung*" nos Arquivos dos Fugger, e a publicou em 1895, mostrou que a Armada, à qual se refere a carta do Embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelos, datada de Medina del Campo, a 14.12.1531, é a mesma a que se refere a "*Newen Zeytung*"; que um dos navios da Armada arribou à ilha da Madeira, a 12.10.1514, como se diz no título e sumário da cópia manuscrita, e que foi a mesma Armada que descobriu o Cabo de Santa Maria e reconheceu o vasto estuário do Rio da Prata.

Konrad Haebler é ainda de parecer que o texto original da "*Newen Zeytung*" era uma carta escrita pelo feitor de uma empresa comercial alemã, residente na ilha da Madeira, para um seu amigo, residente em Antuérpia, talvez empregado da mesma empresa comercial; e que a "*Newen Zeytung*" não é a tradução de um texto italiano, como alguns afirmam, mas o próprio original alemão.

Rodolfo R. Schüller considera a "*Newen Zeytung auss Pressillg Landt*" como um documento suspeito, e acerca dele fez as seguintes observações:

1ª A carta original foi escrita pelo feitor de uma empresa comercial alemã, residente em uma das ilhas pertencentes à coroa de Portugal, para um seu amigo, residente em Antuérpia.

2ª O lugar [ilha da Madeira], onde foi escrita a carta, e o ano [1514], em que se supõe que foi realizada a viagem, dados no sumário e no começo do texto da cópia manuscrita, devem ter sido acrescentados posteriormente, e por isso não pôde atribuir-se-lhe grande importância.

3ª A carta contém cerca de quarenta palavras de origem portuguesa ou castelhana, e italiana, seguidas da sua tradução em alemão. Conclui-se que o seu autor quis dar autenticidade à narração, reproduzindo as palavras do Piloto de quem as ouvira; e que o destinatário não sabia português, castelhano e italiano.

4ª Na carta fala-se insistentemente em Malaca, mas de um modo vago e misterioso, mostrando ignorar-se a sua posição geografia e supondo-a em ligação direta com a terra do Brasil, e de tal modo que a viagem de Lisboa a Malaca por Oeste seria mais breve que pelo Oriente.

5ª Não é admissível que, em 1514, o Piloto mais afamado do Rei de Portugal, e que já tinha feito viagens à Índia, ignorasse a posição geográfica de Malaca, aonde a Armada de Diogo Lopes de Sequeira tinha chegado em setembro de 1509, e quando a cidade de Malaca já fora tomada por Afonso de Albuquerque, em Agosto de 1511.

6ª A carta não contém nenhum nome geográfico das regiões percorridas pela Armada, ou sinais da entrada dos portos, senão somente as designações vagas: o lugar da "*canafistola*", o Cabo, o Brasil inferior [equatorial].

7ª Diversas notícias acerca da gente do Brasil encontram-se nas cartas de Américo Vespúcio, e algumas vezes com o emprego das mesmas palavras essenciais em italiano, e ainda em uma legenda do mapa anônimo, conhecido pelo nome de Kunstmann II.

Schüller conclui: que o Cabo de Santa Maria foi descoberto por Américo Vespúcio na sua primeira viagem ao Brasil (1501 - 1502); que a narração da "*Newen Zeytung*" se refere a uma viagem dos portugueses, na qual descobriram e reconheceram o estuário do Rio, hoje chamado da Prata; e que a carta original da "*Newen Zeytung*" foi escrita antes de setembro de 1509, em que os portugueses chegaram pela primeira vez a Malaca.

Branenburger procurou refutar os principais argumentos de Schüller acerca da falta de autenticidade da "*Newen Zeytung*".

1º Confirma que da cópia manuscrita da "*Newen Zeytung*" as datas de 1515, na capa, e 1514, no texto, são claramente legíveis na cópia manuscrita, não tendo havido erro em escrever 1514 em vez de 1504, que foi o ano em que Vespúcio fez a

segunda viagem na costa do Brasil, a procurar supostamente o caminho para Malaca.

2° As palavras portuguesas ou castelhanas e italianas, que contém a "*Newen Zeytung*", mostram somente que o autor tinha estado fazendo serviço em algum fondaco teutônico ([91]) em Itália, e depois em Castela, e enfim na ilha da Madeira, onde aprendeu as palavras estranhas ao alemão, e que eram usuais no meio náutico e comercial em que vivia.

3° O mapa Kunstmann II foi executado por um cartógrafo italiano, com todas as legendas em língua italiana, exceto algumas em latim nas partes do mapa que primitivamente tinham ficado em branco. Estas legendas em latim parecem ser posteriores à primitiva elaboração do mapa, e acrescentadas depois, sendo mais provável que o texto da legenda do mapa, que tem paralelo na "*Newen Zeytung*", seja fundado nesta, do que está na legenda latina do mapa.

4° As outras expressões da "*Newen Zeytung*", que têm paralelos na terceira carta de Vespúcio, em que se refere a primeira viagem à costa do Brasil, umas são muito vagas, outras são noções gerais acerca dos índios, que podiam ser empregadas por qualquer escritor, quer fosse italiano quer fosse alemão.

Brandenburger conclui:

1° A Armada, a que se refere a "*Newen Zeytung*", é a mesma de D. Nuno Manuel, a que alude o Embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelos na carta datada de Medina del Campo, a 14.12.1531.

---

[91] Fondaco teutônico: armazém ou entreposto alemão.

2° O mais afamado Piloto do Rei de Portugal que veio no navio que em 12.10.1514 arribou à ilha da Madeira, era João de Lisboa, o que é confirmado pelo testemunho de Gaspar Correia, que diz ter João de Lisboa descoberto o Cabo de Santa Maria em 1514.

3° A Armada entrou no estuário do Rio da Prata e navegou 60 léguas na direção Noroeste, avistando a costa Sul do estuário.

4° A Armada não prosseguiu a viagem para o Sul, porque os temporais da estação invernosa não permitiram, obrigando a Armada a voltar para Nordeste. Os detalhes relativos à situação do Cabo, e à direção do Golfo, e à tormenta, provavelmente acompanhada de impetuoso vento Sueste [Pampeiro], que ali surpreendeu a Armada, a língua dos íncolas, diferente daquela falada pela gente do Brasil inferior [equatorial]; as notícias acerca da civilização das gentes que habitavam os territórios próximos dos Andes, onde o ouro e a prata eram tão abundantes que se podiam carregar naus; o achado do bronze e dos machados de prata, semelhantes aos de pedra usados pelos aborígenes; todas estas notícias são plenamente confirmadas pelos navegadores que posteriormente visitaram as mesmas regiões.

5° A Armada, depois de ter navegado 200 léguas na direção Nordeste, a partir do Cabo [de Santa Maria], entrou em um porto e Rio, onde a gente da terra deu informação acerca dos Incas, da sua riqueza em ouro e prata, cobre e outro metal, que a gente da Armada não conhecia, mas que parecia ser uma liga de cobre e vestígios de estanho. No mesmo porto o capitão do navio adquiriu um machado de prata, provavelmente de procedência do Peru. O Porto e Rio eram situados nos territórios habitados então por

uma tribo, talvez pelos Tape da costa do Rio Grande do Sul.

6º Os índios que estanciavam ([92]) por este Porto e Rio andavam cobertos com capas feitas de peles de animais silvestres [guanaco], com o pelo voltado para dentro, e atadas com cintas [chiripá [93]] feitas das mesmas peles.

As observações dos principais escritores que se têm ocupado da "*Newen Zeytung auss Pressillg Landt*", e precedentemente resumidas, ajuntaremos as seguintes, que nos sugeriu o estudo do mesmo documento:

1ª A Armada de que se trata na "*Newen Zeytung*" compunha-se somente de dois navios: o que arribou à ilha da Madeira por falta de mantimentos, e a capitânia, que tinha ficado para trás. Não são dados os nomes dos navios, nem dos seus capitães e Pilotos, A mesma falta se nota nas cartas de Vespúcio. Não pôde dizer-se que os nomes dos navios, dos seus capitães e Pilotos não interessavam ao destinatário, porque a sua menção daria à narração um caráter de autenticidade que lhe falta, tendo sido por isso a "*Newen Zeytung*" considerada como um documento suspeito.

2ª Não se declara a data em que a Armada partiu de Lisboa para o descobrimento da costa do Brasil; mas não poderia ser posterior ao começo da monção [fevereiro e março] de 1514, para que um dos navios arribasse, de torna viagem, à ilha da Madeira, em 14 de outubro do mesmo ano.

---

[92] Estanciavam: habitavam.

[93] Chiripá: pretina que por una extremidad se rodea á la cintura, y pasando la otra por entre las piernas, se vuelve á ceñir por delante, sujetando las dos puntas con una faja ó cinturón. Es el pantalón ó zaragüelles del gaucho porteño y prenda muy cómoda para el trabajo rural ecuestre. (BAYO)

3ª A identificação do "d*on nono da Newen Zeytung*", com D. Nuno Manuel, a que se refere a citada carta do embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelos, tem sido aceita por Capistrano de Abreu, Schüller e Brandenburger. Pelo que sabemos de D. Nuno Manuel, este era a esse tempo Almotacé-mor ([94]) do Rei D. Manuel; e não há impossibilidade em admitir que ele e outros sócios, com licença do Rei, armassem navios que fossem descobrir à costa do Brasil; como posteriormente D. Nuno Manuel fez armar navios para a Índia e China.

4ª Cristóvam de Haro, natural de Antuérpia, veio para Portugal para o serviço do Rei D. Manuel. Ele e outros mercadores da mesma cidade, no ano de 1515, armaram, com licença do soberano de Portugal, alguns navios para ir à costa da Guiné negociar, como foram; mas depois queixaram-se de que o feitor Estevam Juzarte lhes tomou e roubou sete navios, pelos quais pediam ao Rei 16 mil ducados. Por motivos que não são conhecidos, Cristóvam de Haro deixou o serviço do Rei de Portugal, e foi para Castela, onde já andava em 1517, e associou-se com Fernão de Magalhães, para cuja viagem concorreu com 4 mil ducados.

5ª O Piloto do navio que arribou à ilha da Madeira, era, no dizer do autor da "*Newen Zeytung*", o mais afamado dos que tinha o Rei de Portugal. As palavras de elogio devem ser consideradas, em parte, devidas

---

[94] Almotacé Mór: Determinam as "*Ordenações Filipinas*" – o Almotacé-mor a de andar continuadamente em nossa Corte e terá cuidado de buscar tantos e tais regatães (mercadores ou comerciantes), com que a Corte sempre seja abastada de todos os mantimentos e que se obriguem a servir com as mais azêmelas (bestas de carga) e melhores, que puderem. (COSTA)

à amizade do autor, que declara ser o Piloto seu bom amigo. A esse tempo, o patrão da navegação da Índia e Mar Oceano, e certamente o Piloto mais considerado pelo seu saber e experiência, era Afonso Rodrigues, a quem foi dado por sucessor João de Lisboa, sem dúvida por ser muito perito na sua profissão. Sabe-se que João de Lisboa foi na Armada em que D. Jaime, Duque de Bragança, passou a África e conquistou a cidade de Azamor ([95]), em 1513; mas estava de volta em Lisboa a 21 de novembro do mesmo ano, e nada consta das suas viagens no ano seguinte de 1514. A identificação do Piloto do navio que arribou à ilha da Madeira com João de Lisboa foi aceita por Haebler e Brandenburger. Fica assim determinada a Armada em que ia João de Lisboa quando em 1514 descobriu o Cabo de Santa Maria, segundo o testemunho de Gaspar Correia.

6ª Na "*Newen Zeytung*" não é dado o nome do Capitão do navio, que ficou atrás do que arribou à ilha da Madeira. João da Silveira, Embaixador de Portugal em França, em carta, datada de Paris, a 24.12.1527, escreveu a D. João III; "*a qual [sustância das cartas] é que [mestre João] Varezano vai daqui com cinco naus que o Almirante lhe ordena, a um grande Rio na costa do Brasil, o qual diz que achou um castelhano...*

Dizem que o dito Varezano vai e partirá em fevereiro ou março. O Rio creio que é o que achou Christovam Jacques". O grande Rio da costa do Brasil é certamente o Rio da Prata, que o florentino João Varezano dizia ter sido descoberto por um castelhano, provavelmente João Dias de Solis, porque os

[95] Azamor: Marrocos.

castelhanos vulgarizaram o nome de Rio de Solis; mas o Embaixador João da Silveira julga que o grande Rio é o que achou Cristóvam Jacques. Esta carta do embaixador de Portugal confirma a de Luís Ramirez, de 10.07.1528 [que extraímos do Apêndice] em que se faz referência a uma viagem de Cristóvam Jacques ao Rio da Prata e que, de acordo com a notícia de Montarroio, supomos ter-se realizado entre 1516 e 1519, talvez dois ou três anos após a da "*Newen Zeytung*", e pouco depois da de Solis.

7ª Na "*Newen Zeytung*" diz-se que a Armada descobriu terra [costa do Brasil] na extensão de 700 milhas [léguas] mais além do que antes se conhecia. Parece que o texto está corrupto ([96]); o que o autor, e, portanto, o Piloto, quereria dizer era que a Armada descobriu [percorreu] 700 milhas [léguas] da costa, que era mais do que precedentemente ([97]) fora feito. Na verdade 700 milhas [léguas] correspondem a 42° aproximadamente, que contados desde o Cabo de S. Agostinho [8° S], que era o ponto a que se dirigiam os navios que navegavam para a costa do Brasil, corresponderia aproximadamente à Ponta de Santa Cruz, das cartas atuais [50°S], o que é inteiramente inverossímil.

8ª A Armada, no regresso, esteve em um Porto e Rio distantes do dito Cabo 200 milhas [léguas] para Nordeste. O Porto e Rio situado à distância de 200 milhas [léguas], cerca de 12°, para Nordeste do Cabo de Santa Maria, corresponde aproximadamente ao que foi chamado Rio de Janeiro (23° S).

---

[96] Corrupto: corrompido.
[97] Precedentemente: anteriormente.

9ª Brandenburger refere-se à circunstância do Piloto, que veio no navio arribado à ilha da Madeira, sem saber, se em 1514, havia ligação, ou melhor, continuidade dos territórios de Malaca e do Brasil. Do grande saber e experiência do Piloto João de Lisboa dá testemunho o Livro de Marinharia, concluído em 1514.

Certamente nem todos os Pilotos portugueses dessa época possuíam conhecimento da posição geográfica e navegação de Malaca, das Províncias e Reinos que tinham trato com ela; mas os que da Índia navegavam para Malaca certamente o haviam alcançado ([98]) dos Pilotos mouros e jáos, pois que Afonso de Albuquerque adquiriu o mapa de um Piloto jáo, em que eram delineadas a terra do Brasil, o Cabo da Boa Esperança e as regiões em que se criavam as especiarias, como ele refere no final da sua carta, datada de Cochim ([99]), a 01.04.1512.

10ª Brandenburger supõe que Cristóvam de Haro deu conta à Corte de Castela do resultado da Armada de D. Nuno Manuel; e que em virtude dessas notícias o Rei de Castela, em 24.11.1514, outorgou ao seu Piloto maior, João Dias de Solis, uma capitulação pela qual lhe deu licença para prosseguir o descobrimento das terras do Ocidente, pelas costas de Castilla del Oro ([100]), mil e seiscentas léguas ou mais se pudesse. A Armada do Piloto Maior João Dias de Solis saiu de S. Lucar ([101]) a 08.10.1515. Não parece provável que as notícias de Cristóvam do Haro para algum

[98] Alcançado: obtido.
[99] Cochim: Kerala, Índia.
[100] Castilla del Oro: Panamá.
[101] S. Lucar: Sanlúcar de Barrameda, Andaluzia, Espanha.

amigo, residente em Castela, influíssem na resolução da viagem capitulada com o Piloto maior João Dias de Solis. O navio da Armada de D. Nuno Manuel, que em 12.10.1514 arribou à ilha da Madeira por falta de mantimentos, não chegou decerto a Lisboa antes do fim do mês de Outubro de 1514; além disso Cristóvam de Haro estava ainda ao serviço de D. Manuel em 1515; e nesse ano ele e outros mercadores armaram alguns navios para ir à costa da Guiné resgatar, como foram.

11ª Schüller afirma que o Cabo de Santa Maria e o estuário do Rio da Prata foram descobertos por Américo Vespúcio na sua primeira viagem à costa do Brasil. Na terceira carta, em que narra os sucessos da mesma viagem, diz Vespúcio que a Armada correu da costa do Brasil cerca de 750 léguas. Mas na carta não há nenhuma palavra ou frase que se refira ao Cabo de S. Maria, em 34°, apesar do seu avanço e eminência sobre o mar, que o tornaria aparente de muito longe, nem ao vasto estuário do Rio da Prata; do que se conclui que a Armada de Vespúcio não teve vista nem do Cabo nem do Rio. Não se pode, pois, aceitar a afirmação de Schüller, de que a mesma Armada fez o descobrimento do Cabo de Santa Maria [34°S], nem o reconhecimento do estuário do Rio da Prata.

12ª Na "*Newen Zeytung*" não são dados os nomes do Cabo e do Rio, que a Armada atingiu no extremo Sul da sua viagem. Por outros documentos sabe-se que foram denominados Cabo e Rio de Santa Maria; e ambas estas designações eram usadas pelos navegadores portugueses, em 1530, quando a Armada de Martim Afonso de Sousa percorreu a costa do Brasil até ao mesmo Cabo e Rio. Como se sabe, os Pilotos

portugueses do começo do século XVI levavam nas suas viagens, além das cartas, da agulha de marear e do astrolábio, e da Tábua da Declinação do Sol ao Meio-dia ([102]), o calendário que continha os dias do mês, os da semana e o nome do santo que nesse dia comemorava a Igreja católica. Eles tinham por uso dar aos Cabos, Portos e Rios, ainda não conhecidos, o nome do santo do dia em que pela primeira vez os avistavam. Por isso é de presumir que a Armada, a que se refere a "*Newen Zeytung*", avistasse o Cabo e Rio de Santa Maria pelo meado de agosto, pois que em 15 deste mês é a festa de Santa Maria, de muita devoção em Portugal. O nome do Cabo de Santa Maria tem-se mantido sem mudança até ao presente; mas o do Rio de Santa Maria passou por modificações. Os índios, que estanciavam por aquelas paragens, chamavam ao Rio principal Paraná, e ao seu afluente Uruai, os quais depois de juntos formam o vasto estuário. O Rio foi conhecido entre os navegadores castelhanos pelo nome de Rio de Solis, não por ter sido descoberto pelo Piloto João Dias de Solis, mas porque este Piloto foi ali morto pelos íncolas. Bartolomé de Las Casas diz que João Dias de Solis foi o descobridor do Cabo e do Rio, e lhes deu o nome de Cabo e Rio de Santa Maria. Fernandes de Oviedo diz que o Rio se chamava Rio de Solis porque o descobriu o Piloto João Dias de Solis.

Estas informações tardias dos escritores castelhanos têm evidentemente por fim reivindicar para o Piloto Maior o descobrimento que o Piloto teria feito quando estava ao serviço de Castela.

---

[102] Tábua da Declinação do Sol ao Meio-dia: verificava-se a Latitude medindo-se a distância zenital do Sol ao meio-dia por meio de um astrolábio e verificando a leitura da declinação na Tábua de Declinação Solar, previamente calculada para cada dia do ano.

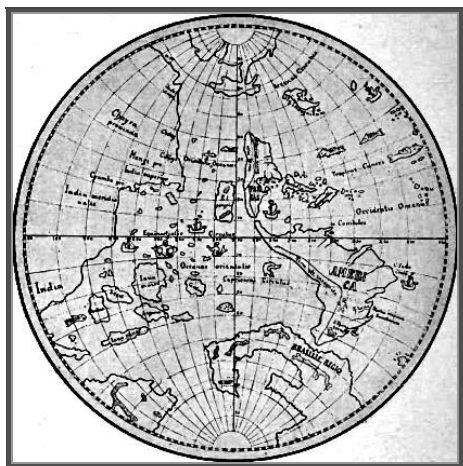



Imagem 06 – Globe of Johannes Schöner, 1515

> Depois, quando Diogo Garcia, um dos companheiros de João Dias de Solis, obteve alguma prata dos índios Guaranis, que estanciavam pelas margens do grande Rio, e a trouxe a Castela, onde foi a primeira recebida das Índias Ocidentais; o grande estuário foi denominado Rio da Praia. Em alguns documentos castelhanos da primeira metade do século XVI, o Rio é designado pela expressão Rio de Solis, que dizem da Prata. Enfim, depois de 1527, nos documentos portugueses e castelhanos encontra-se somente a designação de Rio da Prata. (ESTEVES PEREIRA)

Voltemos ao relato de Capistrano de Abreu, depois desta oportuna e necessária reprodução do texto de Esteves Pereira à respeito da controversa autoria da descoberta da Foz do Rio da Prata.

> Esta interpretação não foi a que deram os contemporâneos. Os navegantes diziam ter achado um Estreito ao Sul, e foram cridos. Johannes Schöner (Imagem 06, acima), que conheceu a carta ou gazeta da Madeira e a excerptou ([103]) em um livro publicado em 1515, concluiu que se alcançara o Estreito Meridional.

[103] Excerptou: reproduziu.

Em seu globo do mesmo ano figurou-o entre 40° e 50°S, separando a região da América de outra mais ao Sul chamada "*Brasiliae regio*". Há todos os motivos de crer que Fernão de Magalhães levava este ou congênere documento a bordo; devia também levar uma descrição minuciosa da viagem, pois Cristóvão de Haro, interessado na Armada de 1513/1514, era-o por igual na de 1519.

O achado de um estreito, em qualquer tempo importante, ainda mais sobressaía naquele momento.

Vasco Nunes de Balboa descobrira o Mar do Sul, o Oceano Pacífico, mostrando assim que as terras até então percorridas a Este não eram simples anteparo das Índias, à maneira da Indonésia relativamente à Austrália, e sim um continente, possivelmente diverso da Ásia, pelo menos no Mar do Sul, onde os planos oceânicos se rasgavam ilimitados, mas dela próximo, ao Norte, dela talvez contínuo, pois tinha foros de certeza inatacável a crença de que no globo terrestre se avantajava de muito o espaço ocupado pelas terras à superfície dos mares.

A ninguém podia interessar tanto a descoberta da Armada de D. Nuno Manuel como à Coroa de Espanha. Por isso, desde novembro de 1514, começou-se a preparar uma esquadra para, sob as ordens de João Dias de Solís, vir explorar as regiões desconhecidas, "*à las espaldas ([104]) de la tierra donde agora está Pedro Aray [Pedr'Arias, perseguidor de Vasco Nunes de Balboa] mi Capitán-General é Gobernador de Castilla del Oro, é de allí adelante ir descubriendo por las dichas espaldas de Castilla del Oro mil é setecientas leguas, é mas, si pudieres*".

Haverá qualquer ligação entre a viagem de Solís e a dos dois navios portugueses de 1514? Tudo leva a supô-lo. Um navio destes chegou à Madeira em 12.10.1514, como está provado por Haebler; as primeiras ordens relativas à expedição de Solís datam de 24 de novembro do mesmo ano, intervalo suficiente para o navio português chegar à pátria e difundir-se descoberta tão importante. A viagem de Solís foi resolvida de improviso, pois só depois de

---

[104] Espaldas: costas.

assentada tratou-se de arranjar navios e mantimentos, fixando-se a partida para setembro do ano seguinte.

A sua preparação foi misteriosa, tanto que a Coroa, a cuja custa ia, espalhou que as despesas correriam por conta de certas pessoas, que, aliás, não haveriam de saber coisa alguma da viagem. Foi muito recomendado todo o segredo. Ainda mais: espalhou-se que ia para um destino mui diverso do real – "*Juan Dias de Solís va con mi licencia y a su costa é de algunos parcioneros, que para ello contribuyen con el más adelante de lo que el é Vicente Yáñez Pinzón descubrieron en el primer viaje*".

A viagem de Pinzón e Solís, hoje sabemos, foi entre Cuba e o Iucatã, roçou quase o Câncer, ao passo que Solís era mandado muito além do Capricórnio. Para que tantas capas e cautelas?

O motivo aparece à primeira reflexão: era preciso, antes de tudo, saber se o estreito ficava na linha dos limites pactuados em Tordesilhas, simples formalidade até então, na parte relativa à América, documento fundamental nas referências às terras opulentas da Ásia, para onde só agora o caminho anunciado, e nunca encontrado por Cristóvão Colombo, parecia abrir-se.

João Dias de Solís partiu para sua expedição a 08.10.1515, e com feliz viagem chegou ao Rio, que algum tempo levou seu nome, antes de trocá-lo definitivamente pelo de Prata, com certeza dado pelos portugueses, seus primeiros descobridores. Logo ao chegar foi morto pelos índios e seus companheiros voltaram, carregando pau-brasil no Cabo de Santo Agostinho.

Em 1520 Magalhães fez a mesma viagem e passou além até descobrir o estreito desejado. Quase rente com esta, foi outra expedição ao Rio da Prata, comandada por Cristóvão Jaques, segundo se pôde concluir de estudo consciencioso do único e deficiente documento que a narra. Descreve-a assim Juan de Çuniga, em carta dirigida de Évora a 28.07.1524 à "*Sacra Cesarea Catholica Magestade*" do Imperador Carlos V, depois de ter interrogado o descobridor:

Dice que ahora tres años, el Rey Don Manuel le dio licencia que fuese a descubrir por aquella costa, prometiéndole grandes mercedes si hallase cobre y otras cosas que él deseaba y dice que se fue derecho al Brasil con dos carabelas, y que siguió la costa del dicho Brasil por el Sur oeste setecientas leguas de donde ellos toman el Brasil, y que halló a las 300 leguas, poco más o menos, nueve hombres de los que fueron con un Juan de Solís a descubrir, y habló con ellos, y están casados allí, e quisieran que él se los "*trouxera*", porque él non osó por ser castellano, y porque el sabía que al Rey le había pesado de lo que iba a descubrir el dicho Juan de Solís, porque les prometió que si Dios allí le tornase que los traería. Dice que en la tierra que aquellos están no hay cosa de provecho, y que siguió su costa otras 350 leguas, que son las 700 dichas, y que halló un Río de agua dulce, maravilloso, de anchura de catorce leguas, y que subió por el Río doce leguas y vio muy hermosos campos a todas partes, y que surgió allí y tomo lengua de la tierra, y que le dijeron que aquel Río no sabían de donde venía sino que era de muy lejos, y que más arriba hallaría otra gente que eran sus enemigos, que tenían de aquellas cosas que él les mostraba, que eran oro y plata y cobre, y que tomo cuatro hombres de aquellos y se fueron con él, y subió por el Río en los bateles armados veinte y tres leguas, y que siempre lo halló todo mejor y la profundidad igual. Dice que allí vinieron a él ciertos viejos y estuvo con ellos en grandes pláticas ([105]) que se asegurasen. ["*roto*"] los otros, y que les rescató algunas cosas y le dieron pedazos de plata y de cobre y algunas venas de oro entre piedras, y que le dijeron que toda aquella montaña tenía mucho de aquello, y que duraba a lo que ellos señalaban 300 leguas; y que le dijeron que la plata no la tenían en tanto como al cobre, habiendo mucho cobre, porque no relucía tanto, y que lo que señalaban del oro era lejos, que el agua lo debe traer por un Río que viene a dar al través de aquel grande y para en las piedras; trujo de todo esto sus muestras.

---

[105] Pláticas: negociações.

> Dice que vio ovejas monteras y muchos ciervos, y de aves todas las que acá vemos en el campo y infinitos avestruces, las perdices muy grandes; dice que es tanto el pescado del Río, que en echando la cuerda o red salía llena, y que comió y pesco muchos mayores y mejores que los de acá, y salmonetes y otros pescados en abundancia, y que salieron a vueltas dos lampreas; que estuvo allí dos o tres días informándose de todo con el amistad que tomo con aquellos primeros, y que después se juntaron muchos con arcos y buenas flechas y que se embravecieron de saber que traía aquellos que dije, y que le dijeron que se fuese, que el venia por hacerlos algún engaño, y que tiro dos o tres escopetas, y todos se pusieron por el suelo; y que otro día vio venir gran número de canoas, y no osó esperar, porque no tenía consigo sino 15 hombres, y que así se volvió a sus carabelas.

Suspeitava o embaixador espanhol que, nestas descobertas, entrava coisa pertencente a seu Rei. "*Se assim fosse, respondeu-lhe o descobridor, folgara de voltar ali com a maneira que Sua Majestade for servido e será cousa muita proveitosa*". A este tempo começavam a aparecer as desvantagens da Linha de Tordesilhas. Em setembro de 1522 chegou à Espanha, sob o comando de Juan Sebastian del Cano a nau Vitória, da expedição de Fernão de Magalhães, ultimando a primeira circunavegação do planeta até então realizada. Em sua derrota ([106]) fora dar ao Maluco ([107]), às ilhas da especiaria, no fundo o verdadeiro móvel das empresas marítimas de portugueses e espanhóis, já descobertas pelos primeiros. A quem pertenciam? Dentro de que linha estavam? Para decidi-lo juntaram-se em Vitória e Badajós representantes de ambos os reinos peninsulares, que nada acordaram. A decisão se deu anos mais tarde pela capitulação de Saragoça ([108]), definindo-se, porém, só a demarcação Oriental, deixando intacta a questão americana.

[106] Derrota: rota.
[107] Maluco: arquipélago das Molucas.
[108] Saragoça: Aragão, Espanha.

O governo espanhol considerou suas as terras redescobertas por João Dias de Solís. Sebastião Gaboto e Diogo Garcia, Piloto português, companheiro de Solís, mandados para destinos muito diversos, lá estiveram; o primeiro fundou também fortalezas efêmeras. Por sua parte El-Rei de Portugal para aqueles lados mandou uma Armada comandada por Martim Affonso de Sousa, em 1530. Escrevendo a este em 1532, revela o plano de dividir em Capitanias de cinquenta léguas de costa todo o território espraiado entre Pernambuco e Rio da Prata.

Na concessão da Capitania de Pero Lopes de Sousa marcou-se, porém, 28°20′ como limite Meridional. Ao mesmo tempo em diversas ordens vindas da Espanha, recomendava-se a fundação de fortalezas em S. Francisco, quase 26°; mais tarde Pero de la Gasca, Presidente do Peru, nomeando Diego Centeno Governador do Rio da Prata, estendeu sua jurisdição até 23°33′, limite de S. Paulo com o Rio de Janeiro. Daí não adveio, por então, nem um inconveniente, porque nem o quinhão mais Meridional da Capitania de Pero Lopes foi logo povoado, nem os espanhóis se fixaram permanentemente no litoral Atlântico.

Em 1580 reuniram-se sobre a mesma cabeça as Coroas de Portugal e Espanha, o que na América só devia trazer vantagens. Desde então os dois povos, alheios a quaisquer rivalidades coloniais, puderam dedicar-se às tarefas que lhes pareceram de mais urgente e proveitosa solução. Para os portugueses o inimigo era o francês, e o grande problema geográfico a solver era a posse do Amazonas; para os espanhóis do Prata, o Atlântico era apenas as costas: a frente voltava-se para o Peru, donde vinham desde Porto Bello e Callau e para onde iam pelo Tucumã os gêneros do seu comércio. Em 1640, Portugal desligou-se ([109]) da Espanha, mas na América a situação pouco se alterou. Em 1663 o Padre Simão de Vasconcellos discorre com todo o desenfado ([110]) sobre a repartição entre colônias portuguesas e espanholas.

[109] Desligou-se: Período da Restauração.
[110] Todo o desenfado: sossego de espírito.

Padre Simão escreve:

> Esta repartição se deve averiguar pelo que corta a Linha Imaginária, ou mental de que falamos, que vai lançada de Norte a Sul, do último ponto da linha transversal de trezentos e setenta léguas da ilha de Santo Antão para o Poente. Mas como nesta linha transversal os compassos de uns andaram mais, e menos liberais os de outros, ou de propósito, ou levados das diversas arrumações das cartas geográficas, veio a ocasionar-se nesta matéria variedade: porque uns correm aquela linha transversal de maneira que a mental de Norte a Sul vem a cortar da América para o Reino de Portugal vinte e quatro graus de comprimento somente, outros trinta e cinco, outros quarenta e cinco, outros cinquenta e cinco [deixando outras opiniões de menos conta] e todas estas variedades nascem das causas apontadas.
>
> A primeira opinião de vinte e quatro graus é escassa, nem tem fundamento algum, convence-se com a experiência, posse e vista de cartas geográficas. A última que dá cinquenta e cinco graus é de compasso mais liberal (a longitude real seria de 48º35’ – Meridiano de Greenwich), não parece tão ajustada aos princípios referidos. As duas entremeias de trinta e cinco e quarenta e cinco graus me parecem ambas verdadeiras, bem entendidas: porque a que dá trinta e cinco graus fala pelo que o Brasil está de posse por costa, e a que dá quarenta e cinco fala pelo que lhe convém, em virtude da linha que corre o sertão; e são ambas verdadeiras...
>
> Uma e outra parte declaro.
>
> Está de posse o Brasil da terra que corre por costa desde o Grande Rio das Amazonas até o da Prata; por que no das Amazonas começam suas povoações que correm até passante a Cananéia e senhoreiam dali em diante todos os mais Portos com suas embarcações e comércio, e no Rio da Prata está posto seu marco na ilha de Lobos, como é notório.

> Nem deste Rio da Prata para o Norte junto à costa possuem cousa alguma Castelhanos, como se deixa ver pela experiência e mapas: segura fala logo a opinião que dá trinta e cinco graus pelo que estamos de posse por costa.
>
> Pelo que convém em virtude da linha que corre o sertão falam ao certo os que dão quarenta e cinco graus. Esta verdade poderá experimentar todo o cosmógrafo curioso: por que si com exata diligência arrumar as terras do mundo e depois com compasso fiel medir a linha que dissemos, desde a ilha de Santo Antão trezentas e setenta léguas ao Poente, achará que a linha de Norte a Sul, que do último ponto desta divide as terras da América, vai cortando direita junto ao Rio das Amazonas pelo Riacho que chamam de Vicente Pinzón, e correndo pelo sertão deste Brasil até sair no porto ou Baía de São Matias, quarenta e cinco graus pouco mais ou menos da Equinocial, distante da boca do Grão Rio da Prata para o Sul cento e setenta léguas; no qual lugar é constante fama se meteu marco da Coroa de Portugal.

Breve devia passar a época destas divagações serenas. A população brasileira se ia estendendo pelo litoral para o Sul; no interior fundara-se Curitiba; em suas cercanias descobriram-se minas de ouro. Compreendeu-se a necessidade de senhorear todos aqueles sertões, de marchar para o Rio da Prata, considerado por todos os autores portugueses o limite Austral do Brasil. A costa, pitoresca, elevada, opulenta de ilhas e portos até Santa Catarina, abaixa-se além, apresenta-se nua, estéril e inóspita.

Por isso não foi o Rio Grande do Sul o primeiro a reclamar a atenção do governo da metrópole, que preferiu dar um grande salto e estabelecer-se logo em águas platinas. Em 1674, foram doadas duas capitanias ao Visconde de Asseca e João Correia de Sá, seu irmão, nas terras antigamente pertencentes a Gil de Góes, filho de Pero Góes, o companheiro de Martim Afonso na viagem de 1530 a 1533, e Capitão da Costa no governo de Tomé de Sousa.

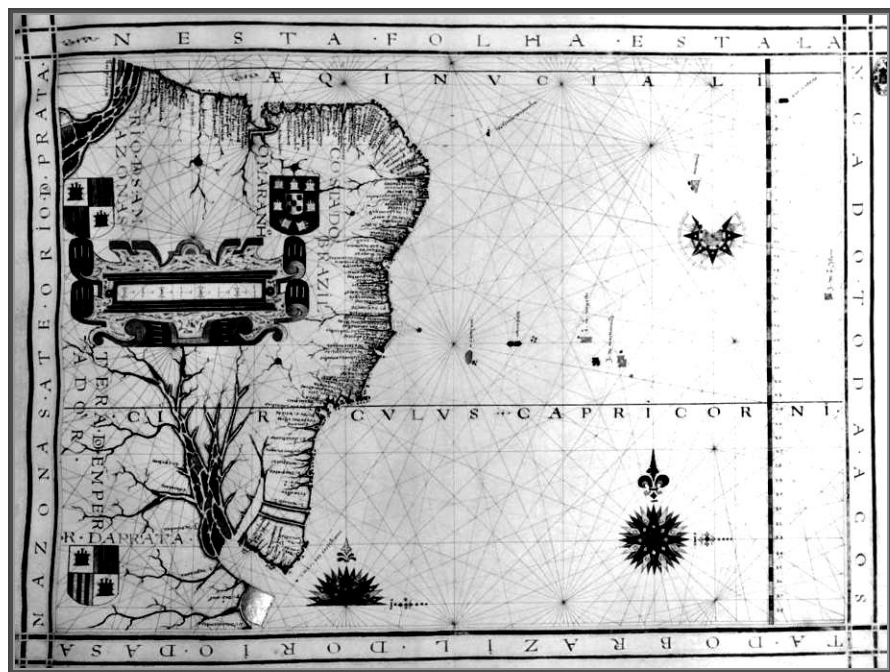



Imagem 07 – Atlas de Fernão Vaz Dourado, 1571 ou 1573

> Atendendo às reclamações de Salvador Corrêa de Sá ([111]), El-Rei D. Pedro II [...] concedeu-lhes mais trinta léguas até a Boca do Rio da Prata. Dado o primeiro passo, logo se seguiu outro feito de muito maior gravidade: a fundação de uma colônia fronteira a Buenos Aires. (ABREU)

---

[111] Reclamações de Salvador Corrêa de Sá: Tendo respeito ao que me representou Salvador Corrêa de Sá, como tutor do seu neto o Visconde de Asseca, e procurador de seu filho João Corrêa de Sá, em razão das 75 léguas que pede se lhes acrescente às 30 das Capitanias de que lhe tenho feito mercê, que foi de Gil de Góes no Estado do Brasil, entre Cabo Frio e Espírito Santo repartida por ambos, 20 léguas ao Visconde e 10 a João Corrêa de Sá, representando-o também que mandando ele tomar posse e fundar as vilas nas ditas Capitanias, se não achavam as ditas 30 léguas, com que se não podia em terra tão limitada fundar duas Capitanias, e, que todas as que se tinham dado no Estado do Brasil e Maranhão as menores eram de 50 léguas de costa e visto o que fica referido e ao que sobre isto respondeu o Procurador da Coroa ser utilidade do aumento daquele Estado povoar-se cada vez mais. Hei por bem fazer mercê ao dito Visconde de Asseca de 30 léguas de terra que mais pede nas terras que estão sem donatário até a Boca do Rio da Prata para que as logre. Lisboa, 14.03.1658. (ABNRJ)

D. Manuel Lobo

La antigua Colonia del Sacramento, fundada, en 1680, por Portugal, fue un enclave comercial y militar, protagonista de una controversia histórica entre España e Portugal. Sujeto de guerras y Tratados durante un siglo, conserva un trazado urbano único en la región y testimonios arquitectónicos valiosos de los distintos periodos de este rico pasado con un sencillo perfil popular.
(Placa próxima à "Puerta de la Ciudadela")

A Coroa Portuguesa determinou ao Governador da Capitania do Rio de Janeiro e Capitão-mor D. Manuel Lobo, que ocupasse a margem Setentrional do Rio da Prata com alguma Colônia na Ilha de São Gabriel ou em outro sítio próximo que achasse mais adequado. Lobo aportou na Bacia do Prata e, em 22.01.1680, deu início à construção de uma Fortaleza frontal a Buenos Aires, pomo da discórdia de futuras intrigas e conflitos.

> [...] acompanhado por quatro companhias compostas de 200 homens, de alguma artilharia para defensa dos invasores dos Minuanos [gentio bárbaro, inconstante, rebelde, e indômito], e de várias famílias que levou para povoar a terra, aportou na enseada do Rio sobredito no 01.01.1680; e depois de tomar as medidas precisas para assentar o determinado estabelecimento, observando o terreno, cuidou logo em levantar um reparo na margem Setentrional do mesmo Rio com aqueles materiais mais prontos à indústria, como a faxina, construída de molhos de varas atadas e seguras com terra calcada. (ARAÚJO)

D. Jozé de Garro

Jozé de Garro, Governador de Buenos Aires, informado do fato participou à sua Corte, e, recebendo ordem de expulsar os portugueses, tomou de assalto a Colônia, na madrugada de 06 ou 07.08.1680 (depen-

dendo dos autores), patrocinando um evento que ficou conhecido na história sul-americana como "*Noite Trágica*".

> Sete meses, e cinco dias haviam passado no trabalho de tão débil fortificação, e sem haver algum receio de menor acometimento hostil, no quarto d'alva ([112]) de 06 de agosto invadiu-a D. Jozé Garro, Governador da Cidade de Buenos Aires, auxiliado pelo Governador e Soldados de Lima [...] tropa índica, e outra porção igual de guarnição militar. À vista de forças tão desproporcionadas, era de supor mui fácil a entrada posse da Praça e não obstante, só depois de três horas de porfiada resistência, que fizeram os portugueses animosos, cujo valor imitaram as mulheres varonilmente, foram os castelhanos senhores do terreno. Encarniçados então pelo estorvo não presumido e, querendo vingar a atividade de seus contrários, embeberam os inimigos a espada nos infelizes portugueses [...] (ARAÚJO)

Tratado Provisional ao Tratado de Utrecht

Graças à intervenção das Cortes de Roma, Paris e Londres foi assinado o Tratado Provisional, de 07.05.1681, que devolveu a posse da Colônia a Portugal, autorizando que os portugueses realizassem pequenos reparos na fortificação e construíssem alojamentos para a tropa. No dia 23.01.1683, uma nova esquadra portuguesa comandada por Duarte Teixeira assumiu a Fortaleza de São Gabriel, com a ordem de fortificar e povoar em grande escala todo aquele território onde permaneceram até 1705, quando passou novamente ao domínio espanhol, até os idos de 1715, quando foi novamente devolvida aos portugueses pelo segundo Tratado de Utrecht, de 06.02.1715.

---

[112] Quarto d'alva: quarto de hora que vai das 04h00 às 08h00.

Miguel Fernando de Salcedo y Sierra-Alta y de Rado y Bedia

Relata-nos Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro:

> [...], pois havendo o Governador de Buenos Aires D. Miguel de Salcedo entabulado com o daquela Praça ([113]) António Pedro de Vasconcellos, desde março de 1734, correspondência, insistindo aquele em que ambos passassem à demarcação do território pelo Tratado de Utrecht pertencente de direito à Colônia, e chegando-lhe em 1735 a notícia de uma pequena desinteligência entre as duas Cortes [...] reuniu forças, e depois de talar ([114]) os campos vizinhos, pôs cerco à Praça, assestando contra ela baterias, cujo fogo rompeu em 28 de novembro.
>
> Aberta que foi uma larga brecha bastante tratável ([115]), intimou Salcedo a Vasconcellos que capitulasse. Ponderou este habilmente que para assegurar a sua resposta necessitava saber se a guerra se lhe fazia por ordem da Corte católica. Evadiu-se Salcedo a dar semelhante esclarecimento, e a tréplica de Vasconcellos foi de que não havia:
>
>> nos defensores receio de que o furor das tropas inimigas fosse bastante: para desalojá-las.
>
> Salcedo hesitou em dar o assalto, seguindo entretanto com as hostilidades, até que começando a chegar, no dia 06.01.1736, à Praça grandes socorros, de todas as armas, do Rio, Bahia e Pernambuco, pedidos pelo Governador, por Mar e até por terra, levantou Salcedo precipitadamente campo e se retirou a Buenos Aires. [...]

---

[113] O daquela Praça: O Governador daquela Praça.
[114] Talar: arrasar,
[115] Tratável: acessível.

> Os socorros de terra e Mar para a Praça prosseguiram, a ponto que no ano seguinte, aos 22 de maio, a nossa esquadrilha, perseguindo a contrária, obrigou duas corvetas a varar em terra com grande perda, não longe de Martim Garcia. Só no princípio de setembro, deste ano de 1737, chegou à Colônia o armistício ([116]) em virtude do qual convieram as duas Coroas que se soltassem os presos feitos até 31 de março; que neste dia nomeassem as duas Cortes seus Embaixadores; que ao mesmo tempo se expedissem ordens para a América afim de cessarem as hostilidades; ficando aí tudo como estivesse à chegada das ordens, até o ajuste definitivo. (VARNHAGEN)

A guerra produziu devastações consideráveis relata-nos Silvestre Ferreira da Silva na obra "*Relação do Sítio, que o Governador de Buenos Aires D. Miguel de Salcedo poz no ano de 1735 à Praça da Nova Colônia do Sacramento...*":

> Temos dito, quanto é digno de saber-se da guerra da Colônia do Sacramento do Rio da Prata, que suposto sofre imperfeita empresa para aquele Governador de Buenos Aires; resta dizermos, que o não foi para o furor das suas Tropas, e Corsários, os quais com tempestuosa fúria, no espaço deste calamitoso sítio, devastarão, e surpreenderão dentro do Rio da Prata uma corveta, uma galera, e uma canoa carregadas. Na campanha, e suas estâncias 18.443 cavalgaduras de toda a espécie; 2.332 cabeças de gado ovelhum; 87.200 de gado vacum crioulo de toda a idade; 104 carros com outros muitos instrumentos e madeira de abegoaria ([117]) e 46 pretos escravos grandes lavradores, com 2.455 alqueires de trigo, legumes e outras sementes que estes tinham semeado nas

---

[116] Armistício: assinado em Paris em 16.03.1737.

[117] Madeira de Abegoaria: usada na construção e instalações onde se alojam os animais e equipamentos agrícolas.

espaçosas terras dos contornos da Praça; 248 propriedades de casas nobres e humildes; capelas, olarias, moinhos e fornos de cal: viçosos pomares e proveitosas quintas, cultivadas muitas delas com grandes vinhas, contando-se em algumas mais de noventa mil pés de bacelos ([118]): as aves mansas e animais domésticos que os moradores daquela Praça pastoreavam nos seus limites eram inumeráveis.

Este foi o maior detrimento ([119]), que padeceram os moradores daquela Colônia: efeitos da guerra já em outro tempo definidos pelo ciente ([120]) Capitão Braz Garcia Mascarenhas, no contexto do Cântico 4, número 2, onde diz:

Viriato Trágico – Canto IV – 2
(Braz Garcia Mascarenhas)

A ciência militar, real ciência,
Que por todos os séculos floresce,
Aprende-se com difícil experiência,
E com descuido fácil presto esquece.
Consiste na destreza e na obediência,
Estriba no valor que honra apetece,
Ajuda-se das ciências que arruína,
Sustenta-se da paga e da rapina.
(FERREIRA DA SILVA)

Do Tratado de Madri ao Tratado de Badajoz

O Uraguai – Sete Povos
(José Basílio da Gama)

Vossa fica a Colônia, e ficam nossos
Sete povos, que os Bárbaros habitam
Naquela Oriental vasta campina
Que o fértil Uraguai discorre e banha.

[118] Bacelos: videiras.
[119] Detrimento: prejuízo.
[120] Ciente: sábio.

O Tratado de Madri, celebrado a 13.01.1750, determinava que Portugal entregasse a Colônia do Sacramento à Espanha e recebesse em troca o território dos Sete Povos das Missões.

Em decorrência das dificuldades encontradas nas demarcações e na Guerra Guaranítica foi celebrado o Tratado de El Pardo, de 12.02.1761:

Tratado de Madri

Artigo XVI:

> Das povoações ou aldeias que cede S.M.C. ([121]), na margem Oriental do Rio Uruguai, sairão os missionários com todos os móveis e efeitos, levando consigo os índios para os aldear ([122]) em outras terras de Espanha; e os referidos índios poderão levar também todos seus bens móveis e semoventes ([123]), e as armas, pólvora e munições que tiverem; em cuja forma se entregarão as povoações à Coroa de Portugal, com todas as suas casas, igrejas e edifícios e a propriedade e posse de terreno. [...]

Artigo XXIII:

> Determinar-se-á entre as duas Majestades o dia em que se hão de fazer as mútuas entregas da Colônia do Sacramento com o território adjacente, e das terras e povoações compreendidas na cessão que faz S.M.C. da margem Oriental do Uruguai, o qual dia não passará de ano depois que se firmar este Tratado.

Reporta-nos Capistrano de Abreu:

---

[121] S.M.C.: Sua Majestade Cristianíssima – soberanos franceses da dinastia Bourbon.

[122] Aldear: construir aldeias.

[123] Semoventes: animais e carroças.

[...] O prazo de um ano para a entrega dos Sete Povos foi tacitamente prorrogado; a demarcação principiou a Este, desde as margens do Oceano. A primeira conferência dos régios comissários António Gomes Freire de Andrade por Portugal, Marquês de Valdelirios pela Espanha, realizou-se a 09.10.1752. As operações iniciadas correram plácidas até Santa Tecla, um pouco ao Norte de Bagé. Aí apareceram Tapes estranhando a presença dos portugueses, opondo-se à sua passagem, dizendo que as terras eram suas, que as herdaram de seus maiores a quem Deus as dera. Tiveram de retirar-se os comissários.

A 15.07.1753, reunidos na ilha de Martim Garcia resolveram Gomes Freire e Valdelirios atacar as missões, se antes de 15 de agosto não começassem a mudança. As tropas espanholas deviam ir pelo Uruguai a São Borja, Gomes Freire apoderar-se de Santo Ângelo. Marcharam ambos; mas as circunstâncias correram desfavoráveis e nem um proveito se apurou. Finalmente em princípios de 1756, das cabeceiras do Rio Negro seguiram unidos os dois exércitos português e espanhol fortes ([124]) de 3.000 homens. Os Jesuítas, depois, de hesitar algum tempo, tomaram o partido dos índios e combateram a seu lado. Entrado o povo de São Miguel em 17 de maio, fraca resistência opuseram os outros, que dentro de um mês ficaram subjugados. Um poeta de mais talento que brio cometeu a indignidade de arquitetar um poema épico sobre esta campanha deplorável. [...]Depois de esgotado todo o mal contido no bojo do Tratado de Madri, anulou-o, cancelou-o, cassou-o o Tratado de Pardo, de 12.02.1761, subscrito por D. José da Silva Peçanha, do Conselho de S.M.F. ([125]), seu Embaixador e plenipotenciário na Corte de Madri, e D. Ricardo Wall, Cavaleiro Comendador de Peña Uzende da Ordem de Santo Iago, Tenente-General dos exércitos de S.M.C., do seu Conselho de Estado, seu primeiro Secretário de Estado e do despacho, Secretário Interino da Guerra e Superintendente Geral dos Correios e Postas dentro e fora da Espanha. (ABREU)

[124] Fortes: contando com uma força.
[125] S.M.F.: Sua Majestade Fidelíssima – tratamento concedido a El-Rei D. João V, em 1748, pelo Papa Bento XIV, aos soberanos portugueses.

Imagem 08 – António Gomes Freire de Andrade

Durante a Guerra dos Sete Anos (1756 - 1763), a Colônia permaneceu portuguesa até ser novamente tomada pelos espanhóis comandados por D. Pedro de Cevallos, em 30.10.1762. Conta-nos Varnhagen:

> Pela sua parte Cevallos preparava uma expedição de perto de seis mil homens, comboiados por uma pequena esquadrilha de cinco barcos de guerra; e deixando quase sem guarnição Buenos Aires e Montevidéu, se apresentou diante da Colônia no princípio de outubro. Tinha apenas desembarcado e em começo as primeiras baterias de sítio, de que ao todo haviam resultado na Praça dezoito mortos, quando no dia 29 desse mesmo mês, o Governador Vicente da Silva da Fonseca, sem poder alegar falta de munições de guerra, nem de boca, sem ter havido assalto, sem brecha aberta, esquecido dos exemplos que tinha para imitar do seu bravo e heroico predecessor Pedro de Vasconcellos, cometeu a covardia de entregar ao inimigo a Praça que jurara ao Rei defender até a última extremidade.

À sua memória se associará, pois para sempre nos nossos anais um dos exemplos mais frisantes da desonra militar e do perjúrio; e qualquer expressão de caridade por ela neste lugar fora repreensível e antipatriótica; e tanto mais quando essa inqualificável rendição da mencionada Praça, além de outras perdas que trouxe ao Brasil, foi causa da morte do melhor Governador e Vice-Rei que teve o estado colonial. Sim, a notícia da perda da Colônia chegou ao Rio de Janeiro em 06.12.1762, e o Governador Vice-Rei experimentou, ao recebê-la, tão grande paixão, que logo degenerou em um ataque maligno, o qual se apresentou rebelde a todos os auxílios da medicina... E entre delírios de dor pela perda da dita Praça, veio o Conde de Bobadella ([126]) a falecer no dia 01.01.1763, pelas 10h00. (VARNHAGEN)

O Uraguai – Invicto Andrade
(José Basílio da Gama)

Abraçou-os a todos, como filhos,
E deu a todos liberdade. Alegres
Vão buscar os parentes e os amigos,
E a uns e a outros contam a grandeza
Do excelso coração e peito nobre
Do General famoso, invicto ***Andrade****.*

Este tristíssimo e não pensado evento "*da perda da Colônia ([127])*" sendo geralmente sensível, foi muito mais penetrante ao Ilm° e Ex° Conde de Bobadella, e tanto que dele se originou a causa principal de sua moléstia, e por consequência a do seu falecimento; pois havendo sido aquela Praça tanto do seu particular cuidado, nos repetidos e avultados socorros... nada bastou..., e muito mais se confundia vendo que aquele Governador sem perda considerável de gente, com pólvora, balas e mantimentos [...]

[126] Bobadella: António Gomes Freire de Andrade.
[127] Escrevia para a Corte o governo interino que sucedeu ao herói do poema Uraguai – António Gomes Freire de Andrade.

> Aqui permita o leitor que paremos um pouco e demos um desafogo ao coração. Sentimos as lágrimas arrasando-nos os olhos, entusiasmados na presença de tanto brio, de tanto zelo, de tanta virtude, de tanto patriotismo. De tanto patriotismo sim; que, embora nascido na Europa, Bobadella era todo do Brasil, onde governara quase trinta anos; e sendo nós, mercê de Deus, dos menos partidários do incoerente sistema do patriotismo caboclo não poderíamos deixar de proclamar ante o Brasil de hoje, por mais patriotas os antigos colonos probos, embora filhos da Europa, mãe da América atual, do que quaisquer filhos do país, inúteis ou até prejudicais a ele e à sua civilização. (VARNHAGEN)

Relata-nos, por sua vez, Hernani Donato no "*Dicionário das Batalhas Brasileiras*":

> 30.10.1762 – COLÔNIA DO SACRAMENTO. [...] A 28, intimou a rendição. Ante a recusa do Comandante Vicente da Silva da Fonseca, ocupou a jornada de 29 com o disparar sobre a Colônia 863 tiros de canhão, quase dois por minuto do tempo útil para a artilharia. [...] (DONATO)

A Praça foi entregue novamente aos Portugueses conforme acordado no Tratado de Paris de 1763. O Governador português Francisco José da Rocha capitulou frente às tropas de D. Pedro de Cebállos, no dia 03.06.1777. Relata-nos Carlos Calvo:

Año de 1777

> Noticia individual de la expedición encargada al Exm° Sr. D. Pedro Cebállos contra los Portugueses del Brasil inmediatos á las provincias del Río de la Plata [...] Los Portugueses conocieron toda esta fuerza y tuvieron de ella noticia individual, conocieron cuál debería ser la triste suerte de la Plaza, aun antes de

estar perfeccionadas nuestras baterías. En consecuencia de esto, propusieron en 1° de junio una capitulación extendida en 22 artículos arreglados al método de que podría usar el más famoso General de la Europa, después de defender por un año vigorosamente la Plaza más fuerte de ella. El General desatendió enteramente este despropósito, y le pasó el día inmediato el siguiente oficio:

> Por el manifiesto que en 20.02.1777 hice al Comandante de la isla de Santa Catarina, Antonio Carlos Hurtado de Mendoza, de que me acusó el recibo, debo suponer que todos los gobernadores y comandantes portugueses, dependientes del Virreinato del Brasil, estarán muchos días ha instruidos de las justas causas con que el rey mi señor se ha dignado enviarme a estas regiones, á tomar satisfacción de las injurias que las armas del rey Fidelísimo han cometido contra los dominios, vasallos, tropa y pabellón español, abusando de la moderación, magnanimidad y escrupulosa buena fe del Rey. Con todo, para que el Sr. Gobernador do la Colonia no pueda alegar ignorancia, le remito en esta carta un duplicado del mismo manifiesto, intimándole al mismo tiempo la rendición y entrega de la Plaza y de la isla de San Gabriel con sus municiones y artillería, armas, pertrechos y municiones de guerra y boca, como también de las embarcaciones que hay en el puerto con todos los caudales y efectos que hubiese en ellas, y los que se hallaren en la Plaza y la isla citada de San Gabriel, manifestando al mismo tiempo las minas que hubiere dentro y fuera del recinto de la Plaza, todo en el término de 48 horas, sin ocultación ni menoscabo alguno, y por inventario que deberá formarse con intervención del intendente del ejército, por ausencia de los oficiales reales de Buenos Aires, en la inteligencia que de no cumplirlo todo de buena fe en el término dicho, será responsable de las desgracias que son inevitables en las Plazas tomadas por fuerza.
>
> Campo delante de la Colonia, 2 de junio de 1777.
>
> D. Pedro de Cebállos.

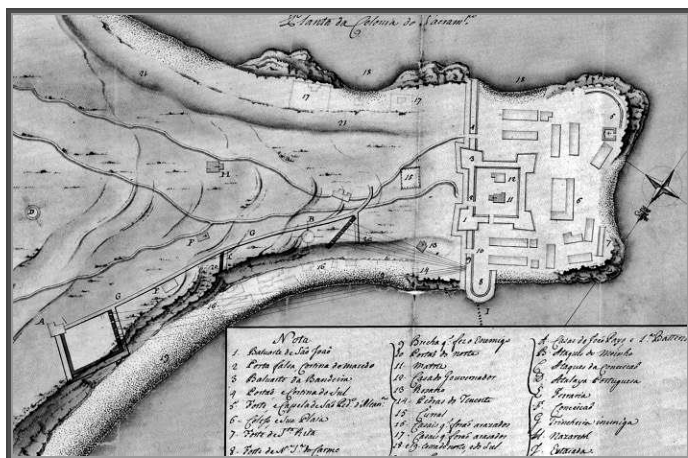



Imagem 09 – Praça Forte da Colônia do Sacramento, 1680

Esta carta dejó al gobernador de la Colonia con muy limitadas esperanzas de dejar su Plaza con algún decoro. Extrañó mucho que no se le contestase á los artículos de su propuesta capitulación, y conociendo que la causa no podía ser otra que la misma exorbitancia de lo que pedía, le suplicó á S.E. el día 3 le diese el permiso para presentarla nuevamente en más moderados términos; pero el General le respondió en los siguientes en aquella misma hora:

> Sr. Francisco José da Rocha.
>
> La Plaza se debe entregar en el término que previne ayer á V. S., a quien no debo ampliar las condiciones, atendidas todas las circunstancias y el estado actual de las cosas. Espero que V. S. no dará lugar a que, cumplido el tiempo de la suspensión de armas, se dé principio á las operaciones, porque le pueden ser muy sensibles las resultas. Nuestro Señor guarde á V. S. muchos años.
>
> Campo delante de la Colonia, 3 de junio de 1777.
>
> B. L. M. V. S. ([128]) su mayor servidor.
>
> D. Pedro de Cebállos.

---

[128] B. L. M.: Besa La Mano; V. S.: Vuestra Señoría.

> Dentro del mismo día 3, sabiendo la Plaza que las baterías estaban en estado de obrar, y asegurados de que no les quedaba otro arbitrio que el de rendirse á la discreción del General, ó el de experimentar y sufrir los últimos rigores de la guerra, se resolvió á la rendición y entrega, y lo hizo saber á S. E., quien luego dio orden para que el día siguiente, á la una, entrasen las tropas de S. M. á ocupar la Plaza , y efectivamente entraron á la orden del Mariscal de Campo D. Victorio de Navia. Luego formaron una calle desde el portón hasta el paraje señalado para embarcarse la guarnición prisionera, que distaba de la muralla como 200 toesas, y por medio de ella llevando al Gobernador á su cabeza, y los oficiales en sus respectivos puestos, desfiló esta tropa portuguesa sin armas, sin municiones y con sus mochilas, viéndolo todo S. E., que asistió oculto en paraje proporcionado para ello: á los oficiales prometió sus espadas, y con ellas volvieron á la Plaza á disponerse para navegar á Rio de Janeiro, quedando todos los demás embarcados en 8 buques, esa misma noche del día 4, y en el siguiente dieron fondo delante de Buenos Aires, de donde sin detención pasaron á la Provincia de Tucuman, con orden de que se les deje trabajar en sus oficios, y cultivar la tierra á los que no lo tuviesen. (CALVO)

O Primeiro Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, na cidade espanhola de San Ildefonso, na Província espanhola de Segóvia, tinha como objetivo principal encerrar a disputa entre Portugal e Espanha pela posse da Colônia do Sacramento. Ficou, então, estabelecido que a Colônia de Sacramento, a Ilha de São Gabriel e a região dos Sete Povos das Missões, hoje fazendo parte da região Oeste do Estado do Rio Grande do Sul, ficariam de posse da Espanha, Portugal, por sua vez teria domínio sobre a margem esquerda do Rio da Prata e da Ilha de Santa Catarina, ocupada pelos espanhóis.

O Tratado de Badajoz, de 1801, não ratificou o Tratado de Santo Ildefonso, fixando a fronteira Sul na linha Quaraí-Jaguarão-Chuí.

Independência do Uruguai

D. João VI, em nome de Portugal, tomou posse, novamente, da Colônia do Sacramento, a partir de 1817, até a Independência da República Oriental do Uruguai, em 1828. Relata-nos Capistrano de Abreu:

> De 1817 a 1828, sob os reinados de D, João VI e D. Pedro I a Banda Oriental integralizou-se com o Reino e Império do Brasil; mas, a 18.04.1825, 33 patriotas desembarcaram no Uruguai, dispostos a conquistar a independência de sua terra. A luta durou o resto do ano de 1825, todo 1826, todo 1827, ainda entrou por 1828, graças ao auxílio dos Argentinos, a quem o Brasil declarou guerra. Finalmente pela convenção de 27 de agosto deste último ano, sob a pressão do embaixador da Inglaterra no Rio de Janeiro, a Província Cisplatina foi declarada independente do Brasil e da Argentina. (ABREU)

Casco Histórico de Colonia del Sacramento

O Conselho Executivo Honorário, criado em 1969, realizou escavações arqueológicas, restauração dos casarios, mudança dos nomes de logradouros e ruas seguindo a toponímia antiga. Na década de 1970 foi restaurado o Portão das Armas, a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento e parte da muralha utilizando-se as pedras originais.

Planejamento Urbano: diferente da rigidez do padrão de tabuleiro de xadrez das povoações castelhanas, a Colônia do Sacramento segue nitidamente os padrões portugueses que se adaptavam ao traçado das ruas, aos Largos, às muralhas, à topografia e à localização das edificações mais importantes, como conventos e igrejas.

As moradias portuguesas foram edificadas com paredes de pedra e telhados de duas ou quatro águas, enquanto as espanholas de tijolos com coberturas planas. Vale a pena salientar que apesar da diversidade entre estas duas correntes arquitetônicas existe uma curiosa harmonia que permeia por todo o Bairro Histórico, uma dicotomia que faz parte da cultura e da alma dos sacramentanos.

Praça 25 de Maio ou Praça Maior: era usada antigamente em exercícios militares. No seu entorno encontram-se alguns importantes edifícios históricos: a Casa de Nacarello, a Casa de Lavalleja, o Farol e as Ruínas do Convento, o Arquivo Regional, o Museu Municipal e o Museu Português.

Ruínas do Convento de S. Francisco Xavier e Farol: o convento franciscano, dedicado a S. Francisco Xavier, construído no final do século XVII, foi parcialmente destruído, por um incêndio, no final do século XVIII. Em 1857, foi erguido sobre as ruínas do convento um farol, ainda em atividade. O farol possui uma sólida base quadrangular encimada por uma torre cilíndrica do alto da qual o turista, depois de subir 118 degraus, pode avistar a cidade de Buenos Aires, a 45 km de distância, rumo OSO (Oessudoeste) na margem oposta.

Praça Manuel Lobo: fronteira à Basílica, neste local se encontra parte da Praça de Armas e as ruínas da Casa dos Governadores portugueses.

Rua dos Suspiros: a "*Calle de los Suspiros*" segue paralela à muralha, desde a Praça Maior rumo ao Rio da Prata. Possui característico calçamento de pedra e antigas casas portuguesas e espanholas.

Basílica do Santíssimo Sacramento: a primeira igreja construída, em 1680, era apenas uma tapera. No seu local foi erigida, em 1808, a igreja atual com paredes de pedras em estilo tradicional português. Em 1823, logo depois da realização de uma cerimônia de batismo, um raio provocou uma explosão num depósito de pólvora localizado na sacristia (segundo outros autores no forro), causando o colapso de parte do edifício. Permaneceram de pé somente as duas colunas frontais e parte das paredes. Há pouco mais de seis décadas, a arquitetura original foi restaurada, mantendo-se as duas colunas e as paredes que tinham resistido à tragédia.

Puerta de la Ciudadela: construída pelos portugueses, no século XVIII, a Cidadela possuía um único Portão das Armas que ostentava orgulhosamente o brasão da Coroa Portuguesa e uma muralha e um fosso que cercavam toda o povoado. A muralha foi demolida por volta do século XIX, e suas pedras foram usadas para aterrar o fosso.

Museu Português: casa portuguesa, construída entre 1717 e 1722. A decoração do Museu, doada pelo governo de Portugal, guarda reproduções de mapas antigos e o escudo português original, do antigo Portão das Armas.

Museu do Azulejo: casa portuguesa do século XVII que abriga uma coleção de azulejos franceses e catalães, dos séculos XIX e XX, e uruguaios da década de 1840.

O Uraguai – Colônia Portuguesa
(José Basílio da Gama)

[...] Eu já vi a Colônia portuguesa
Na tenra idade dos primeiros anos,
Quando o meu velho pai com os nossos arcos
Às sitiadoras tropas castelhanas
Deu socorro, e mediu convosco as armas.

E quererão deixar os portugueses
A Praça, que avassala e que domina
O gigante das águas, e com ela
Toda a navegação do largo Rio,
Que parece que pôs a natureza
Para servir-vos de limite e raia?

Será; mas não o creio. E depois disto
As campinas que vês e a nossa terra
Sem o nosso suor e os nossos braços,
De que serve ao teu rei? Aqui não temos
Nem altas minas, nem caudalosos Rios. [...]

Vê que o nome dos reis não nos assusta.
O teu está muito longe; e nós os índios
Não temos outro rei mais do que os padres.

Acabou de falar; e assim responde
O ilustre General: Ó alma grande,
Digna de combater por melhor causa,
Vê que te enganam: risca da memória
Vãs, funestas imagens, que alimentam
Envelhecidos mal fundados ódios.

Por mim te fala o rei: ouve-me, atende,
E verás uma vez nua a verdade.

Fez-vos livres o céu, mas se o ser livres
Era viver errantes e dispersos,
Sem companheiros, sem amigos, sempre
Com as armas na mão em dura guerra,
Ter por justiça a força, e pelos bosques
Viver do acaso, eu julgo que inda fora

Melhor a escravidão que a liberdade.
Mas nem a escravidão, nem a miséria
Quer o benigno rei que o fruto seja
Da sua proteção. Esse absoluto
Império ilimitado, que exercitam
Em vós os padres, como vós, vassalos,
É império tirânico, que usurpam.

Nem são senhores, nem vós sois escravos.
O rei é vosso pai: quer-vos felizes.

Sois livres, como eu sou; e sereis livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.

Mas deveis entregar-nos estas terras.
Ao bem público cede o bem privado.
O sossego de Europa assim o pede.

Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes,
Se não obedeceis; mas os rebeldes,
Eu sei que não sois vós, são os bons padres,
Que vos dizem a todos que sois livres,
E se servem de vós como de escravos.

Armados de orações vos põem no campo
Contra o fero trovão da artilharia,
Que os muros arrebata; e se contentam
De ver de longe a guerra: sacrificam,
Avarentos do seu, o vosso sangue.

Eu quero à vossa vista despojá-los
Do tirano domínio destes climas,
De que a vossa inocência os fez senhores.

Dizem-vos que não tendes rei? Cacique,
E o juramento de fidelidade?

Porque está longe, julgas que não pode
Castigar-vos a vós, e castigá-los?

Generoso inimigo, é tudo engano.

Os reis estão na Europa; mas adverte
Que estes braços, que vês, são os seus braços.

Dentro de pouco tempo um meu aceno [...]

O Suor Poupa o Sangue!

Oração do Paraquedista

Dai-me, Senhor meu Deus, o que Vos resta;
Aquilo que ninguém Vos pede.
Não Vos peço o repouso nem a tranquilidade,
Nem da alma nem do Corpo.

Não Vos peço a riqueza nem o êxito nem a saúde;
Tantos Vos pedem isso, meu Deus,
Que já não Vos deve sobrar para dar.

Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
Dai-me aquilo que todos recusam.
Quero a insegurança e a inquietação,
Quero a luta e a tormenta.

Dai-me isso, meu Deus, definitivamente;
Dai-me a certeza de que essa será a minha parte para sempre,
Porque nem sempre terei a coragem de Vô-la pedir.

Dai-me, Senhor, o que Vos resta,
Dai-me aquilo que os outros não querem;
Mas dai-me, também, a coragem
E a força e a fé.

Lemas Eternos

O Suor Poupa o Sangue! Instrução Dura... Combate Fácil!
Andorinha que Anda com Morcego
Acaba Voando de Cabeça para Baixo!

Ainda ecoam na minha alma alguns brados eternamente repetidos nas magistrais arcadas de minha saudosa Academia Militar das Agulhas Negras. Nossos instrutores, selecionados a dedo, eram combatentes de escol e nos ensinaram a controlar nossos medos e a enfrentá-los e, sobretudo, a ultrapassar nossos limites físicos e psicológicos para atingir os objetivos propostos independentemente das adversidades.

Alguns apedeutas acham que os tempos mudaram e que a rigidez dos treinamentos de outrora não tem mais sentido. A pressão psicológica, as noites indormidas, o esforço físico levado ao limite, a alimentação escassa têm uma única finalidade, tentar colocar o guerreiro em um estado de estresse similar ao que ele vai encontrar no combate onde, sob condições extremamente adversas, terá de ser capaz de tomar a decisão mais adequada no momento oportuno.

Os Lusíadas – Canto X – 153
(Luís Vaz de Camões)

De Formião, filósofo elegante,
Vereis como Aníbal escarnecia,
Quando das artes bélicas, diante
Dele, com larga voz tratava e lia.

A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

Treinamento – Lagoas Litorâneas

O inverno mais uma vez tem prejudicado sensivelmente minhas jornadas náuticas, mas, graças aos ensinamentos castrenses adquiridos na AMAN, sempre que possível parto para o confronto direto enfrentando o frio cortante e a procela. No último fim de semana, confiei nos "*homens do tempo*" que prometiam frio na parte da manhã, mas muito Sol na tarde de domingo e empreendi minha navegação pelas lagunas litorâneas.

O frio intenso se tornava suportável graças aos abrasadores raios solares e procurei me distrair com a paisagem.

Fui recompensado com a visão de um bando de doze capivaras que "*lagarteavam*" preguiçosamente na margem do Canal Manoel Nunes.

Eram quatro fêmeas adultas com dois filhotes cada uma. Continuei minha saga e, depois de remar por duas horas, sem parar, para não esfriar o Corpo, as nuvens, repentinamente, encobriram o Sol e, imediatamente, a temperatura caiu trazendo consigo uma garoa fina e gelada.

Cheguei a meu destino, Barra do Rio Tramandaí, literalmente "*encarangado*". Depois de um reconfortante banho quente, mergulhei os pés em uma bacia de água quente e provei um delicioso chá preparado pela Rosângela. Depois de sofrer, por mais de duas horas, com o frio intenso, consegui, graças aos cuidados de minha querida companheira, recuperar-me plenamente.

O treinamento não pode, absolutamente, ser interrompido porque, na Semana Farroupilha, segunda quinzena de setembro, estarei junto com o Coronel Pastl e o Professor Hélio subindo a Laguna dos Patos de Pelotas a Porto Alegre. Será um reconhecimento para a Travessia a ser realizada em abril de 2012 em homenagem ao Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre.

A Lagoa
(Carlos Drummond de Andrade)

Eu não vi o Mar.
Não sei se o Mar é bonito.
Não sei se ele é bravo.
O Mar não me importa.

Eu vi a Lagoa.
A Lagoa, sim.
A Lagoa é grande
E calma também.

Na chuva de cores
Da tarde que explode,
A Lagoa brilha.
A Lagoa se pinta
De todas as cores.
Eu não vi o Mar.
Eu vi a Lagoa...

Nas Águas da Família Schiefelbein

Durante o voo, o maguari ([129]) e alguns outros pernaltas esticam o pescoço em linha reta. As grandes garças, ao contrário, inclinam o longo pescoço para trás numa belíssima curva, de maneira que a cabeça fica bem próxima das espáduas. (Theodore Roosevelt)

Desde pequeno, as Maguaris, Garças Mouras ou Socós Grandes (Ardea cocoi) me fascinam e parece que, volta e meia, as circunstâncias nos envolvem numa bela e emocionante trama. Às vésperas de minha jornada pela Margem Ocidental da Laguna dos Patos, eu precisava encontrar, em Bagé, um lugar adequado para treinar e que não ficasse muito longe da cidade. Minha querida companheira Rosângela sugeriu que solicitássemos à família Schiefelbein o uso de sua bela barragem, na Granja do Valente.

A recepção não poderia ser mais cordial e os amigos prontamente aquiesceram. Ao contrário do pequeno Rio Negro, em Bagé, aqui eu podia desenvolver meu treinamento mais adequadamente e com mais rigor. A volta pelo perímetro da represa, incluindo a entrada por um canal de tomada d'água para a lavoura, de propriedade da Cabanha Maya, era vencida entre 40 e 50 minutos o que facilitava meu controle e me permitia desenvolver uma velocidade similar à que vou imprimir na Laguna dos Patos.

A montante da barragem, as árvores parcialmente submersas exibiam, em seus galhos secos, aproximadamente 50 ninhos das formidáveis Maguaris. Foi a primeira vez que eu tive a oportunidade de admirar de perto um ninhal de tal envergadura.

---

[129] Maguari: João Grande (Ciconia maguari).

Já observara inúmeros ninhais de outras espécies, no Pantanal Mato-grossense e na Amazônia, mas nenhum de Maguaris.

A navegação a cada volta ganhava um momento mágico que era o de poder admirar minhas caras amigas de perto e de lambuja um ninho, à altura de meus olhos, de um João Grande (Ciconia maguari) com quatro grandes ovos.

Graças aos Schiefelbein, tive a oportunidade de rever, nestes poucos dias em que permaneci em Bagé, a ave de meus encantos juvenis.

Ardea cocoi

A garça-moura é uma ave ciconiiforme da família Ardeidae. É a maior das garças do Brasil, atingindo 1,20 m de altura, uma envergadura de 1,80 m e um peso de até 3 quilos. Durante o voo, as batidas de asas são ritmadas e lentas.

Nos seus deslocamentos médios ou longos, encolhem graciosamente o pescoço ao mesmo tempo em que esticam as pernas completamente, apenas em voos curtos mantém o pescoço distendido em linha reta, como menciona Roosevelt quando se refere especificamente ao João Grande. Fora do período reprodutivo, vive solitária e, mesmo nessa época, a maioria mantém-se isolada durante a alimentação.

Permanece pousada nas margens dos mananciais, em meio à vegetação, pescando peixes, rãs, pererecas, crustáceos, moluscos e pequenos répteis. Graças às suas longas pernas e pescoço, consegue capturar presas maiores em locais mais profundos do que as demais garças.

Possui um longo período de acasalamento e nidificação que se estende de janeiro a outubro quando então se reúnem em ninhais. Os grandes ninhos construídos com gravetos e forrados com gramíneas são construídos na parte superior e externa das árvores de maneira a permitir a aproximação das grandes aves. O casal se reveza desde o período do choco até a alimentação dos 3 ou 4 filhotes de sua ninhada. O ninhal favorece a segurança contra os principais predadores, nesta fase, que são os carcarás e urubus, que tentam comer os ovos e os filhotes destes formidáveis pelecaniformes.

Neste período, a plumagem dos pais torna-se mais vistosa. A base do pescoço ganha um pequeno tufo de leves penas brancas, a tonalidade das penas acinzentadas e negras torna-se mais viva, o mesmo acontecendo com as penugens ao redor dos olhos que ficam mais azuladas e o bico que ganha um amarelo mais vivo. Os filhotes ostentam a mesma padronagem de cores dos pais, embora um pouco mais esmaecida e sem a listra negra do pescoço e do ventre.

O Uraguai – Grande Andrade
(José Basílio da Gama)

Salvas as tropas do noturno incêndio,
Aos povos se avizinha o grande Andrade,
Depois de afugentar os índios fortes
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes e espalhados
Os tapes cavaleiros, que arremessam
Duas causas de morte em uma lança
E em largo giro todo o campo escrevem.

Que negue agora a pérfida calúnia
Que se ensinava aos bárbaros gentios
A disciplina militar, e negue
Que mãos traidoras a distantes povos
Por ásperos desertos conduziam
O pó sulfúreo, e as sibilantes balas
E o bronze, que rugia nos seus muros.

Tu que viste e pisaste, ó Blasco insigne,
Todo aquele país, tu só pudeste,
Com a mão que dirigia o ataque horrendo
E aplanava os caminhos à vitória,
Descrever ao teu rei o sítio e as armas,
E os ódios, e o furor, e a incrível guerra.

Pisaram finalmente os altos riscos
De escalvada montanha, que os infernos
Com o peso oprime e a testa altiva esconde
Na região que não perturba o vento.
Qual vê quem foge à terra pouco a pouco
Ir crescendo o horizonte, que se encurva,
Até que com os céus o mar confina,
Nem tem à vista mais que o ar e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o céu, que o mais lhe encobre
A tarda e fria névoa, escura e densa. [...]

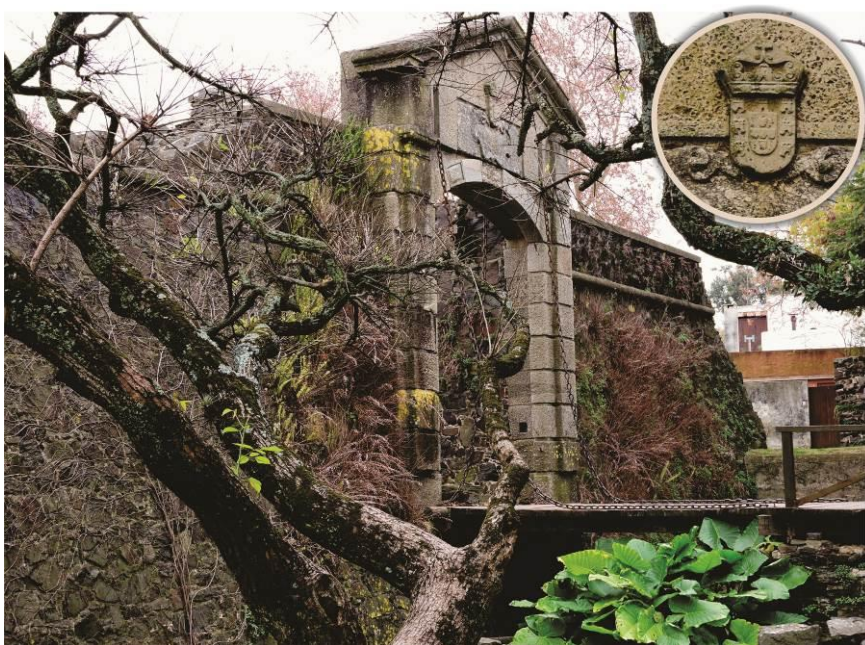



Imagem 10 – Puerta de la Ciudadela – Col. do Sacramento

Imagem 11 – Convento de S. Francisco Xavier e Farol

Imagem 12 – Colônia do Sacramento

Imagem 13 – Colônia do Sacramento, UY – Rio da Prata

Imagem 14 – Ninhal – Granja do Valente (GV) – Bagé, RS

Imagem 15 – Ninhal – GV – Bagé, RS

Imagem 16 – Ninho de João Grande – GV – Bagé – RS

Imagem 17 – Garças Mouras – GV – Bagé, RS

Travessia da Laguna dos Patos

Eu vi Corpos de tropas mais numerosas, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações.
Quantas vezes fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril e destemida gente, que sustentou, por mais de nove anos contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta!
(Giuseppe Garibaldi)

O treinamento na represa da Granja do Valente produziu-me um efeito salutar tanto físico como moral. Eu estava, definitivamente, pronto para enfrentar, mais uma vez, a "*inconstância tumultuária*" da Laguna dos Patos.

Minha apreensão anterior em relação à preparação física, prejudicada pelos rigores do inverno "*pampeano*", foi substituída pela fé e pela confiança.

A rigorosa travessia, realizada em plena "*Semana Farroupilha*", era uma justa homenagem ao "*herói de dois mundos*" – Giuseppe Garibaldi. Vamos ressaltar aqui a travessia terrestre de Garibaldi que, guardadas as devidas proporções, procuramos homenagear realizando a transposição do Pontal de Tapes para encurtar, consideravelmente, o trajeto.

Herói de dois mundos

Era belo e forte como um atleta, e as melenas alouradas caindo-lhe até os ombros, davam-lhe a mais romântica das aparências – uma estranha e buliçosa aparência de espadachim inquieto... (Brasil Gerson)

O Herói Farroupilha Giuseppe Garibaldi é conhecido, na historiografia, como "*herói de dois mundos*" por ter participado de conflitos nos continentes europeu e americano. Prestando serviço à marinha republicana, Garibaldi foi aquinhoado com duas canhoneiras imperiais, que tinham sido aprisionadas por Bento Manoel Ribeiro, além de receber a missão de construir dois lanchões, em um barracão improvisado às margens do Rio Camaquã, para combater a frota imperial que patrulhava a Laguna dos Patos, com o objetivo de evitar que o Porto de Rio Grande fosse tomado pelos Heróis Farroupilhas.

Elma Sant'Ana e André Sant'Ana Stolaruck, na sua obra "*A Odisseia de Garibaldi no Capivari*", assim se referem às dificuldades encontradas por Garibaldi em transformar os "*Centauros dos Pampas*" e ex-escravos em carpinteiros, armadores e por fim marinheiros:

> Possuía a República um pequeno estaleiro na Foz do Rio Camaquã, usado para a construção de barcos para futuros combates. De acordo com as sugestões de Domingos José de Almeida, resolveu-se que Garibaldi deveria organizar um corso ([130]) nas águas interiores. Afinal, Garibaldi era um homem do Mar e deveriam aproveitar a sua experiência. Para lá dirige-se Garibaldi. Tem de improvisar marinheiros e reúne italianos aventureiros de toda a laia, um norte-americano quaker da Virgínia chamado John Griggs, ex-escravos e gaúchos de bota e espora. Mas tem de improvisar também armadores e carpinteiros.

---

[130] Corso (latim "*cursus*" – corrida): Todo corsário deverá munir-se de uma licença do chefe de Estado a quem servir: esta licença chama-se "*carta ou patente de corso*". A "*carta de corso*" considerar-se-á documento necessário para autorizar um simples cidadão a tomar parte na guerra, e só poderá ser mandada passar pelo chefe do Estado. Todo o ato de hostilidade, praticado sem esta autorização, será punido com a maior severidade. (LOBO)

Como não tem barcos, vê-se obrigado a fabricá-los, com toda a precariedade de recursos que a República rio-grandense lhe oferece. É aqui, verdadeiramente, que começa a brilhar o seu gênio, que mais tarde assombrará o mundo. Constrói e arma dois lanchões de guerra e faz prodígios operando nas águas rasas da Lagoa dos Patos, pondo em xeque a poderosa esquadra imperial brasileira, comandada por um experiente Almirante inglês, chamado de John Pascoe Grenfell, mercenário a serviço da Corte no Rio de Janeiro. Conseguiu do Governo que Luigi Rossetti fosse a Montevidéu a fim de buscar a ajuda de Carniglia e outros profissionais indispensáveis. Após algumas semanas, tinha completa a equipagem de mestres e operários. Vieram alguns marinheiros de Montevidéu e outros foram recrutados pelas redondezas. Em 1° de setembro de 1838, Giuseppe Garibaldi é nomeado Capitão-Tenente, Comandante da Marinha Farroupilha. Aparece o 1° número do Jornal Oficial dos Farrapos – O POVO, editado pelo jornalista italiano Luigi Rossetti, fiel companheiro de Garibaldi.

Em 26 de outubro, Eduardo Mutru, amigo de infância de Garibaldi, une-se a ele, conforme decreto oficial, publicado no jornal O POVO:

> Expediente pela Repartição da Guerra e Marinha.
>
> Ao Capitão-Tenente José Garibaldi, comunicando-lhe haver sido despachado Eduardo Mutru, 2° Tenente para a Marinha da República, o qual marcha nessa data a reunir-se-lhe. (SANT’ANA)

O escritor Paulo Markun, no seu livro “*Anita Garibaldi, uma Heroína Brasileira*” relata:

As duas lanchas foram batizadas com nomes que evocavam vitórias farroupilhas: a maior, Rio Pardo, era destinada a Garibaldi, enquanto o Seival ficaria com o norte-americano John Griggs.

Cada uma delas tinha dois pequenos canhões de bronze. Em termos bélicos, isso significava que só a destreza dos marinheiros, a pequena profundidade das águas do Camaquã e uma dose extra de sorte impediriam um fracasso logo na primeira saída.

Setenta homens, sendo sete italianos, compunham a tripulação, assim descrita pelo chefe das Forças Navais da República (in Giuseppe Garibaldi):

> Uma verdadeira chusma cosmopolita composta de tudo, tanto na cor quanto na nacionalidade. Americanos em sua maioria, e na maior parte constituídos de negros e mulatos libertos e, no geral, os melhores e mais fiéis. Entre os europeus, eu contava com italianos, dentre os quais o meu Luigi e Eduardo Mutro, meu companheiro de infância – ao todo, sete com quem podia contar. O resto compunha-se daquela classe de marujos aventureiros conhecidos nas ribas americanas do Atlântico e do Pacífico pelo nome de Irmãos da Costa, classe que certamente havia fornecido as equipagens dos flibusteiros, dos bucaneiros e que ainda hoje fornece seu contingente ao tráfico de negros. (MARKUN)

Continuam Elma Sant'Ana e André Sant'Ana Stolaruck:

O Império, informado de tal estaleiro, mandou barcos vigiar a saída de barcos para a Lagoa. Porém, Garibaldi, como tinha previsto, saiu junto à costa da Lagoa, por entre aos juncos, não sendo notado pelos imperiais. Em suas "*Memórias*", ele faz o seguinte relato: [...]

> Começaram então as nossas correrias pela Lagoa dos Patos. Passaram-se alguns dias sem fazermos mais do que presas insignificantes. Os imperiais tinham trinta navios de guerra e um barco a vapor. Porém, nós tínhamos a nosso favor os baixios das águas.

> A Lagoa não era navegável para os grandes barcos, senão numa espécie de canal que se seguia ao longo da sua margem no Oriente. No lado oposto, sucedia o contrário, porque o solo era cortado em declive e nos víamos, às vezes, encalhados antes de tocar na margem.
>
> Os bancos de areia estendiam-se pela Lagoa à semelhança dos dentes de um pente e só havia de bom que estes dentes eram bastante afastados uns dos outros. Quando éramos forçados a encalhar, ou os canhões do navio de guerra ou do vapor nos incomodavam, dizia:
>
> > Avante, meus patos, saltemos à água! E os meus patos caíam n'água e à força dos braços erguiam o lanchão, transportando-o para o outro lado do banco de areia.

A vida que passávamos era laboriosa e cercada de perigos, em razão da superioridade numérica do inimigo, mas, ao mesmo tempo, essa vida era encantadora, pitoresca e muito em harmonia com o meu caráter. Não éramos unicamente marítimos, seríamos também cavaleiros no caso de necessidade. No momento do perigo, encontraríamos quantos cavalos quiséssemos e formaríamos um esquadrão, senão elegante, ao menos temível. Nas margens da Lagoa, encontravam-se estâncias que, pela aproximação da guerra, tinham sido abandonadas pelos proprietários, onde achamos muita abundância de cavalos e o necessário para o seu sustento; por outro lado, nas herdades ([131]), existiam terrenos cultivados, onde colhíamos abundância de trigo, batatas doces e muitas vezes, excelentes laranjas, que são as melhores de toda a América do Sul. (SANT'ANA)

Prossegue o escritor Paulo Markun:

---

[131] Herdades: grandes propriedades rurais.

Na primeira quinzena de maio, os lanchões farroupilhas entraram na Lagoa dos Patos pela primeira vez. Circularam por ali durante nove dias, procurando uma presa. Finalmente surgiram duas, no rumo de Porto Alegre, sem escolta e com a bandeira do império hasteada. A Rio Pardo se aproximou, seguida pelo Seival. Depois de dispararem um único tiro de canhão, abordaram a desguarnecida sumaca ([132]) Mineira, cujos tripulantes fugiram num batelão, para serem presos em terra, não longe dali, enquanto outro veleiro, o patacho Novo Acordo, escapava, indo rumo ao Rio Grande, levando a notícia do ataque. Essa primeira captura virou uma festa: a sumaca acabou inutilizada, ao encalhar na margem, mas tudo o que havia dentro foi aproveitado. Cordas, velas e equipamentos seriam usados em outros lanchões. A maior parte da carga – quinhentas barricas de farinha – foi entregue ao Governo, que as distribuiu por várias cidades, incluindo a capital, Piratini. Os marinheiros receberam parte do butim ([133]), incluindo uniformes.

Como resposta, o Almirante Grenfell mandou para a Lagoa quatro navios de guerra. Mas não era fácil apanhar barcos pequenos e de pouco calado, cujos tripulantes agiam como guerrilheiros. Só atacavam quando o inimigo era mais fraco, conheciam todos os meandros daquelas águas e, vez por outra, desembarcavam com seus cavalos – havia sete a bordo – mostrando a mesma competência exibida minutos antes nas escotas ([134]) e adriças **([135]),** com rédeas e arreios.

---

[132] Sumaca: pequeno barco de 2 mastros. (Hiram Reis)
[133] Do butim: da pilhagem.
[134] Escota: corda presa a um canto inferior de uma vela, para fixá-la e regular sua orientação.
[135] Adriça: cabo para içar vergas (peça de madeira, colocada no sentido horizontal sobre os mastros, onde se prendem as velas), velas e bandeiras.

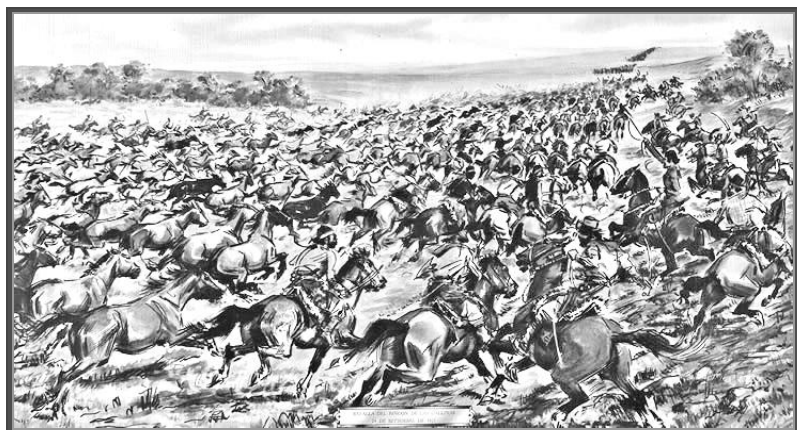



Imagem 18 – Batalha del Rincón de las Gallinas

Sempre que havia um baixio pela frente, os lanchões, perseguidos pelos imperiais, corriam o risco de encalhar. Nesse momento, Garibaldi gritava:

– À água, patos.

Os marinheiros obedeciam com alegria. Seguravam o barco sobre os ombros – Garibaldi entre eles – e o carregavam para o outro lado da ponta, desnorteando o inimigo. Muitas vezes, tiveram de ficar horas dentro da água fria da Lagoa e o bom humor desaparecia, mas bastava surgir nova situação de risco e lá iam os patos de Garibaldi para dentro da água.

Mas essa brincadeira de esconde-esconde terminou quando a cúpula Farroupilha concluiu que era indispensável conquistar o Porto de Laguna – com a ajuda daquele arremedo de Força Naval.

O projeto não era segredo, como mostra esta notícia publicada no Rio de Janeiro pelo Jornal do Commercio, de 8 de junho de 1839:

> Os insurgentes têm o propósito de mandar, por estes dias, uma expedição a Santa Catarina, sob a

> direção do Coronel Onofre Pires, com o fim de sublevarem os pacíficos habitantes daquela Província e os obrigarem a separarem-se da comunhão brasileira. Esta notícia, que a muitos não merece peso, julgamos que deve merecer toda a atenção da parte do Governo; pois não há dúvida que se têm preparado os ânimos em Santa Catarina para a revolta; e que muitos dos nossos revolucionados se foram abrigar naquela Província; e por isso ali existem os elementos necessários e só falta quem lhe dê começo. Esse alguém foi Davi José Martins, ou melhor, o General Davi Canabarro. No desastre de "*Rincón de Las Gallinas*", em que as tropas imperiais foram derrotadas, ganhara o galardão de Tenente e a fama de bravo, ao enfrentar o inimigo de forma desesperada, para permitir que os outros recuassem. Nos tempos de paz, ao trabalhar com seu tio, Antônio Ferreira Canabarro, conquistara o sobrenome com que passaria à história.

Quando a Farroupilha começou, estava quieto no seu canto. Tempos depois, cingiu novamente a espada e apresentou-se como voluntário. Seis meses antes de a expedição Farroupilha virar manchete no "*Jornal do Commercio*", o Governo republicano tinha mandado uma comissão de especialistas até a parte Norte da Lagoa dos Patos. Quem consulta um simples Atlas Geográfico Escolar vê uma linha escura demarcando a costa gaúcha desde Torres até São José do Norte. Nenhuma Barra de Rio, nenhuma baía, nada. Mas ali existe um acesso. Tão pequeno que foi ignorado pelos primeiros navegadores e cartógrafos. É a Barra do Rio Tramandaí. Segundo os entendidos, um acidente geográfico completamente inútil para fins de navegação. Garibaldi e o General Canabarro estiveram no local e concluíram que era possível utilizá-la para alcançar o Atlântico. Mas como chegar do Rio Capivari até as Lagoas que levariam a essa Barra quase impossível? Garibaldi tinha um plano. Apresentou-o ao Governo e obteve o indispensável sinal verde, certamente com o aval de Canabarro.

> Outros já haviam usado o mesmo expediente: Marco Antônio, o Imperador romano, Mohamed II, o Sultão, bem como os venezianos e, mais recentemente, não muito distante do Tramandaí, corsários a soldo da Confederação. Charles Fournier, um francês a serviço dos uruguaios, teve seu navio "*Profeta Bandarra*" aprisionado pela escuna "*Leal Paulistana*". Como vingança, atacou a base de Maldonado, transportando sobre carretas e com a força de juntas de bois um lanchão e dez baleeiras. (MARKUN)

Elma Sant'Ana e André Sant'Ana Stolaruck descrevem, com detalhes, "*A Odisseia de Garibaldi no Capivari*":

> Na margem Oriental da Lagoa, num fundo de saco chamado "*Roça Velha*", não muito acima do Itapuã, desemboca o pequeno Rio Capivari, cujas cabeceiras se encontram numas águas de pouco fundo que circundam os contrafortes Meridionais da Serra Geral. Foi nessas paragens de difícil acesso que se embrenharam os corsários, perseguidos de perto pelos legalistas, escreve Lindolfo Collor.
>
> Encurralado na Lagoa do Casamento, Garibaldi remonta o pequeno Rio Capivari, cujas águas, com profundidade máxima de 4,5 metros e de largura menor do que isso, até onde permitia o reduzido calado dos lanchões.
>
> Enquanto isso, Greenfell comunicava ao Presidente da Província que os rebeldes haviam abandonado as suas posições do Itapuã e da Ponta do Junco e que seguira atrás deles, com a barca "*Cassiopea*", "*examinando com cuidado toda a costa do Capivari, lugar onde, constava-me, os outros lanchões inimigos estavam reunidos. Estando o mato ocupado por infantaria inimiga, vi que nada podia fazer sem força da terra*".

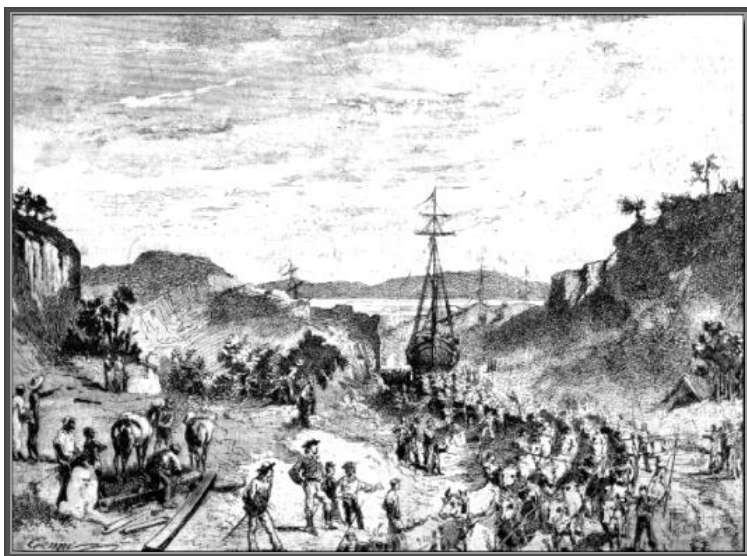



Imagem 19 – Expedição à Laguna (Lucílio de Albuquerque)

Greenfell dá ordens ao Primeiro-Tenente José Ricardo Coelho de Abreu para bloquear a entrada do Rio Capivari e retorna a Porto Alegre. Precisa preparar a expedição para destruir o estaleiro em Camaquã – a base dos corsários. "*Os Engarrafados do Capivari Ficavam Para Depois...*"

Os legalistas mantinham guarda à Barra do Capivari, supondo que a rendição era somente uma questão de dias. "*As canhoneiras do Tenente Abreu, cautelosas, guardavam os acessos à enseada da Roça Velha*", narra Lindolfo Collor. Garibaldi sabe que a Foz acha-se sob vigilância das forças imperiais. "*Com efeito, diz ele em suas Memórias, na margem Meridional localizava-se a cidade-fortaleza de Rio Grande e, na margem Setentrional, São José do Norte, cidade menor, mas também fortificada, assim como Porto Alegre, encontravam-se ainda sob o poder imperial e faziam dele, o senhor da entrada e da saída do Lago. O Império controlava somente esses três pontos, os quais, no entanto, bastavam-lhe amplamente*."

“*Propus a construção de duas carretas* – prossegue Garibaldi – *grandes o suficiente e resistentes o bastante para que se colocasse um lanchão sobre cada uma delas – e a atrelagem de bois e de cavalos na quantidade necessária para puxá-las. Minha proposta foi aceita e* do Capivari ao Tramandaí, *eu fui incumbido de levá-la a efeito*.”

Enquanto isso, o Cel David Canabarro descia em direção a Mostardas, para examinar o terreno mais favorável para a travessia e, ao mesmo tempo, requisitava o gado disponível nos campos, para escolher duzentos bois, no mínimo, em condições de serem aproveitados. Outros trabalhadores abatiam as árvores e roçavam os matos das margens do Capivari, com seus machados e facões. Procuravam nivelar a ribanceira, “*um extenso plano inclinado, pelo qual seriam levadas à água, as pesadas rodas que se estavam construindo em fazenda próxima, sob as vistas do hábil carpinteiro Joaquim de Abreu”*.

Mais difícil do que traçar o itinerário do Capivari ao Tramandaí é chegar-se à conclusão referente a carretas que transportaram os lanchões. Wolfgang Ludwig Rauls, o maior escritor e pesquisador sobre Anita Garibaldi no Brasil, nos dá uma análise mais detalhada do transporte dos barcos especialmente das carretas utilizadas por Garibaldi, nesta épica empreitada, como ele se refere.

> Mandei construir oito enormes rodas de uma solidez a toda prova, com cubos proporcionados ao peso que deviam suportar. Numa das extremidades da Lagoa, que é oposta a Rio Grande, a Noroeste, existe no fundo de uma ravina um pequeno Ribeiro, que corre da Lagoa dos Patos para o Lago de Tramandaí, ao qual tratávamos de levar os dois lanchões. Fiz descer a esta ravina, imergindo-o o mais possível, um dos nossos carros; depois levantamos o lanchão até que repousasse sobre o duplo-eixo.

> Cem bois mansos foram atrelados aos varais mediante nossas cordas mais fortes, e vi então, com prazer, que não posso exprimir, o maior de nossos lanchões caminhar como se fosse um fardo qualquer. O segundo carro desceu por sua vez, foi carregado como o primeiro e deslocou-se com igual êxito. Chegados à margem do Lago Tramandaí, foram os lanchões deitados à água do mesmo modo por que tinham sido embarcados.

Garibaldi penetrou pela Foz do Capivari, remontou o Arroio duas léguas para fugir à vigilância dos imperiais, abrigando-se por detrás de uma volta propícia e mascarando os mastros por meio de folhagens. Foi daí que começou o percurso terrestre; primeiro através de estrada aberta no mato, depois por vasta superfície quase nua de pastios, quase toda coberta de areias que, da bacia interna, se estende até o Tramandaí, a Barra nunca antes praticada, por onde os Farrapos pretendiam ganhar o Atlântico. Desmanchadas logo as grosseiras e agora inúteis rodas, os navios foram trazidos à beira mais cômoda para o efeito. Procedeu-se em seguida à remontagem da artilharia, recarga das praças-de-arma, paióis e porões; bem como a recondução dos minguados meios da equipagem aos reduzidos camarotes. Wolfgang Ludwig Rau prossegue a análise das descrições e deduz o seguinte:

1. Cada carreta tinha quatro rodas, pois se mencionam oito grandes rodas e duas carretas.

2. As rodas eram de dimensões muito maiores que as comuns na época e deve-se pensar que as rodas normais naqueles tempos tinham por volta de dois metros de diâmetro.

3. Em 1839, não era conhecido o sistema de prato e disco para fazer girar veículos de quatro rodas, e o sistema de eixo e pino não teria sido eficaz para a

enorme carga que representavam os barcos. Não existem dúvidas que Garibaldi encontrou a mais feliz solução que poderia obter naquela época e com os meios ao seu alcance; aproximou os eixos de madeira para que fosse relativamente fácil fazer curvas. Isto se deduz do termo "*duplo-eixo*", pois se referisse a dois eixos separadamente, usaria a expressão "*dois eixos*". A denominação "*duplo-eixo*" parece indicar que ele queria usar um único eixo, mas que, devido ao peso, se viu obrigado a colocar dois.

4. A estrutura da carreta estava abaixo dos eixos, pois se fala que o lanchão se apoiava no duplo-eixo.

5. Deduz-se também que a carreta não tinha estrutura de suporte para o barco, e que a estrutura deste era suficientemente forte para resistir sem deformações ao transporte, sujeitado somente ao eixo duplo.

Independentemente das considerações anteriores, analisa Rau, deve-se ter em conta que Garibaldi não dispunha de ferro, nem de uma indústria avançada, pois as cidades onde poderia encontrar esses elementos estavam em mãos imperiais. Conclui-se, então, que os sistemas de eixos e cubos fossem de madeira de lei, lubrificada com graxa animal. Por estes motivos, o anel periférico das rodas estava recoberto por couro cru.

Para a dedução das dimensões, partiu-se das seguintes considerações básicas:

a) que o peso do lanchão vazio, mais os mastros, eram de 25 toneladas;

b) que o peso da carreta e rodas eram de oito toneladas;

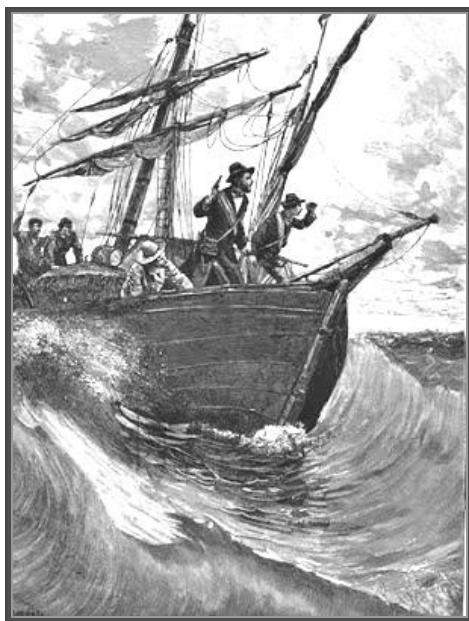



Imagem 20 – Rio Pardo (Pintor Italiano Edoardo Matania)

c) que existiu uma margem de segurança de 7 toneladas (Garibaldi fala da grande resistência das rodas).

Somando os pesos e dividindo o total pelas quatro rodas de cada carreta, encontramos que cada uma deveria ser calculada para suportar 10 toneladas. A carga máxima para um sistema eixo-bucha de madeira de lei, com lubrificação de graxa animal, não deve passar de 4 quilos por centímetro quadrado. Supondo que o eixo tinha um diâmetro de 35 cm e que o cubo da roda tinha 80 cm de largura, teremos uma superfície de 2.800 cm^2 para resistir a uma carga de 10.000 kg, do que resultam 3,51 kg/cm^2 – valor perfeitamente aceitável para o sistema. A massa da roda se chama de "*Cubo*", embora seja cilíndrica, porque a peça de madeira da qual se parte é precisamente um cubo. Logo, se a largura do cubo era de 80 cm, também seu diâmetro deveria ser de 80 cm.

A descrição das carretas da época nos ensina que o diâmetro das rodas era quatro vezes o diâmetro do cubo, e que a largura do anel periférico da roda devia ser igual à metade do diâmetro do cubo, bem como tinham as rodas um número ímpar de raios, porque se supunha que os raios diametralmente opostos podiam rachar o cubo.

Daí deduzimos que as rodas da carreta deveriam ter 3,20 m de diâmetro, e uma largura do anel periférico de 40 cm. Feito um estudo de verificação de tensões, no anel e nos raios, determinou-se que o número de raios deveria ser de 11.

Como diz Rau, os anéis periféricos estavam cobertos de couro cru. Este, se colocava molhado e cozido com tentos em três capas: a primeira era circunferencial, e uma vez seca, era engraxada, e depois coberta com outras duas capas de couro, dispostas em diagonal, que davam um aspecto característico às rodas. Supondo que o "*Seival*" tivesse 5 metros de boca ([136]), podemos dizer que o eixo tinha um comprimento de 5,40 m com 35 cm de diâmetro. Um eixo com estas dimensões em madeira de lei satisfaz as solicitações a que está submetido. Garibaldi diz em seu relato que o lanchão ia simplesmente apoiado no duplo-eixo.

Portanto, sobre os mesmos eixos se fixavam quatro peças com tarugos de madeira de lei, que serviam de cama ao barco. A fixação das rodas nos eixos, para que estas pudessem girar sem sair fora, foi a clássica, com cunhas possantes que atravessavam o eixo. Garibaldi fala de "*Varais*", quer dizer mais de um, onde estavam presos os bois. Cita também a quantidade de bois: cem para cada carreta [50 juntas].

---

[136] Boca: largura máxima.

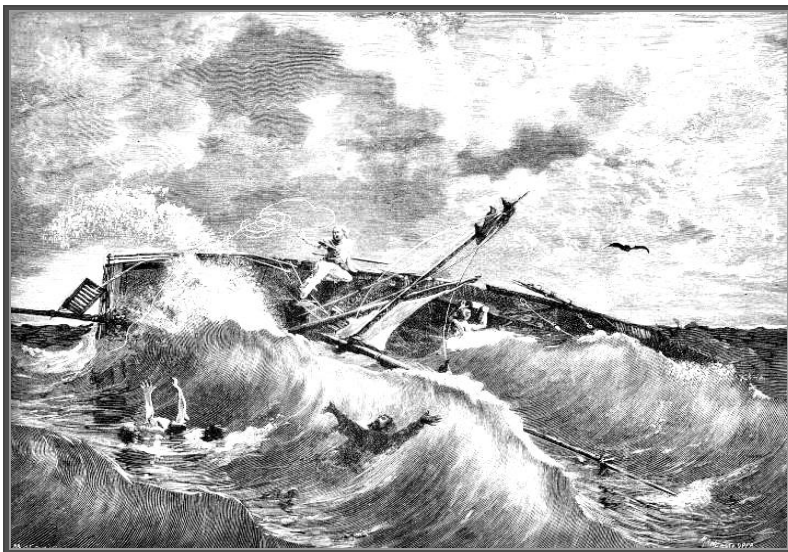



Imagem 21 – Naufrágio do Rio Pardo (Livro de Jessie W.)

O problema que se apresenta é saber como estavam distribuídos os animais. Eles poderiam ter sido colocados em linha de 4 ou 5; mas por razões de simetria, é evidente que o número escolhido foi 4. É fácil deduzir que a carreta tinha dois grandes troncos ou varais de uns 11 metros de comprimento, unidos aos eixos por tarugos de madeira de lei, fixados com cunhas. A união era completada por cordas de couro cru. Dois reforços diagonais colocados sobre os varais e entre o duplo-eixo asseguravam a rigidez transversal do sistema, já que a rigidez vertical se obtinha pela forte união, por meio de cordas entre a carreta e o lanchão, com o que se obtinha um conjunto de notável solidez. Atrelados os bois em 4 filas de 25 cada uma, e colocado em movimento o conjunto carreta-lanchão, este contava com uma grande estabilidade devido a seus 6 metros de bitola. A disposição das rodas em duplo-eixo lhes permitia girar facilmente e, em caso de curvas fechadas, bastava colocar diante das rodas de um dos lados, pedras ou madeiras que as imobilizassem, para obter, em consequência, a rotação da carreta.

A análise acima permitiu a reprodução racional das carretas de Garibaldi, capacitadas a realizarem as tarefas de 1839 – sem utilizar uma única peça de metal, conclui Wolfgang Ludwig Rau, na sua análise técnica.

> Este estudo foi realizado por engenheiros do Estaleiro Só, no ano de 1970, quando estavam construindo uma réplica do Seival, em tamanho natural.

Em "*Anita – a guerreira das Repúblicas*", o autor, Dr. Adilcio Cadorin, reforça a análise feita por Rau de que Garibaldi "*determinou a construção de dois carretões, com rodas de quase quatro metros de diâmetro, que sendo construídos somente com madeira encaixada, sem nenhum prego ou parafuso, foram colocadas na água até submergi-los. Depois deslizaram as naus sobre a água, até onde estavam submersos os lanchões, quando então duzentos bois emparelhados e atrelados puxaram as carretas e sobre ela vieram para fora d'água os lanchões.*

Seria essa, por certo, acrescenta Lindolfo Collor, a parte mais difícil da empresa. Alguns botes tocados a remo e numerosos nadadores, afrontando as águas gélidas do Capivari, gastaram horas a fio no trabalho, que se diria impossível, de sotopor ([137]) as enormes rodas aos cascos dos navios". No dia 5 de julho, Garibaldi remonta o pequeno Rio Capivari, onde não podem manobrar os pesados barcos do império, puxando sobre rodados para a terra os dois lanchões artilhados e, assim, transformando lanças de guerra em picanas. Açula ([138]) juntas de bois, atravessando ásperos caminhos, através dos campos úmidos – em alguns trechos completamente submersos. Piquetes corriam os campos entulhando atoleiros.

---

[137] Sotopor: pôr por baixo.
[138] Açula: incita.

> Outros cuidavam da boiada. Garibaldi vê "*os moradores do lugar deleitarem-se com um espetáculo invulgar e bizarro: duas naves atravessando em carretas puxadas por duzentos bois, num espaço de 54 milhas ou dezoito léguas – e tudo isto sem a menor dificuldade, sem um mínimo acidente*".
>
> Levam seis dias até a Lagoa Tomas José, chegando, portanto, a onze de julho. Cada barco tinha dois eixos e naturalmente quatro rodas imensas, revestidas de couro cru.
>
> No dia 13, seguem, da Lagoa Tomás José, para a Barra do Tramandaí, sob o Oceano Atlântico e no dia 15, lança-se ao Mar com sua tripulação mista: 70 homens – Garibaldi comanda o Farroupilha, com dezoito toneladas, e Griggs, o Seival, com doze toneladas. Ambos armados com quatro canhões de doze polegadas e eram de molde "*escuna*", informa Cary Ramos Valli. (SANT'ANA)

A célebre operação de transposição terrestre contou com a cumplicidade e o sigilo da população local o que garantiu o êxito da empreitada.

Professor Hélio um Samurai das Águas

Emprestei ao Professor Mestre de Educação Física do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) Hélio Riche Bandeira um antigo caiaque fabricado pela "*KTM*", modelo Anaico, que usei nas provas de águas brancas (descidas de corredeiras e quedas d'água) no Mato Grosso do Sul, final da década de 80, quando residia em Aquidauana, MS.

O Anaico é um caiaque super-reforçado, mas que se torna um tanto bandoleiro quando recebe vento de popa e ondas de través.

No último fim de semana testamos nossas forças partindo da Raia 1 com destino à Ilha do Chico Manoel, perfazendo quarenta quilômetros, num intervalo de cinco horas de ida e volta, sem demonstrarmos cansaço ou perda de ritmo. O primeiro grande Desafio do Hélio, como canoísta, e o primeiro obstáculo que ele teria de vencer era o domínio de um caiaque em águas turbulentas como as da Laguna dos Patos.

Há décadas que venho apregoando que o conjunto canoísta-caiaque tem de ser aperfeiçoado até que se tenha forjado um sistema singular e monolítico. As grandes ondas, os ventos fortes e as rajadas imprevistas, tão comuns na Laguna dos Patos, não concedem ao canoísta tempo suficiente para pensar na melhor maneira de reagir e podem, em uma fração de segundo, provocar um indesejado naufrágio. As reações precisam ser instintivas, rápidas, havendo necessidade de uma grande interação do conjunto canoísta-caiaque com a natureza que o cerca, é fundamental saber interpretar o pulsar das águas e o compasso dos ventos com apurada precisão cartesiana, mas com a alma dócil de um verdadeiro artista. O Professor Hélio levou a sério os conselhos e treinou durante quase três semanas para a desafiadora jornada. A disciplina invulgar do Mestre de artes marciais aliada à sua determinação permitiu-lhe dominar a técnica da canoagem em poucos dias.

Equipe de Apoio

A previsão de ventos fortes durante todo o trajeto impediu que o Coronel PM Sérgio Pastl nos apoiasse com seu veleiro Ana Claci. Nosso fiel amigo escudeiro, porém não nos deixou na mão e o apoio naval foi então substituído pelo terrestre.

O Coronel Pastl contava, ainda, com o concurso dos destacamentos da Brigada Militar existentes ao longo do trajeto, da minha parceira Rosângela Schardosim, dos novos amigos Pedro Auso Cardoso da Rosa e sua querida esposa Vera Regina Sant'Anna Py além dos dois netos do Coronel Pastl Pedro Sérgio Londero Pastl e Brian Pastl Wechenfelder.

Partida de Bagé (16.09.2011)

A Tempestade

(Gonçalves Dias)

[...] Fogem do vento que ruge
As nuvens aurinevadas ([139]),
Como ovelhas assustadas
Dum fero lobo cerval;
Estilham-se como as velas
Que no alto Mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitâneo ([140]) vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emaranha, – salgadas
As ondas s'estanham, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas
Que mudas fuzilam, – incertas
Fantasmas do gênio do mal! [...]

Saímos de Bagé depois do almoço, do dia 16 de setembro, rumo à Praia do Laranjal, em Pelotas. Contatamos o Hélio, por volta das 15h00, já no local de destino, e procuramos uma pousada para pernoitar. Os ventos (45 km/h) e ondas superiores a 1,5 m prenunciavam sérias dificuldades para o dia da largada.

---

[139] Aurinevadas: da cor do ouro e da neve.
[140] Subitâneo: súbito

Partida da Praia do Laranjal (17.09.2011)

Partimos às 06h15 enfrentando o mesmo Nordestão e as mesmas ondas que avistáramos no dia anterior. Felizmente as ondas de proa podiam ser vencidas com facilidade pelo caiaque de meu parceiro sem grandes dificuldades técnicas, mas, em contrapartida, exigiam de nós um grande esforço físico. Em condições normais, nossa velocidade cruzeiro é de 4 nós (7,2 km/h), o forte vento de proa, porém, não permitiu que chegássemos sequer aos 2 nós. Depois de 01h15, tendo navegado apenas três quilômetros e meio, fizemos a primeira parada numa Praia (31°43'15,60" S / 52°11'27,48" O) onde um amistoso e carente "*guaipeca*" se aproximou e foi brindado com um pedacinho de uma barra de cereais. As perspectivas não eram alvissareiras, nesta velocidade chegaríamos a São Lourenço somente na madrugada do dia seguinte. Descansamos e prosseguimos nossa saga confiando que a meteorologia confirmasse seus prognósticos que anunciavam ventos do quadrante Sul a partir do início da tarde. Passamos pela grande Colônia de Pescadores Z3 [141](31°42'04,06" S / 52°09'17,97" O).

---

[141] Colônia de Pescadores Z3: também conhecida como Colônia de São Pedro ou Arroio Sujo, foi fundada em 29.06.1921. Alguns moradores mais antigos afirmam que a família "*Costa*" foi uma das primeiras a se estabelecer na região personificada pelo casal Olegário e Adelaide Costa. No início eram poucas pessoas e famílias, vivendo em casas de madeira e palha, oriundas de diversas regiões. Na primeira fase, no início do século XX, os moradores eram do Rio Grande do Sul, agricultores de cidades como Piratini, Tapes, Viamão e Rio Grande. Já numa segunda fase, a partir da década de 1950, vieram grupos de Santa Catarina, oriundos de cidades como Laguna, Itajaí, Florianópolis, entre outras. A partir da década de 1960, começaram a vir famílias procedentes de uma Ilha conhecida como "*Ilha da Feitoria*", localizada a uma hora de barco da Colônia Z3. Numa fase final, a partir do início da década de 1990, começaram a surgir grupos naturais das periferias urbanas e da zona rural de Pelotas. (Ecomuseu da Colônia Z3)

Fizemos uma nova parada na Margem Ocidental da Boca da Lagoa Pequena sem verificar qualquer alteração nas condições do tempo. Depois de comunicarmos ao pessoal de apoio nossa localização e reportarmos nossas apreensões, partimos rumo à Ponta da Feitoria. A meio caminho, uma repentina mudança nos entusiasmou, os ventos abrandaram. A alegria durou pouco e uma chuva extremamente fria nos envolveu. São Pedro de Cafarnaum, o "*manda-chuva*" batizava o novo canoísta.

Aportamos, às 12h30, na Ponta da Feitoria (31°41'36,50" S / 52°02'22,18" O) e novamente uma doce calmaria nos empolgou. Ledo engano, estávamos protegidos pela vegetação da Ponta. Uma pequena capelinha e umas poucas casas de pescadores compunham o bucólico cenário. Depois de mais de seis horas de navegação, estávamos a apenas 21 km de distância, em linha reta, do ponto de partida, um terço do total do trajeto previsto para o 1° dia de jornada. Fotografamos os arredores e animados, partimos.

Contornamos a Ponta da Feitoria e nos defrontamos, novamente, com o "*Nordestão*" que não perdera sua impetuosidade. Depois de navegarmos por mais de uma hora fustigados pelo vento e ondas de Boreste, paramos frente a uma pequena moradia onde residia o seu Fernando. Conversamos com o solitário caseiro que nos contou seu infortúnio, naufragara o pequeno barco e o seu motor de popa estava sem condições de uso. Fernando nos informou que mais adiante encontraríamos o senhor Flávio Oliveira Botelho e que ele certamente nos abrigaria. Comuniquei ao pessoal de apoio a mudança de planos, faríamos uma parada intermediária, em decorrência do vento que não sofreara sua sanha.

Partimos para nosso último lance e aportamos junto às belas ruínas da centenária sede da Estância Soteia (31°37’52,31” S / 52°00’57,38” O) mais conhecida como Casarão da Soteia, construído pelos índios Guaranis, nos idos de 1780, e que remonta à época da Real Feitoria de Linho Cânhamo ([142]) embora não tenha sido a sede da mesma.

Apesar do triste estado em que se encontram as ruínas, ainda é possível visualizar-lhe o belo terraço ([143]), de frente para a Laguna dos Patos, que lhe empresta o nome.

Nenhuma árvore foi plantada na frente voltada para a Laguna para não comprometer a vista a partir do grande terraço. Em volta do casarão, porém, cinco estoicas paineiras dão um toque especial ao conjunto.

Essas paineiras, por serem centenárias, não possuem mais espinhos no caule e galhos mais baixos. Algumas paineiras costumam, a partir dos vinte anos de idade, com o engrossamento da casca, perder os espinhos inicialmente na parte mais baixa do caule e, com o passar dos anos, a queda se estende às partes mais altas da árvore.

---

[142] Real Feitoria de Linho Cânhamo (1783 - 1789): instalada, em 1783, na região de Canguçu Velho, Município de Canguçu, sob a inspeção do Padre Francisco Xavier Prates, acompanhado de Antônio Gonçalves Pereira de Faria, um Furriel para Almoxarife, quatro Soldados europeus e quarenta escravos de Sua Majestade trazidos do Rio de Janeiro, para trabalhar no cultivo e industrialização das duas plantas têxteis. Estes produtos, na época, eram empregados na fabricação de cabos e velas das embarcações. O nome do Município de Arroio do Padre tem origem em um acidente ocorrido com o Padre Francisco. Conta a tradição que o Padre e seu cavalo foram arrastados pelas águas do Arroio e que ele só se salvou do afogamento porque conseguiu agarrar-se a alguns galhos. Desde então, o local ficou conhecido como Arroio do Padre.

[143] Terraço: soteia.

O Padre Francisco faleceu em 1784 e a Feitoria, a partir de sua morte, entrou em franco declínio, tendo em vista a pouca produtividade das colheitas, até ser transferida para São Leopoldo. Seu irmão Paulo Xavier Rodrigues Prates tornou-se mais tarde proprietário da região da cidade de Canguçu, da Ilha da Feitoria e de todo o primitivo Rincão do Canguçu.

Reproduziremos, parcialmente, o excelente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 2010, intitulado: *"Na Trama dos Escravos de Sua Majestade: o Batismo e as Redes de Compadrio dos Cativos da Real Feitoria do Linho Cânhamo (1788 – 1798)",* pela professora e historiadora Renata Finkler Johann:

> **Do Rincão de Canguçu ao Faxinal do Courita: a Organização da Real Feitoria do Linho Cânhamo**
>
> A fundação da Real Feitoria do Linho Cânhamo foi determinada em 28.07.1783, por recomendações do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza em carta ao governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro, Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara. A Feitoria foi de fato estabelecida em 01.10.1783 e o local escolhido para instalá-la foi o Rincão de Canguçu próximo à Serra de Tapes e à Lagoa dos Patos, nas imediações da Vila de Rio Grande. A escolha por Canguçu levou em conta as facilidades de produção, transporte e escoamento para o Rio de Janeiro. Nesse momento, a Feitoria surge como um estabelecimento diverso dentro da estrutura administrativa da Capitania. Foi subordinada diretamente às autoridades superiores da Colônia e passou por breves períodos de subordinação a órgãos fazendários locais como a Provedoria e a Junta da Fazenda Real.

Para reduzir os gastos, as despesas do estabelecimento foram contratadas pelo comerciante José Dias da Cruz que deveria fazer os adiantamentos em dinheiro, recebendo em troca couros extraídos do gado criado na Feitoria para alimento dos escravos e trabalhadores. Dessa forma, ainda que subordinada ao Vice-Rei, financeiramente a Feitoria era também administrada por particulares. Esse sistema teria sido utilizado até o final do século XVIII, quando frequentes atrasos dos repasses de dinheiro através do Erário Régio levaram à abolição do contrato e à integração da Feitoria à estrutura fazendária da Capitania.

Nos momentos iniciais do estabelecimento em Canguçu foi incumbido da organização e administração da Feitoria o Padre Francisco Rodrigues Prates Xavier juntamente com o ajudante Francisco Xavier da Cunha Pegado, o Tenente Antônio José Machado de Morais Sarmento, e os irmãos e soldados do Regimento de Bragança João e Mathias Martins, estes últimos com experiência na Europa em lavouras de cânhamo. Vieram ainda um cirurgião, um capelão, um almoxarife e cerca de 36 escravos oriundos da Fazenda de Santa Cruz – Rio de Janeiro, que formavam 18 casais, 29 crianças filhos destes, além de 11 escravos e 27 escravas de confisco e um "*moleque*" solteiro. Esses escravos teriam seguido junto com o inspetor quando da trasladação do estabelecimento para a região do Rio dos Sinos – e teriam ficado em Canguçu para posterior transferência 3 casais de escravos e seus respectivos filhos, 11 moleques solteiros e mais 4 escravos pertencentes ao confisco.

Em 1788, o inspetor do estabelecimento, junto com o Coronel Rafael Pinto Bandeira, passou a examinar novos terrenos para estabelecer a Feitoria. Escolhido o local, foi determinada a mudança para o Faxinal do

Courita, às margens do Rio dos Sinos. Os motivos da transferência do Rincão de Canguçu para o Faxinal ainda são um tanto controversos, sendo necessário perceber até que ponto a transferência era de interesse estatal – em busca de terras realmente mais férteis e/ou de maior segurança; ou se era fruto de interesses de particulares. O Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, após assumir o governo interino da Capitania – em janeiro de 1784 – passou a interferir diretamente na administração da Feitoria, especialmente dando conselhos sobre a sua transferência.

A justificativa que ele dá a Luís de Vasconcelos para a transferência é a seguinte:

> Ainda que Vossa Excelência não me pede informação, nem as sublimes luzes, e grandes conhecimentos de Vossa Excelência necessitarão arbítrio de um pequeno discurso, assim mesmo, Excelentíssimo Senhor, com o mais profundo respeito, sou obrigado a dizer aquilo mesmo que me parece será mais útil e mais seguro para a Real Feitoria. Considero, meu Excelentíssimo, que este importante e novo ramo de comércio fará grande ciúmes a nossos vizinhos. O estabelecimento está muito exposto a primeira mão nesta fronteira, e em tal parte de não poder se defender.
>
> Não será o meu parecer de suspender daquele lugar o que está feito, antes conservar ali mesmo a criação de gado e uma correspondente lavoura; porém o grande estabelecimento, quanto a mim, Excelentíssimo Senhor, deveria ser no centro deste Continente, nas margens do Rio dos Sinos, donde não faltarão nem para o futuro as melhores terras de mato.
>
> Queira a bondade de Vossa Excelência perdoar meu excesso, persuadir-se que nasce do grande desejo que tenho do adiantamento da Real Feitoria, em que Vossa Excelência tanto se interessa e na segurança de um tão importante objeto?

A historiografia tem creditado essa transferência, na maioria das vezes, ao solo infértil que o Rincão do Canguçu proporcionaria à cultura do cânhamo. Outra hipótese acerca dos motivos de transferência seria a de que a Feitoria encontrava-se estabelecida em um local de beligerância, ou seja, um espaço de fronteira que era constantemente ameaçado pelos vizinhos. Sua proximidade com a Vila de Rio Grande, palco de diversas disputas entre portugueses e espanhóis, poderia tomar a Feitoria vulnerável e desprotegida – pondo em risco os avultados investimentos da Coroa.

O inspetor Morais Sarmento e o Brigadeiro Pinto Bandeira visitaram as terras que se tornariam palco da nova sede da Real Feitoria e Luís de Vasconcelos, sabendo que ocorriam permanentes problemas de deserção de funcionários e escravos, acabou cedendo aos conselhos do Coronel Pinto Bandeira e transfere a Feitoria.

A Feitoria seria então transferida para um terreno que ficava junto à Estância do Gravataí, de propriedade do Coronel Pinto Bandeira desde a morte, em 1781, de sua mãe – Dona Clara Maria de Oliveira. A realização efetiva da transferência da Real Feitoria para o Faxinai poderia significar para Rafael uma grande valorização de sua propriedade. Após a aprovação do local, a mudança da Real Feitoria do Linho Cânhamo foi então iniciada em 25.09.1788.

Por motivo de avultadas chuvas, apenas no dia 14.10.1788 é que chega ao Faxinal o inspetor Morais Sarmento que narra a travessia de transferência:

> Como sucedesse logo, na passagem desta insignificante travessia da Lagoa ([144]) experimentas as inconstâncias do tempo, foi impossível o vencer-se a referida passagem ao dito porto de São Caetano

[144] Lagoa: Patos.

> antes do dia 24.09.1788, em cujo mês embarquei no dito lugar com 18 casais de escravos de Sua Majestade, 29 crianças filhos dos mesmos, 11 escravos de confisco, 27 escravas do mesmo, um moleque solteiro peão do campo, dois feitores e um soldado Dragão do destacamento para aplicar às diligencias da manhã, a ferramenta competente e o necessário municio para sustento no decurso da dita marcha; ficando no porto de Canguçu para seguir embarcado 360 alqueires de semente "*enssoroada*", alguns canos, ferraria e muitas coisas pertencentes à Real Feitoria, que a sua aplicação podia admitir maior demora. Em 25.09.1788, dei princípio à dita marcha em que gastei [incluindo seis dias que de forma nenhuma me foi possível caminhar por causa das copiosas chuvas e inundações de campos e rios] o tempo que medeia até 14.10.1788 que entrei neste Faxinal do Courita. (JOHANN)

Carreteiro

(Jayme Caetano Braun)

Nobre cardápio crioulo das primitivas jornadas,
Nascido nas carreteadas do Rio Grande abarbarado,
Por certo nisso inspirado, o xiru velho campeiro
Te batizou de "Carreteiro", meu velho arroz com guisado.

Leváramos o dobro do tempo previsto para percorrer pouco mais de 30 km e gastamos energia suficiente para percorrer 90 km. O senhor Flávio Oliveira Botelho havia sugerido, inicialmente, que ocupássemos uma instalação ao lado do grande casarão e mencionou que precisava tirar um gato morto de lá antes de instalar-nos.

Ao verificar que nossas embarcações eram simples caiaques, o bom homem se comoveu, levou-nos para sua casa e brindou-nos com suas encantadoras histórias e um saboroso carreteiro, permitindo ainda que pernoitássemos nas camas de sua moradia.

Na propriedade encontramos uma das mais belas figueiras que já tive a oportunidade de admirar! Segundo o Sr. Flávio, ela ilustra calendários de Pelotas e São Lourenço. Foi uma noite agradável onde tivemos, graças à acolhida do senhor Flávio, a possibilidade de recuperar nossas energias para a empreitada do dia seguinte.

Partida do Casarão da Soteia (18.09.2011)

Depois de uma boa noite de sono partimos, às 07h15, para São Lourenço. As condições meteorológicas haviam melhorado significativamente e fizemos três paradas estratégicas para poder observar as belezas naturais, em especial as frondosas figueiras e as belas orquídeas que emprestavam suas belas formas e cores aos troncos retorcidos, arrebatados das margens pela fúria das águas da Laguna. Avistamos, ao longe, São Lourenço por volta das 11h00 e a partir daí até nossa chegada, por volta das 13h00, as tainhas saltavam graciosamente à frente das embarcações projetando suas belas, esguias e hidrodinâmicas silhuetas prateadas sobre a linha do horizonte.

Avistamos a Rosângela, o Coronel Pastl e seus dois netos Pedro Sérgio e Brian que nos esperavam na Foz do Rio São Lourenço (31°22’41,35” S / 51°57’58,27” O).

Pérola da Laguna

Em São Lourenço do Sul, degustamos o delicioso churrasco preparado pelo Coronel Pastl no acampamento montado no Iate Clube e, depois da refeição, arrumamos nossos pertences. O Professor Hélio permaneceu no acampamento e eu fui para a

Pousada da Laguna Apart Hotel, reservada pela Rosângela. A confortável Pousada é a única que concede desconto de 50% para idosos e, graças a isso, pude aproveitar essa rara regalia. Depois de um reconfortante banho, fomos conhecer a aprazível cidade com suas belas casas e a agradável orla à margem esquerda do Rio São Lourenço. Na pousada, consegui secar as roupas molhadas e me reorganizar para a próxima empreitada. O atendimento cordial, o preço diferenciado para idosos e a qualidade das instalações da Pousada da Laguna Apart Hotel certamente nos servirão de referência para as próximas travessias pela Costa Ocidental da Laguna dos Patos.

Histórico de São Lourenço

> A origem do Município remonta ao final do século XVIII, quando a coroa portuguesa distribuiu terras nas margens da Lagoa dos Patos a militares que se destacaram nas guerras contra os espanhóis. Os proprietários construíram capelas em devoção aos seus santos prediletos. Em 1807, os moradores da Fazenda do Boqueirão construíram a capela de Nossa Senhora da Conceição, ao redor da qual se desenvolveu o povoado que é o berço do município. Em 1830, o povoado da Fazenda do Boqueirão, foi elevado à Freguesia, por Dom Pedro I, sendo desmembrado da Vila de Rio Grande e incorporado à Vila de São Francisco de Paula, atual Pelotas. Em 1850, o Coronel José Antonio de Oliveira Guimarães doou parte das terras da fazenda para uma nova povoação e, em 1858, firmou contrato com o prussiano Jacob Rheingantz que deu origem à colonização alemã, predominantemente pomerana na região.
>
> O pequeno porto localizado na embocadura do Arroio São Lourenço, que já servira à esquadra comandada por Giuseppe Garibaldi durante a Revolução Farroupilha, tornou-se um dos mais importantes portos de veleiros mercantes do sul do Brasil, contribuindo para o progresso da colônia que foi grande produtora de batata durante o século 19 e parte do século 20.

A casa onde Rheingantz instalou a administração da colônia e a sua residência está preservada e integrada ao patrimônio arquitetônico do Município. Palco de muitas batalhas no século 19, devido à Revolução Farroupilha, São Lourenço do Sul abriga importantes passagens da história sobre a formação do Estado do Rio Grande do Sul.

A Fazenda do Sobrado, localizada nas margens da Lagoa dos Patos e que serviu de refúgio para Giuseppe Garibaldi, além de ser usada como quartel-general por Bento Gonçalves durante as batalhas contra o Exército Imperial, é uma prova testemunhal destes fatos. Esses acontecimentos são mantidos vivos na memória da cidade e preservados para a posteridade. É com esse espírito que São Lourenço escreve sua história, com muito respeito ao que passou e ávida por novas conquistas.

Muito embora a Freguesia de Boqueirão tenha sido elevada à condição de vila e emancipada de Pelotas em 26.04.1884, a sede do novo município foi transferida em 15.02.1890 para São Lourenço, que em 31.03.1938 passou a ser cidade.
(Fonte: www.saolourencodosul.rs.gov.br)

Partida de São Lourenço (19.09.2011)

O merecido descanso em São Lourenço nos recompôs e partimos confiantes para a terceira etapa de nossa travessia na Laguna dos Patos rumo ao Rio Camaquã. Os ventos, porém, e as ondas de través não haviam diminuído de intensidade exigindo de nós um esforço muito grande para progredir.

Fizemos uma parada intermediária antes da Ponta do Quilombo (31°19’58,83” S / 51°55’40,26” O), de onde rumamos diretamente para Este pegando, a partir daí, o vento de proa, novamente o Professor Hélio conseguiu assumir o comando de seu voluntarioso caiaque “*Anaico*” e avançamos celeremente a uma velocidade de 4 nós (7,2 km/h).

Paramos na Ponta do Quilombo (31°20’00,83” S / 51°51’20,96” O) e apontei para o Hélio nosso objetivo a Nordeste, a Foz do Camaquã. Ele sugeriu uma parada a uns cinco quilômetros adiante, 2 km à NNE da Barra Falsa do Camaquã (31°17’06,74” S / 51°48’42,55” O), no que parecia, pelo Mapa do Google Earth, uma extensa Praia de areias brancas. O vento ia golpear o caiaque do Hélio com ondas de través, novamente prejudicando-lhe a progressão. Avancei diretamente para o ponto sugerido (31°17’58,45” S / 51°49’32,76” O) e aguardei o companheiro em terra. O Hélio mal parou para descansar e resolveu continuar a progressão acompanhando a costa enquanto eu, depois de aguardar um tempo, orientei minha rota diretamente para a Foz do Camaquã. Aportei no Delta da Barra Funda do Camaquã (31°17’10,18” S / 51°46’17,01” O) e arrastei o caiaque para um banco de areia mais ao Sul, deixando-o de lado para que o professor pudesse avistá-lo de longe. Calibrei o GPS e fiquei, algum tempo, admirando as aves que emprestavam um colorido especial à mesopotâmia camaquense. Um bando de oito colhereiros cor-de-rosa ([145]) destacava-se com suas graciosas evoluções e colorido que se mesclava com o azul celeste.

O Hélio demorou um pouco para chegar, pois confundira-se na trama aquática da região e, depois de descansar um pouco, partimos juntos, contornando o Delta assoreado do Camaquã, para nosso destino na Ilha de Santo Antônio.

---

[145] Colhereiros cor-de-rosa (Platalea ajaja): para obter alimento, a ave arrasta o seu bico sensível em forma de colher de um lado para o outro revirando o lodo. No período reprodutivo, exibe uma plumagem cor-de-rosa mais intensa. A ingestão de peixes, insetos, camarões, moluscos e crustáceos ricos em carotenóides conferem-lhe a característica coloração rosada.

Avistamos uma pequena Ilha na entrada da Barra Grande e penetramos confiantes nas águas do Camaquã. Logo na entrada observei, intrigado, uma estranha embarcação que vinha em nossa direção. A bizarra nau apresentava grandes volumes laterais na popa e do cockpit avistavam-se quatro braços, dois empunhando um remo e os outros dois uma máquina fotográfica.

Eram os amigos Pedro Auso Cardoso da Rosa e sua esposa Vera Regina Sant'Anna Py em seu caíque oceânico duplo, totalmente modificado com dois estabilizadores na popa e suportes para carga na proa.

Os parceiros nos conduziram até a cabana (31°14'42,63" S / 51°44'54,37" O) de seu amigo Henrique, na margem Oriental da de Ilha de Santo Antônio, onde pernoitaríamos. Na cabana nos aguardavam o Coronel Sérgio Pastl e seus dois netos Pedro Sérgio e Brian. O Mestre Pedro fez questão de transportar, por segurança, os caiaques no seu reboque da Praia até a cabana. Depois de arrumarmos nossas tralhas e tomarmos um bom banho, saboreamos a refeição preparada pelo Coronel Pastl.

Dormimos cedo para enfrentar a jornada seguinte. A Ilha de Santo Antônio faz parte do 6° Distrito do Município de Camaquã conhecido como Vila da Pacheca. O site da Prefeitura de Camaquã conta-nos que:

> A Vila da Pacheca é a região mais importante da cidade em termos de vestígios históricos. Todas as casas da Vila estão na beira do Rio Camaquã que era, para esse povoado, o acesso ao mundo. Ali, está a casa de Manoel da Silva Pacheco, considerado fundador de Camaquã, apesar das controvérsias.

A Vila é conhecida como Pacheca porque, quando ele faleceu, sua esposa ficou administrando a fazenda. A localidade viveu um surto de progresso devido às granjas. Em 1922, tinha central telefônica e pista de pouso da Varig. Na Pacheca existem outros lugares históricos: a Fazenda da Tapera, sesmaria dos Centenos; a da Barra, próximo ao atracadouro da balsa que passa para a Ilha de Santo Antônio. Ali tem o local da primeira casa de D. Antônia Gonçalves da Silva, irmã de Bento Gonçalves. A fazenda chegou a ter 500 empregados na década de 20. Quando Garibaldi chegou à Sesmaria do Brejo, também de propriedade de D. Antônia, já encontrou dois lanchões em construção, sob a orientação do norte-americano John Griggs. Nos galpões da velha charqueada o governo republicano mandou construir o seu estaleiro. No final da Revolução Farroupilha, Bento Gonçalves se recolheu à Estância do Cristal, então em Camaquã. (www.camaqua.rs.gov.br)

Vera Regina Sant'Anna Py

Rio Camaquã
(Vera Regina)

Em cada volta de Praia
Em cada barranca do Rio
Ficaram as pegadas somente
Da capivara assustada
E do canoísta
Que dali partiu.

Belo Rio Camaquã!
Do serpentear do teu leito
Levamos a grata lembrança
Do vigilante Martim-pescador,
Do voo da Garça moura,
Do saltar da tainha,
Da espuma da correnteza,
Da rede do pescador...

A professora Vera Regina, natural de Guaíba, é graduada em Ciências, especialista em meio ambiente e toxicologia aplicada. A canoagem proporcionou-lhe uma inesquecível aventura pelo cânion Fortaleza, em Cambará do Sul, RS, que ela materializou através de um poema. Companheira fiel de seu esposo Pedro Auso, ela o acompanha nas remadas, caminhadas, pedaladas e outras tantas aventuras radicais pelos nossos rincões. A poetisa-escritora faz uma crítica contundente ao desrespeito à natureza promovido pelo ser humano afirmando: "*acho que o homem necessita acordar urgentemente para um verdadeiro respeito pela natureza*." Vera Regina presenteou-nos com seu belo e inspirado livro "*O Rio Camaquã e a Canoa*" que, como ela mesma afirma, "*é um entrelaçar de esporte e poesia, com conhecimento ecológico, pois percorri os 230 km do Rio e quero que vocês também o façam comigo*."

Relatos Pretéritos – Etimologia de Ycabaquã

Robert Avé-Lallemant (1853)

Até ao Passo do Camaquã [146] [também chamado Ycabaquã e Cabaquã], tinha eu de fazer, dali, mais umas 2 pequenas milhas. Com a facilidade da orientação e da estrada, realmente boa, pouco depois alcançávamos o Rio. O Camaquã [147] [não

[146] Camaquã: Camaquã tem origem na palavra tupi-guarani "*Ycabaquã*", como "*Y*" ou "*I*" e "*Ty*" ou "*Ti*" significam Rio ou água e "*Cabaquã*" correnteza, temos, em consequência, "*Rio correntoso*".

[147] Camaquã: Ave-Lallemant e Ptlomeu referem-se, na verdade, ao Rio Icamaquã, afluente do Rio Uruguai. Podemos, ainda, encontrar amparo a essa assertiva na obra "*Arte de la Lengua Guarani, ó mas Bien Tupi (1876)*" de Antonio Ruiz de Montoya, autor do livro reporta que:
– Agua, I : Ti.
– Correnteza de Rio, Ticabâqûâ : Tipibâqûâ : Icabaqûâ.
– Rio, I : Ti.

confundir com o Rio do mesmo nome que deságua na Lagoa dos Patos] tem mais ou menos a mesma origem, o mesmo comprimento e o mesmo volume de águas do Piratinim; talvez pouco menor.

No Passo "*Sussurra*", acima uma pequena cachoeira; corrente propriamente dita não se descobre (AVÉ-LALLEMANT)

Ptolomeu de Assis Brasil (1935)

A 23 de janeiro [1756] pernoitaram os exércitos nesse posto. Avançaram a 24 pouco mais de 2 léguas, pela coxilha geral, rumo aproximadamente NO e NNO, pousando nas pontas de Camaquã [Ycabaquã – Rio correntoso], pouco ao Norte do atual Rodeio Colorado, onde estacionaram todos no dia 25. (BRASIL)

Relatos Pretéritos – Rio Camaquã

Domingos de Araújo e Silva (1865)

Camaquã ou Icabaquã (Rio –): nasce por diversos braços na Serra de Santa Tecla, no Município de Bagé, separa este Município do de Caçapava, e este e o da Encruzilhada do de Canguçu, e o de Pelotas do de Porto Alegre, e, depois de ter recebido as águas de vários arroios derivados da ponta Austral da Serra do Herval.

Lança-se na Lagoa dos Patos na Latitude Sul de 31°16'10" e Longitude Oeste do Observatório do Rio de Janeiro de 08°03'29" entre os baixios do Quilombo e do Vitoriano e em frente à Ponta do Bujuru, por três Bocas denominadas – Barra Grande, Barra Funda e Barra Falsa, formando oito ilhas, duas grandes e seis pequenas; apesar de ter 50 léguas de curso é navegável em pequena extensão.

Foi junto a este Rio que teve lugar o assassinato do bravo coronel Albano de Oliveira Bueno pela escolta que o conduzia preso para Porto Alegre depois da ação da margem esquerda do Rio S. Gonçalo, na qual esse valente Coronel com cento e tantos companheiros se bateu contra oitocentos e tantos dissidentes ([148]) que venceram em razão do número e não do valor.

Sobre a margem direita da Barra Grande deste Rio foi batido Garibaldi, que se achava ao serviço dos dissidentes, pelas forças legais ao mando do Barão do Jacuí; e depois o Almirante Grenfell tomou-lhe todos os lanchões com que infestava a Lagoa dos Patos, apreendendo as embarcações mercantes que faziam o tráfego do comércio entre a cidade do Rio Grande e a de Porto Alegre. (SILVA)

Hilário Ribeiro (1880)

RIO CAMAQUÃ

Onde tem origem o Rio Camaquã?

Na serra de Santa Tecla, no Município de Bagé e corre perpendicularmente à Lagoa dos Patos, onde vai desaguar depois de um curso mais ou menos de 330 km, formando três Barras denominadas: Barra Grande, Barra Funda e Barra Falsa. Qual é a sua importância hidrográfica? É caudaloso e notável, sobretudo, pela velocidade de suas águas, que banham um largo vale formado ao Norte pela Serra do Herval e ao Sul pela dos Tapes, recebendo os numerosos afluentes que rolam de suas escarpas. É depois do Jacuí o maior tributário da Lagoa dos Patos, não obstante ser feita a sua navegação por iates, estendendo-se a pouca distância pelo interior.

[148] Dissidentes: farroupilhas.

Que estabelecimentos industriais existem nas circunvizinhanças da embocadura do Camaquã? Algumas charqueadas e fábricas de erva mate. (RIBEIRO)

Ramiro Fortes de Barcellos (1915)

Ramiro Barcellos, valendo-se do pseudônimo "*Amaro Juvenal*", satirizou a figura do então Governador do Estado, Borges de Medeiros, através de um poema denominado "*Antônio Chimango*", publicado em 1915.

Antônio Chimango
(Amaro Juvenal)

Quarta Ronda – XCVII

O Camaquã ficou cheio,
Deitou água campo fora,
Ali nos veio a caipora,
Que o destino a ninguém poupa:
Nem tempo pra mudar roupa,
Nem pra desatar a espora. (JUVENAL)

REVISTA IHGRGS, 1925

TICABAQUÃ: c. ti-cabãquã, Rio Correntoso, que corre com força, torrencialmente, com velocidade. Antiga denominação do Camaquam do Sul e que traduz perfeitamente o seu modo de ser, especialmente no início de seu curso, em que corre impetuosamente, como todos os Rios que descem de serras ou de grandes elevações. (REVISTA IHGRGS)

Partida para a Fazenda Flor da Praia (20.09.2011)

Os amigos ficaram aguardando a balsa para transpor o Rio enquanto descíamos o Camaquã rumo à Casa Vermelha como a professora Vera Regina identificara nosso próximo destino.

O vento forte nos fez procurar abrigo na margem esquerda do Rio e chegamos à Foz sem grandes problemas. Iríamos enfrentar fortes ventos de proa, novamente, sugeri uma parada intermediária e nela aguardei o Hélio admirando e fotografando a vegetação do entorno. Quando decidi seguir rumo à Ponta do Vitoriano, meu suporte do leme partiu e comecei a sofrer problemas de navegação idênticos aos que, até então, afligiam somente ao professor Hélio.

Aproei diretamente para o Oriente forçando por demais a musculatura do braço e do ombro direito já que os ventos de SO formavam ondas de través que golpeavam primeiramente a alheta de Boreste ([149]) arrastando, em consequência, a proa do caiaque para a direita.

Para manter o rumo eu precisava enterrar mais a pá direita do remo e aplicar uma força muito maior com braço direito. Depois de tentar, durante algum tempo, impingir uma rota fixa ao "*Cabo Horn*", decidi remar naturalmente. Permitia que o caiaque fizesse uma longa curva, para a direita, na direção das ondas, afastando-me da margem e depois surfava até a costa aproveitando a energia das ondas de popa, era um ziguezaguear constante que, embora aumentasse a distância, me poupava o desgaste excessivo do braço direito.

A meio caminho entre a Foz do Camaquã e a Ponta do Vitoriano, avistamos uma boia de sinalização encalhada e depois, na Ponta do Vitoriano, mais outras duas. O Coronel Pastl me assegurou que, por mais de uma vez, havia reclamado às autoridades competentes,

---

[149] Alheta de Boreste: Popa de Boreste.

mas que até hoje nenhuma providência havia sido tomada, deixando os enormes e perigosos Bancos de Areia sem qualquer tipo de sinalização visual. Da Ponta do Vitoriano, avistamos a chaminé de uma antiga instalação do IRGA (31°12’03,08” S / 51°38’35,62” O) na Praia do Areal e, mais adiante, a tal Casa Vermelha mencionada pela amiga Vera Regina. O Hélio seguiu costeando e eu apontei a proa para a chaminé, surfando nas ondas de través, sem o leme, porém, o “*Cabo Horn*” continuava adernando lentamente para Boreste, dificultando um pouco a navegação.

Aportei nas proximidades da chaminé, junto a um grupo de pescadores que retirava o fruto de seu labor das redes. Estavam, já há algum tempo, instalados no complexo do IRGA e, como a instalação tinha sido vendida, recentemente, a particulares, eles teriam de abandonar o local. Combinei com o Hélio a próxima rota, diretamente para a Casa Vermelha e parti.

Aportei na Praia da tal Casa Vermelha – Fazenda Flor da Praia (31°08’25,52” S / 51°37’06,92” O), e procurei alguém para me informar onde estariam meus parceiros. As instalações da fazenda eram impressionantes e achei que desta vez usufruiríamos de confortáveis acomodações para o pernoite.

Ledo engano! O capataz, devidamente armado, apareceu muito tempo depois e nos informou que não recebera nenhuma ordem no sentido de nos hospedar e que nossos amigos deveriam estar mais adiante nas antigas instalações da fazenda onde acampavam, normalmente, os pescadores. Nesta altura, o Hélio e eu, muito cansados e encarangados tivemos, desolados, de nos resignar e continuar até a instalação indicada.

> Acabei de falar com o Sr. Gabriel da Fazenda Flor da Praia, que nos autorizou a entrar na propriedade e acampar na beira da Praia. Peguei também uma Carta na 1ª DL, que nos dá a posição do local como: 31°07’42,27” S / 51°34’41,61” O. Há três prédios pela vista da Carta [galpões bem junto à Praia]. Como referência é mais ou menos o dobro da distância entre a raiz do Banco do Vitoriano e a chaminé do Engenho da Praia do Areal. (E-mail do Coronel Pastl – 16.09.2011)

O último lance, de aproximadamente 4 km, foi especialmente complicado para o Hélio que virou por mais de uma vez o caiaque golpeado pelas fortes ondas de través. Resolvi picar a voga para não virar também e tentar conseguir um barco de resgate com algum pescador.

Cheguei à Praia (31°07’44,38” S/51°34’41,57” O) onde avistei o Pedro Sérgio e o Brian, netos do Coronel Pastl, que me informaram que só eles estavam ocupando as instalações, portanto não havia nada a ser feito a não ser aguardar o Hélio chegar. O parceiro chegou a pé, algum tempo depois, havia deixado o caiaque escondido em uma vala.

São Pedro de Cafarnaum x Sr. Pedro de Camaquã

Por isso Eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e o poder da morte nunca poderá vencê-la. (São Mateus, 16, 18)

Até então São Pedro de Cafarnaum ([150]), o “*Príncipe dos Apóstolos*”, conhecido também como “*Porteiro do Céu*”, “*Padroeiro dos Pescadores*” e, sobretudo, “*Manda-chuva*” tinha imposto à nossa travessia todo o tipo de obstáculos e dificuldades.

---

[150] Cafarnaum: Aldeia de Naum.

Dificuldades essas que foram amenizadas, em grande parte, com a chegada de seu xará, o Senhor Pedro de Camaquã ([151]). Os amigos brigadianos de Camaquã, comandados pelo Sargento PM Juliano Gajo, atendendo ao pedido do Coronel Pastl que solicitara a indicação de um vaqueano da região, conhecedor não somente dos locais de paragem ao longo da Laguna dos Patos, mas que fosse prestativo e tivesse livre trânsito entre os moradores locais, chegaram, finalmente, ao amigo Pedro graças à indicação de seu sobrinho Josemar Rosa de Sousa. Raramente em minha seis décadas de vida tive a oportunidade de conhecer uma pessoa mais afável, criativa e solícita.

O Mestre Pedro só sossegou depois de resgatar o caiaque do Hélio que tinha ficado na margem. A operação, que se estendeu noite adentro, enfrentou porteiras fechadas a cadeado e com isso a equipe formada pelo Sr. Pedro, Professor Hélio, Coronel Pastl e seus dois netos teve de carregar por quase três quilômetros, o caiaque até o reboque antes de transportá-lo ao acantonamento. Em Porto Alegre, haviam adaptado um leme no caiaque do Hélio que não estava sendo utilizado porque o tinham colocado totalmente fora do alinhamento além de perfurarem o casco. O Pedro resolveu então substituir o meu suporte do leme quebrado pelo do caiaque do Hélio e só retornou à sua cidade depois de concretizar sua missão.

A colocação resolveria meu problema de navegação, mas o professor Hélio continuaria enfrentando mais surpresas pela frente. A noite foi longa, a residência não tinha portas nem janelas e o vento frio castigou-nos durante toda a noite.

---

[151] Camaquã: Rio Correntoso.

O saco de dormir estendido diretamente sobre o piso duro também não era nada confortável. Saímos depois das sete horas para permitir que o Sol aquecesse um pouco o ambiente e secasse nossas roupas de viagem. O Cel Pastl partiu com os netos prometendo deixar acertado nosso pernoite nas instalações do destacamento da Brigada Militar de Arambaré.

Partida da Fazenda Flor da Praia (21.09.2011)

> Indescritível o cenário e a hospitalidade na Costa Oeste. Somente conhecendo o povo, especialmente na Fazenda Flor da Praia e na Ilha do Camaquã, e os brigadianos da região para aquilatar. O tempo atrasou nossos nautas entre o Laranjal e a Feitoria, que chegaram apenas domingo à tarde em São Lourenço. Segunda-feira rumaram ao Camaquã, na Ilha Santo Antônio, onde tivemos apoio do Sr. Pedro Auso e sua Senhora, Professora Vera, pessoas de fino trato e robustas nas aventuras de caiaque pelas águas do Rio Grande.
>
> Na terça, chegaram os nautas, com luta, quebra de leme, capotagens no "*ventão*" até a Fazenda Flor da Praia, e hoje em Arambaré. Amanhã irão a Tapes, onde haverá pausa até sábado, quando partirão para a Ilha Barba Negra. Vamos contar com o Major Vitor Hugo e o Major Nunes nesta perna da jornada. Breve mandaremos relatos mais completos. Por enquanto, muito obrigado, vocês são mesmo pessoas muito importantes e boas apoiando este Projeto. (Cel Pastl)

Iniciamos nossa remada até o Banco da Dona Maria imprimindo um ritmo forte e constante de 4 nós (7,2 km/h). Fizemos uma parada intermediária em um ponto de captação d'água para as plantações de arroz (31°06'10,73" S / 51°30'05,34" O), a vegetação nativa esbanjava beleza com inúmeras bromélias e orquídeas, e a grande quantidade de pegadas de pequenos animais na areia e nas trilhas mostrava que ali a natureza se encontrava em perfeito equilíbrio.

Descansados, continuamos nossa navegação e, mais adiante, passamos por umas ruínas mencionadas pelo Sr. Pedro Auso. O Pedro já acampara nessas ruínas uma vez aproveitando a proteção da construção de alvenaria. Paramos na Ponta da Dona Maria e mostrei para o Hélio o canal de acesso à Lagoa do Graxaim em cujas margens se encontra o Povoado de Santa Rita do Sul. O Sol forte e os ventos fracos contrastavam com as condições climáticas que enfrentáramos até então. Aportamos na Boca da Lagoa do Graxaim (31°03’50,74” S / 51°28’01,12” O) onde consegui me comunicar com o pessoal de apoio.

As grandes Garças Mouras e um descuidado João Grande pescavam despreocupadamente à margem da Lagoa, parecendo não notar nossa presença. Continuamos costeando e admirando a mata nativa e as belas figueiras encasteladas nas enormes dunas de areia. Um conjunto, em especial, chamou-me a atenção e paramos para escalar as dunas e admirar as figueiras, totalmente tomadas pelas bromélias e orquídeas (31°01’36,10” S / 51°29’08,72” O).

Os monumentos arbóreos (Fícus Organensis) tinham cravado suas raízes nas voláteis e alvas areias tentando, em vão, equilibrar-se enquanto as areias lenta, inexorável e criminosamente escoavam duna abaixo expondo mais e mais as magníficas fundações das centenárias figueiras.

A beleza do entorno era fantástica, infelizmente minha máquina fotográfica emperrara e eu não pude materializar a bela paisagem que nos cercava.

Partimos para Arambaré e topamos no caminho com algumas lontras ariscas (Foz do Arroio do Brejo –

30°57’08,06” S / 51°29’56,00” O) que nadavam com muita graça em busca de suas presas e, logo adiante, vislumbramos, ao longe, a chaminé do antigo complexo do Hotel e Engenho da Família Cibils que, na década de 40 e 50, era o esteio da economia do Município.

Admiramos a bela Praia da Costa Doce de aproximadamente 6 km de extensão de muita beleza e entramos no Arroio Velhaco que nasce na cidade de S. Jerônimo.

Aportamos no Clube Náutico (30°54’38,01” S / 51°29’47,50” O) onde estacionamos nossos caiaques e fomos procurar abrigo junto ao Destacamento da Brigada Militar. Fomos gentilmente recebidos pelo Soldado PM Paulo que, depois de nos instalar nas dependências do Destacamento, levou-nos até o Posto de Saúde para que o Professor Hélio fosse atendido. O Hélio estava com uma infecção no tornozelo e foi prontamente atendido e medicado nas instalações impecáveis do Posto.

Fizemos ainda um pequeno “*tour*” pela cidade para conhecer parte das quase duzentas figueiras cadastradas no perímetro urbano (Capital das Figueiras), e a maior figueira do estado – a “Figueira *da Paz*” com uma copa de 50 m de raio, um tronco de 12 m de circunferência, 140 m de perímetro e idade estimada entre 400 e 700 anos.

Às belas figueiras urbanas e domesticadas falta, no entanto, o encanto das selvagens e fundamentalmente a magia da beleza agreste do seu entorno. A luta constante contra as intempéries empresta àquelas um charme impregnado de poesia e coragem que as suas irmãs citadinas ignoram.

À noite, o Sr. Pedro Auso apareceu com o leme de seu caiaque para adaptá-lo no caiaque do professor Hélio. Teríamos apenas que regulá-lo na margem de acordo com o ângulo de incidência das ondas de través.

Histórico de Arambaré

> Inicialmente chamava-se "*Barra do Velhaco*", por estar situada na Foz do Arroio Velhaco. Em 1938, passou a denominar-se "*Paraguassu*" e, em 1945, adotou o nome de "*Arambaré*", que quer dizer "*o sacerdote que espalha luz*". Nesta localidade, conhecida desde os tempos coloniais de 1714, moravam índios com costumes especiais – pescadores e comerciantes de peles que tinham mãos e pés bem desenvolvidos. Eram os índios Arachas, também conhecidos como Arachanes ou Arachãs, que na língua Tupi significa "*patos*" ([152]). Por volta de 1763, casais açorianos vindos para o Sul estabeleceram-se na margem esquerda do estuário do Guaíba e na margem direita da Lagoa dos Patos, fundando fazendas e charqueadas até o Rio Camaquã. Desde essa época, os habitantes do então Distrito de Arambaré uniram-se na busca do desenvolvimento através da agricultura, da pecuária e, sobretudo pelo grande potencial turístico e pela beleza natural da localidade, emancipada em 20.03.1992 [...]. (Fonte: www.portalarambare.rs.gov.br)

Arachanes

Ninguém deve criminalizar o historiador que merecer boa-fé, quando emprega todas as diligências para se informar; mas merece grande censura aquele que por preguiça ou por espírito de partido não relata, ou desfigura fatos verdadeiros em desabono de alguma corporação ou de qualquer homem particular. (MATTOS)

Nas lagunares jornadas pelos "*Mares de Dentro*" tive a oportunidade de conhecer a aprazível cidade de

---

[152] Patos: pato em Tupi é ipeg.

Arambaré, na costa Ocidental da Laguna dos Patos, e desfrutar do carinho e da amizade de sua amável população. As expedições permitem-me conhecer um pouco da história, costumes e lendas locais colhendo informações "*in loco*" com ribeirinhos e pesquisadores da região.

Eventualmente encontramos algumas distorções que procuramos corrigir a luz da ciência ou através do relato de renomados historiadores pretéritos e foi o que aconteceu quando nos deparamos, no site da Prefeitura de Arambaré, com um equivocado "*Histórico*" que afirma textualmente:

> [...] Eram os índios Arachas, também conhecidos como Arachanes ou Arachãs, que na língua Tupi significa "*patos*". [...].

Valemo-nos da obra do insigne sacerdote jesuíta peruano Antonio Ruiz de Montoya (1585 - 1652) notável por sua grande contribuição literária e importante trabalho missionário para afirmar que:

> <u>Ipeg</u>, Ypek. [îpek] (bate n'água): nadador; <u>pato</u>, vocábulo peg = nadar, vocábulo pepeg = bater; este <u>nome</u> <u>é</u> <u>dado</u> <u>a</u> <u>aves</u> <u>diferentes</u>, <u>sempre</u> <u>nadadoras</u>. (MONTOYA)

O site da Prefeitura de Arambaré, como tantos outros, é uma clara demonstração de como diversos pesquisadores desinformados teimam em afirmar que "*Arachanes*", na língua Tupi, significa "*Patos*", uma errônea colocação sem qualquer fundamento linguístico ou antropológico. "*Arachanes*" significa "*Povo Oriental*", "*Povo da Alvorada*", "*Povo do Alvorecer*". Reforçando essa assertiva vamos reproduzir alguns parágrafos de obras de historiadores consagrados desde o longínquo pretérito.

Relatos Pretéritos – Significado de Arachanes

Ruy Díaz de Guzmán (1612)

Guzmán, considerado o primeiro historiador da Região do Prata, nasceu em Assunção, Paraguai, nos idos de 1558 a 1560, e faleceu, a 17.06.1629, na mesma cidade. Na obra intitulada "*Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata*", editada em 1612, menciona uma etnia denominada Arachanes e o significado do vocábulo:

> **Arachanes**. Nombre de los Guaraníes en el Río Grande; gente dispuesta y corpulenta; con el cabello revuelto y encrespado por arriba; están en continua guerra con los Charrúas y los Guayanás. [Esta nación ya no existe. Su nombre expresa el lugar que ocupaban con respecto a los demás Guaraníes. Ara es día, y chane, el que vé ([153]). Así, pues, Arachanes, es un pueblo que vé ([154]) asomar el día, es decir un "*Pueblo Oriental*".] (GUZMÁN)

Pedro de Angelis (1836)

O historiador italiano Pedro de Angelis, nasceu em Nápoles, Itália, a 29.06.1784, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, a 10.02.1859. De Angelis É considerado como uma das primeiras e mais importantes figuras da historiografia argentina.

Para reforçar nossa afirmação a respeito do real significado do termo "*Arachanes*" vamos reproduzir um parágrafo da sua obra "*Colección de Obras y Documentos Relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*" (Buenos Aires, 1836):

---

[153] El que vê: o que vê.
[154] Pueblo que vê: pessoas que vêem.

> **Arachanes**. Nombre de los Guaraníes en el Río Grande; gente dispuesta y corpulenta; con el cabello revuelto y encrespado por arriba; están en continua guerra con los Charruas y los Guayanás. Esta nación ya no existe. Su nombre expresa el lugar que ocupaban con respecto á los demás Guaraníes. "*Ara*" es día, y "*chane*", el que vé. Así pues, Arachanes, es un pueblo que vé asomar el día, es decir un "*Pueblo Oriental*". (ANGELIS)

Alejandro M. Cervantes e Vega (1852)

Cervantes e Veja no livro "*Celiar: Leyenda Americana en Variedad de Metros*" ratificam a colocação de Guzmán e Angelis:

> **Charruas**. […] Esa constancia con que han combatido à la par contra los españoles y sus descendientes, y contra los Arachanes, induce á creer que los consideraban como á un solo enemigo por la identidad del nombre: pues que "*Arachan*" en Guaraní significa pueblo que vé asomar el día, es decir, "*Pueblo Oriental*". "*Ara*", día, "*Chane*", el que vé. (CERVANTES & VEGA)

Relatos Pretéritos e Hodiernos – Arachanes

O antropólogo e escritor uruguaio Daniel Darío Vidart Bartzabal (nascido em Paysandú, Uruguai, a 07.10.1920, entretanto, no seu "*El mundo de los Charruas*" refuta a própria existência dos Arachanes:

Daniel Darío Vidart Bartzabal 1920

> [...] los arachanes, que jamás poblaron otro territorio que no fuera el de la imaginación, no son otra cosa que un ectoplasma histórico, o sea un invento, como tantos otros, de Ruy Díaz de Guzmán.

Ruy Díaz de Guzmán (1612)

Guzmán, por sua vez:

Charruas. Indios del territorio oriental; están en continua guerra con los Arachanes. […]

Guaraní. Guaraní. Una de las naciones más grandes y belicosas del Nuevo Mundo. Había más de 20.000 en las orillas del Río Grande. Donde se llamaban Arachanes; hablan el mismo idioma, y traen el cabello revuelto y encrespado por arriba.

Es gente muy dispuesta y corpulenta, que está en continua guerra con los Charrúas y los Guayanás. Más de 100.000 viven en las inmediaciones de la Laguna de los Patos; gente tratable y amiga de los españoles. […]

Los Timbús, los Agaces, los Caracarás, los Payaguás, eran ramas del mismo tronco, y cuyo idioma hablaban los Carios y Arachanes en el Brasil; los Chiquitos y Chiriguanos en el Perú. […]

Guayanas. Indios de tierra adentro; están en continua guerra con los Arachanes. Nombre que se da a todos los que no son Guaraníes, y que no tienen nombre propio. […] (GUZMÁN)

Padre Pedro Lozano (1753)

Lozano foi um historiador da Ordem Jesuítica que nasceu na cidade de Madri, em 16.06.1697, e faleceu, a 08.02.1752, em Humahuaca (hoje norte da Argentina). O Padre Lozano no Tomo Primeiro da "*Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*" concorda com Guzmán corroborando a tese da existência dos Arachanese:

En frente de su boca tiene una isla pequeña que la encubre; pero en lo interior es seguro y anchuroso ([155]), entendiéndose en forma de Lago, por lo cual algunos le llaman la Laguna. Fórmase de dos grandes Ríos, llamados Cayyi é Igai, que corren de Norte á Sur, naciendo de las sierras que llaman del Tapé ([156]), y finalmente se vienen á encontrar en altura de treinta grados, después, de haber discurrido largamente por lo interior del país y recogido en sí otros Ríos de menos nombre.

Las riberas fértiles de este gran Río las poblaban, antes de las invasiones de los mamelucos, más de veinte mil indios Guaraníes que llamaban Arachanes, no porque en las costumbres e idioma se diferenciasen de los demás de aquella nación, sino porque traían revuelto y encrespado el cabello: era gente bien dispuesta, corpulenta y muy belicosa, ejercitando de continuo las armas con la nación de los Charrúas que poblaban las costas del Río de la Plata, y con los Guayarás de tierra adentro. (LOZANO)

O Cônego João Pedro Gay na sua "*História da República Jesuítica do Paraguai*", editada em 1862, reporta-nos, baseado no livro de Ruy Díaz de Guzmán:

Capítulo XXIII – Geografia das Missões Jesuíticas do Paraguai

Artigo II – & 8° – Descrição das referidas Bacias e de seus territórios extraída de um livro que foi escrito no ano de 1612, onde se vê o que eram as Províncias do Rio Grande do Sul, de Santo Catarina, de Mato Grosso etc. [...]

---

[155] Anchuroso: amplo.

[156] Tapé: Tapes.

[...] O segundo é o Rio Grande que dista sessenta léguas do Rio da Prata. Sua entrada oferece dificuldades por causa da grande correnteza com que este Rio entra no mar, mas tendo-se entrado nele é seguro e grande e se estende como um Lago; sua entrada é escondida por uma ilha que a encobre.

Em suas margens estão estabelecidos mais de vinte mil índios Guaranis, que em aquela terra chamam Arachanes, não porque em seus usos, costumes e linguagem se diferenciem dos índios da nação Guarani, senão porque trazem o cabelo alçado, encrespado para cima. É gente corpulenta e bem parecida que tem frequentemente guerra com os Charruas do Rio da Prata, e com outros índios que moram no interior chamados Guayanás, se bem que este nome se dá à todos os índios que não são Guaranis o que não tem nome próprio. (GAY)

Ángel Juan Zanón (1998)

Zanón em "*Pueblos y culturas aborígenes del Uruguay: Charrúas, Minuanes, Chanáes, Guaraníes*" confirma a existência dos Arachanes:

Los Tapuyas antropológicamente eran más altos que los Guaraníes, de piel más oscura y constituían una etnia sumamente numerosa. El mestizaje generado por los Guaraníes con los Tapuyas según estudios históricos y arqueológicos dejan entrever que los Arachanes presumiblemente sean sus descendientes. (ZANÓN)

Imaginário Arachane

Si nos llamamos descendientes de los Charrúas sin poseer generalizados rastros de aquella etnia es porque el mito, asumido por buena parte del pueblo uruguayo, se remite a un paradigma simbólico y no a un antepasado fáctico.
(Daniel Vidart)

O consultor e escritor Hugo W. Arostegui, escreveu em seu Blog (hugoaros.blogspot.com.br), no dia 04.06.2016, o artigo "*Los Arachanes*", do qual extraímos uma parte interessante intitulada "*Imaginario Popular Uruguayo sobre los Arachanes*":

> Cierta leyenda habla de un grupo de personas que habiendo cruzado el océano Pacífico, 2000 años antes de Cristo, llegaron a las costas del Atlántico, después de peregrinar desde los Andes en Chile.
>
> El punto final del viaje se halla en las inmediaciones de la Fortaleza de Santa Teresa, en el lugar conocido como Cerro Verde. En base a Díaz de Guzmán y a los hallazgos ([157]) en los cerritos de indios se supone que los Arachanes se diferenciaron siempre de las demás tribus de la región, por su aspecto corpulento y alta estatura, que eran sedentarios y construyeron casas circulares de piedras con techos ([158]) de madera y paja ([159]), auténticos quinchos sobre túmulos artificiales.
>
> Los edificios comunitarios o públicos, poseían una estructura cuadrada o rectangular doble. También se suele denominar "*Arachanes*" a los habitantes del departamento de Cerro Largo. (AROSTEGUI)

Partida da Capital das Figueiras (22.09.2011)

Partimos cedo contando mais uma vez com o apoio dos valorosos amigos brigadianos. As condições atmosféricas eram favoráveis e chegamos em tempo recorde aos Banco dos Desertores onde o amigo Pedro Auso eventualmente acampa (30°52’43,87” S / 51°23’22,13” O).

---

[157] Hallazgos: achados.
[158] Techos: telhados.
[159] Paja: palha.

Infelizmente alguns campistas ignorantes fazem fogo junto às raízes das seculares figueiras que hoje dão visíveis sinais de fragilidade e dentro em breve tombarão vítimas silentes da inconsequência humana.

Ultrapassamos o Banco dos Desertores e aproamos Norte penetrando na enorme enseada conhecida como “*Saco de Tapes*”.

Os bosques de pinus, ao longe, não respeitam as cercas, frágeis lindes artificiais, e estão invadindo, lentamente, as áreas de mata nativa, alastrando-se pelas areias brancas das dunas.

Como os hunos de outrora, as silentes hordas bárbaras sufocam e padronizam com sua intensa monotonia os belos campos. Indefesas figueiras prestes a serem sufocadas pelos rudes pinheiros aguardam mudas, estáticas, as impiedosas mortalhas que avassaladoras se aproximam.

Outros sinais fatídicos da presença humana se fazem presentes na poluição das águas, o mau cheiro e a espuma flutuando na superfície marcam sua presença. A grande enseada, conhecida como Saco de Tapes, que protege a cidade de poluições de outros centros não permite esconder o descaso dos seus gestores em relação ao sagrado manancial que poluem sem qualquer critério, um crime ambiental para um povoado que se propõe a abrigar um balneário turístico às margens da Laguna.

Encontramos, numa das paradas, uma pequena tartaruguinha que tentava nadar nas águas sujas e agitadas, capturei-a e deixei-a em um pequeno afluente mais limpo e calmo. O Cel Pastl enviou e seguinte e-mail:

Chegaram hoje às 15h00 em Tapes os nautas, que tiveram ontem novamente o inestimável apoio do Sr. Pedro Auso de Camaquã, bem como da guarnição da BM de Arambaré, destacando-se o Sd PM Paulo, Sd PM Lima e o Sd PM Guastuci. Pernoitaram e fizeram as refeições no Destacamento, e o Sd PM Guastuci gentilmente despachou o material de dormitório e cozinha hoje pelo ônibus para Tapes, onde o apanhei às 16h00. No Clube Náutico Tapense fizeram uma refeição forte no Restaurante do Sr. Roger, e hospedaram-se na casa de veraneio da Nara e do Valmir (irmão da Aninha), no Balneário Pinvest. (E-mail do Coronel Pastl – 22.09.2011)

Histórico de Tapes

Por volta de 1808, atraídos pela fertilidade do solo e pela abundância das pastagens da região, imigrantes açorianos estabeleceram-se na área, instalando estâncias e charqueadas que foram a base da economia local por algum tempo. Posteriormente, decorrentes da própria configuração geográfica, desenvolveram-se a prática da agricultura e da pecuária que constituem atualmente a principais riquezas do Município. Mesclado com a cultura indígena, os açorianos e negros, seguidos dos imigrantes, desenvolveram aqui suas tradições, seus usos e costumes que hoje ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Em 1824, Patrício Vieira Rodrigues adquiriu a antiga Sesmaria de Nossa Senhora do Carmo. No ano seguinte, estabeleceu uma charqueada na Foz de um Arroio na Lagoa dos Patos, e passou a chamar-se Arroio da Charqueada. Em função desta atividade é criado, no local, um Porto, que deu origem à Cidade de Tapes.

A primeira sede do Município, denominada Freguesia de N. Sr.ª das Dores de Camaquã, foi criada dia 29.08.1833. Sua emancipação política e administrativa ocorreu em 12.05.1857, mas, por questões políticas ou econômicas, a Freguesia passava a integrar ora no território de Porto Alegre, ora de Camaquã, chegando inclusive a pertencer a Triunfo e Rio Pardo. Em 16.12.1857, foi elevada à categoria de Vila, sendo esta a data considerada como a de emancipação política do Município.

> Em 25.06.1913, o Município desincorporou-se definitivamente de Porto Alegre e, em 22.05.1929, através de um plebiscito, foi realizada a transferência da Sede da Vila de Nossa Senhora das Dores para o Porto de Tapes, então 2° Distrito. Posteriormente, o Decreto n° 10 de 21.09.1929 muda o nome de "*Município de Dores de Camaquã*" para "*Município de Tapes*", sendo Primeiro Intendente o Sr. Manoel Dias Ferreira Pinto. (www.riogrande.com.br)

Partida da Namorada da Lagoa (24.09.2011)

> Amanhã deverão repousar e partirão sábado às 05h30, em direção ao Acampamento do Sr. Willi (Capão da Lancha), farão a travessia dos caiaques pela areia da restinga do pontal, e prosseguirão costeando ao Norte em direção à Ilha da Barba Negra. De outra banda, o Comandante Vitor Hugo com este colaborador e o Major Nunes partiremos às 08h00 de sábado no impecável "*Marbe 24*" do Comandante Vitor em direção contrária, estimando o Vitor Hugo cinco horas até Itapuã e mais duas horas e meia até o Morro da Formiga, a partir de onde iremos descendo, costeando ao Sul. Combinei com o Cmt Hiram que ao crepúsculo, se ainda não tivermos nos encontrado, que ele aportará à terra, e nós prosseguiremos com as luzes acesas no veleiro, e então ele lançará sinalizadores ao nos avistar. (E-mail do Coronel Pastl – 22.09.2011)

Tínhamos tentado passar a noite, véspera da partida, no veleiro do Coronel Pastl, mas os fortes ventos e as marolas tornaram isso impossível. Partimos antes das 06h00, depois de pernoitar na sauna do Clube Náutico Tapense.

Os ventos de Este, de 15 nós (27 km), não permitiam que atacássemos diretamente o estreito do Pontal de Tapes e apontamos a proa para o acampamento do Sr. Willi. No meio da travessia, o vento mudou para Sudeste, permitindo que eu alterasse a rota diretamente para o local da passagem enquanto o Hélio seguia mais próximo da costa para se proteger da ação dos ventos.

A marcação pelo GPS (30°44’33,30” S / 51°17’48,25” O) não podia ser mais precisa. No ponto de travessia terrestre havia um pequeno rebaixamento que certamente, nas grandes cheias, permite a passagem das águas da Laguna dos Patos até o Saco de Tapes.

Carregamos os caiaques e as tralhas pelo estreito até a Costa Ocidental da Laguna, parodiando, numa escala infinitamente menor, a travessia realizada, em junho de 1839, de Giuseppe Garibaldi, desde a Foz Rio Capivari, na Lagoa do Casamento, até a Barra do Rio Tramandaí.

Concluída a passagem, reportamos ao Coronel Pastl nossa localização. O Coronel Pastl e o Comandante Vitor Hugo estavam ultimando os preparativos para zarpar do Clube Náutico Itapuã a bordo do “*Marbe 24*”.

A navegação transcorreu favoravelmente até as 13h00 quando atracamos a uns quatro quilômetros do ponto previsto para nosso acampamento. Mantendo este ritmo, conseguiríamos ultrapassar em uns 10 km o ponto anteriormente previsto para estacionamento. Descansamos um pouco e, nesse intervalo, o vento alterou novamente para Leste aumentando sua intensidade para 25 nós (45 km/h) dificultando bastante a progressão.

A exatos 999 m do nosso destino, o caiaque do Hélio virou e ele resolveu rebocá-lo pela margem até o ponto de encontro com a equipe de apoio. Brinquei com o professor que a culpa era da numerologia, escrevi a distância que faltava na areia e pedindo que ele a lesse mantendo-se de frente para mim (666).

Apocalipse – Capítulo 13

16 E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas,

17 Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

18 Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é **seiscentos e sessenta e seis** [666]. (BÍBLIA SAGRADA)

Naveguei vigorosamente até o local previsto, estacionei o caiaque e peguei uma corda para ajudar a rebocar o caiaque do Hélio. Amarrei a corda nas alças de proa e popa e inclinei o caiaque 45° com a direção das ondas e deixei que elas o empurrassem até o acampamento. Carregamos, exaustivamente, toras de lenha seca durante três horas para usar como sinalização para a equipe de apoio que infelizmente não apareceu.

Improvisamos um acampamento no alto de uma duna parcialmente protegido dos ventos. Passei a noite inteira alimentando uma pequena fogueira para nos aquecer e, vez por outra, subia até o topo da elevação para ver se avistava as luzes da embarcação da equipe de apoio. Levantei antes de o Sol raiar e chamei o Hélio para iniciarmos os preparativos para vencer o último lance de nossa travessia.

Os ventos de Este continuavam vigorosos e o Hélio teve de parar logo à frente. A popa do caiaque, enfraquecida pelos quatro furos feitos para a colocação do leme improvisado, tinham enfraquecido a estrutura e apresentava uma fissura pela qual a água entrava com facilidade.

Não havia mais condições de o parceiro continuar naquelas condições.

Subi até a duna mais alta e, como na tarde e noite anterior, não consegui contatar a equipe de apoio, reportei, então, ao amigo Pedro Auso nossa situação que me assegurou que tomaria alguma providência.

No final de todo o imbróglio tivemos de deixar o caiaque, pilotado pelo professor Hélio, escondido nas dunas para ser resgatado futuramente.

O "*Cabo Horn*" foi tracionado pelo "*Marbe 24*" que teve de lançar mão do motor de popa para vencer os ventos de proa.

Mais uma vez o "*Cabo Horn*", da Opium FiberGlass, que durante todo o percurso dera mostras de sua extrema estabilidade ao enfrentar ondas de todos os tipos e tamanhos, percorreu durante quase três horas o percurso até o Morro da Formiga sem apresentar qualquer tipo de dificuldade no seu controle, mesmo enfrentando ondas superiores a 2 metros.

No Morro da Formiga, no acampamento dos amigos pescadores, encontramos o Pedro Auso e sua esposa Vera Regina que se deslocaram especialmente de Camaquã para nos conduzir até o Destacamento da Brigada Militar de Barra do Ribeiro, onde fui resgatado pela Rosângela.

Enfrenta Tudo Sem Medo!
(Maria Augusta Sá)

Mete-te no teu caiaque
E sem medo faz-te ao Rio
E sente no coração um baque
E a adrenalina de fio a pavio...

E grita e tuas emoções liberta,
Vence um e mais outro rápido
Até chegares a zona aberta
Onde o Rio para perdido... [...]

Nossa jornada e a de Garibaldi tiveram trechos comuns como a Laguna dos Patos, a Foz do Camaquã e uma pequena travessia terrestre. Uma das embarcações de Garibaldi, o Farroupilha, naufragou antes de completar a missão de atingir Laguna, o mesmo acontecendo com o caiaque pilotado pelo professor Hélio que avariado não chegou até o Guaíba.

O apelo histórico talvez tenha sido forte demais e tenha interposto obstáculos adicionais à consecução de nossa proeza. Esse, contudo, foi apenas um treinamento para que, em abril do ano que vem (2012), possamos realizar uma travessia, sem surpresas, em homenagem ao Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA).

Estamos envidando esforços de todo tipo para que o Professor Hélio consiga, para a travessia de abril de 2012, um caiaque oceânico modelo "*Cabo Horn*". Isto evitaria surpresas e um desgaste físico desnecessário, já que este modelo é, sem sombras de dúvida, o caiaque ideal para enfrentar a Laguna dos Patos e suas condições meteorológicas adversas.

O Resgate do Bravo Anaico

A Canoa Fantástica
(Castro Alves)

Pelas sombras temerosas
Onde vai esta canoa?
Vai tripulada ou perdida?
Vai ao certo ou vai à toa?

Semelha um tronco gigante
De palmeira, que se escoa...
No dorso da correnteza,
Como boia esta canoa!

Mas não branqueja-lhe a vela!
N'água o remo não ressoa!
Serão fantasmas que descem
Na solitária canoa?

Que vulto é este sombrio
Gelado, imóvel, na proa?
Dir-se-ia o gênio das sombras
Do inferno sobre a canoa!

Foi visão? Pobre criança!
À luz, que dos astros coa ([160]),
É teu, Maria, o cadáver,
Que desce nesta canoa?

Caída, pálida, branca!
Não há quem dela se doa?!
Vão-lhe os cabelos a rastos
Pela esteira da canoa!

E as flores róseas dos golfos,
– Pobres flores da Lagoa,
Enrolam-se em seus cabelos
E vão seguindo a canoa!

---

[160] Coa: filtra.

Na última Travessia tínhamos sido forçados a abandonar o caiaque pilotado pelo Professor Hélio, na Costa de Santo Antônio (30°29’44,2” S / 51°16’23,5” O), entre o Pontal de Tapes e o Morro da Formiga. Estávamos aguardando a manutenção do veleiro do Coronel Pastl para resgatá-lo, mas os adiamentos sucessivos aumentavam a probabilidade de não mais encontrarmos nossa velha nau.

Havia comprado o “*Anaico*”, da KTM, na década de 80, e com ele desafiado águas brancas e quedas d’água dos mananciais do Mato Grosso do Sul onde ele se mostrara insuperável nessa modalidade, o seu valor sentimental, portanto, não era, absolutamente, mensurável.

Destacamento Precursor

> Ele e sua esposa Vera já haviam encontrado o melhor e mais perto acesso por terra para cumprir esta missão. Era através da Fazenda Boa Vista, que se situava ao Norte do Município de Tapes e ia até a Laguna dos Patos nas proximidades do local aonde estava o caiaque a ser resgatado. (Professor Hélio)

O Pedro Auso e sua esposa Vera Regina, de Camaquã, decidiram fazer uma incursão terrestre exploratória com sua camionete, no dia 08.10.2011, sábado, e conseguiram autorização para adentrar na Fazenda Boa Vista. O Pedro tinha uma ideia aproximada da localização e conseguiu, chegar com sua camionete o mais próximo possível das praias da Laguna dos Patos, aproximadamente a 1,7 km, em linha reta, do alvo. Comunicou-me a proeza e combinamos que, no dia seguinte, nos encontraríamos, acompanhados do Professor Hélio e sua filha Dafne para executarmos o resgate do “*Anaico*”.

Fazenda Boa Vista

Localizada a 15 km da sede do Município de Barra do Ribeiro, a Fazenda Boa Vista (ou Fazenda do Zé Taylor) de propriedade do Dr. José Taylor Castro Fagundes, às margens da Laguna dos Patos, é pródiga em belas paisagens e diversidade de biomas. O Dr. Taylor afirma que Borges de Medeiros foi um dos pioneiros na cultura do arroz em terras de várzea na Barra do Ribeiro e que as catorze figueiras, da antiga sede, foram plantadas pelos Jesuítas. A Fazenda serve de referência para os adeptos das cavalgadas e jipeiros que a incluem, sistematicamente, no seu trajeto, além de proporcionar belos locais de pescaria em seus inúmeros açudes.

Operação Resgate

> Somente no dia 9 de outubro, num domingo em que até o Sol apareceu contrariando a previsão do tempo, que era de chuvas esparsas em quase todo o estado, conseguimos desencadear a operação de resgate do caiaque que, avariado, ficara escondido atrás de uma duna de areia no último ponto de nossa travessia. Eram 06h30 quando eu e minha filha Dafne passamos na casa do Coronel Hiram Reis para então nos deslocarmos até o quilômetro 332 da BR-116, em Tapes, onde nos encontraríamos com o Sr. Pedro, mais identificado como "*São Pedro*" por toda proteção e ajuda a nós prestada. (Professor Hélio)

No domingo, 09.10.2011, partimos de Porto Alegre, às 06h40 em direção à BR-116, a meio caminho entre Barra do Ribeiro e Tapes, para encontrar o Pedro Auso no acesso à Fazenda Boa Vista.

> Chegamos ao ponto de encontro com seu Pedro cronometradamente juntos e nos dirigimos para a

sede da Fazenda Boa Vista, onde deixamos o carro do Coronel Hiram Reis e seguimos na camionete rural do Sr. Pedro, sendo que somente esta conseguiria vencer os precários caminhos a serem percorridos. Durante este trajeto de carro, o Sr. Pedro nos contou que, no dia anterior ele e dona Vera já haviam ido a este local e caminhado diversos quilômetros tentando achar o caiaque, mas sem sucesso. Por este motivo que a dona Vera, embora tenha admirado muito o local, teve de ficar descansando em casa. (Professor Hélio)

Chegamos juntos ao local do encontro a exatos vinte minutos antes da hora marcada, 08h00. Como o Pedro já tinha feito um reconhecimento prévio, fomos até a sede da Fazenda, deixamos o meu carro e partimos, os quatro, na sua camionete. Perto da penúltima porteira transposta, encontramos um bando de emas correndo pelos campos e avistamos a casa sede da antiga fazenda, cercada por lindas e centenárias figueiras. O trajeto até os limites da Fazenda, com a região das Areias da margem da Laguna, é de uma beleza fantástica.

Chegando ao destino, constatei, pelo GPS, que o caiaque se encontrava a 4,5 km ao Sul. Seguiríamos diretamente para a Praia para diminuir a caminhada pelas dunas e, depois, pela Praia até o caiaque. Hidratamo-nos, carregamos o mínimo de material necessário e partimos rumo à Praia, percorrendo dunas e terrenos alagadiços. Na Praia, identificamos os eucaliptos mencionados pelos pescadores e o Sr. Pedro, e novamente verifiquei a distância até nosso objetivo – 3,3 km. Caminhamos junto à água para evitar as areias fofas da margem e, no caminho, admirávamos a vegetação, as imensas e sofridas figueiras e as inúmeras bromélias e orquídeas.

> Ao caminhar pela Praia, também observamos belas orquídeas e bromélias junto às dunas, contrastando com o lixo junto às margens levado pelas águas, e inúmeros mexilhões dourados mortos, às vezes, causando mau cheiro. (Professor Hélio)

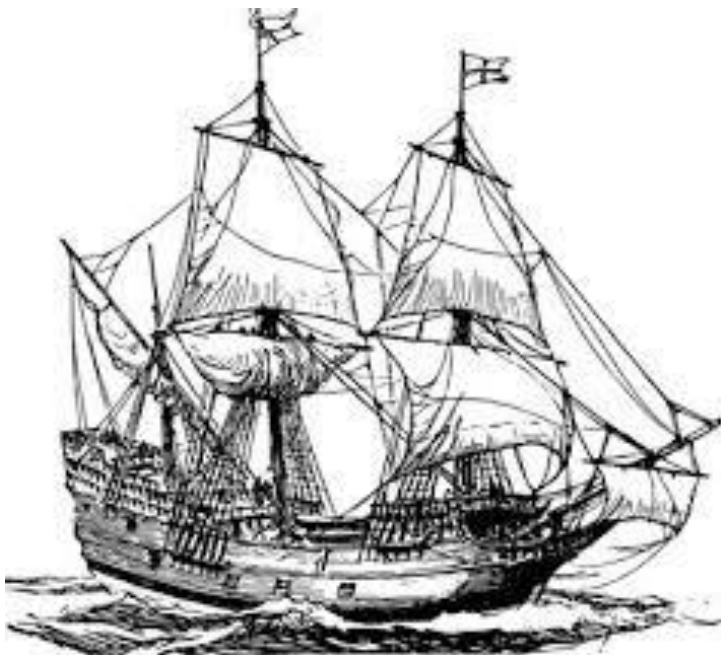
Depois de caminhar por uns quarenta minutos, chegamos ao local onde deixáramos nosso caiaque e, felizmente, lá estava ele, o remo, o leme, e a saia. Como as águas da Laguna ainda estavam bastante calmas, sugeri, ao Hélio que fosse remando até os eucaliptos e lá nos aguardasse. Nos eucaliptos, fizemos uma pausa para alimentação e hidratação antes de partirmos para o percurso mais estafante que seria o de carregar o caiaque pelas dunas e terrenos alagadiços.

Iniciei, com o Hélio, o transporte pelas dunas e, logo de início, verificamos o quanto seria cansativo tal procedimento. A Dafne carregou o remo e fomos lentamente vencendo os obstáculos. Mais adiante, o Pedro me substituiu e fomos nos revezando até chegarmos exaustos ao local onde estava estacionada a camionete.

Fizemos uma parada para descanso e um pequeno lanche antes de carregarmos o caiaque na camionete e retornarmos à sede onde transferimos o caiaque para o meu carro.

Encerramos nossa missão com um almoço no Restaurante das Cucas, na BR-116 – km 338 – Barra do Ribeiro, RS. Nossas expedições pelos caudais da "*Terra Brasilis*" nos têm propiciado encontrar pessoas fantásticas e muito prestativas como o caso do amigo Pedro Auso e tantos outros cujas amizades fazemos questão de solidificar.

Alma de Marujo

(Antônio Mavignier de Castro)

Amo, às vezes, fitar como os marujos
Do velho cais, ao céu crepuscular,
O perfil oscilante dos saveiros
E o adeus das velas para o meu olhar.

Ao contato dos barcos forasteiros,
Sinto em mim o desejo singular
De correr mundo como os marinheiros,
De ser marujo dominando o Mar...

É que, de certo, em épocas remotas,
As minhas ilusões foram gaivotas
No anil dos mares, ao rugir do Sul...

E, além seguiram – desgraçadas delas! –
O roteiro de Sol das caravelas
Talvez perdidas nesse abismo azul!

A Magia do Camaquã

Poema da Água
(Raul Machado)

A água também nasce pequenina
– nasce gota de orvalho ou de neblina...

A água também tem a sua infância
– quando apenas Riacho cantarola
Brinca de roda nos redemoinhos
Salta os seixos que encontra
E faz apostas de corrida – travessa –
Por entre as grotas e peraus ([161])
E arranca as flores que a marginam
Para engrinaldar a cabeleira solta
Sobre o leito revolto das areias... [...]

Granja do Valente

O Amigo Pedro Auso Cardoso da Rosa estava programando uma descida pelas águas do Rio Camaquã, com direito a acampamento e tudo mais, infelizmente contratempos de toda ordem forçaram-me a adiar o evento.

Vim para Bagé com o propósito de dar continuidade ao meu treinamento na Granja do Valente, de propriedade da Família Schiefelbein, mas com a firme determinação de conhecer o Rio Camaquã.

Na barragem, o ninhal de maguaris, cheio de vida em setembro, estava abandonado, apenas vestígios de cascas de ovos sinalizavam sua eclosão e a passagem das majestosas aves pela área.

---

[161] Peraus: precipícios.

Soneto
(Augusto dos Anjos)

Agregado infeliz de sangue e cal,
Fruto rubro de carne agonizante,
Filho da grande força fecundante
De minha brônzea trama neuronial

Que poder embriológico fatal
Destruiu, com a sinergia de um gigante,
Em tua morfogênese de infante
A minha morfogênese ancestral?!

Porção de minha plásmica substância,
Em que lugar irás passar a infância,
Tragicamente anônimo, a feder?!...

Ah! Possas tu dormir, feto esquecido,
Panteísticamente dissolvido
Na noumenalidade do NÃO SER!

Agora em novembro (2011), apenas o grande ninho do João Grande continuava ocupado como se a plácida ave ainda estivesse chocando. Cuidadosamente consegui me aproximar e fotografar o único ovo que restara dos quatro que examinara em setembro (Imagem 16 – Ninho de João Grande – Granja do Valente – Bagé, RS). Peguei o ovo, curioso, pois o período de eclosão desde há muito se esgotara. Confirmando as expectativas, verifiquei que o mesmo estava gorado e o retirei do ninho.

Nos dias seguintes, verifiquei que a zelosa mamãe não estava mais aferrada ao ninho, liberada que fora do compromisso de chocar a calcária câmara mortuária. Se a pobre ave soubesse o que estava chocando, talvez fosse capaz de entender a desconsolada e trágica essência da sobredita poesia de Augusto dos Anjos dedicada ao seu primogênito natimorto com menos de 7 meses no dia 02.02.1911.

A barragem continuava me surpreendendo, um casal de marrecas pés-vermelhos apresentava um comportamento estranho como se estivessem com dificuldades para voar, aproximando-se bastante do caiaque sem qualquer receio.

Depois de algum tempo, verifiquei a razão do curioso comportamento, os pais tentavam desviar minha atenção de três marrequinhas que, no sentido oposto, mergulhavam procurando esconder-se de minhas vistas.

Uma delas, mais próxima da margem, mergulhava comicamente apenas a cabeça deixando a cauda de fora, aproximei-me mais um pouco para fotografá-la, e a pequenina mergulhou, desta vez, completamente, emaranhando-se nas finas algas.

Agarrei-a, desembaracei-a da fluída e verdolenga armadilha e, ao soltá-la, ela nadou rapidamente, chegando mesmo a correr sobre as águas, na direção dos pais que grasnavam freneticamente.

Rio Camaquã

A Rosângela me apresentou o Dr. Diogo Madruga Duarte, um vaqueano preservacionista e irmãos das águas. O Dr. Madruga coordena periódicas descidas no Rio Camaquã e me repassou algumas importantes dicas a respeito do trajeto que eu planejara para o sábado, sugerindo que eu partisse do Passo dos Enforcados (30°52’54,4” S / 53°35’53,3” O) e não da Ponte sobre o Rio Camaquã cujo acesso ao Rio era impraticável. Eu pretendia ir até o Passo do Cação (30°57’30,4” S / 53°28’56,6” O) onde a Rosângela me aguardaria para pernoitarmos na Fazenda Remanso da amiga Rosi Medeiros.

Um deslocamento de 39,5 quilômetros que, graças à velocidade da correnteza do Rio poderia ser vencido, folgadamente, em seis horas de navegação. Parti do Passo dos Enforcados às 08h30 de sábado (05.11.2011). O estreito canal fluía espremido por grandes paredões de arenito debruçados majestosamente sobre o Rio e que vez por outra se apresentavam somente em uma das margens.

O arenito é o resultado da petrificação de partículas de areia que, misturadas com minerais agregadores, como o quartzo e a calcita, foram submetidas a grande pressão, durante séculos. Imerso nas telúricas entranhas, eu podia admirar as belas estratificações formadas pela alternância de camadas sedimentares de granulação e cores distintas.

As belas camadas de seixos de tamanhos diversos permitiam que eu comparasse os aspectos geológicos do erodido terreno atual com os do longínquo pretérito.

No leito, a ação das águas diluía a obra multimilenária dos tempos, separando novamente as antigas partículas cimentadas em longínquas eras, permitindo que minha imaginação vagasse pelo formoso túnel do tempo camaquense. As camadas sedimentares, qual páginas amareladas do livro da mãe Gea, descreviam uma história de transformações mescladas de cataclismos radicais e pachorrentas acomodações ancestrais.

As belas formações moldadas pelas forças da natureza através dos tempos me encantavam e eu me sentia imensamente feliz em poder contemplar estas verdadeiras esculturas moldadas pelas mãos do Grande Arquiteto do Universo.

A diversidade de imagens, as nítidas colorações das camadas sedimentares, os seixos incrustados no arenito, o canto das aves, produziam um efeito transcendental em todo o meu ser, eu empreendera, definitivamente, uma mágica cruzada.

Logo que iniciei minha jornada, dois biguás me serviram de precursores. Assustados com a proximidade do caiaque, voavam até a próxima curva do serpenteante manancial e esperavam que eu me aproximasse para repetir o gesto novamente. Fui encontrando outros grupos pelo caminho e, quando cheguei a meu destino, eram nove as aves que me antecediam. Cruzei, no trajeto, por cinco veados-campeiros (Ozotocerus bezoarticus bezoarticus) que bebiam placidamente as águas do Camaquã e se afastaram vagarosamente ao notar minha presença. Dois grupos de capivaras não foram tão discretos assim, atirando-se ruidosamente nas águas. Em um dos grupos, pude perceber a presença de um grande macho; além do tamanho, sua identificação é facilitada pela enorme glândula que possui entre o focinho e a testa. O cheiro forte e característico que dela emana serve para identificar as fêmeas conquistadas, seus filhotes e demarcar território.

A curta jornada fluvial foi uma das mais belas que empreendi até hoje e agradeço a todos que a tornaram possível e, em especial, minha cara companheira Rosângela Schardosim.

O Novo Argonauta – Progênie de Heróis

(José Agostinho de Macedo)

[...] Parabéns, Portugal, que entre teus filhos
Nunca a progênie dos Heróis se acaba:
Os mesmos ainda são, que outrora as Quinas ([162])
Foram erguer no Indo ([163]), erguer no Ganges.

Os mesmos ainda são, que o Mar e o vento,
As tempestades, os tufões venceram:
Que, não cabendo nos confins do Tejo,
Ilustres Cidadãos do Mundo, foram
Seu Reino dilatar até donde surge
Do berço apavonado a roxa Aurora.

Os mesmos ainda são, que as mais remotas
Nações, com laço estreito, unir souberam.

A quem não pode obstar do turvo Oceano
A medonha extensão e o cego abismo;
Que em Lenho nadador dobrar souberam
A insuperável meta, em que se opunha
À força dos mortais a Natureza.

Sagres, tu viste o vencedor primeiro
Do hórrido Bojador deixar teu porto,
Ir em frágil Batel ([164]) vencer-lhe a fúria.

Argonauta Gil Eanes, se teu berço
Fora a grande Albion ([165]), que Estátua e Busto
As mais soberbas praças lhe adornaram!

A Holanda a levantou ao que primeiro
Foi pescador do pequenino Arenque. [...]

---

[162] Quinas: cada um dos cincos escudos do brasão português.
[163] Indo: Índia.
[164] Batel: barco.
[165] Albion: Grã-Bretanha..

Imagem 22 – Rio Camaquã, Bagé, RS

Imagem 23 – Rio Camaquã, Bagé, RS

Imagem 24 – Rio Camaquã, Bagé, RS

Imagem 25 – Rio Camaquã, Bagé, RS

Imagem 26 – Ilha do Chico Manoel – Rio Guaíba, RS

Imagem 27 – Ilha do Junco – Itapoã – Rio Guaíba, RS

Imagem 28 – Praia da Pedreira – Itapoã – Rio Guaíba, RS

Imagem 29 – Farol de Itapoã – Rio Guaíba, RS

Travessia da Laguna dos Patos

Canção do CMPA

(Letra: Barbosa e Souza – Música: Arão Lobo)

Somos espadas de um povo altaneiro,
Somos escudos de grande nação,
Em nossos passos marcham guerreiros
Avança a glória num pendão. [...]

Infelizmente, meu treinamento para a Travessia da Margem Ocidental da Laguna dos Patos, em homenagem ao Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), tanto nas Lagunas Litorâneas, como no "*Rio*" Guaíba e na represa da Granja do Valente, de propriedade da família Schiefelbein, em Bagé, foi bastante prejudicado por diversos problemas alheios à minha vontade. Eu teria, desta feita, de enfrentar "*inconstância tumultuária*" da Laguna dos Patos sem estar gozando de minha condição física ideal.

Equipe de Apoio

O Coronel Pastl e o Comandante Norberto Weiberg, da bela e hospitaleira cidade de Canela, RS, embarcados no "*Hagar*" um pequeno e versátil veleiro "*Day Sailer*", capaz de nos apoiar nas águas rasas e ultrapassar os extensos bancos de areia dos "*Pontais*" da Laguna sem a necessidade de longas desbordagens, nos aguardavam desde a véspera na Boca da Lagoa Pequena, proximidades da Ponta da Feitoria. Graças ao Professor Paulo César Camargo Teixeira, Diretor da Escola Estadual de Ensino Médio Leopoldo Maieron – CAIC, de Bagé, minha querida parceira de aventuras Rosângela Maria de Vargas Schardosim pode me acompanhar na primeira perna da Travessia desde a Praia do Laranjal, em Pelotas até São Lourenço do Sul.

Partida de Bagé (11.04.2012)

Saímos de Bagé, eu e a Rosângela, depois do almoço, do dia 11 de abril, rumo à Praia do Laranjal, em Pelotas. Contatamos, pelo celular, o Professor Hélio Riche Bandeira, por volta das 16h00, na Praia do Laranjal e nos deslocamos até a Pousada em que ele estava. A tarde sem vento prenunciava uma largada tranquila e sem as dificuldades enfrentadas em setembro do ano passado. Depois de devidamente instalados recebemos a visita do Sr. Joel Ramos, um veterano e entusiasta canoísta da região com quem permanecemos conversando até tarde.

Partida da Praia do Laranjal (12.04.2012)

Os Lusíadas (Canto I, 43)
(Luís Vaz de Camões)

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Céu tinha por amigo;
Sereno o ar e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.

O promontório Prasso ([166]) já passavam
Na costa de Etiópia, nome antigo,
Quando o Mar, descobrindo, lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava. [...]

Partimos às 05h40 e aportamos, às 07h57, na Ponta da Feitoria (31°41’36,50” S / 52°02’22,18” O), depois de percorrer pouco mais de 21 km a aproximadamente 9,2 km/h. Desta vez os ventos suaves de popa nos permitiram atacar o primeiro ponto mantendo uma trajetória bastante retilínea.

---

[166] Prasso: Cabo da costa Oriental da África (Moçambique), identificado como sendo o Cabo das Correntes ou ainda o Cabo Delgado.

Contatamos a equipe de apoio e partimos depois de descansar uns 30 minutos. Contornando a Ponta da Feitoria avistamos acampamentos de pescadores de camarão. A salinidade vinda do oceano, através da Barra de Rio Grande, alcançou São Lourenço graças à falta de chuvas na Bacia da Laguna dos Patos. O nível do Mar de Dentro bastante baixo favorecera o desenvolvimento do camarão e produzira uma safra abundante.

Aportamos às 09h35, sob as belas raízes de uma enorme figueira próxima às ruínas da centenária sede da Estância Soteia (31°37’52,31” S / 52°00’57,38” O). Este ano, ao contrário do ano passado, a sujeira gerada pelo desleixo dos pescadores que acampavam nas cercanias da sede da Estância maculavam a centenária construção.

Já estávamos partindo quando avistamos a equipe de apoio, conversamos com os amigos reiniciamos nossa jornada às 10h40 rumo ao Arroio Grande onde fizemos uma parada para o almoço antes de rumarmos para São Lourenço do Sul onde aportamos às 16h02.

São Lourenço do Sul

Na “*Terra de Todas as Paisagens*”, ficamos hospedados na Pousada da Laguna Apart Hotel administrada, com esmero, pelo Sr. Alberto Furlanetto, onde consegui me preparar para a próxima empreitada.

Aproveitamos o bom tempo da sexta-feira, 13.04.2012, para conhecer o belo Município e sua história visitando a Fazenda do Sobrado, Boqueirão, São João da Reserva e a Coxilha do Barão, onde visitamos a casa de Jacob Rheingantz.

Jacob Rheingantz

Jacob Rheingantz, comerciante e administrador alemão, nasceu no dia 13.08.1817 em Sponheim, Hamburgo. Filho de Johann Wilhelm Rheingantz e Anna Maria Kiltz, dedicou-se inicialmente ao comercio e, em 1839, partiu para a França, onde trabalhou como produtor de Champagne. Em 1840, foi para os EUA onde permaneceu até 1843, quando veio para o Rio Grande do Sul, estabelecendo-se em Rio Grande, como empregado na casa comercial de Guilherme Ziegenbein. Em 09.07.1848, casou-se com Maria Carolina Fella, passando a residir em Pelotas. Em 1856, comprou terras devolutas na Serra de Tapes, com o objetivo de fundar uma colônia. Fundou a Colônia São Lourenço, em 1958, em sociedade com José Antônio de Oliveira Guimarães. (COARACY)

Na Pátria-mãe, a Dúvida, o Sonho
No Mar, a Vela, a Incerteza, a Dor, a Saudade.
Em São Lourenço do Sul, a Fé,
a Esperança, a Coragem, a Vida.

A primeira leva de imigrantes partiu de Hamburgo com 88 pessoas, vindos no navio holandês "*Twee Vrienden*". Mudou-se com a família para a própria colônia onde era a autoridade máxima. No ano de sua morte sua colônia era um sucesso, já tinha um total de 52 mil hectares e mais de 6.000 moradores, além de 16 escolas particulares [...]. (COARACY)

Partida de São Lourenço (14.04.2012)

Às 06h00, partimos confiantes para a segunda etapa de nossa travessia na Laguna dos Patos rumo à Fazenda Flor da Praia. A suave brisa permitia que aproássemos diretamente para a Ponta do Quilombo (31°20'00,83" S / 51°51'20,96" O) onde aportamos às 07h40 e fizemos uma parada de vinte minutos.

A partir do Quilombo, enfrentando ventos de 20 km/h vindos de Sudeste, rumamos diretamente para a Foz do Camaquã onde aportamos em um bosque de eucaliptos (31°16’44” S / 51°44’16” O).

A Procela

(Fausta Nogueira Pacheco)

Sucumbido pela tempestade,
Entre ondas gigantescas em cega fúria,
Debate-se contra a força atroz dos ventos
O barco frágil nas águas desses mares,
A terrível procela destemida avança,
Arrebentando suas ondas no convés.

A tripulação vê o horror se aproximando,
E de joelhos prostrada clama aos céus!
Senhor, piedade pela dura sorte,
Que o destino deu a todos nós,
Faça baixar as águas revoltas,
E que o vento enfurecido suba aos céus!

Os ventos aumentaram significativamente, a temperatura despencou e uma chuva gelada começou a cair antes de partirmos. Partimos para a Ponta do Vitoriano e tivemos de fazer uma parada intermediária, para nos aquecermos, em um pequeno bosque próximo a um captador de água (31°16’11” S / 51°38’40” O) depois de remar quase 10 km. Havíamos enfrentando ventos de través, vindos de Sudeste, de 30 Km/h com rajadas de 50 Km/h e ondas de até 1,5 metro. Depois desta parada resolvemos remar diretamente para a sede da Fazenda Flor da Praia (31°08’25,59” S / 51°37’06,85” O). As enormes ondas nos forçavam a fugir da rebentação e a apenas 1,7 km de distância de nosso objetivo me distraí, por um momento, e permiti que uma enorme onda rebentasse sobre o indomável Cabo Horn virando-o.

Apenas um pequeno e gelado susto já que eu estava próximo à margem, foi com muito esforço que arrastei o pesado caiaque até a praia e retirei a água que invadira o seu "*cockpit*" até a altura do convés superior. A ventania assolou não só os Mares de Dentro, mas também as Lagoas litorâneas, o Rio Guaíba e outros mananciais gaúchos provocando alguns desastres como o noticiado pelo Jornal O SUL na edição do dia seguinte:

Jornal O SUL, 15.04.2012

Velejadores são resgatados no Guaíba

> Quatro velejadores foram resgatados ontem após acidente com um barco no Rio Guaíba, em Porto Alegre. A embarcação virou com forte vento. O grupo ficou agarrado nos pilares da ponte. Após este salvamento, os bombeiros foram ao Arroio das Garças, em Canoas, atender outra ocorrência de barco que virou. Ninguém ficou ferido.

Aportei na praia da Fazenda Flor da Praia às 15h30 e procurei o capataz que permitiu que acantonássemos em um dos galpões da Fazenda. Tivemos de deixar a luz acesa à noite, pois o local estava infestado de ratos.

Partida da Fazenda Flor da Praia (15.04.2012)

O Sol reinava soberano e apenas uma leve brisa acariciava levemente a superfície da Laguna, condições bastante diferentes do dia anterior. Iniciamos nossa remada, às 08h05, até o Pontal Dona Maria (31°05'16'' S / 51°26'19'' O) onde aportamos na boca do Canal de acesso à Lagoa do Graxaim, às 11h20. As figueiras e pequenos arbustos bioindicavam a direção predominante dos ventos oriundos de E e NE que açoitam sistematicamente a vegetação nativa.

Do Pontal Dona Maria aproamos, às 11h40, diretamente para o conjunto de figueiras que ostentavam grinaldas de bromélias e orquídeas (31°01’35,98” S / 51°29’09,89” O) e cujas imagens eu não pudera materializar, no ano passado, tendo em vista que minha máquina fotográfica emperrara.

Depois de fotografar de todos os ângulos possíveis daquela paisagem fantástica partimos para o monumento que “*homenageia*” o General Francisco Pedro de Abreu (31°00’10’’ S / 51°29’35’’ O), onde chegamos às 14h20. Nas proximidades deste local, em 16.04.1839, o General Francisco Pedro de Abreu desembarcou as Tropas Imperiais para o malogrado ataque ao estaleiro Farroupilha na Barra do Camaquã. Independentemente do alinhamento ideológico daqueles bravos, o CTG Camaquã, entidades tradicionalistas e o povo de Arambaré reverenciam suas memórias. O jornalista e cientista político Gianni Carta, no seu livro “*Garibaldi na América do Sul: O mito do Gaúcho*” mostra como dois jornalistas italianos, Luigi Rossetti, que vivia no Brasil, e Giovanni Battista Cuneo, radicado no Uruguai, usaram o jornalismo e literatura como armas políticas construindo a imagem do “*herói de dois mundos*”.

Rossetti e Cuneo empenharam-se em forjar a figura excelsa deste guapo herói gaúcho, uruguaio e italiano que lutou bravamente pela recuperação de uma pátria perdida, a sua querida Itália e da construção de outras, um homem que transcendendo sua vida terrena ganhou notoriedade eterna. Rossetti e Cuneo, ao transformarem Giuseppe Garibaldi em uma lenda, estavam divulgando e manifestando seu apoio, na verdade, à doutrina política de Giuseppe Mazzini. A promoção universal, no entanto, do “*herói de dois*

mundos" aconteceu graças ao jornalista Cuneo que enviava seus artigos para Mazzini, exilado em Londres, que os reescrevia em francês, inglês e italiano e os editava em jornais de diversos países. Vejamos o que relata Gianni Carta:

> **O Povo e a Promoção de Garibaldi**
>
> Rossetti ([167]) tinha de ser discreto ao promover Garibaldi em "*O Povo*". Publicar editoriais não assinados já era uma prática comum no jornalismo, mas Rossetti a expandiu para a veiculação de pequenas notas sobre Garibaldi. Embora isso o impedisse de publicar artigos maiores sobre seu compatriota – o que exigiria uma assinatura –, tal prática o protegia, impedindo que ele, Rossetti, fosse acusado de parcialidade. Aparentemente ele já percebia uma animosidade contra o estrangeiro que era, por parte dos grandes e ricos proprietários locais, e isso se confirmaria mais tarde. Em uma carta para Cuneo ([168]), Rossetti queixou-se: "*O jornal pertence ao governo e, portanto, tudo deve parecer produzido a partir de seu laboratório*".
>
> A Marinha rio-grandense, com apenas dois lanchões armados, capitaneados por Garibaldi, tinha um porte muito menor do que a do Brasil, que era a mais poderosa na América do Sul, contando com 67 navios de guerra. Garibaldi conseguiu fazer ataques imaginativos – mas limitados – contra navios imperiais ou mercantes. A maioria desses ataques teve por cenário a Lagoa dos

---

[167] Luigi Rossetti: jornalista e intelectual italiano. Cursara a faculdade de Direito na Italia. Era carbonário, como este último, sendo vinculados a uma verdadeira Internacional Republicana, a Jovem Itália, comandada por Giuseppe Mazzini desde Londres.

[168] Giovanni Battista Cuneo: marinheiro de profissão, destacou-se posteriormente como jornalista, político, escritor e revolucionário italiano, com passagem pela Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul na ocasião em que se formavam as repúblicas do sul da América. Aderiu ao movimento Jovem Itália e em 1833 conheceu a Giuseppe Garibaldi em Taganrog, no sul do Mar Negro, a quem apresentou a organização. Mais tarde se encarregou de difundir as ideias de Giuseppe Mazzini entre os imigrantes italianos na Argentina.

Patos, que permite o acesso ao Atlântico através do canal entre as cidades de Rio Grande e São José do Norte. Entretanto, os navios imperiais estacionados nos portos de ambas as cidades impediam o acesso dos rio-grandenses ao oceano.

Mas um ataque não poderia ser considerado de sucesso a menos que ganhasse alguma forma de letra impressa e seu líder fosse glorificado. Mesmo sucessos menores poderiam ter um impacto negativo sobre os imperiais, ao mesmo tempo que promoviam confiança entre os republicanos. Dessa forma, a primeira tática de Rossetti para promover seu compatriota foi contar repetidamente uma mesma história para fixar o nome de Garibaldi na mente dos leitores de "*O Povo*"; em quatro edições do jornal ele publicou pequenas notas sobre o bem-sucedido ataque de Garibaldi a um indefeso navio mercante brasileiro chamado *Mineira*.

De nenhuma maneira este ataque poderia ser considerado um feito naval maior. Mas Rossetti se esmerava para influenciar os leitores, publicando, a partir de setembro de 1838, umas poucas linhas sobre o fato de que dois navios armados, sob o comando do Tenente-coronel "*Jozé*" Garibaldi, tinham apresado um mês atrás aquele navio mercante. Em um outro número, ele listou a carga do Mineira. As notas eram concisas, mas Rossetti publicou ainda informes sobre o apresamento do navio em mais duas edições.

A primeira grande reportagem dedicada aos feitos de Garibaldi foi estampada com destaque na primeira página de "*O Povo*", em 22.05.1839, oito meses depois da fundação do jornal. Ela versava, na verdade, sobre uma batalha em terra firme, com a assinatura de Garibaldi como "*Capitão-tenente, comandante da Esquadrilha da República*". Em poucas palavras que antecediam a matéria principal, os leitores tomavam conhecimento de uma informação de fundo sobre como as forças republicanas tinham enfrentado os "*mercenários do governo brasileiro*" no dia 17.04.1839, um mês antes da publicação. O enfrentamento dera-se em um estaleiro provisório dos insurgentes, na margem do Rio Camaquã, um dos afluentes da Lagoa dos Patos. Garibaldi escreveu:

> O inimigo apareceu, de repente, quase a meio tiro de Pistola, saindo de um mato que flanqueia o quartel [estaleiro], no qual atavam então onze homens somente; o que posto, depois de vivo fogo por espaço de algumas horas, essa horda de escravos a serviço de assassinos se retiram, deixando no Campo seis mortos e levando muitos feridos, entre os quais o mesmo Francisco Pedro [Moringue], baleado no peito e em uma mão. Nós temos seis homens levemente feridos, e lastimamos a morte de bom Camarada.

Garibaldi estimou as forças inimigas em "*mais de uma centena*", com infantes e cavaleiros. E acrescentou que muitos dos homens da guarnição estavam realizando tarefas em outros locais, e não foi possível reuni-los no calor da hora, "*de modo que toda a glória cabe aos onze bravos, por mim antes mencionados, cujos nomes levarei ao conhecimento do governo para que sejam devidamente recompensados*". É importante assinalar que por "*escravos*" Garibaldi [ou Rossetti] se referia aos soldados do Império Brasileiro, não a negros cativos.

Na verdade, muitos dos soldados imperiais engajados neste combate do Rio Camaquã eram austríacos. Eram, portanto, mercenários brancos que Garibaldi tratava como "*escravos e assassinos*" porque voluntariamente vendiam seus serviços a um império opressor. Garibaldi [assim como Rossetti e Cuneo] costumava fazer tais comentários sobre os soldados austríacos ou franceses por causa de sua posição de forças invasoras e de ocupação da Itália.

Rossetti certamente editou o relato de Garibaldi e é provável que o tenha reescrito em parte. Naquele momento Rossetti já vivia no Brasil há mais de uma década e tinha maior fluência em português do que Garibaldi, o qual passara a metade de seus dois anos na América do Sul em cativeiro, na Argentina, onde aprendera o espanhol. Em outras palavras, Garibaldi não teria condições de escrever um relato completo em português. É possível até que o tenha escrito em italiano, mas mesmo assim Rossetti teria de, além de traduzi-lo, editá-lo, pois era ele o jornalista profissional.

Posteriormente Cuneo escreveu que onze italianos tinham lutado no Camaquã, e Rossetti fora um deles. Esse é um exemplo transparente de "*floreio*". Cuneo provavelmente sabia, a partir de uma carta recebida de Rossetti, que seu camarada não lutara no Camaquã. Rossetti contou a Cuneo que tentara se juntar a Garibaldi no estaleiro, mas a intensa troca de tiros o forçou a escapar a nado pelo Rio. Pode ser que Cuneo tenha entendido mal o relato de Rossetti. Mas pode ser também que aquele queria ir além dos fatos para apresentar este como um valoroso italiano, leal a Garibaldi.

Como de costume, Cuneo exaltava o valor dos italianos para mostrá-los desejosos de pôr a vida em risco na luta pela liberdade na América do Sul. Dessa forma ele podia reforçar e promover um senso de "*italianità*" por meio das histórias que escrevia e publicava. O jornalista queria descrever para outros italianos o que poderia acontecer se eles se juntassem à luta para libertar seu país da monarquia, do papado e dos ocupantes estrangeiros. A mensagem era clara: sobrevivessem ou morressem, eles seriam os vencedores. Como Mazzini ([169]) argumentava

---

[169] Giuseppe Mazzini: político, irmão maçom, membro da Carbonária e revolucionário da unificação italiana. Mazzini defendia ardorosamente a unidade e a independência italiana, que deveria ser conquistada pelo povo na forma de uma democracia republicana. Mazzini na introdução de seu livro "*Deveres do Homem*" faz uma convocação apaixonada "*Aos Trabalhadores Italianos*":
A vós, filhos e filhas do povo, dedico este livrinho, no qual enuncio os princípios em nome e por virtude dos quais cumprireis, se quiserdes, a vossa missão na Itália: missão de progresso republicano para todos e de emancipação para vós. Amei-vos desde os meus primeiros anos. Os instintos republicanos de minha mãe ensinaram-me a procurar no meu semelhante o homem, não o rico ou o poderoso; e a insciente e simples virtude paterna habituou-me a admirar, mais do que a afetada e presunçosa semi-ciência, a virtude de sacrifício, tácita e inadvertida, que tantas vezes aparece em vós. Mais tarde, deduzi da nossa história como a verdadeira vida da Itália é a vida do povo, e como o trabalho lento dos séculos tendeu sempre a preparar, em meio ao surto das diversas raças e às mutações superficiais e passageiras das usurpações e das conquistas, a grande Unidade democrática Nacional. E então, trinta anos atrás, entreguei-me a vós. Vi que a Pátria Una, dos iguais e dos livres, não sairia de uma aristocracia que jamais teve entre nós uma vida coletiva e iniciadora, nem da Monarquia que se insinuou, no

em seus artigos de jornal, morrer pela Itália deveria ser visto como algo honorável, abrindo o caminho para futuras insurreições.

Na "*Biografia*", Cuneo, como já observado antes, descreveu todos os combatentes ao lado de Garibaldi como italianos, embora ele mesmo tivesse condições de saber que isso não era verdade. Por exemplo, no Camaquã estava o escravo liberto Procópio – foi ele quem disparou os tiros que feriram o comandante dos imperiais, e por tabela provocou a retirada das tropas inimigas, embora eles contassem com um número muito mais elevado de soldados.

Cuneo publicou seu livro mais de dez anos depois daquela batalha, tendo, portanto, tempo suficiente para se inteirar da participação de Procópio. Diga-se, porém, a bem dele, que a "*Biografia*" foi escrita com base em suas notas, artigos e cartas, e em sua carta sobre aquele enfrentamento no Camaquã Rossetti de fato citara apenas o nome dos poucos italianos que nele tomaram parte. A menos que tivesse acesso a outras informações ao longo da década após o embate, Cuneo pode ter simplesmente presumido que todos os combatentes eram de fato italianos.

Mas a "*Biografia*" contém outras discrepâncias. Segundo Cuneo, o número dos inimigos a atacar Garibaldi no

---

século XVI, sobre as pegadas do estrangeiro e sem missão própria, – entre nós, sem pensamento de Unidade ou de emancipação, – mas somente do povo da Itália, – e assim o disse. Vi que era preciso subtrair-vos ao jugo do salário e, a pouco e pouco, com a livre associação, fazer o Trabalho senhor do solo e dos capitais da Itália – e, antes que o socialismo das seitas francesas viesse turvar a questão, eu o disse. Vi que a Itália, qual nossas almas a apresentam, só existiria quando uma Lei Moral, reconhecida e superior a todos os que se colocam como intermediários entre Deus e o povo, tivesse derrubado a base de toda autoridade tirânica, o Papado, – e assim o disse. Jamais, por loucas acusações e calúnias e derrisões que me foram lançadas, eu vos traí e à vossa causa, nem desertei a bandeira do futuro. Restam-me poucos anos de vida, mas o estreito pacto que esses poucos comigo firmaram não será violado por coisa alguma que suceda até o meu último dia, e talvez lhe sobreviva.

> Camaquã era 120, diante da afirmação do próprio Garibaldi em "*O Povo*" de que eram "*mais de uma centena*". De onde Cuneo tirou um número tão preciso? Além disso, o colega baseado em Montevidéu nunca deu qualquer cifra sobre as baixas. Em seu livro de 1860, Alexandre Dumas afirmou que oito republicanos morreram [e não seis como havia dito Garibaldi] e cinco ficaram feridos [e não os seis apontados pelo herói italiano].
>
> Pode-se admitir com segurança que propagandistas como Cuneo e Rossetti – e também outros com interesses próprios muito fortes, como era o caso do próprio Garibaldi – faziam "*ajustes*" factuais e numéricos para moldar melhor uma imagem heroica do comandante naval. Além disso, em geral jornalistas preferem números redondos.
>
> Mas, para além das distorções numéricas ou sobre a nacionalidade dos combatentes, o relato do enfrentamento no Camaquã é preciso quando afirma que o comandante dos imperiais foi ferido e que isso determinou a fuga dos atacantes.
>
> Levando em conta a importância do acontecimento como fonte de propaganda, Rossetti deu destaque à rivalidade entre Garibaldi e o comandante inimigo. Tratava-se do Tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, também conhecido como Moringue, por causa do formato de sua cabeça e de suas enormes orelhas. Rossetti o descreveu como um eficiente tático em luta de guerrilhas. Em uma de suas reportagens em "*O Povo*", Rossetti o chamou de "*notório*". Ao ressaltar o valor de Moringue, Rossetti favorecia o de Garibaldi e de seus homens. (CARTA)

Continuamos nossa jornada rumo a Arambaré. Navegamos bem próximo à bela praia da Costa Doce, entramos no Arroio Velhaco e aportamos no Clube Náutico (30°54'38,01" S / 51°29'47,50" O) onde estacionamos nossos caiaques e fomos procurar abrigo no Destacamento da Brigada Militar comandado pelo Sargento PM Juliano Gajo.

Capital das Figueiras (16.04.2012)

No dia seguinte o Sargento PM Juliano nos proporcionou um pequeno "*tour*" pela cidade e depois nos levou até Santa Rita do Sul onde visitamos a "*Arrozeira Camaquense*", fundada em 10.06.1948. Ocupando uma posição de destaque, havia um antigo gerador a lenha, que na época, proporcionava energia suficiente para alimentar o complexo industrial e a Vila.

Depois de Santa Rita fomos conhecer a Fazenda da Quinta, situada, hoje, no Distrito da Santa Rita do Sul, Município de Arambaré de propriedade do Coronel Silvio Luiz Pereira da Silva ex-Prefeito de Camaquã (1956 - 1959).

Arrozeira Camaquense

Silvio Luís, Francisco Luís e Lauro Azambuja fundaram a Arrozeira Camaquense, SA, em 10.06.1948, com participação de outros associados, de Barra do Ribeiro e Tapes. A sociedade adotou o processo de arrendamento de suas terras. O sistema de arrendamento da empresa de secagem e beneficiamento do arroz fez crescer o número de produtores de arroz, aumentando a mão-de-obra onde predominava o trabalho braçal.

No final da década de 1960, a empresa passou a ser propriedade exclusiva de um dos acionistas. Desde então se iniciou o declínio do empreendimento e de Santa Rita do Sul. A Arrozeira foi comprada por José Cândido Godói Neto, grande acionista da empresa que comprou as ações dos demais sócios. Após a Revolução Redentora de 1964 o governo investiu em uma política agrícola que priorizava a produção e produtividade.

Adotou-se um sistema de créditos e subsídios fomentando a pesquisa, a assistência técnica, a adoção de tecnologia, o que aumentou intensamente a utilização de máquinas e insumos de origem industrial. No final da década de 1980, com a adoção de uma caótica política agrícola, os proprietários de terras voltaram a vender o patrimônio fundiário. Apenas uma pequena quantidade de produtores conseguiu manter-se na condição de rizicultor. O maior empregador local passou a ser a indústria de beneficiamento de arroz, mas como não conseguia absorver toda a mão-de-obra da atividade agrícola, os trabalhadores da Vila migraram em massa.

Partida de Arambaré (17.04.2012)

Preocupados com nossa equipe de apoio que partira de Tapes tentamos, sem sucesso, contato via rádio. Permanecemos, até ao anoitecer, postados no trapiche e nada, resolvemos então deixar rádio ligado para que quando eles se aproximassem mais pudéssemos fazer contato. Mais tarde tomamos conhecimento que eles estavam operando no Canal 16 e não no Canal 6 como havíamos combinado anteriormente. Nesse ínterim veio nos visitar no Destacamento da Brigada o amigo Pedro Auso, de Camaquã, e quando este já estava de saída aproveitamos a carona para ir até o Clube Náutico de Arambaré. Lá chegando deparamos com nossa equipe de apoio que estava aportando. Os velejadores chegaram, somente à noite, ao Clube Náutico graças à orientação do Sr. Charles Rodrigues Berçot. Berçot é um nauta, com espírito de escoteiro, que se compraz em auxiliar o próximo. Seu relato pessoal a respeito da recuperação do Farol do Cristovão Pereira, publicado no site www.popa.com.br mostra muito bem esse seu lado de bom samaritano.

> No dia 18 de setembro corrente, eu, Charles Berçot, juntamente com o Adriano Becker, em um Guanabara [Ibaré] e, a reboque, um O'Day 12 [Beluga], cruzamos a Lagoa dos Patos em direção ao farol Cristóvão Pereira, saímos as 09h45 do dia 18 e chegamos ao outro lado [atracamos] às 16h15, exatamente 06h30 de travessia, muito tranquila, apesar da fome, o que nos ansiava para chegada e o início do almoço. [...]
>
> No domingo dia 19, pela manhã, resolvemos fazer um rapel no farol, o que conseguimos com facilidade, lá chegando fomos a exploração, ao subir no farol nos deparamos com a placa solar, caída e com um dos fios de alimentação solto, fizemos o conserto da melhor forma possível e fixamos novamente a placa solar.

O Coronel PM Sérgio Pastl faz o seguinte relato a respeito do deslocamento dele e do Comandante Norberto Weiberg desde o Clube Náutico Tapense (CNT) até o Clube Náutico de Arambaré (CNA) no "*Hagar*":

> Saímos com o Hagar do CNT às 15h30 de 16.04.2012, contornado a Ponta da Helena ao anoitecer, e velejamos à noite na enseada de Arambaré. O Farolete que marca o ponto do canal está às escuras, de modo que fomos pelas luzes da cidade e por marca do GPS da Foz do Arroio Velhaco, capturado no Google pelo Norberto. A cerca de umas duas milhas ainda longe da cidade, o Norberto chamou no rádio portátil na frequência marítima, canal 16, e o Charles Berçot atendeu, estava de plantão, como aficionado radio amador que é, além de grande nauta. Gentilmente deslocou-se até a extremidade Norte da cidade, sinalizando com os faróis de seu carro, e depois foi até a Foz do Arroio, que está literalmente bloqueada não por um banco de areia, mas sim por um morro de areia.

Orientou-nos a prosseguir mais 500 m para o Sul, rente à costa, e então subir rumo Norte, já por dentro do alfaque ([170]). Não fosse ele, sem nenhuma chance, teríamos que aportar na praia e arrastar o Hagar a braços até a Foz. Ainda na Foz, nos indicou um tronco encalhado a desviar, e nos acompanhou até ancorarmos na marina. Como reza a tradição do Mar, o marujo é hospitaleiro, sábio e voluntarioso.

Apenas para ilustrar, nos anos 2004 ele foi com um veleiro Guanabara e parceiros até o Farol Cristóvão Pereira, e restaurou sua luz de sinalização, sem ônus para o Estado nem para a União. Soube, também, pelo guarda da noite do Clube que, quando ele estava na Comodoria do Clube, instalou às suas expensas uma estação de rádio e treinou os funcionários para ficarem na escuta 24 h, para apoiar navegadores ao largo, mas a nova Comodoria decidiu retirar o equipamento. O homem é um grande altruísta, além de outras cavalheirescas virtudes, brindando-nos com um gostoso vinho naquela noite fria, quando o Nordeste nos incomodava [molhadinhos até os ossos, né]. No Clube nos ajeitou local para a barraca, o uso da cozinha do Clube e seu quiosque e demais dependências, sem custo, um fidalgo verdadeiro. Estou em dívida com ele e espero poder retribuir oportunamente.

Partimos cedo, 06h30, contando mais uma vez com o apoio dos amigos brigadianos. Os ventos de proa freavam nosso deslocamento e só aportamos na Ponta da Helena (30°52’43,9” S / 51°23’22,1” O) às 08h20. Depois de contornar a Ponta da Helena observamos contritos os bosques de “*pinus*”, ao longe, ultrapassando as permeáveis cercas que os confinam.

---

[170] Alfaque: banco de areia.

Os proprietários destes nefastos bosques deveriam ser responsabilizados no sentido de manter incólume a região vizinha às suas plantações caso contrário as próximas gerações só terão conhecimento dos pretéritos bosques nativos por fotografias.

Prosseguimos rumo Norte e antes de penetrarmos na enorme enseada conhecida como "*Saco de Tapes*" fizemos uma parada, às 12h20, em um canal onde o Cel Pastl preparou um lauto almoço. Depois do almoço piquei a voga para fugir da poluição das águas do Saco de Tapes caracterizada pelo mau cheiro insuportável e pela espuma que flutuava na superfície das águas. Aportamos no Clube Náutico Tapense às 15h45.

Tapes a Namorada da Lagoa (17 a 18.04.2012)

O Coronel Pastl regressou, de ônibus, à Porto Alegre, depois de nos instalar confortavelmente na residência de seus parentes. No dia seguinte (18.04.2012) de manhã, nos despedimos do Comandante Norberto Weiberg e, à tarde, nos instalamos na sauna do Clube Náutico Tapense o que nos permitiria realizar as pesquisas necessárias na cidade e partir de manhã sem grandes transtornos.

Depois de visitarmos a Casa de Cultura, onde selecionamos e imprimimos o material relevante e jantarmos na cidade nos recolhemos às instalações da sauna do Clube para pernoite.

Partida para a Ponta da Formiga (19.04.2012)

Partimos às 06h30. Os ventos de Oeste de 6 nós (10,8 km/h) permitiam que atacássemos diretamente o estreito da Restinga do Pontal de Tapes, a 13 km de distância, onde aproamos.

Chegamos ao estreito às 08h05, uma média superior aos 8 km/h, carregamos os caiaques e as tralhas pelo estreito para a face Este do Pontal. Comuniquei nossa passagem ao Cel Pastl e ao Cel Araújo, do CMPA.

Fizemos uma parada às dez horas na única Ilha de mata nativa imersa no emaranhado dos pinus, onde existia o acampamento de um solitário pescador e uma matilha de cães, e depois, às 11h55, nos eucaliptos na costa de Santo Antônio (30°32’37’’ S / 51°17’33’’ O).

Fizemos outra parada, às 13h48, na região onde havíamos resgatado o caiaque Anaico pilotado pelo Hélio no ano passado (30°29’44,2” S / 51°16’23,5” O). Procurei duna mais alta e informei, via celular, ao Cel Pastl que iríamos continuar até o Morro da Formiga aproveitando as condições do tempo.

Aportamos nas Falésias (30°26’07” S / 51°14’19” O) às 14h24. Subimos nas enormes Dunas de areia onde consegui contatar minha filha Vanessa, a Rosângela e o Cel Araújo e desfrutar da visão panorâmica privilegiada do local. Do alto podia-se avistar a Nordeste a Ilha do Veado e o Morro da Formiga, a Este a Ilha do Barba Negra e ao Sul o Pontal de Tapes. Partimos às 15h10 para nosso objetivo final que se encontrava a apenas 10 km de distância.

Chegamos ao acampamento de pescadores na Praia do Canto do Morro da Formiga (30°25’34” S / 51°08’31” O), às 16h20, onde fomos muito bem recebidos por eles. Nosso anfitrião foi o Sr. Vladimir S. Rodrigues que nos proporcionou um beliche para dormir, e um jantar soberbo onde não faltou uma saborosa feijoada e peixe frito sem espinha que ele mesmo preparou.

O Vladimir é um gráfico aposentado que complementa sua renda familiar com a pesca, cidadão bem informado discorre com fluência invulgar sobre os mais diversos temas. Tive a oportunidade de apreciar, neste dia, um pôr do Sol magnífico carregado de matizes suaves e nostálgicos que se refletiam sobre a Laguna. Era um sinal carinhoso de despedida desta querida amiga que por diversas vezes nos recebeu em seu seio, algumas vezes um tanto mal humorada e agressiva outras, porém, terna e carinhosa.

Partida para a Vila de Itapoã (20.04.2012)

Saímos sem pressa, às 07h25, estávamos muito adiantados na nossa programação, poderíamos aportar hoje mesmo em Ipanema, mas resolvemos manter a data/hora da chegada sem alteração. Os cardumes de tainhas brincavam nas águas rasas e mornas ao longo da Ponta da Formiga e da Ponta da Faxina.

Fizemos uma parada em uma falésia de areias douradas na Ponta da Faxina e de lá ficamos observando as belas paisagens da Laguna e do Guaíba.

Saímos, às 09h47, rumo à Ilha do Junco. Contornamos sua face Sul e aportamos nas praias de Leste, às 10h10. Aproveitei para lavar minha roupa e enviar uma mensagem para o Cel Pastl que partira de Tapes, acompanhado do Major PM Martins no veleiro Ana Claci. Fomos abordados por uma equipe de fiscalização do parque que informaram que era proibido desembarcar na Ilha. Havíamos parado apenas para descanso antes de continuar nossa jornada, mas, segundo eles, nem isso era permitido. Leis e regulamentos idiotas em um país onde tantas outras insanidades prevalecem sobre o bom senso.

Partimos às 11h00 para o último lance deste curto dia rumo à Vila de Itapoã. Passamos pela Ilha das Pombas, às 11h35, e aportamos na Vila, às 12h15. Instalamo-nos na Pousada dos Quiosques e aguardamos notícia da equipe de apoio que chegou por voltadas das 14h00. O Major PM Martins assou algumas tainhas no quiosque da Pousada que degustamos com prazer. Depois do almoço a equipe de apoio partiu para o estaleiro do Sr. Lessa.

Partida para a I. do Chico Manoel (21.04.2012)

> A Ilha Francisco Manoel, ou "*Chico Manoel*", como os frequentadores a chamam, sempre foi um ponto de atração dos velejadores em seus passeios e excursões pelo Guaíba. Oferece abrigo natural a todos os ventos e o seu uso indiscriminado estava causando a sua gradativa depredação, quer por navegadores inescrupulosos, com relação à ecologia, como por pescadores que ali acampavam. Ao assumir a Comodoria, Mário Bento Hoffmeister, ouviu do ex-Comodoro Jorge G. Bertschinger que a Ilha Francisco Manoel estava abandonada e seria oportuno tentar conquistá-la para o Veleiros. Em entrevista com o governador Ildo Meneguetti, ele mostrou franca receptividade. Em segunda audiência, o governador comunicou que não "*doaria*" a Ilha ao Veleiros, mas concederia o seu uso por 99 anos.
>
> No dia 30.06.1966, o Governador do Estado, Meneguetti, o secretário da fazenda Ary Burger e o secretário dos transportes Tertuliano Borfill assinaram o Decreto n° 17946 com cessão por 99 anos à Sociedade Náutica Veleiros do Sul, da Ilha Francisco Manoel. Na ocasião da doação, a Ilha possuía apenas, além de dois molhes de pedra, uma velha casa de madeira do ex-DEPREC, a cabana do velho pescador que lá residia, e o marco de triangulação geodésica [...] (Veleiros do Sul, 28.01.2011)

Parti às 11h00. O Hélio ficou aguardando a esposa e a filha na Pousada dos Quiosques. Contatei, no percurso, alguns amigos canoístas e aportei na Ilha do Chico Manoel, por volta das 15h00, onde fiquei aguardando o Hélio que estava com a barraca para montar acampamento. O Hélio me comunicou, mais tarde, que viria somente no dia seguinte.

Improvisei um acampamento debaixo de uma mesa, ao relento, e me preparei para descansar até que o pessoal do Clube Veleiros do Sul apareceu e preocupados com meu conforto insistiram para que eu ocupasse as instalações do Clube para acantonar.

Foi um socorro muito bem vindo, pois durante a noite a temperatura caiu bastante. De manhã fiquei conversando com um grupo de velejadores dentre os quais se incluía o Comandante Luiz Alberto Pereira Morandi, Prefeito da Ilha, a quem eu havia solicitado, anteriormente, autorização para pernoitar na Ilha.

É impressionante verificar como a irmandade de remos e velas se entende, temos, sem dúvida, a mesma afinidade e respeito pelas águas e a natureza em geral, conduta muito diferente daqueles que fazem uso das embarcações a motor.

Lembro que, no ano passado, visitando a paradisíaca Ilha do Chico Manoel, eu observava encantado os velejadores e familiares desfrutando do aprazível local e degustando placidamente seu almoço até que chegou um grupo de seis pilotos de Jet Ski. Os mal-educados pilotos aceleravam ao máximo seus motores a poucos metros da praia provocando, além da poluição sonora, a poluição química num total desprezo à natureza e aos velejadores e familiares que ali se encontravam.

DIÁRIO DE VIAMÃO

SEXTA-FEIRA | VIAMÃO | 27 DE ABRIL DE 2012 | ANO 6 | Nº 1444

AVENTURA

NA RAÇA E NO BRAÇO

Professor Hiram Silva, 61 (foto), remou cerca de 300 quilômetros entre as praias do Laranjal, em Pelotas, e Ipanema, na Capital com direito a uma paradinha em Itapuã.

Ele teve a companhia do colega e Hélio Bandeira, 52, morador de Viamão.

Páginas 4 e 5

Arquivo pessoal /Grupo CG

Imagem 30 – Diário de Viamão

Partida para a Praia de Ipanema (22.04.2012)

O Hélio finalmente chegou e permanecemos durante algum tempo na Ilha conversando com os velejadores até as 11h00 quando partimos, sem pressa, para nosso objetivo final. Fomos acompanhados por um dos velejadores até as proximidades da Ponta Grossa.

Acostamos pouco antes das 15h00 e, embora nossa Travessia constasse como uma atividade oficial das Programações do Centenário do CMPA, apenas o caro amigo e Ir:. Coronel Leonardo Roberto Carvalho de ARAÚJO, Chefe da Seção Comunicação Social do CMPA nos aguardava. Obrigado "*Mano Velho*", são pessoas como você que nos motivam a prosseguir.

> Após vocês enfrentarem uma tempestade com ondas de mais de 2 m, virarem os caiaques, arriscarem a vida e remarem tanto, era o mínimo que eu poderia fazer.

Ficou célebre a frase de Harry Potter em "*As Relíquias da Morte: Parte 2*": "*O que importa é o grau de comprometimento envolvido numa causa, e não o número de seguidores!*" (Leonardo Araújo)

Colégio Militar de Porto Alegre (27.04.2012)

Jornal destaca navegadores que remaram por 300 km comemorando o Centenário do CMPA

Com o título "*Na raça e no braço*", o jornal Diário de Viamão publicou hoje (27) uma reportagem especial de duas páginas sobre a aventura dos professores do CMPA Cel Hiram Reis e Hélio Bandeira, que navegaram por cerca de 300 km em caiaques, de Pelotas a Porto Alegre, em homenagem ao Centenário do Colégio Militar de Porto Alegre. (Leonardo Araújo)

Travessia do Mar de Dentro

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota. (Theodore Roosevelt)

Propomo-nos, nesta "*V Travessia da Laguna dos Patos*", realizar o apoio fluvial aproximado ao amigo Leandro Fraga, o "*Raí*", que projetara atravessar o "*Mar de Dentro*", pela margem Oriental, sua Margem mais hostil, pilotando uma prancha de Stand Up Pladdle.

Desafiando o "*Mar de Dentro*"

O "*Raí*" projetara percorrer o trajeto entre Porto Alegre e a Praia de Cassino singrando parte do Rio Guaíba e a Laguna dos Patos. A inédita jornada enfrentaria as adversas condições climáticas e as grandes vagas da Laguna.

Apoio Logístico

O "*Raí*" contava com apoio terrestre proporcionado pelo Ir:. Rodrigo Patrício – o "*Chico*" (produtor e piloto off road) e Jaime (piloto off road), com suas viaturas 4x4 e apoio fluvial executado pelos dois caiaques oceânicos, modelo Cabo Horn da Opium FiberGlass, pilotados pelo Professor Hélio Riche Bandeira e eu além do veleiro "*Ana Claci*" capitaneado pelos tarimbados Comandantes Cel PM Sérgio Pastl e Norberto Weiberg. A cobertura foi realizada pelos nossos novos e caros amigos Juliano Ambrosini (diretor e câmera), Fernando Rossa (assistente de direção e som direto), Gerson Silva (diretor de fotografia), Deise Campos e Luciano Schoeler (apoio de produção).

Preparativos Finais (03.01.2014)

Resolvi pernoitar na Raia 1, nosso local de partida. O Hélio veio à tarde para deixar o seu caiaque e aproveitei para ir com ele, de carona, até a Marina do Lessa deixar parte do material que seria transportado pelo veleiro "*Ana Claci*". Lá encontramos nossos diletos amigos Pastl e Norberto. Estes dois pilotos já nos acompanharam em outras jornadas pela Laguna e conhecem, como poucos, os segredos daquelas paragens.

Partida da Raia 1 (04.01.2014)

Hoje pela manhã, partimos, por volta das 05h30. A cobertura realizada pela reportagem condicionou nossa largada à luminosidade necessária para a tomada de imagens. Como sempre eu teria preferido partir mais cedo quando as massas d'água estão mais calmas e assistir ao romper da aurora depois de ter remado por mais de uma hora. Aproveitamos a calmaria para aproar diretamente para a Ponta Grossa e acompanhamos lentamente a progressão da Stand Up Pladdle a uma média de 4,7 km/h. Fizemos nossa primeira parada na face Sul da Ponta Grossa.

Depois de um breve descanso partimos e eu fui à frente com o objetivo de aportar próximo à Ilha das Pedras, nas proximidades de Belém Novo, para fotografá-los. O "*Raí*", porém, resolveu margear, evitando o vento, passando distante da Ilha e tive de me contentar com as imagens de gaivotas que por ali perambulavam. Fizemos nova parada na ponta do Arado Velho e partimos para a Ilha do Chico Manoel. No caminho o Hélio teve de fazer uma parada pois estava

sentindo fortes dores em decorrência de uma pedra nos rins. Encontrei o veleiro Ana Claci, nas proximidades da Marina do Lessa, e estava voltando para verificar o que acontecera com o Hélio quando o Cel Pastl me chamou e disse que ele telefonara avisando que logo estaria em condições de prosseguir.

O veleiro seguiu rumo a Itapoã e nós aportamos na Ilha do Chico Manoel onde ingerimos algumas frutas e sucos antes de prosseguirmos. Navegamos com destino à Praia Lami passando pela Ponta do Coati e pela bela reserva do Lami onde fizemos mais uma breve parada. Depois de contornarmos a face Sul da Ponta avistamos uma placa que recomendava uma distância mínima de 200 m da Área de Proteção Ambiental, o único problema é que só se conseguia ler o que estava escrito quando se estava a uns 20 m dela, uma armadilha, talvez, dos talibãs verdes e ecoxiitas.

Paramos no Lami onde se encontravam o Juliano, o Rodrigo e o Fernando. Os ventos fracos não prejudicavam a progressão dos caiaques, mas dificultavam a navegação para o "*Raí*" que precisava margear aumentando significativamente o trajeto. Fizemos mais duas breves paradas antes de aportar definitivamente no restaurante Butiá do Sr. Henrique Möller, em Itapuã, depois de remar quase cinquenta quilômetros. O Henrique permitiu que acantonássemos nas suas instalações e nos brindou com um churrasco.

Rumo à Varzinha (05.01.2014)

O segundo dia foi todo de "*vento em popa*". O vento do quadrante Norte nos empurrou até o Farol de Itapuã, onde realizamos uma breve parada na "*Praia da Fortaleza*".

Seguindo viagem contornarmos a “*Ponta da Espia*” – rumo Leste, o vento amigo mudou, então, vindo do quadrante Oeste. Ao transpor a Ponta avistamos as duas enormes argolas, de uns trinta centímetros de diâmetro, “*fixadas às rochas com chumbo derretido*”, que faziam parte de um sistema que dá nome à Ponta (Espia). Aportamos na bela Praia do Tigre para um breve descanso sob os olhos atentos da tripulação do “*Ana Claci*”.

Prosseguimos margeando os quase 15 km da “*Praia de Fora*” onde avistei uma capivara passeando languidamente. Fiz uma parada aguardando meus parceiros, mas o “*Raí*” passou ao largo direto e segui em frente, então, estacionando em um pequeno bosque de eucaliptos de onde poderíamos realizar uma travessia terrestre economizando energia, mas o “*Raí*” preferiu contornar todo o “*Pontal das Desertas*” acompanhado de perto pelo veleiro. Eu e o Hélio carregamos nossos caiaques e bagagens para a margem oposta e mergulhamos nas límpidas águas da Laguna onde ficamos aguardando nosso parceiro chegar. Daquele ponto podíamos avistar nosso destino – a “*Praia da Varzinha*”.

O vento, mais uma vez, nos ajudou e mudou vindo agora do quadrante Sul nos empurrando até a Varzinha. Chegamos bem e a equipe de terra já tinha tomado todas as medidas administrativas necessárias junto ao Sr. Norberto Richard Bauer, administrador do Camping da Varzinha. O acampamento tinha sido montado impecavelmente onde foi servida, logo após o banho, uma refeição saborosa preparada pelo Fernando e os caiaques, por segurança, foram armazenados na própria residência do Richard. Percorremos, neste dia, pouco mais de 40 km.

Rumo à Fazenda Vitória (06.01.2014)

Partimos cedo rumo à "*Ponta do Abreu*" e depois de uma breve parada rumamos para a "*Ponta do Anastácio*" desviando da Boca da Lagoa do Casamento. O vento de Este obrigou o Raí a se afastar da rota forçando-o a fazer uma longa curva aumentando consideravelmente o trajeto. Remei diretamente para a "*Ponta do Anastácio*", onde deveria estar ancorado o "*Ana Claci*", de onde poderíamos acompanhar atentamente o deslocamento do Hélio e do "*Raí*" e intervir caso necessário. Felizmente os navegadores chegaram bem e pudemos curtir, juntos, as belezas e o encantamento deste aprazível local. Tão agradável que motivou a toda equipe do "*Ana Claci*" desembarcar o que no caso de meu caro amigo Coronel Pastl é uma raridade. Os amigos cumprimentaram-me efusivamente pelo meu natalício. Desde janeiro de 2009 que comemoro meu aniversário na Amazônia. Como percorri o Rio Tapajós na sua estiagem, em outubro do ano passado (2013), pude, desta feita, celebrar o dia em que nasci nas plagas gaúchas.

Partimos rumo Sul e o vento forte, vindo de Este, atrapalhou, significativamente, o deslocamento do "*Raí*". Nossos caiaques deslocavam-se a 4 km/h sem o auxílio do remo e a prancha do "*Raí*" parecia ancorada. Fomos algumas vezes até o veleiro degustar alguns petiscos e continuamos, lentamente, acompanhando o "*Raí*" até que avistei, ao longe, o local onde, na minha primeira descida pela margem Oriental, eu procurara abrigo e pernoitara. Fui até lá conversar com o encarregado para termos uma opção de acampamento caso não conseguíssemos chegar ao nosso destino. Já tinha acertado todos os detalhes com o capataz quando o Hélio surgiu ao longe.

O caro amigo informou que o "*Raí*" estava vindo devagar e que seria, mais tarde, rebocado enquanto nós deveríamos nos deslocar direto para a Fazenda Vitória.

As vagas tinham aumentado substancialmente mas os dois "*Cabo Horn*" da Opium FiberGlass simplesmente não tomavam conhecimento das mesmas. Depois de remarmos sem parar vinte quilômetros avistamos o jeep do "*Chico*" exatamente nas coordenadas estabelecidas. Ele deslocou a viatura até uma casinha de madeira próxima a um canal de irrigação onde acamparíamos devidamente autorizados pelo proprietário Sr. Silvio Machado da Costa.

Adentramos no Canal e preparamo-nos para o pernoite. O veleiro, rebocando o "*Raí*" chegou quando o Sol já se punha no horizonte. Mais uma vez o Fernando foi nosso mestre cuca e depois do jantar a equipe apresentou um bolo de aniversário com velinha e tudo que foi degustado por todos. Abaixo transcrevemos o texto da equipe de apoio terrestre:

> Hoje a saída da equipe foi às 05h30, aproveitando o início do dia com iluminação boa e Sol fraco. A tendência é percorrer mais 60 km e chegar a Palmares do Sul. O contato com a equipe que participa da Travessia está cada vez mais difícil devido ao péssimo sinal de telefonia na região. A pouco tempo conseguimos contato com o "*Raí*" e as notícias não são nada boas. Hoje a Laguna mostrou sua face, um vento muito forte entrou e prejudicou a remada. A situação foi de risco, as ondas atingiram meio metro e Raí ficou à deriva, precisando ser rebocado por 20 km pelo veleiro de apoio. Além disso, ele só conseguiu ficar na água por outros 40 Km com a ajuda dos Caiaques do Coronel Hiram e do Professor Hélio.

Ambos são exímios conhecedores da Laguna e puderam dar suporte ao atleta. Os ventos, porém, colocam em xeque a continuidade do projeto, pois um ciclone se aproxima nos próximos dias e continuar a remar pode colocar em risco a vida de algum integrante da equipe. No momento, toda a trupe está reunida na Fazenda da Vitória em Mostardas e aguarda o dia de amanhã para verificar as condições climáticas futuras com mais certeza. Após isso, será reavaliada a continuidade do projeto. Abaixo uma mensagem do Raí e da equipe, após saberem das mensagens de apoio recebidas por aqui:

> Galera estou de uma forma ou de outra, recebendo todas as vibrações positivas de vocês, mas o desafio é grande. Estou indo do céu ao inferno dentro da Laguna. Nunca passei por algo assim! Obrigado por todo apoio, isso é muito importante para nós. Obrigado! Leandro Raí e toda a equipe Travessia Mar de Dentro.

Rumo ao Porto do Barquinho (07.01.2014)

Partimos eu e o Hélio e deixamos o "Raí" consertando sua prancha. Não havia garantia de que ele iria remar hoje. As vagas, vindo de Noroeste, chegavam a 1,5 m, mas, eram cheias e regulares de modo que não prejudicavam, absolutamente, a progressão dos caiaques oceânicos que navegavam em águas conhecidas. Fizemos apenas uma parada antes da Ponta de "*São Simão*", a biodiversidade nos encantava nunca havia avistado tamanha quantidade de capororocas, eram bandos enormes pousados mariscando nas praias ou singrando horizontes.

Um pouco antes da Ponta de "*São Simão*" o pesadelo verde das monótonas, estéreis e uniformes plantações de Pinus mais um vez nos assombraram.

Infelizmente aqui, diferente de Santa Catarina, as autoridades são criminosamente omissas em relação à esta invasão arbórea alienígena que sufoca, oprime e esmaga a biodiversidade de nossa costa litorânea sem dó nem piedade interferindo na geografia do terreno e consequentemente prejudicando a flora e fauna lacustre como atestam as pesquisas de Gianuca e Tagliani:

> A retração do setor agrícola e pesqueiro a partir da década de 70 e a desvalorização das propriedades rurais resultaram em condições propícias para a expansão do setor florestal, representado principalmente pela exploração de pinus.
>
> Na região do Distrito do Estreito a maioria dos plantios em grande escala foi estabelecida sobre planícies arenosas próximas à praia.
>
> Foram analisados em um Sistema de Informações Geográficas dois cenários (1964 e 2007) e, a partir da elaboração de mapas temáticos e análise ambiental, constatou-se que os florestamentos de pinus quando implantados próximos à praia, podem ser responsáveis por alterações na dinâmica de ambientes costeiros como dunas, brejos úmidos, banhados, Lagoas e campos.
>
> Na área de estudo, as plantações de pinus ocupam 1.581 hectares, estabelecidas sobre dunas transgressivas e brejos úmidos.
>
> Esses plantios próximos ao sistema de dunas podem ter interferido no processo de migração de dunas transgressivas em direção as Lagoas e banhados, e também, barrando o transporte eólico lateral que alimentava planícies arenosas localizadas ao Sul da área de estudo, onde atualmente ocorrem brejos úmidos.

> O efeito de barreira causado pelos plantios pode ter resultado no represamento das águas do sistema de Lagoas do Estreito, diminuindo o número de sangradouros.
>
> Essas alterações interferem nos processos naturais e podem causar a homogeneização da paisagem, fragmentação de habitat e perda de biodiversidade. (GIANUCA & TAGLIANI)

Chegamos exatamente às 15h00 no Porto do Barquinho, em Mostardas, depois de remar tranquilamente 50 km. A equipe de terra já estava a postos e aguardamos ansiosos a chegada do "*Raí*" e do veleiro. Decidi, pela primeira vez nesta jornada dormir na barraca com o Hélio já que, com o tempo bom e a noite estrelada, dormir ao relento era muito mais agradável.

O "*Raí*" chegou antes do veleiro, ele fora rebocado até a "*Ponta de São Simão*" e dali, enquanto o veleiro contornava o enorme banco de areia, rumou direto para o Barquinho.

A noite foi extremamente agradável, o pai do "*Chico*" – Ir:. Jaime, um veterano jipeiro, preparou saborosos bifes na chapa. Nuvens carregadas surgiram no horizonte e, preocupado, indaguei ao Cmt Pastl se havia alguma previsão de ciclone, ele me afiançou que sim, mas que os "*especialistas*" afirmavam que o mesmo passaria longe de nós, no Atlântico, e com essa informação nos recolhemos às nossas barracas permanecendo embarcados apenas o Pastl e o Norberto.

A temperatura dentro da barraca estava insuportável até que por volta das 02h00 fomos brindados por uma leve e fresca brisa.

Não demorou muito para que este tão almejado alívio se transformasse em pesadelo, um ciclone, com ventos superiores aos 100 km/h zunia sobre nosso frágil acampamento. Segurávamos fortemente os estais da barraca enquanto a água passava pelo forro "*impermeável*" encharcando tudo, tentei, várias vezes, rezar o Padre Nosso, mas o pavor fazia-me esquecer a letra da tão conhecida prece. Durante uns trinta minutos o vento açoitou nossas barracas até que cessou tão de repente como começara sobrevindo uma abençoada calmaria.

Depois de verificarmos se todos no acampamento estavam bem voltamos nossa atenção para o veleiro. O Chico informou que luzes de lanternas piscavam em um dos molhes, a localização, porém, era bastante diversa da de onde estivera ancorado o Veleiro e achei que podia se tratar de um barco de pescadores.

Resolvemos que o "*Raí*" deveria ir até lá verificar, a prancha era mais fácil de colocar na água do que os caiaques, e ficamos momentaneamente aliviados quando ouvimos o Cel Pastl gritar que estava tudo bem. O "*Raí*" ao voltar afirmou que os Comandantes estavam bem, mas que o veleiro naufragara, custamos a acreditar que não era uma brincadeira de mau gosto. O "*Raí*" disse que os dois estavam embrulhados em uma lona nas pedras e que tinham intenção de ali permanecer até o clarear o dia.

Coloquei minha lanterna de cabeça, pusemos meu caiaque e um bote de borracha na água, amarrei o bote ao caiaque, e fui resgatá-los. Os bravos marinheiros tinham conseguido tirar grande parte da carga do Ana Claci antes que este afundasse.

As três ancoras tinha sido arrancadas, o veleiro arrojado contra as pedras escorregadias, mas felizmente os dois estavam bem.

Porto do Barquinho (08.01.2014)

O Capitão pescador Jaime de Souza Laguna, seus Auxiliares Juarez de Souza Laguna e Leonardo de Souza Laguna se prontificaram a resgatar o "*Ana Claci*". A exaustiva operação envolveu todos os participantes da Travessia até as 23h30 quando então o veleiro ficou numa posição que permitiria rebocá-lo por um trator desde a margem. Abaixo a nota da equipe de apoio:

> Entre os dias 07 e 08 de janeiro um ciclone extratropical atingiu a Laguna dos Patos com ventos de mais de 100 km/h que naufragaram o veleiro que prestava suporte ao Leandro Raí e ao restante da equipe. Durante o dia de ontem, o trabalho foi para resgatar o veleiro. Uma tarefa manual, árdua e exaustiva para toda equipe.

Nesta difícil e extenuante operação de resgate pude comprovar o valor destes jovens que deram mostras de uma dedicação, entusiasmo e força de vontade que raras vezes tive a chance de observar. Meus parabéns a esta valorosa equipe e contem conosco para dar continuidade a este projeto ou a outros similares – "*Tâmo Junto!!!*".

Levando a Bordo El–Rei D. Sebastião

(Fernando Pessoa)

II. HORIZONTE

O Mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidéreo ([171])
Resplendia sobre as naus da iniciação ([172]).
Linha severa da longínqua costa –
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstrata linha
O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade. [...]

XII. PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.
Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.
Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistaremos a Distância –
Do mar ou outra, mas que seja nossa! [...]

---

[171] Sul sidéreo: ou sul celeste, referindo-se à constelação Cruzeiro do Sul que indica a direção do polo Sul.

[172] Resplendia sobre as naus da iniciação: brilhava sobre as naus que demandavam o desconhecido para o desvendar.

Circunavegação da Laguna dos Patos

A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como procede em tempos de controvérsia e desafio. (Martin Luther King)

Nossa proposta para esta "*VI Jornada na Laguna dos Patos*" era a de realizar a sua Circunavegação, partindo da Varzinha rumo Sul pela Margem Oriental, atravessando-a na altura da Ilha Marechal Deodoro e retornando pela Margem Ocidental desde a Ilha da Feitoria até Ipanema.

Preparativos Finais (12.05.2015)

O Norberto Weiberg e suas filhas Caroline e Anelise passaram em minha residência onde atrelamos o caiaque ao reboque que já carregava o veleiro "*Corais*", modelo "*Day Sailer*", e nos deslocamos até a Varzinha. No Camping da Varzinha (30°19'19,8" S / 50°54'24,9" O) foi preciso contar com o concurso de um trator para lançar o veleiro n'água. Colocamos o mastro no "*Corais*" e montamos o acampamento, por questão de segurança, na praia, em terreno descampado, próximo às embarcações e à nossa carga. Usamos o caiaque como quebra vento para diminuir a força do vento NE, superior a 20 km/h, que golpeou, sem trégua, a barraca durante toda a noite.

Rumo à Fazenda Vitória (13.05.2015)

Propus a construção de duas carretas grandes o suficiente e resistentes o bastante para que se colocasse um lanchão sobre cada uma delas – e a atrelagem de bois e de cavalos na quantidade necessária para puxá-las. Minha proposta foi aceita e eu fui incumbido de levá-la a efeito.
(Giuseppe Garibaldi – DUMAS)

Hoje pela manhã, partimos, por volta das 08h30, com a proa na direção da Ponta do Abreu (30°20’12,1” S / 50°47’44,3” O) e depois de uma breve parada aproamos para a Ponta do Anastácio (30°22’02,7” S / 50°43’46,5” O), limites da Lagoa do Casamento (uma enseada da Laguna dos Patos) palco da memorável manobra levada a efeito por Giuseppe Garibaldi que embora não tenha sido a primeira levada a efeito na história da humanidade, com certeza, surpreendeu as força imperiais. O profundo conhecimento da História e, em especial, da História da Roma Antiga inspiraram Garibaldi a realizar a épica transposição. As águas da Lagoa do Casamento e do Saco do Cocuruto são bem oxigenadas, e apresentam um baixo índice de poluição que pode ser atestado pela quantidade de moluscos que povoam a área. As margens encontram-se em excelente estado de conservação e a vegetação apresenta raros indícios de desmatamento.

Logo depois de reiniciarmos nossa jornada, a vela principal do “*Corais*” rasgou-se totalmente, era um mau sinal, o Comandante Norberto teria agora de contentar-se apenas com a bujarrona ([173]) e o motorzinho de popa para a navegação.

Aportamos a algumas dezenas de metros ao Norte da Fazenda Vitória. A semelhança do terreno, da tomada d’água e de um barracão próximo a mesma induziram-nos ao erro. Acampamos novamente na praia e depois do jantar preparado pelo Comandante Norberto dormimos. O vento, desta feita, dera-nos uma trégua e a noite foi bastante tranquila.

---

[173] Bujarrona: vela que se iça no mastro principal e fica presa ao estai de proa. O curioso nome foi dado em função da semelhança com o formato de um bujão que a vela assume ao ser enfunada pelo vento.

Rumo ao Porto do Barquinho (14.05.2015)

Andando à beira do Mar da Galileia, Ele viu dois irmãos, Simão, que é chamado Pedro, e André, seu irmão, abaixando uma rede no Mar, pois eram pescadores. (Mateus 4:18)

Quando partimos, de manhã cedo, avistamos um pescador que recém começara a inspecionar uma de suas redes. Em seu barco 50 quilos de traíras mostravam que a pescaria noturna fora altamente compensadora. O vento Nordeste baixara em mais de 20 cm o nível das águas forçando-nos a empurrar o "*Corais*" sobre alguns bancos de areias antes submersos. Os avistamentos de enormes bandos de capororocas (Coscoroba coscoroba) tornavam-se cada vez mais frequentes. Tanto o nome científico como o popular lembram o som emitido pela ave (onomatopeia).

O Comandante Norberto perdera-se de mim desde a última parada. O Sol estava alinhado com minha posição e isso impedia que ele me avistasse, mas, como tínhamos combinado de nos encontrar na Ponta de São Simão, quando lá cheguei encontrei-o. Pedi que ele fosse à frente contatar nosso velho amigo pescador o conhecido o Sr. Jaime de Souza Laguna.

Depois de remar 115 km em dois dias mantendo uma média de pouco mais de oito horas de remo diárias eu aportara com tranquilidade no Porto do Barquinho. Quando lá cheguei apoiado pelo Sr. Jaime e mais dois pescadores arrastamos o veleiro para a margem para poder drenar a água que se infiltrara pela caixa da bolina. O veleiro usado, que meu amigo comprara, vinha apresentando problemas desde o primeiro dia de navegação.

Montamos nossos colchões na casa do Sr. Jaime e deitamos aguardando o fruto de sua pescaria. Como o companheiro tardasse demais acabamos adormecendo sem ter jantado.

Rumo ao Farol Capão da Marca (15.05.2015)

O canal navegável na Lagoa dos Patos segue paralelo à costa Oriental, rumo NE até o Farol Capão da Marca, quando se inflete sensivelmente para o Norte, até o Farol de Itapoã, na Barra do Guaíba. (DNPM)

De manhã empurramos o veleiro para água e partimos aproados para o Farol Cristovão Pereira construído na ponta de idêntico nome.

Ao me aproximar do Banco do Cristovão Pereira avistei dois pescadores que estavam verificando suas redes e enquanto perguntava a eles qual o melhor lugar para a passagem do veleiro o Comandante Norberto já tinha desembarcado e empurrava o "*Corais*" tranquilamente pelo Banco. Fizemos uma pequena parada, às 10h20, no Farol antes de continuarmos nossa jornada.

Na segunda parada, na Ponta do Cristovão Pereira, estendi meus pertences sobre alguns pinheiros que tinham sido cortados anos atrás. A ação das águas tinha erodido, entre dez e vinte metros, as praias Ocidentais da Ponta Cristovão Pereira e os pinheiros que antes ocupavam a terra firme estavam agora mergulhados nas águas tumultuárias da Laguna.

Quando passei por aqui, no dia 12.04.2011, acompanhado do Professor Romeu Henrique Chala a realidade era outra. Os troncos cortados entrelaçavam suas raízes formando um curioso corredor que lembrava o esqueleto de ancestral trapiche (Imagem 36).

Incrustados nos troncos dos carcomidos pinheiros, graciosos cogumelos com colorido forte, de formato elaborado e peculiar tornavam mais terna, mais viva a imagem daquela tétrica necrópole arbórea. As frutificações daqueles fungos superiores lembravam broas de milho torneadas pelas hábeis mãos de celestiais cozinheiros.

Aportamos no Farol Capão da Marca por volta da 17h20, depois de remar 46 km. Novamente acampamos na beira da praia e como as marcas de pneus denunciassem a passagem de veículos por ali providenciei a colocação de obstáculos além de deixar o lampião elétrico aceso durante toda a noite. O Comandante Norberto preparou nosso rancho ao lado do Farol. Após o jantar fomos repousar.

Rumo à Barra Falsa do Bojuru (16.05.2015)

Partimos depois de o Sol nascer. Aproei diretamente para as formidáveis figueiras fotografadas pelo Comandante Geraldo Knippling no seu livro: "*O Guaíba e a Lagoa dos Patos*", onde aportamos por volta das 12h30, depois de ter feito uma parada intermediária. Depois da rápida parada, dirigimo-nos diretamente para o Farol do Bojuru onde o Comandante Norberto conseguiu aproximar-se e ancorar com seu versátil veleiro.

Rumamos, então, diretamente para a Barra Falsa do Bojuru onde poderíamos desfrutar das confortáveis instalações da Fazenda do amigo Paulo Santana, previamente alertado pelo Coronel PM Sérgio Pastl. Os funcionários já tinham sido informados de nossa chegada e além das gentilezas habituais, acomodações limpas, banheiro quente e uma lauta

refeição a base de peixes ainda conseguiram um trator para arrastar o veleiro até a margem para que a água que penetrara no seu casco fosse devidamente drenada. Eu havia remado 50 km neste dia.

Rumo à Ponta dos Lençóis (17.05.2015)

De manhã, nossos novos amigos empurraram o Veleiro para a água e continuamos nossa jornada enfrentando forte neblina que só veio a dissipar-se por volta das 13h00.

O assoreamento obrigava, volta e meia, o veleiro a se afastar da costa e tive de segui-lo para manter o contato visual.

Na segunda parada para descanso indaguei de um ribeirinho sobre a localização da Z2, colônia de pescadores a que pertence meu caro amigo José Luís Jardim da Silva, mais conhecido como Zé do Dedé, e ele nos deu algumas dicas de como nos aproximar contornando o Banco de areia que se estende à frente da Z2. Quando cheguei à Z2, estranhei o avançado estado de degradação da antiga residência do Zé.

Não havia viva alma na colônia e tinha sido construído um sobrado próximo às demais que achei se tratar da nova residência de meu caro amigo que tão gentilmente nos acolhera em 2011. Eu tinha remado 40 km, totalizando 251 km na Costa Ocidental.

Relato Pretérito – Saint-Hilaire (1821)

> À VISTA DA PONTA DOS LENÇÓIS, 24 de junho (1821), nove léguas. – Esta manhã levantamos ancora e reentramos na Lagoa. Percorremos três léguas, com vento fraco; em seguida sobreveio a calmaria e ficamos largo tempo parados.

> À tarde, o vento soprou novamente e nos deixou à entrada do Estreito. Como não se pode entrar, a não ser à vista das balizas, o patrão achou prudente lançar âncora. O dia esteve admirável e quente, a noite está igualmente bela, com o céu estrelado; mas o vento sopra forte demais. (SAINT-HILAIRE)

Rumo à Ilha da Feitoria (18.05.2015)

E é conhecida por Ilha da Feitoria a Ilha de Cangussu, na Lagoa dos Patos, por ter sido nela, por ordem do governo português, estabelecida, em 1785, uma Feitoria para o cultivo do linho, que aí dá de qualidade superior.
(Fernando Luiz Osório)

O Comandante Norberto, através da Carta Náutica, marcou as coordenadas da Ilha Marechal Deodoro no GPS e partimos, encobertos pela bruma, rumo à pequena Ilha artificial. Não é prazeroso navegar sem divisar o continente, sinto falta das praias, do murmúrio dos arroios, das centenárias figueiras, da mata nativa esculpida pelos ventos, das cores das flores dos campos, da beleza invulgar das orquídeas e das bromélias. A névoa durou a manhã inteira e só veio a se desfazer por volta das 13h00.

Depois de navegar 23 km, aportamos na Ilha Mal Deodoro. O cheiro de peixes mortos, descartados pelos pescadores, em decomposição empestava o ar no entorno da Ilha. Fizemos um breve descanso e partimos rumo à Estância Soteia na Ilha da Feitoria. Aportamos, às 14h00, na Estância Soteia, depois de navegar mais 11 km, totalizando 285 km de circunavegação. Fui, imediatamente, fazer contato com o "*Catarina*" (caseiro da fazenda). O Catarina autorizou que acampássemos junto a um tabocal próximo ao trapiche, rebocou o veleiro com um trator para a

margem para que se esgotasse a água do porão e permitiu que usássemos o banheiro, um conforto muito especial para humildes marujos. Depois do banho ficamos conversando com ele até as 19h00 enquanto o Norberto preparava o jantar. Como havia eletricidade, carregamos as baterias do computador e máquinas fotográficas. Subi em um mourão de cerca para conseguir sinal de celular e aproveitei para convidar minha amada Rosângela Maria de Vargas Schardosim para passar um dia comigo em São Lourenço.

Rumo à São Lourenço do Sul (19 a 20.05.2015)

S. Lourenço – Fundou-a, em 1858, Jacob Rheingantz, na Serra das Taipas, Município de Pelotas, com auxílios do governo. Sua prosperidade tem ido gradualmente em aumento. [...] Os colonos dedicam-se à lavoura e à indústria de criação. A produção agrícola consiste em trigo, centeio, cevada, milho, feijão, batatas, etc. (DANTAS)

Partimos cedo, e aportamos na Pérola da Laguna, "*Terra de Todas as Paisagens*", no dia 19.05.2015. A viagem curta (33 km) transcorreu sem maiores alterações, o vento de proa de até 15 km/h não prejudicou por demais a navegação. Consegui, durante a viagem contatar, novamente, a Rosângela que já estava a caminho de São Lourenço do Sul.

Quando nos acercamos da cidade, a Rosângela nos esperava na Foz do Arroio São Lourenço. Aportamos em uma das rampas do Iate Clube de S. Lourenço do Sul, o Norberto acampou nas instalações do Clube e eu e a Rosângela fomos nos hospedar na Pousada da Laguna Apart Hotel. Foi muito bom poder contar, ainda que por apenas um dia, da companhia da minha querida prenda e desfrutar dos confortos da civilização. Totalizamos até agora 318 km de circunavegação.

Rumo à Fazenda Flor da Praia (21.05.2015)

Despedi-me da Rosângela e partimos antes do alvorecer rumo à Fazenda Flor da Praia, para um tiro longo de 53 km. O veleiro do Comandante Norberto apresentou pane no motor de popa, logo depois de ultrapassar a ponta do Quilombo, e voltou para São Lourenço do Sul. Perdi uma hora e meia ao ter de retornar até o veleiro, carregar o material no caiaque e, em virtude disso, não consegui chegar até a Fazenda Flor da Praia.

Tive de pernoitar, confortavelmente, no Engenho (IRGA) onde fui muito bem recepcionado pelo amigo Jarbas e o caseiro que me cobriram de atenções. Tinha remado mais do que o programado (56 km), em virtude da pane do motor de popa do veleiro, totalizando 374 km de circunavegação.

Helmo de Freitas, o "*Carijó Cantador*", nascido na fazenda Flor da Praia, às margens da Laguna dos Patos, Município de Camaquã, foi sempre uma figura destaque nos festivais sulistas. O "*Carijó*" é pesquisador, letrista, musicista e intérprete de suas próprias composições.

Lago Verde-Azul
(Helmo de Freitas)

Um medo de andar solito
Ouvindo vozes e gritos
E até do barco um apito
Na sua imaginação
Olhos esbugalhados
Do moleque assustado,
Olhando aquele Mar bravo
Ora doce, ora salgado
Num temporal de verão. [...]

Tempos que ainda tinha
O bailado da tainha
Quando o boto vinha
Com gaivotas em revoada
E entre outros animais,
No meio dos juncais,
Surgiam patos baguais
E hoje não se vê mais
Este símbolo da aguada. [...]

Rumo à Arambaré (22 a 24.05.2015)

Parti, às 06h15, para Arambaré onde aportei no Clube Náutico local, às 15h20, depois de deleitar-me com a visão ímpar das inúmeras figueiras ao longo do caminho. Percorrera 48 km desde o IRGA até Arambaré, totalizando até agora 422 km. Resolvi pernoitar na Pousada Recanto Gipa e convidar a Rosângela para passar o fim de semana comigo na agradável cidade, evitando navegar enfrentando ventos fortes de proa previstos para o sábado e o domingo.

Em Arambaré recebemos, no sábado (23.05.2015), a visita do grande amigo Pedro Auso Cardoso e, no domingo (24.05.2015), ao ir até o Clube verificar o meu caiaque encontrei os canoístas Rodrigo Ventura Oliveira e Maurício Lima que tinham partido de Jaguarão com destino à Tapes. No percurso de Jaguarão a Pelotas os dois foram acompanhados pelo meu dileto amigo Antônio Buzzo que acompanhou-nos, na Circunavegação da Lagoa Mirim da Ilha Grande do Taquari até a Ponta do Santiago em janeiro de 2015.

Rumo à Costa de Santo Antônio (25.05.2015)

A Rosângela me ajudou a carregar o material até o Clube Náutico e depois o caiaque até o Arroio

Velhaco de onde parti por volta das 06h20. Aproei diretamente para o Pontal D. Helena enfrentando ondas de través de mais de metro geradas por um vento de Sudeste de 20 km/h. Depois de uma breve parada no Pontal, continuei a viagem com a proa voltada para o Pontal de Santo Antônio e aproada com o Sol, que chamejava logo acima da linha do horizonte. Os bancos de areia no entorno do Pontal D. Helena forçavam-me a alterar a rota constantemente. O vento aumentou de intensidade e as ondas de través de mais de metro e meio golpeavam com violência a Alheta de Boreste do meu valoroso caiaque que seguia seu curso impassível como um Lorde britânico, estável, firme, inabalável como um rochedo. Aportei a uns 4 km adiante do Pontal. Subi na duna mais alta e tentei, sem sucesso, falar com o Coronel Pastl e familiares, finalmente consegui me comunicar com a Rosângela e pedi que os mantivesse informados de minha progressão.

O vento e as ondas amainaram, tinha decidido remar forte, sem parar até o pôr-do-sol, quando, de repente, fui convidado a parar no acampamento do simpático pescador Vanderlei Pereira (30°38’56,0” S / 51°18’04,3” O) que me acenava vivamente desde a praia. O acampamento simples primava pela limpeza e higiene, dos 17 cães de outrora só contei quatro agora. É uma parada emergencial bastante interessante, com abrigo e fogão à disposição. Comuniquei-me por telefone com meu pessoal, e, depois de um gole de café, despedi-me do gentil amigo e seus parceiros continuando minha jornada remando forte aproveitando o vento de popa. Aproei rumo às falésias procurando encurtar caminho evitando contornar a longa e suave enseada de Santo Antônio. Por volta das 16h00, apareceram estranhas nuvens encurvadas e resolvi, por segurança, me achegar mais da margem.

Eu tinha de me aproximar, o mais possível, do Morro da Formiga para conseguir, no dia seguinte, aportar na Vila de Itapoã onde me abrigaria na aprazível Pousada dos Quiosques protegido do mau tempo previsto para a quarta-feira (27.05.2015).

Aportei no mesmo local onde eu e o professor Hélio acampáramos, no dia 24.09.2011, e encontrei ali os vestígios da enorme fogueira que acendêramos com o objetivo de sinalizar para o Coronel Pastl. Montei a barraca atrás das dunas e coloquei o caiaque como quebra-vento e ponto de ancoragem da barraca caso os ventos de Este aumentassem. Consegui, de uma duna mais alta à SO do acampamento, falar com a Rosângela e informar-lhe que estava tudo bem. A noite foi tranquila, a duna abrandava razoavelmente as rajadas do vento. Percorrera 63 km, totalizando 485 km.

Rumo à Itapoã (26 a 27.05.2015)

Acordei cedo, comuniquei-me com a Rosângela, desmontei a barraca, preparei as mochilas, arrastei o caiaque vazio para a praia, carreguei o "*Cabo Horn*" e parti às 07h30. Aproei para o acampamento dos pescadores da Praia do Canto do Morro à Oeste do Morro da Formiga.

Enfrentei ondas de até dois metros de altura na Costa de Santo Antônio, felizmente as pachorrentas "*Três Marias*" mais pareciam rechonchudas e morosas matronas romanas, naveguei longe da costa procurando evitar a rebentação.

Aportei, depois de remar 18 km, no acampamento dos pescadores, cumprimentei-os e segui, em seguida, minha rota, já que meu caro amigo

Vlademir S. Rodrigues se encontrava em tratamento de saúde. O acampamento estava, estrategicamente, protegido dos ventos pelo Morro da Formiga.

Logo que contornei a Ponta da Formiga comecei a enfrentar fortes ventos de través e contrariando a orientação dos amigos pescadores rumei direto para o Farol de Itapoã. Logo que atingi a Latitude do Farol procurei me abrigar dos ventos refugiando-me na Costa Leste.

Remei direto até a Pousada dos Quiosques, por 29 km, sem parar totalizando 532 km. Concluí a Circunavegação da Laguna dos Patos, aportando na Vila de Itapoã.

1. *Assim os céus, a terra e todo o seu exército foram acabados.*

2. *E havendo Deus acabado no **dia sétimo** a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito.*
(Bíblia – Gênesis 2:1-3)

Foram 14 dias, com 3 de descanso. Como o Grande Arquiteto do Universo descansaria 2 dias, se tivesse concluído sua criação em duas semanas, eu, um humilde servo do Senhor, tive de parar um dia a mais. Foram 532 km de uma dura prova. Nos três dias de descanso a minha amada Rosângela Maria de Vargas Schardosim estava comigo, uma "*companheiraça*".

Como a previsão do tempo para a quarta-feira (27.05.2015) era de muita chuva e vento optei por permanecer confortavelmente instalado na Pousada dos Quiosques, na Vila de Itapoã. O velhinho não é de ferro!!!

Rumo à Ilha do Chico Manoel (28.05.2015)

Parti da Vila Itapoã, com destino à Ilha do Chico Manoel, às 09h30. As ondas de través de quase três metros golpeavam a Bochecha de Bombordo do meu "*Cabo Horn*" com violência enquanto rajadas de vento de 50 km/h tentavam arrebatar meu remo.

O caiaque, fabricado pelo amigo Fábio Paiva, corcoveava altaneiro sem perder o prumo e a rota. Ao passar próximo aos Pontais as ondas formavam um formidável banzeiro golpeando a proa e a bochecha de Bombordo e Boreste alternadamente. Lembrei-me dos tempos de guri quando gineteava com os irmãos Marcelo e Maurício Fernandes Hunnicutt os novilhos da Fazenda de seu pai em Pouso Alegre nas Minas Gerais.

Aportei às 12h00 na Ilha onde o Toco, alertado pelo amigo velejador Christian Willy, já me aguardava com as instalações em condições. Meu amigo zelador estava empenhado numa pesada faxina em decorrência do temporal do dia anterior. Tomei um banho quente, coloquei uma roupa seca e ingeri massa crua a título de refeição para me recompor. Foi um deslocamento de apenas 17 km, totalizando 549 km.

Rumo Praia de Ipanema (29.05.2015)

Parti às 06h30, o amigo Toco ligara o gerador permitindo que eu arrumasse minha bagagem com mais facilidade. Foi um deslocamento lento e tranquilo até a Ponta Grossa, onde cheguei às 08h45. Aportei na Praia de Ipanema exatamente às 10h00 como programara, depois de remar 18 km, totalizando 567 km. Lá estava o pessoal da Comunicação Social do Comando Militar do Sul, liderados pela Major Mônica.

Dez minutos depois chegou a repórter Lara Ely da Zero Hora que publicou a reportagem no dia seguinte.

Zero Hora, sábado, 30 de maio de 2015

Contra Capa

O Coronel da Lagoa dos Patos: Ondas de quase três metros e vento de 50 km/h são alguns dos desafios que Hiram Reis e Silva, 64 anos, e seu caiaque enfrentaram durante a jornada de 567 quilômetros desde Viamão até Pelotas e de lá até Ipanema. A viagem de 14 dias do militar da reserva pelas águas doces pode virar um livro. **Sua Vida | 28**

Sua Vida – Página 28

Aventura no Mar de Dentro

De caiaque, aos 64 anos, Coronel do Exército concluiu ontem volta completa pela Lagoa dos Patos.

Repórter LARA ELY

Ao desembarcar ontem pela manhã na praia de Ipanema, na Zona Sul de Porto Alegre, o Coronel da Reserva do Exército Hiram Reis e Silva concluiu uma jornada de 567 quilômetros em 14 dias.

Ao desembarcar ontem pela manhã na praia de Ipanema, na zona sul de Porto Alegre, o Coronel da reserva do Exército Hiram Reis Silva concluiu uma jornada de 567 quilômetros em 14 dias. A bordo de um caiaque, ele completou uma volta completa pela Lagoa dos Patos.

Apesar da experiência conquistada ao percorrer mais de 11 mil quilômetros por vias aquáticas que circundam tribos indígenas e florestas tropicais da Amazônia, o militar não teve facilidades na expedição gaúcha: enfrentou ventos de 50 km/h e ondas com quase três metros de altura.

E há de se levar em conta que, para quem já tem 64 anos, virar o caiaque, comer macarrão desidratado e passar frio por duas semanas [com apenas três dias de descanso] são adversidades consideráveis. Hiram encarou-as com muito bom humor.

> – Prefiro viver dessa maneira a ficar sem fazer nada em casa – afirma o coronel.

Esta é a sexta vez que o militar percorreu a lagoa, mas a primeira em que conseguiu finalizar todo o percurso. A aventura começou na manhã do dia 13, tendo como ponto zero a Praia da Varzinha, em Viamão. Em direção ao sul, ele optou por remar na margem mais ventosa, a oriental, e contar com a ajuda do "*Nordestão*" para descer até Pelotas.

> – No primeiro dia, o barco que me acompanhava teve a vela rasgada. Depois, em São Lourenço, deu pane no motor, e tive de seguir sozinho até o fim.

Remando em média nove horas por dia, Hiram preencheu os dois compartimentos de carga do caiaque oceânico com um colchão de ar, um saco de dormir, travesseiro inflável, roupas e alimentos (basicamente água e massa desidratada).

> – Ter um bom caiaque é fundamental para o remador. É como o cavalo e o cavaleiro, os dois formam um conjunto – compara.

Os três dias de descanso foram gastos com pesquisa e anotações em locais como Vila Itapuã, Tapes,

Arambaré e a Fazenda Soteia, em Pelotas. O feito faz parte de um projeto abrangente denominado "*Jornada pelos Mares de Dentro*", que incluiu a circunavegação da Lagoa Mirim, realizada nos meses de dezembro de 2014 a janeiro de 2015. A partir da experiência, o Coronel pretende escrever um livro e registrar histórias e curiosidades desses mananciais.

O projeto é independente e conta com ajuda de 150 apoiadores. A ideia surgiu como uma forma de manter a atividade e driblar a depressão depois que a mulher, Neiva Maria, sofreu um AVC e ficou em estado semivegetativo – como vive há 11 anos. Os gastos no cuidado com ela são altos e, por isso, fica difícil publicar os livros. Mas Hiram não desiste: ele sabe que, quando for a hora, conseguirá cumprir a missão e imprimir as melhores histórias. Até lá, seguirá remando em busca de novas descobertas, com a aprovação dos filhos.

– No início, ficávamos preocupados. Depois nos acostumamos. Sabemos que ele chegará bem – diz a filha Vanessa Mota Reis da Silva.

Comentário Erudito da Major Eneida

Gostaria de ser um crocodilo porque amo grandes Rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muitos vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens. Amo ainda mais uma coisa de nossos grandes Rios: a eternidade. Sim, Rio é uma palavra mágica para conjugar a eternidade.
(João Guimarães Rosa)

Fiquei intrigado quando minha querida amiga a Professora Major R/1 Eneida Aparecida Mader, ao ler a reportagem da Zero Hora, sobre minha Circunavegação da Laguna dos Patos, escreveu numa rede social:

> Sim, ***EXISTE O PERSONAGEM*** de Guimarães Rosa... Parabéns, meu querido amigo Hiram Reis e Silva.

Desde 2009, quando ganhei de presente, do meu caro amigo e irmão General de Divisão Jorge Ernesto Pinto Fraxe, ex-diretor do DNIT, o livro "*O Andaluz*" de Wilson Nogueira que cita textualmente:

> Desembarcou aqui como passageiro comum entre tantos que procuram a **Terceira Margem do Rio** entre o Céu e a Terra...

que incorporei, como crença e missão, que "*sou um canoeiro eternamente em busca da Terceira Margem*". Não tinha a menor ideia, até então, de que a "*Terceira Margem*" mencionada por Wilson Nogueira baseava-se no texto de um dos maiores ícones da literatura brasileira – João Guimarães Rosa, que no capítulo "*Terceira Margem do Rio*", do seu livro "*Primeiras Estórias*" conta a história de um homem que abandona o convívio familiar e passa a viver longe de tudo e de todos em uma frágil canoa. Conta o grande Guimarães Rosa:

> Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e tem sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio ([174]) nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente – minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa. Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador.

---

[174] Estúrdio: esquisito.

Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do Rio, obra de nem quarto de légua: o Rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta. Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou ([175]) o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula ([176]) e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou:

– Cê vai, ocê fique, você nunca volte!

Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei:

– Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?

Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do Rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.

---

[175] Encalcou: colocou.
[176] Matula: farnel, merenda.

A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho. Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura ([177]); por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina ([178]) de existir, perto e longe de sua família dele.

As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas – passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda – descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no Rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a ideia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do Rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do Rio.

---

[177] Muita cordura: muitos bons modos.
[178] Sina: sorte.

Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depositei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrindo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava. Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao Padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou deluzo ([179]), cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele aguentava. De dia e de noite, com Sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos – sem fazer conta do ir-se do viver.

---

[179] Deluzo: oculto.

Não pojava ([180]) em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas ([181]) do Rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso ([182]). Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo.

O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do Rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo – de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pelos, com o

---

[180] Pojava: desembarcava.
[181] Croas: bancos de areia.
[182] Esconso: esconderijo.

aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia. Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava:

– Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...

O que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o Rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados. Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei – na vagação, no Rio no ermo – sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do Rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o

avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar ([183]). E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos. Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o Rio-Rio-Rio, o Rio – pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice – esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrenguice de reumatismo.

E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do Rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma ([184]) e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse – se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia. Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz:

– Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...

---

[183] Malsinar: falar mal.
[184] Tororoma: torrente.

> E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo. Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto – o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além.
>
> E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão. Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, Rio abaixo, Rio a fora, Rio a dentro – o Rio. (ROSA)

Talvez a minha querida amiga Eneida Aparecida Mader tenha captado, mais do que eu próprio, o verdadeiro sentido do que representa para mim a Terceira Margem. Quando navego "*com meus*" diletos Mares de Dentro e Mananciais em busca da Terceira Margem, por vezes ultrapasso o Portal do Conhecimento, volta e meia vejo além do Véu de Ísis, vez por outra acesso o Registro Akáshico e consigo contatá-lo e conhecer o desconhecido do meu íntimo.

Para que isso seja possível, porém, preciso realizar minhas viagens solitárias pelos ermos dos sem fim, pois só assim consigo entender os mistérios da minha alma, desvendar os segredos mais ocultos de meu ser, afogar minhas mágoas nas amigas águas e compreender o incompreensível de meu cotidiano. Obrigado pela lição amiga!

Canoa
(João Guimarães Rosa)

Cada um rema sozinho uma canoa que navega um Rio diferente, mesmo parecendo que está pertinho.

Travessia
(João Guimarães Rosa)

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

Escrever
(João Guimarães Rosa)

[...] gostaria de ser um crocodilo vivendo no Rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes Rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranquilos e escuros como o sofrimento dos homens.

Canoa Fantástica
(Castro Alves)

Pelas sombras temerosas onde vai esta canoa? Vai tripulada ou perdida? Vai ao certo ou vai à toa? Semelha um tronco gigante de palmeira, que s'escoa… No dorso da correnteza, como boia esta canoa! Mas não branqueja-lhe a vela! N'água o remo não ressoa! Serão fantasmas que descem na solitária canoa? Que vulto é este sombrio gelado, imóvel, na proa?

É Tempo de Travessia
(Fernando Teixeira de Andrade)

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo e esquecer os caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia; e se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Imagem 31 – Pedra da Argola – Ptª da Espia – L. dos Patos

Imagem 32 – Praia do Tigre – Ptª da Espia – L. dos Patos

Imagem 33 – Costa da Salvação – Laguna dos Patos, RS

Imagem 34 – Porto do Barquinho – Laguna dos Patos, RS

Imagem 35 – Farol Cristóvão Pereira – Laguna dos Patos, RS

Imagem 36 – Ponta Cristovão Pereira – Laguna dos Patos, RS

Imagem 37 – Farol Capão da Marca – Laguna dos Patos, RS

Imagem 38 – Bojuru – Laguna dos Patos, RS

Imagem 39 – Trilhas Criminosas em Bojuru – L. dos Patos

Imagem 40 – Farol do Bojuru – L. dos Patos

Imagem 41 – Ponta (Ilha) do Bojuru – Laguna dos Patos, RS

Imagem 42 – Tatielly, Autor e Sr. Zé do Dedé – Estreito, RS

Imagem 43 – Cmt Norberto – Estreito – Ponta dos Lençóis

Imagem 44 – Ponta Rasa – Laguna dos Patos – RS

Imagem 45 – Ponta da Feitoria – Laguna dos Patos – Pelotas

Imagem 46 – Ponta da Feitoria – Laguna dos Patos – Pelotas

Imagem 47 – Casarão da Soteia – Ponta da Feitoria – Pelotas

Imagem 48 – São Lourenço do Sul, RS

Imagem 49 – Falésias de Arambaré, RS

Imagem 50 – Antigo Engenho da Família Cibils – Arambaré

Imagem 51 – Banco da Dona Maria – Arambaré, RS

Imagem 52 – Saco de Tapes– Tapes, RS

Imagem 53 – Resgate do Anaico – Barra do Ribeiro, RS

Imagem 54 – Falésias da Costa de Santo Antônio, RS

Helmo de Freitas

Motivo
(Cecília Meireles)

Eu canto porque o instante existe
E a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
Sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
Não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
No vento.

Se desmorono ou se edifico,
Se permaneço ou me desfaço,
– Não sei, não sei. Não sei se fico
Ou passo

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
– Mais nada.

Na Semana Santa de 2019, fui acolhido, na encantadora Arambaré, capital das figueiras, margem Ocidental da Laguna dos Patos, pelos caros "*Amigos de Outras Eras*" Leandro Hugo Schmegel e o Prefeito Alaor Pastoriza Ribeiro. Depois de quase oito meses, consegui retomar meus treinamentos náuticos, e, nessa ocasião, tive a feliz oportunidade de conhecer o compositor, cantor e historiador Helmo de Freitas, grande parceiro de palco do meu amigo Leandro Hugo.

Considero Helmo de Freitas e Adair de Freitas os dois mais lídimos representantes de nossas tradições nativistas. Infelizmente a mídia gaúcha e os juízes dos festivais regionais totalmente apartados do gosto popular não lhes dão o devido reconhecimento.

Minha visita ao Helmo foi carregada de muita emoção. Ele reportou-nos suas origens e experiências de vida, materializadas pelos inúmeros troféus, recortes de jornais e revistas. Disse a ele que queria reportar suas origens e ele solicitamente me apresentou um rascunho que reproduzo a seguir:

Projeto Helmo de Freitas – "*O Carijó*" – Resgatando a Cultura da Região Sul (UCPel)

Quero ser sincero para com as pessoas que acreditaram em mim e na arte que desenvolvo. Meu canto é simples e o meu verso também, mas confesso que não fiquei surpreso com o convite deste educandário para que fizesse parte de um projeto tão importante.

Sei que posso colaborar com a literatura regional, nacional ou talvez de muitas partes da Terra porque trago em minhas entranhas sentimentos, desejos e costumes de povos de grandes virtudes. E com essa riqueza junto ao dom é que o extinto Deus me tornou nobre.

Não quero que pensem que o homem que sou foi outro algum dia, não mudei pensamentos diante da verdade, do amor, da paz e da felicidade.

Nasci e vivi por muitos anos no interior em uma pequena Chácara junto ao meu pai e minha mãe, irmãos e irmãs. Os quartos, a cozinha, a varanda, o galpão, cocheiras, chiqueiros de porcos e de terneiros, o galinheiro, patente ou latrina, mangueira, potreiro, sanga e quarador foram os cantos e recantos mais belos do mundo para mim.

Hoje olho para o meu filho, já adulto, e para o seu retrato com toga sem precisar partir os lápis, borrachas e dividir cadernos, ler e escrever sob luzes de lampiões à querosene, "*velas chico-roque*". Não perdeu no miringote para arregonhar gravetos e lenhas nos dias frios dos invernos. Não foi daqueles mandinhos ([185]) que se criou na campanha, mas anda no meu costado, vestido com as minhas roupas. E assim como ele, para outros jovens com acesso à tecnologia moderna, o mundo ficou pequeno, mas o saber faz os homens crescerem, e isso me deixa à vontade porque serei compreendido. Posso contar o que ainda não contaram.

Sentei por pouco tempo em carteiras escolares, mas aprendi com os práticos e vaqueanos a lidar com terra e gado. Meu pai era um desses buenos, homem de toda a ponta, pau pra toda a obra, peão campeiro, tropeiro, colono, lavrador, carreteiro, arigó, chiripa, capataz, e patrão. Deixou muitos legados para a família e amigos.

Viveu revoluções, neto e bisneto de revolucionários de 23 e 35. Não gostava de falar sobre isso. Filho de mãe espanhola e italiana e de pai Charrua e português. Assinava-se com sobrenome da mãe, talvez por ser neto de mulato, não usava o sobrenome do pai.

Minha mãe, filha de uma Guarani e pai afrodescendente [negro]. E eu me rebusco destas etnias para mensagens dos meus versos. Toquei em baile de negros, mestiços, carapinha, pixaim ou mascureba de cabelos engruvinhados. Negro aço, sarará, albino, oreba e cafuso, e não quero aqui puxar brasa para o meu assado mas eram exímios bailarinos que se expressavam através das danças com uma arte peculiar.

---

[185] Mandinhos meninotes, gurizotes.

Nestes bailes de ramada e chão batido, animados com gaita, violão e pandeiro, intercalavam tambores, par de colheres, batiam na palma das mãos, cantavam e se requebravam. Aprendiam a executar quaisquer instrumentos com facilidade.

Alguns eram chamados de vagabundos, preguiçosos, desocupados, talvez por virem de origem de pessoas simples. Eram alegres e divertidos e como também eram suas participações nos coretos de salões de bailes e festas.

Até mesmo em recintos em que existiam diferenças raciais eram virtuosos por natureza.

Mulheres trabalhadoras, curandeiras, rezadeiras apesar dos ressentimentos e sentimentos conservavam o amor e a fé.

Para que os leitores possam apreciar um pouco destas riquezas busquei nas orações da Senhora Juliana Gonçalves Padilha, a Sinhá Juliana, a qual emprestou seu nome para um dos bairros mais bonitos da cidade de Camaquã:

Canto de um Terço: Virgem Senhora

Ó virgem senhora, mãe da piedade
Livrai-nos das penas e das enfermidades
Por aquele senhor, que vos traz nos braços

Ó Virgem Maria dirija meus passos
Dirija meus passos e pensamentos
Mas que não se transforme em sofrimento.

Abris a porta que vem Jesus
Morto, cansado com o peso da cruz
Meu "Deus" de minh'alma sem culpa nenhuma

Vai meu "Deus" com Jesus
E conosco também

Para a eterna glória para sempre. Amém.

E junto a essas relíquias que recolhemos dos meios populares encontramos os versos da preta velha, outra beleza da cultura negra.

Conheci a preta velha / Preta velha encarquilhada
Pela bengala de angico / Mãe velha era arrastada
No cepo à sombra do rancho / A preta velha sentada
Estória de "três-ontonte" / Pra riso da gurizada

A negra por vez chorava / Cantava, ria e dançava
Nem mesmo a própria idade / A preta velha lembrava
Foi escrava, ama de leite / Foi mucama, foi parteira
O sangue "igualzito" ao meu / Cor da flor da corticeira

Estes cantos, chá de ervas, ritos e benzeduras com crença e fé ainda fazem curas, nos trazem alentos e reflexões. Os homens afrodescendentes não se dedicavam às religiões cristãs tanto quanto as mulheres. Muitos deles eram descrentes. Afetuosos sim às coisas da natureza: pedras, matas, águas, animais e nas crenças de suas origens. Talvez por isso se adaptavam e sobreviviam em qualquer lugar.

Passei lindos anos da minha infância vendo e ouvindo algumas destas pessoas. Lembro-me de um alambrador, tocador de violão com "*craveja*" e cantador, morador ao lado da taipa de um açude em dois ranchos de leiva e capim. Um rancho bem grande e outro de bom tamanho e aos fins de semana a sua voz montava nas maretas da águas do açude e rebanhava famílias e pessoas de suas amizades para se divertirem no rancho grande com "*embalizado*" de chão batido. "*Mucufa*", moço muito gaúcho e "*nariz de folha*" não entravam. Era uma diversão de respeito, por ser ele respeitado e corajoso, não precisava mestre-sala. Participou meio que obrigado destas "*escaramuças*" sobre sangues nas várzeas e coxilhas desta região, gostava de contar suas proezas e estórias, principalmente para a "*mandinzada*" ([186]).

---

[186] Mandinzada: gurizada, meninada.

Enquanto furava piques com arcos de pua e fazia amostras com facão e machado em moirões e paus-mestres, falava de mula sem cabeça, lobisomem, boitatá, bruxas e assombros em burras ([187]). Ensinava aos mais taludos espichar guias, torcer rabicho em mestre e grampear, e os mandins sentados nos garrões com as mão nos joelhos ou na cara, observavam e riam. Ele era o tio que todas as crianças queriam ter.

Passamos alguns anos sem nos ver, e eu tinha saudade do meu tio amigo, e para minha felicidade voltei a conviver com ele e sua família por mais um "*eito*" de anos. Eu moço maduro, ele alcançado na idade mas o mesmo "*buenachão*" que conheci quando mandim.

E ali estava eu diante de uma das minhas fontes para beber mais um pouco de sabedoria e cultura. Uma das legendas vivas da região. Crioulo das bandas de Pelotas, que veio "*frangote*" para o Bonserá, 5° Distrito de Canguçu, hoje Município de Cristal.

Dali saiu perseguido pela farda depois de uma "*rusna*" feia em uma cancha de carreia, onde tombou seu irmão mais velho. Veio escondido entre bacarás e trouxas em um caminhão de "*turmeiros*" e amoitou-se nas ilhas do Camaquã, onde construiu sua riqueza que era a família, amigos e a paz.

Eis aqui versos que aprendi com ele recolhido em suas andanças.

Bonserá é terra boa / Foi aonde eu me criei
Não foi por falta de amor / Que de lá me retirei.

[187] Burras: os antigos afirmam que os jesuítas enterraram as "*burras de ouro*" na região de Camaquã e Tapes, nas margens da Laguna dos Patos, quando abandonaram as Missões.

Imagem 55 – Helmo de Freitas e Leandro, Camaquã, RS

Imagem 56 – Arambaré, Capital das Figueiras, RS

Imagem 57 – Arambaré, Capital das Figueiras, RS

Imagem 58 – Arambaré, Capital das Figueiras, RS

E muitas cantigas e versos, que retratavam momentos tristes e bons em sua vida, como a "*Batalha de Bagé*", "*Xote do Limoeiro*" e outras letras e canções. Perguntei a ele se os negros e mestiços eram mesmo valentes como diziam e escreviam nos livros da nossa estória. Atirou o pescoço para trás e deu-lhe uma "*gaitada*", não sei disse ele, mas nos botavam sempre na frente, e cantou os versos do Chico Pansa.

Avança Chico Pança... avança
E lá se foi o comandado num matungo velho cansado
Com uma lança de pau
E o General ria e dizia "Ôiga-lhe-te" negro mau
Quando chegou do outro lado, com os braços levantados
Se atirou no costado
De um filho ali entrincheirado.

E depois destes versos, umas lágrimas espalharam-se sobre as rugas e as barbas brancas do seu rosto.

A Estancieira "*Barbuda*"

Helmo de Freitas, nos seus versos, fala-nos do campo, da Laguna, do Rio, de suas vivências, curiosidades e estórias muito particulares de sua região como esta da estancieira Dona Anna Rodrigues de Oliveira, mais conhecida como "*Barbuda*".

José Custódio de Oliveira, rico estancieiro e industrial da erva mate, casado com Dona Anna Rodrigues de Oliveira, mais conhecida como a "*Barbuda estancieira*", residia na Estância "*El Vichadero*", no Departamento de Rio Negro, Uruguai, quando resolveu se mudar para a Fazenda dos Galpões, em Camaquã. A Dona Anninha Barbuda, sogra e tia do General José Antônio Matos Neto (o Zeca Neto), faleceu em 1917 e foi sepultada no Cemitério dos Galpões.

Imagem 59 – General Zeca Netto sentado à esquerda

Nos idos de 60, o então Padre Jacó Hilgert, hoje Bispo Emérito da Diocese de Cruz Alta, empenhado na reforma da Igreja Matriz (São João Batista), solicitou aos familiares os Mármores de Carrara do túmulo da Dona Anna, garantindo, em contrapartida, que seus restos mortais seriam transferidos para o altar mor da Igreja.

Divisas com Ervas e Chibo

(Helmo de Freitas – O Carijó)

Na erva da Aninha
Não tinha daninha
Era seiva da mata
Lá da Bandeirinha.

Imagem 60 – Dona Anna Rodrigues de Oliveira

Naquele local
Da Serra do Herval
Abriu-se divisas
Pra Banda Oriental.

A barbuda estancieira
Foi a primeira
A cruzar com erva a nossa fronteira
Saia dos galpões com bruaca e surrões ([188])
Nas cangalhas de mulas
Pras embarcações. (BIS)

Da grande Laguna entrava no Oceano
Rumo aos castelhanos o barco ia navegando
No porão o símbolo da União dos pampeanos
Que Sul do Rio Grande estava exportando
Da Colônia Canária, aqui dos Pomeranos ([189])
Com a leva da erva os tamancões lourencianos
Bota feita em Pelotas tinha gosto paisano
Para fazer chibo "aja" ([190]) com os Hermanos

Que ia e voltava com cinto forrado
De onça e condor ([191]) daquele mercado
De contrabando para ter ouro cunhado
Que vinha tapado no sebo do gado. [...]

---

[188] Surrões: recipientes, feitos de couro para transporte variado colocado, neste caso, nas cangalhas equilibradas no lombo das mulas.

[189] Pomeranos: imigrantes originários do Mar Bálticoque vieram para o Brasil no século passado fugindo dos horrores da guerra.

[190] Aja (espanhol): lá com os hermanos.

[191] Onça e Condor: prata e ouro contrabandeados vinham escondidos sob o sebo do gado.

Músicas

Lago Verde Azul
(Helmo de Freitas – O Carijó)

❄ 2º Lugar e Música Mais Popular do 11º Reponte da Canção Crioula de São Lourenço do Sul-RS em 1995 ❄

O medo de andar "*solito*" ouvindo vozes e gritos
E até do barco um apito na sua imaginação
Olhos esbugalhados do moleque assustado
Olhando aquele mar bravo ora doce ora salgado
Num temporal de verão

Sem camisa na beirada, bombachita arremangada
Botou o petiço na estrada quando a areia lhe guasqueou
Sentiu um arrepio com aquele ar frio
Que o açude e o rio e as águas que ele viu
Não lhe provocou
Coqueiro e figueira nos matos e a bela Lagoa dos Patos
Oh, verdadeiro tesouro
Lago verde azul que na América do Sul
Deus botou pra bebedouro

Tempos que ainda tinha o bailado da tainha
Quando o boto vinha com gaivota em revoada
E entre outros animais no meio dos juncais
Surgiam patos baguais que hoje não se vê mais
Este símbolo da aguada

Nas noites de lua cheia a gente sentava na areia
Pra ver se ouvia a sereia entre as ondas cantando
E hoje eu volto ali no lugar em que vivi
Onde andei quando guri, me olho lagoa em ti
E me enxergo chorando

Meu Rio
(Helmo de Freitas – O Carijó)

❄ Melhor Tema Sobre Ecologia e Meio Ambiente da 1ª Sapecada da Canção Nativa de Lages-SC em 1993 ❄

Com água no meu peito
Me doendo no coração
Ao ver o desmatamento
Cabresteando a erosão.

Ao longe se vê o clarão
Do fogo queimando o mato
Tarumã, cedro e angico
Em carvão, tábua e cavaco.

Os redemoinhos dançando
Nesta água eu quero ver
Não me matem este rio
Ao menos em quanto eu viver.

Rio...rio...rio...rio
Que mergulhou minhas lembranças
Rio da minha infância.

Linha, caniço e bocó
Entre os dedos as tamancas
Quantos capinchos eu vi
Se jogando das barrancas.

No remanso a garça branca
E a moura tinha um sossego
O biguá corria na água
Na frente do cisne negro

*"De um lado eu nasci, / Do outro cresci
Deixei minha fome na pitanga, / Meu sangue na japecanga
Rio, rio que me deixou assustado / Com o meu primeiro dourado"*.

Domador das Sesmarias
(Helmo de Freitas – O Carijó)

❄ Linha de Manifestação Campeira e Troféu Calhandra de Ouro - Prêmio Máximo da 23ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana-RS em 1993 ❄

Brotam campos, abrem flores
Largam os reprodutores
Pro focinho da potrada
Os buçais dos domadores

Deixam os ranchos e os seus
Hereges, pobres plebeus
Ficam em volta aos rosários
Chinas rezando pra Deus

Dando dentada nas loncas
Entre flores de açucenas
Em garrões de rudes pés
Vão cantando as chilenas

Travasse uma luta bruta
Entre os dois animais
Por natureza e instinto
Vencem sempre os racionais

Com jeito de tapejara
Soprando e tapeando a cara
Volta em coxilhas morenas
Quando a noite é lua clara

O ronco da virilha
E o ringir do arreio
Espantam os quero-queros
E se levanta o rodeio.

Dançam entre ao vivente
Lambem bota e tirador
Os cachorros que festejam
A volta do domador.

Bilhete do “Cumpadre”
(Helmo de Freitas – O Carijó)

Compadre velho vem me visitar
Tou com saudade das nossas folia
Tira uma hora vem cá matear
“*Bamo*” botar a nossa prosa em dia.

Tou te deitando estas simples linha
E desculpa a letra do “*biete*” ([192])
Pra te lembrar do feijão carioquinha
O fumo em corda e o milho cadete ([193]).

Prende os cavalo na tua carroça
Vem passar Natal e Ano Novo
Traz o produto que colheu na roça
Pra fazer uns cobre aqui no povo.

Vamos beber um vinho feito em casa
Comer um macucho ([194]) com batata assada
Botá um borrego ([195]) pra pingar na brasa
Contar proezas, mentir e dar risada.

Meter um baile lá na bailanta ([196])
Gastar um pouco do nosso dinheiro
Marcar um xote e molhar a garganta
E enticar ([197]) com as moça do povoeiro ([198]).

E se tu ficares até o dia seis
Têm uns ranchos pra nós visitar
Não esquece do tambor do Reis ([199])
Fiz um terno ([200]) pra nós dois cantar.

---

[192] Biete: bilhete.
[193] “*Geographia do Brasil*” de Delgado de Carvalho, 1929: Cultiva-se no Brasil variedades de milho, “*milho cadete”*, milho amarello, milho perola, crystallino, etc.
[194] Macucho: porco.
[195] Borrego: cordeiro novo.
[196] Bailanta: festa popular onde se dança.
[197] Enticar: implicar.
[198] Povoeiro: habitantes de um povoado.
[199] Reis: a tradição dos Ternos de Reis, que celebra o Dia dos Reis Magos a cada 6 de janeiro, ainda persiste em algumas localidades do Rio Grande do Sul.
[200] Terno de Reis: é como são chamadas as canções, ou os pequenos grupos de músicos que as realizam, que têm como referência a história bíblica dos Três Reis Magos

Soneto do amigo
(Vinicius de Moraes)

[...] O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...

Recado aos Amigos Distantes
(Cecília Meireles)

Meus companheiros amados,
Não vos espero nem chamo:
Porque vou para outros lados.
Mas é certo que vos amo. [...]

Não condeneis, por enquanto,
Minha rebelde maneira.
Para libertar-me tanto,
Fico vossa prisioneira.

Autobiografia
(Fernando Pessoa)

Ah, meu maior amigo, nunca mais
Na paisagem sepulta desta vida
Encontrarei uma alma tão querida
Às coisas que em meu ser são as reais. [...]

Não mais, não mais, e desde que saíste
Desta prisão fechada que é o mundo,
Meu coração é inerte e infecundo
E o que sou é um sonho que está triste. [...]

Juarez Boneberg da Silva

Nas minhas inúmeras jornadas aquática pelo irmão Guaíba conheci no "*Parque Fazenda Itaponã*", Guaíba, RS, o JUAREZ Boneberg da Silva, caseiro do estabelecimento com quem fui alicerçando uma sólida e profícua amizade. O Juarez não era letrado, a vida não lhe dera oportunidade de conhecer os bancos escolares nem de dominar as letras do alfabeto mas, o Grande Arquiteto do Universo benevolentemente lhe brindara com um memória e um discernimento únicos.

Passei horas conversando com este gentil amigo mais ouvindo do que falando, ele contava seus "*causos*", suas experiências e eu me maravilhava, humildemente, como um jovem discípulo ao ouvir seu Mentor. Meu treinamento diário pela manhã, de segunda à sexta-feira, consistia em atravessar o Guaíba da "*Raia 1*" até Itaponã, bater um papo com o Juarez e retornar pois as aulas à tarde no Colégio Militar de Porto Alegre me aguardavam.

Em Arambaré tive a oportunidade de conhecer outros seres iluminados como os Srs. Santo Antônio Tavares Garcia e Alaor Queirós Dias que mesmo não sendo letrados muito tem a nos ensinar. Comentei este fato com o amigo Leandro Leandro Hugo Schmegel e procurei pesquisar na internet por onde andaria meu amigo Juarez já que há muito tempo me afastara dos treinamentos no Guaíba e não conseguia me comunicar com ele por telefone. O resultado da pesquisa não podia ser mais chocante... O Juarez tinha sido assassinado, no dia 21.02.2018, covardemente por marginais e sua esposa espancada cruelmente. Reproduzo a notícia publicada pela Gazeta Centro-sul:

GAZETA CENTRO-SUL

05/03/2018 - 15h15min

Desarticulada quadrilha que assaltava sítios em Barra do Ribeiro e Região

Uma operação bem sucedida da Polícia Civil, realizada no dia 28 de fevereiro, desarticulou uma quadrilha que furtava gado e assaltava sítios na Região. Os bandidos atuavam também no tráfico de drogas. Aproximadamente cem policiais cumpriram 29 mandados judiciais em Barra do Ribeiro (foto), Morro Redondo e Caçapava do Sul. Oito suspeitos foram presos em flagrante e por meio de prisão preventiva.

Além das prisões, foram apreendidos celulares, armas, dinheiro e drogas. Os nomes dos presos não foram divulgados.

De acordo com a Polícia, foram sete meses de investigação, com a identificação de vinte suspeitos. Os crimes ocorriam com mais intensidade em Barra do Ribeiro, Guaíba e Eldorado do Sul. A Operação foi realizada por uma força-tarefa da polícia Civil contra o abigeato, coordenada pela Delegacia de Barra do Ribeiro.

Polícia identifica suspeitos de matar caseiro em fazenda

A Polícia Civil de Guaíba já identificou os suspeitos da morte de Juarez Boneberg da Silva, de 60 anos, cujo crime aconteceu na Fazenda Itaponã no dia 21 de fevereiro. O assassinato chocou a comunidade da Região pela violência dos bandidos. O delegado Thiago Carrijo Fraga deu prioridade ao caso.

De acordo com informações do Setor de Investigações da DP de Guaíba, na medida em que os trabalhos foram avançando percebeu-se que não se tratava de latrocínio, mas de homicídio qualificado.

Durante a semana, a Justiça concedeu pedido de prisão temporária de seis suspeitos. Com base nos interrogatórios, pelo menos um dos presos estaria envolvido diretamente no homicídio, um menor de 17 anos, morador de um município vizinho.

Segundo a Polícia, dias antes do crime, os bandidos teriam tentado entrar na fazenda sem autorização e foram barrados pelo caseiro. Com isso, prometeram voltar e se vingar, o que teria ocorrido.

Na noite de 21 de fevereiro, uma quarta-feira, quatro elementos fortemente armados invadiram a Fazenda Itaponã, localizada a poucos quilômetros do Centro de Guaíba, e atacaram o casal de caseiros de forma violenta. A mulher foi ferida com coronhadas na cabeça e Juarez foi assassinado com um tiro no rosto. Os bandidos levaram uma espingarda e celulares da casa, o que levantou a possibilidade de latrocínio (assalto seguido de morte). Até o fechamento desta edição, a Polícia tentava prender os suspeitos já identificados.

Imagem 61 – Gazeta Centro-sul, 05.03.2018

Desarticulada Quadrilha que Assaltava Sítios em Barra do Ribeiro e Região

Uma operação bem sucedida da Polícia Civil, realizada no dia 28 de fevereiro, desarticulou uma quadrilha que furtava gado e assaltava sítios na Região. Os bandidos atuavam também no tráfico de drogas. Aproximadamente cem policiais cumpriram 29 mandados judiciais em Barra do Ribeiro [foto], Morro Redondo e Caçapava do Sul. Oito suspeitos foram presos em flagrante e por meio de prisão preventiva.

Além das prisões, foram apreendidos celulares, armas, dinheiro e drogas. Os nomes dos presos não foram divulgados. De acordo com a Polícia, foram sete meses de investigação, com a identificação de vinte suspeitos. Os crimes ocorriam com mais intensidade em Barra do Ribeiro, Guaíba e Eldorado do Sul. A Operação foi realizada por uma força-tarefa da polícia Civil contra o abigeato, coordenada pela Delegacia de Barra do Ribeiro.

Polícia Identifica Suspeitos de Matar Caseiro em Fazenda

A Polícia Civil de Guaíba já identificou os suspeitos da morte de Juarez Boneberg da Silva, de 60 anos, cujo crime aconteceu na Fazenda Itaponã no dia 21 de fevereiro. O assassinato chocou a comunidade da Região pela violência dos bandidos. O delegado Thiago Carrijo Fraga deu prioridade ao caso.

De acordo com informações do Setor de Investigações da DP de Guaíba, na medida em que os trabalhos foram avançando percebeu-se que não se tratava de latrocínio, mas de homicídio qualificado. Durante a semana, a Justiça concedeu pedido de prisão temporária de seis suspeitos.

Com base nos interrogatórios, pelo menos um dos presos estaria envolvido diretamente no homicídio, um menor de 17 anos, morador de um município vizinho.

Segundo a Polícia, dias antes do crime, os bandidos teriam tentado entrar na fazenda sem autorização e foram barrados pelo caseiro. Com isso, prometeram voltar e se vingar, o que teria ocorrido. Na noite de 21 de fevereiro, uma quarta-feira, quatro elementos fortemente armados invadiram a Fazenda Itaponã, localizada a poucos quilómetros do Centro de Guaíba, e atacaram o casal de caseiros de forma violenta.

A mulher foi ferida com coronhadas na cabeça e Juarez foi assassinado com um tiro no rosto. Os bandidos levaram uma espingarda e celulares da casa, o que levantou a possibilidade de latrocínio [assalto seguido de morte]. Até o fechamento desta edição, a Polícia tentava prender os suspeitos já identificados. (www.gazetacentro-sul.com.br)

Bibliografia

ABNRJ. ***Consulta do Conselho Ultramarino Acerca da Concessão de 100 Léguas de Terras que Pedira Salvador Corrêa de Sá no Distrito da Ilha de Santa Catharina*** *– Portugal, Lisboa – Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Vol. XXXIX, 14.03.1658*

ABREU, João Capistrano Honório de. ***Ensaios e Estudos (Crítica e História)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Edição da Sociedade Capistrano de Abreu – Livraria Briguiet, 1938.*

ANGELIS, Pedro de. ***Colección de Obras y Documentos Relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*** *– Tomo Primero – Argentina – Buenos Aires – Imprenta del Estado, 1836.*

ARAUJO, José de Sousa Azevedo Pizarro e. ***Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias Anexas à Jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil, Tomos 3 e 4*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Imprensa Régia, 1820.*

AROSTEGUI, Hugo W. ***Los Arachanes*** *– Uruguai – Rivera – Blog: hugoaros.blogspot.com.br/2016/06/los-arachanes.html – 04.06.2016.*

AVÉ-LALLEMANT, Robert Christian Barthold. ***Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858 – Primeira Parte*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro – Estabelecimentos Gráficos Iguassu, 1953.*

AZEVEDO, Arthur de. ***Paulino e Roberto*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Correio da Manhã, 05.04.1903.*

BARCELLOS & CORDAZZO & SEELIGER - Lauro Barcellos; César Cordazzo; Ulrich Seeliger. ***Areias do Albardão - Um Guia Ecológico Ilustrado do Litoral no Extremo Sul do Brasil*** *– Brasil – Rio Grande do Sul, RS – Editora Ecoscientia Rio Grande, 2004.*

BATES, Henry Walter – ***Um Naturalista no Rio Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Livraria Itatiaia Editora Ltda – Editora da Universidade de São Paulo, 1979.*

BAYO, Ciro. ***Vocabulario Criollo-español Sudamericano*** *– Espanha – Madrid – Librería de los Sucesores de Hernando, 1910.*

BOITEUX, Lucas Alexandre. ***Notas para a História Catarinense*** *– Brasil – Rio de Janeiro – Livraria Moderna, 1912.*

BRANDALISE & BOMBARDELLI, Carla Brandalise & Maura Bombardelli. ***Fernando Ferrari - Perfil Biográfico, Discursos no Parlamento Gaúcho e Imagens (1947 - 1951)*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2013.*

BRASIL, Ptolomeu de Assis. ***Batalha de Caiboaté: Episódio Culminante da Guerra das Missões*** *– Brasil – Brasília, DF – Edições do Senado Federal, 2005.*

BUCHMANN, Armando José. ***O Estranho Perfil Do Rio Descoberto: Ensaios*** *– Brasil – Brasília, DF – Editora Thesaurus, 2001.*

BURLAMAQUI, Frederico Cesar. ***Relatório dos Serviços Executados em 1943 Apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas, General João de Mendonça Lima, pelo Diretor Geral, Engenheiro Civil, Dr. Frederico Cesar Burlamaqui*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Viação e Obras Públicas – Imprensa Nacional, 1945.*

CALDAS, Thais Evangelista de Assis. ***Os Argonautas, de Apolônio de Rodes, e a Tradição Literária*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – PROAERA – UFRJ, 2010.*

CALVO, Carlos. ***Colección Completa de Tratados, Convenciones, Capitulaciones, Armisticios y Otros Actos Diplomáticos ... - Tomo 6*** *– España – Madri – Editado por Carlos Bailly-Bailliére, 1864.*

CARTA, Gianni. ***Garibaldi na América do Sul: O Mito do Gaúcho*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora – Boitempo, 2013.*

CAUDURO, Mila. ***Palavras do Tempo*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – AGE - Assessoria Gráfica e Editorial Ltda, 2000.*

CAZAL, Manoel Ayres de. ***Corografia Brasílica: ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Impressão Régia, 1817.*

CERVANTES & VEGA, Alejandro Magariños & Ventura de la. ***Celiar: Leyenda Americana en Variedad de Metros*** *– Espanha – Madri – Establecimiento Tipográfico de D. F. de P. Mellado, 1852.*

COARACY, Vivaldo. ***A Colônia de São Lourenço e seu Fundador - Jacob Rheingantz*** *– Brasil – São Paulo, SP – Oficinas Gráficas Saraiva, 1957.*

COLVERO, Ronaldo Bernardino. ***"Bajo su Real Protección": as Relações Internacionais e a Geopolítica Portuguesa ... (1808-1812)*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Edipucrs, 2015.*

CORTES, Clóvis de Macedo. ***Relatório dos Serviços Executados em 1947 Apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas, Coronel Edmundo Macedo Soares e Silva, pelo Diretor Geral, Engenheiro Civil Clóvis de Macedo Cortes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Viação e Obras Públicas – Imprensa Nacional, 1945.*

CORTES, Clóvis de Macedo. ***Relatório dos Serviços Executados em 1947 Apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas, Engenheiro Civil Clóvis Pestana, pelo Diretor Geral, Engenheiro Civil Clóvis de Macedo Cortes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Viação e Obras Públicas – Imprensa Nacional, 1947.*

CORTESÃO, Jaime. ***Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério das Relações Exteriores – Instituto Rio Branco – Departamento de Imprensa Nacional, 1956.*

COSTA, Mário de Almeida. ***Ordenações Filipinas – Livro I*** *– Portugal – Lisboa – Fundação Calouste Gulbenkian, 1603.*

CRUZ, Gervásio José da (Segundo Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha). ***Gratidão dos Brasileiros ao seu Excelso Imperador: Uma Página Memorável da História do Reinado do Senhor Dom Pedro II Defensor Perpétuo do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Perseverança, 1865.*

D'EU, Conde. ***Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (agosto a novembro de 1865)*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1936.*

DHN. ***Lista de Faróis*** *– Brasil – Niterói, RJ – Diretoria de Hidrografia e Navegação, 2016 – 2017.*

DNPM. ***Brasil: Divisão de Geologia e Mineralogia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Departamento Nacional de Produção Mineral, 1932.*

DONATO, Hernani. ***Dicionário das Batalhas Brasileiras*** *– Brasil – São Paulo, SP – IBRASA, 1987.*

DREYS, Nicolao. ***Juízo Sobre a Obra Intitulada "Notícia Descritiva da Província do Rio Grande de São Pedro do Sul"*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal de História e Geografia – Tomo 11 – 1° Trimestre, 1858.*

DUMAS, Alexandre. ***Memórias de Garibaldi*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – L&PM Editores, 2011.*

ECCHO DO SUL. ***Ano XXXIV – Números 160 a 170*** *– Brasil – Rio Grande do Sul, RS – Edições de 19.07.1887 a 30.07.1887. Bibliotheca Riograndense, 1887.*

EMYGDIO, Décio Vaz. ***Lagoa Mirim - um Paraíso Ecológico*** *– Brasil – Pelotas, RS – Café Pelota Editora, 1997.*

ESTEVES PEREIRA, Francisco Maria. ***História da Colonização Portuguesa do Brasil – Volume II – A Epopéia dos Litorais – Capítulo XII – O Descobrimento do Rio da Prata – A Nova Gazeta da Terra do Brasil*** *– Portugal – Porto – Litografia Nacional, 1923.*

FAGUNDES, Antonio Augusto. ***Revolução Farroupilha - Cronologia do Decênio Heróico - 1835 a 1845*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Martins Livreiro Editora Ltda, 2003.*

FERREIRA DA SILVA, Silvestre. ***Relação do Sítio, que o Governador de Buenos Aires D. Miguel de Salcedo poz no ano de 1735 à Praça da Nova Colônia do Sacramento...*** *– Portugal – Lisboa – Impresso na Congregação Carmelita da S. Igreja de Lisboa, 1748.*

FILHO, Ernesto Ferreira França. ***Apontamentos Diplomáticos Sobre os Limites do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil – Tomo 33, 4° Trimestre, 1870.*

GALVÃO, António. ***Tratado que Compôs o Nobre e Notável Capitão António Galvão...*** *– Portugal – Lisboa – Impressa por João da Barreira, Impressor D'el Rey, na Rua de Sã Mamede, 1563.*

GAMA, José Basílio da. ***O Uraguai*** *– Portugal – Lisboa – Régia Oficina Tipográfica, 1769.*

GARIBALDI, Giuseppe. ***Memorias de José Garibaldi*** *– Brasil – Rio Grande, RS – Oficinas a vapor de "O Intransigente", 1907)*

GAY, João Pedro. ***História da República Jesuítica do Paraguai*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil – Tomo XXVI – Tipografia de D. Luiz dos Santos, 1863.*

GIANUCA & TAGLIANI, Kahuam de Souza Gianuca & Carlos Roney Armanini Tagliani. ***Análise em um Sistema de Informação Geográfica (SIG) das Alterações na Paisagem em Ambientes Adjacentes a Plantios de Pinus no Distrito do Estreito, Município de São José do Norte, RS*** *– Brasil – Rio Grande, RS – Revista de Gestão Costeira Integrada (RGCI) – vol.12 – Mar, 2012.*

GÓES, Hildebrando de Araujo. ***Relatório dos Serviços Executados em 1943, Apresentado ao Exmo. Sr. Ministro da Viação e Obras Públicas, General João de Mendonça Lima, pelo Diretor Geral, Engenheiro Civil Frederico Hildebrando de Araujo Góes*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ministério da Viação e Obras Públicas – Imprensa Nacional, 1944.*

GÓMARA, Francisco López de. ***La Historia General de las Indias y nuevo mundo, con mas la conquista del Perú y de México*** *– Espanha – Saragoça – Casa de Pedro Bernuz, 1554.*

GUIMARÃES, Josué. ***A Ferro e Fogo I: Tempo de Solidão*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Sábia, 1972.*

GUZMÁN, Ruy Díaz de. ***Historia Argentina del Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata (1612)*** *– Argentina – Buenos Aires – Imprenta Del Estado, 1835.*

IHERING Dr. Hermann Von. ***Os Índios Patos e o Nome da Lagoa dos Patos*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista do Museu Paulista – Volume VII – Typographia Cardozo, Filho & Ciª, 1907.*

JOHANN, Renata Finkler. ***Na trama dos Escravos de Sua Majestade: o batismo e as redes de compadrio dos cativos da Real Feitoria do Linho Cânhamo (1788 - 1798)*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS, 2010.*

JUNIOR, Newton Vilela. ***Horizontes de Areia: Um Pedal até Chuí Pela Maior Praia do Mundo*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Cia do Ebook, 2015.*

JUVENAL, Amaro (Ramiro Barcellos). ***Antônio Chimango*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Porto Alegre – Martins Livreiro, 1982.*

KNIPPLING Geraldo. ***O Guaíba e a Lagoa dos Patos*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Própria, 1995.*

KOTZIAN & MARQUES, Henrique B. Kotzian & David Motta Marques. ***Lagoa Mirim e a Convenção Ramsar: um Modelo Para Ação Transfronteiriça na Conservação de Recursos Hídricos*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Revistas Eletrônicas FEE, 1993.*

LESSA, Luís Carlos Barbosa. ***Rodeio dos Ventos – Um tal Cristóvão Pereira de Abreu*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Globo, 1978.*

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. ***Rio Grande do Sul, Prazer em Conhecê-lo*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – AGE – Assessoria Gráfica e Editorial, 1984.*

LOBO, António da Rosa Gama. ***Princípios de Direito Internacional – Volume I*** *– Portugal – Lisboa – Imprensa Nacional, 1865*

LOPES & UGRI & BUCHMANN, Renato Pereira Lopes - André Ugri - Francisco Sekiguchi de Carvalho Buchmann. ***Dunas do Albardão, RS*** *– Brasil – Brasília, DF – Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), 2008.*

LOZANO, Padre Pedro. ***Historia de la Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*** *– Tomo Primeiro – Argentina – Buenos Aires – Casa Editora Imprenta Popular, 1874.*

MACEDO, José Agostinho de. ***O Novo Argonauta*** *– Portugal – Lisboa – Oficina de António Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1809.*

MACEDO, Joaquim Manuel de. ***Noções de Corografia do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Franco-americana, 1873.*

MAGNOLI, Demétrio. ***O Corpo da Pátria: Imaginação Geográfica e Política Externa no Brasil, 1808 - 1912*** *– Brasil – São Paulo, SP – Fundação Editora da UNESP (FEU), 1997.*

MANOTAÇO, Carlos Altmayer Gonçalves. ***Farol do Bujuru*** *– Brasil – Porto Alegre, RS –www.popa.com.br.*

MARKUN, Paulo. ***Anita Garibaldi, uma Heroína Brasileira*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora SENAC, 2000.*

MATTOS, Marechal Raymundo José da Cunha. ***Dissertação Acerca do Sistema de Escrever a História Antiga e Moderna do Império do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil – Tomo XXVI – Tipografia de D. Luiz dos Santos, 1863.*

MEDINA, Sinval. ***Tratado da Altura das Estrelas*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 1997.*

MENDONÇA, Cledenir Vergara. ***A Vila de Santa Isabel: Dignidade de um Povo*** *– Brasil – Brasília, DF – apud SALABERRY, Jeferson Dutra in Patrimônio e Identidade Local – Paranoá, n° 13, 2014.*

MONTOYA, Padre Antonio Ruiz de. ***Vocabulário das Palavras Guaranis Usadas pelo Traductor da Conquista Espiritual*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro (1879/1880) – Vol. VII – Typ. Leuzinger & Filhos, 1879.*

MORAES, Alexandre José de Mello. ***Corographia Histórica, Chronographica, Genealógica, Nobiliária, e Política do Império ...*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Typ. Americana, 1858.*

MOURE e MALTE-BRUN, Amédée - Victor Adolfe. ***Tratado de Geografia Elementar, Física, Histórica, Eclesiástica, e Política do Império do Brasil*** *– França – Paris – Tipografia de Rignoux, 1861.*

NETO, João Rodrigues Barbosa. ***Molduras e Visões*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora do Globo, 1919.*

OSÓRIO, Paulo. ***O Portal*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Age Ltda, 2005.*

PEREIRA, José Saturnino da Costa. ***Dicionário Topográfico do Império do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia e Livraria de R. Ogier & C°, Editores, 1834.*

PEREIRA, Renato Barbosa Rodrigues. ***O Barão do Rio Branco e o Traçado das Fronteiras do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Revista Brasileira de Geografia, página 5, abril - junho, 1945.*

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. ***Da Descolonização à Consolidação da República: A Questão do Separatismo Versus Federação no Rio Grande do Sul, no Século XIX*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – REGA – Revista de Gestão da Água da América Latina – Vol. 1 – jul/dez, 2004.*

PIGAFETTA, Antonio. ***Primeira Viagem ao Redor do Mundo: o Diário da Expedição de Fernão de Magalhães*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – LP&M, 1985.*

PY, Vera Regina Sant'Anna. ***O Rio Camaquã e a Canoa. Distratos e Retratos*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Odisséia, 2009.*

REBELLO, Domingos José Antonio. ***Corografia ou Abreviada Historia Geográfica do Império do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Imperial e Nacional, 1829.*

REVISTA IHGRGS. ***Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul – Volume 5 e 6*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS), 1925.*

RIBEIRO, Hilário. ***Geografia da Província do Rio Grande do Sul: Adaptada às Classes Elementares e Adornada com Mapas Coloridos*** *– Brasil – Pelotas, RS – Carlos Pinto & Companhia – Tipografia da Livraria Americana, 1880.*

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. ***Arte de la Lengua Guarani, ó mas Bien Tupi*** *– França – Paris – Maisonneuve y Ciª, 1876.*

ROSA, João Guimarães. ***Primeiras Estórias*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Nova Fronteira, 1988.*

SAINT-ADOLPHE. J.C.R. Milliet de. ***Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*** *– Tomo II – França – Paris – Editor J. P. Aillaud, 1845.*

SAINT-HILAIRE, Auguste de. ***Viagem ao Rio Grande do Sul*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939.*

SANT'ANA, Elma & André Sant'Ana Stolaruck. ***A Odisséia de Garibaldi no Capivari*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Editora AGE Ltda, 2002.*

SCHWARZBOLD, Albano. ***Gênese e Morfologia das Lagoas Costeiras do Rio Grande do Sul*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Amazoniana – Volume 9, 1984.*

SILVA, Domingos de Araujo e. ***Dicionário Histórico e Geográfico da Província de São Pedro ou Rio Grande do Sul*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Casa dos Editores Eduardo & Henrique Laemmert, 1865.*

SOUZA, Augusto Fausto de. ***Fortificações no Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – RIHGB – Tomo XLVIII, Parte II, 1885.*

SOUZA, Bernardino José de. ***Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1939.*

SPALDING, Walter. ***A Revolução Farroupilha*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1939.*

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. ***História Geral Bandeiras Paulistas*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia Ideal, 1928.*

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (Visconde de Porto Seguro). ***História Geral do Brasil, Isto é do Descobrimento, Colonização, Legislação, Desenvolvimento e da Declaração da Independência e do Império, ... (Tomo II)*** *– Brasil – São Paulo – Editora Itatiaia/EDUSP, 1981.*

VIEIRA e RANGEL, Eurípedes F. e Suzana. ***Planície Costeira do Rio Grande do Sul: Geografia Física, Vegetação e Dinâmica Sócio-demográfica*** *– Brasil – Porto Alegre – Sagra, 1988.*

VINHA, I. Boris. ***Contristo Constato o Contraste...*** *– Brasil – Editora I. Boris Vinha, 2013.*

VISCONDE DE S. LEOPOLDO, José Feliciano Fernandes Pinheiro. ***Anais da Província de S. Pedro*** *– França – Paris – Tipografia de Casimir, 1839.*

ZANÓN, Ángel Juan. ***Pueblos y Culturas Aborígenes del Uruguay: Charrúas, Minuanes, Chanáes, Guaraníes*** *– Uruguai – Montevidéu – Rosebud Ediciones, 1998.*

Cada Travessia é totalmente distinta das demais tendo em vista as condições do tempo, os parceiros, as rotas percorridas, enfim, uma infinidade de variáveis que as tornam únicas.

A Travessia da Laguna pela Costa Oriental (Leste) é mais complexa em virtude da falta de povoados onde se possa buscar socorro e ganha em esplendor do Farol Capão da Marca para o Sul onde se iniciam as áreas preservadas do Bojuru livres do cultivo intensivo do arroz e isentas do criminoso plantio dos pinus que maculam, enfeiam, padronizam e agridem sem piedade o meio-ambiente.

A margem Ocidental (Oeste), por sua vez, permite que se busque apoio nas belas cidades que a margeiam e tem sua paradisíaca paisagem maculada no entorno de Tapes pelos famigerados pinus e pela enorme poluição que se verifica no Saco de Tapes.

(Hiram Reis – um Canoeiro)